



**SABERES &
PRÁTICAS**



**Dossiê
Narrativas do
Torna-se Professor(a) em
Contextos Multiculturais:
afetos, aprendizagens e
experiências inclusivas
nos dias com os cotidianos
escolares**

9a. Edição
ISSN 2596-013X

Profa. Maria Quitéria Afonso – ENS/UEA
Prof. André de Oliveira Melo – CESP/UEA
Prof. Vinícius Azevedo Machado – ESA/UEA
(Organizador@s)

APRESENTAÇÃO

Em sua 9ª edição a Revista Saberes & Práticas apresenta o dossiê *Narrativas do Tornar-se Professor(a) em Contextos Multiculturais: afetos, aprendizagens e experiências inclusivas nos dias com os cotidianos escolares*. Trata-se das experiências realizadas pelos(as) bolsistas do Programa Assistência à Docência/PAD do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação/LEPETE da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas.

O PAD completa, nesse ano de 2025, catorze anos de existência atuando nas escolas públicas da Educação Básica de Manaus. E hoje, no “chão” de nove escolas municipais, contemplando a Educação Infantil, os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e as modalidades da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Especial e Educação Escolar Indígena, o Programa caminha a passos firmes nas vias da profissionalização docente e da educação democrática e emancipatória

O Programa Assistência à Docência tem como finalidade o fortalecimento da formação inicial de professores(as) numa perspectiva crítica e democrática, com sólida formação teórica, inter e transdisciplinar, a partir da articulação teoria e prática e do trabalho coletivo. Trata-se, portanto, de refletir sobre os processos de criações curriculares construídos pelo diálogo entre as licenciaturas, situando o papel da Pedagogia na organização e na sistematização das práticas político-pedagógicas desenvolvidas por este Programa.

O dossiê tem como proposta socializar as jornadas da sala de aula pelos Assistentes de Docências, bolsistas do PAD, nessas escolas, apresentando seus processos de criações e de reinvenções curriculares a partir da articulação entre a Universidade e

a Escola. Busca-se, a partir dos atos curriculares vividos sentidos pelos(as) licenciando(as), colaborar com a sala em suas urgências e emergências cotidianas. Trata-se, portanto, de evidenciar os modos de fazer-sentir-pensar-criar do PAD em suas ações político-pedagógicas nos *espaçotempos* dessas escolas.

O PAD em 2024 e 2025, ao entrar nas escolas e, mais especificamente, nos cotidianos de cento e oito salas de aula, propiciou experiências formativas e de construção de *conhecimentossignificações*, que nos mostraram a riqueza de seus *praticantespensantes*, com seus saberes, práticas, suas culturas e suas identidades, notadamente marcadas pela diversidade cultural e ecológica das escolas. Mas também nos colocou de frente aos desafios político-pedagógicos do processo de ensino e de aprendizagem, especialmente aqueles voltados para a Educação Especial Inclusiva.

Esses desafios perpassam pelas condições do trabalho pedagógico, pela formação dos(as) professores(as), pelos limites de suas atuações pedagógicas na perspectiva da inclusão de pessoas com deficiências e com transtornos neurodivergentes e pela brutalidade das exigências da tecnoburocracia do sistema que prescreve um currículo escolar homogêneo e autoritário, desconsiderando as condições existenciais, pedagógicas, culturais e estruturais da realidade da sala de aula inclusiva, que incidem diretamente no desânimo docente afetando enormemente sua saúde mental.

O alargamento pedagógico e acadêmico dos(as) *praticantespensantes* do PAD, situados no “chão da escola”, em seus *temposespaços*, em que exercem, como nos ensina Certeau, suas artes de fazer, de criar, de sentir e de pensar a docência, permite uma articulação assimétrica, sem hierarquizações, entre os currículos de formação com os currículos da Educação Básica. Nilda Alves nos elucida com a ideia de que os cotidianos escolares são *espaçotempos* de conversas, de trocas de experiências, nas quais são criados *conhecimentossignificações* necessários aos processos

curriculares e didáticos. E, mais ainda, de criação de valores como solidariedade, amizade, amor, trocas múltiplas etc.

Assim, o PAD, entendido também como estratégia de formação que rompe com o isolamento disciplinar das licenciaturas e caminha numa direção contracolonial, que se faz por meio de relações assimétricas e confluentes, cujos princípios políticos e pedagógicos fundam *prácticasteorias* mais coletivas, inter e transdisciplinares em cotidianos contingentes e incertos.

Portanto, os artigos constantes nesse dossiê são frutos do processo de atuação pedagógica e de pesquisa do PAD e refletem a imersão dos(as) acadêmicos(as) de diferentes licenciaturas *nos* dos cotidianos de nove escolas da SEMED/Manaus. Além disso, os artigos apresentam diferentes modos de construção de *conhecimentossignificações* cujas dimensões do *viver sentir pensar criar* com os cotidianos dessas escolas põem em evidência a formação de uma docência da inclusão, fortemente incorporada nas culturas e nas identidades amazônicas, bem como pelos princípios do bem viver mais solidário, ético, estético, poético e demasiadamente humano e igualitário.

A fim de não cansarmos o leitor, apresentando os trinta e quatro artigos presentes nesse dossiê, decidimos apenas contextualizar o processo de construção desses artigos, enfatizando seus objetivos e destacando a importância dos mesmos para pensar outros modos de construção de políticas públicas de formação de professores(as).

Em primeiro lugar, os artigos resultaram de um processo de *pesquisa formação* *nos* dos cotidianos da sala de aula, que buscava conhecer os sujeitos da Educação Especial Inclusiva, os desafios da docência frente à inclusão de pessoas com deficiência e neurodivergentes, bem como construir uma *cartografia afetiva* da

escola e os desafios de ensinar e aprender na perspectiva da inclusão. Foi um momento em que os(as) Assistentes de Docência puderam conhecer a realidade da sala de aula, com sua diversidade e pluralidade de sujeitos, bem como de *pensarfazer* outros modos de intervenção pedagógica implicada na inclusão.

Em segundo lugar, os artigos resultaram também de um processo de construção de metodologias ativas e de intervenções pedagógicas voltadas para sala de aula. Para tanto, foram feitos estudos e muitas conversas com os(as) Assistentes de Docência que optaram pela aplicação de Sequências Didáticas/SD mediadas pela literatura produzida em contextos amazônicos. Esse modo de construir SDs, valendo-se de contos, fábulas e outras narrativas infanto-juvenis, possibilitou a criação de currículos mais inclusivos, direcionados para os processos de alfabetização na perspectiva do letramento, sendo aplicados na Educação Infantil, nas etapas do Ensino Fundamental e nas modalidades da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Especial Inclusiva.

E por fim, os artigos resultaram de um processo de construção teórico-prático que culminaram na produção de materiais didático-pedagógicos que vão desde a produção de objetos de aprendizagens inclusivos, a livros, brincadeiras e jogos interativos usados como mediação do processo de ensino e de aprendizagem de crianças, jovens, adultos e velhos. Em larga medida, observamos, que nessa produção, o *pensarfazer* inter ou transdisciplinar, só ganha força se for feito de forma coletiva, no qual a confluência de saberes, oriundos dos cursos de licenciaturas, permitiram a criação de um currículo incorporado pelos sentidos, sentimentos, desejos e saberes diversos e assimétricos. Significa dizer, que os artigos também resultam de uma aposta curricular pautada na inclusão, mas, principalmente, na ideia-força, de que um currículo bom é aquele que se dá a partir de uma dança alegre e festiva, cujos saberes são movimentados pelo respeito à diferença, à diversidade, às culturas e às identidades dos *praticantespensantes* dos cotidianos escolares.

Portanto, a publicação desse dossiê reafirma a posição do LEPETE na luta por uma educação pública de qualidade socialmente referenciada, democrática, popular, inclusiva e emancipatória, capaz de promover de forma solidária, ética, estética, poética, política e afetiva a igualdade e a justiça social e cognitiva, bem como uma cultura de paz e de sustentabilidade planetária, ecológica e humana.

Manaus, 10 de dezembro de 2025

*As águas do rio Negro estão subindo, anunciando
um tempo de recolhimento, alimentando o mundo
com a sabedoria da natureza e da floresta
amazônica.*

Prof^a Maria Quitéria Afonso – ENS/UEA

Prof. André de Oliveira Melo – CESP/UEA

Prof. Vinícius Azevedo Machado – ESA/UEA

(Organizador@s)

HISTÓRIAS DE TERROR E LENDAS AMAZÔNICAS: A ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Terror Stories and Amazonian Legends: Orality in the Early Years of Elementary Education

Alcilene Alves do Nascimento¹
Caroline Doney de Castro²
Jediã Ferreira Lima³
Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

Este relato mostrará a experiência realizada no 4º ano B na Escola Municipal Izabel Angarita com enfoque no aprendizado e na oralidade em sala de aula nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o qual foi fundamentado com bases teóricas a partir de Magda Soares (2020) e Marcos Bagno (2008). As vivências e orientações realizadas no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) durante a formação inicial, corroboram com os autores citados, visto que a oralidade não pode ser separada do ensino e aprendizado da escrita, além de ser necessário trabalhar a afetividade com os/as alunos/as.

Palavras-chave: Oralidade. Histórias. Linguagem. Saberes e Práticas.

Abstracts: This report presents an experience carried out in the 4th grade B at Izabel Angarita Municipal School focusing on learning and orality in the classroom during the early years of elementary education. The project was theoretically grounded in the works of Magda Soares (2020) and Marcos Bagno (2008). The experiences and guidance provided by the Laboratory of Transdisciplinary Teaching, Research, and Experiences in Education (LEPETE) during initial teacher education corroborate the ideas proposed by these authors, as orality cannot be separated from the teaching and learning of writing. Furthermore, it is essential to nurture affectivity in interactions with students.

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: Alcilene30aadn@gmail.com

2 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: Carolinedoney77@gmail.com

3 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação - Lepete/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento LEPAL/UFAM/CNPq. E-mail: jedylima@hotmail.com

4 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM.
E-mail: mqafonso@uea.edu.br

Keywords: Orality. Stories. Language. Knowledge and Practices.

Introdução

A oralidade é um elemento imprescindível para os processos de alfabetização e letramento, tendo como objetivo desenvolver a capacidade de comunicação e ação em diferentes contextos sociais e culturais. É o ponto inicial da comunicação do sujeito com o mundo e sua forma de sobrevivência diária. Todavia, é um aspecto pouco trabalhado nas escolas que privilegiam a escrita em detrimento da oralidade, seja pelo tradicionalismo ainda presente, ou pela falta de aprofundamento teórico-metodológico durante as formações inicial e/ou continuada.

Com isso, este relato tem como objetivo mostrar a experiência realizada na Escola Municipal Izabel Angarita sobre a oralidade e escuta afetiva no desenvolvimento de competências linguísticas e da construção dos sujeitos, orientada pelos autores Soares (2020) e Bagno (2007).

Portanto, as seções apresentadas abordam nossas trajetórias até a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e o Programa Assistência à Docência (PAD); as características da escola Municipal Izabel Angarita; o dia em que ressignificamos a atividade de Língua Portuguesa da professora regente, através da contação de histórias de terror e a lenda amazônica do Mapinguari; e as formações realizadas por meio do Lepete, as quais têm contribuído para nossa evolução acadêmica e de futuras profissionais.

Começos e recomeços: nossos caminhos da UEA ao PAD

Meu nome é Caroline Doney de Castro Freitas, atualmente curso Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas/UEA, sou escritora de "Fantasia Cristã Gótica" nas horas livres, e sou integrante do Programa de Assistência à Docência/PAD/Lepete/UEA.

Além da formação atual, sou formada em Licenciatura em Letras - Inglês pela Universidade do Norte (Uninorte), na qual descobri uma aptidão para a docência

através da realização de seminários e na experiência do estágio supervisionado, assim como a minha paixão pelas ciências que envolvem temas relacionados à Didática, Psicologia Infantil e Neurociência.

Anteriormente, tentei cursar Pedagogia pela Uninorte por causa dos conselhos familiares pela área ser ampla e comercial, porém, pelo viés tecnicista e enciclopédico, não me identifiquei e tranquei o curso.

No ano de 2023, concorri ao vestibular da UEA a conselho da minha sogra e marido, por razões similares e como eu estava enfrentando crises financeiras e dificuldades para adentrar no mercado de trabalho na área de Inglês, aceitei e fui selecionada, não propositalmente.

No primeiro período, tive problemas de adaptação, embora tenha vivido experiências positivas, como: metodologias dialógicas, valorização de múltiplas inteligências e aptidões, incentivo à leitura crítica e avaliações em equipe. Todavia, por causa dos problemas financeiros, físicos e psicológicos, tentei desistir e migrar para áreas técnicas.

Porém, a vida me trouxe de volta ao curso, por motivos pragmáticos, confesso, pois preciso trabalhar para sobreviver e me inserir no mercado de trabalho que me rejeita por causa de minha idade considerada avançada. Contudo, a experiência de ouvir relatos de meus colegas que sofreram no ambiente escolar opressivo e tiveram dificuldades em aprender por causa de práticas pedagógicas reacionárias, decidi ajudar a futura geração, como não fomos ajudados e digamos que estou me encontrando, ainda que lentamente.

Em adição, o PAD está abrindo meus horizontes tanto nos aspectos pragmáticos, de me ensinar na prática a como ser futura docente e me auxiliar a como vivenciar teorias aprendidas no curso, uma lacuna presente na minha formação anterior, quanto também nas questões humanitárias em que é preciso olhar a educação não só como algo limitado relacionado ao intelecto, mas também com afetividade, afeto e amorosidade.

Meu nome é Alcilene Alves do Nascimento, sou graduanda em Licenciatura em Pedagogia na UEA e formada em Técnico de Segurança do Trabalho pelo Instituto

Federal do Amazonas (IFAM). Ingressei na universidade em 2013 e, por questões pessoais, parei o curso em 2017. Retornei novamente em 2023 com a determinação de concluir o curso. Me propus a participar das atividades extracurriculares, como projetos de extensão e monitoria. Participar dos projetos propostos pela Universidade tem sido um dos meus focos e entre esses projetos encontrei o PAD. Com o Programa, tive a oportunidade de retornar à sala de aula e entre expectativas e realidades venho construindo no PAD minha formação profissional e humana.

No mais, participar do PAD, para mim, tem sido uma oportunidade de crescimento e reflexão do meu fazer pedagógico. Tenho certeza que esses pequenos passos estão indo rumo à construção de uma sociedade melhor e com uma educação de qualidade, uma vez que a troca de saberes entre professores em formação e professores formados tem sido cada vez mais palpável no exercício desse Programa.

Criando um ambiente acolhedor: o espaço da escola

A escola municipal Izabel Angarita está localizada na Zona Sul de Manaus/AM, no bairro Japiim. O PAD atende nesta escola, 10 salas de aula dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e uma sala de recursos no período matutino. Foi reinaugurada no ano de 2022 e, em 2024, contava com 442 matrículas. Sua infraestrutura apresenta: biblioteca, cozinha, laboratório de informática e de ciências, sala de leitura, quadra de esportes, sala da diretoria, sala de professores, sala de atendimento especial, banheiros e refeitórios.

Segundo os dados do Censo Escolar de 2024, os/as alunos/as são, majoritariamente, de classe baixa e classe média baixa. E de acordo com os professores, a escola tem um diferencial por receber crianças vindas de um abrigo localizado nas proximidades e também crianças estrangeiras. Realiza todo final de ano Cantatas de Natal em que participa toda a comunidade escolar, fortalecendo assim, um espírito de acolhimento em meio ao caos da vida. A escola participa de

vários projetos de Educação Ambiental, destacando-se a Plantação de Hortas para que os/as alunos/as desenvolvam a consciência ambiental e, assim, promovam a Feira de Ciências. Existe acessibilidade por meio de inclusão dos alunos/as com deficiências, na qual pais e professores também participam para que todos sejam acolhidos.

De acordo com nossa análise, as salas de aula são pequenas em função da estrutura física do prédio, e com isso, a organização das carteiras muitas vezes ocupava toda a sala chegando até a lousa, não sendo incomum os professores pedirem aos alunos/as para fazer duplas. Apesar dos problemas estruturais, percebemos que os/as profissionais da educação têm um espírito batalhador e os/as alunos/as são calorosos e necessitados de afetividade. Um aspecto marcante, é o fato de a escola possuir um refeitório que tem as paredes formadas por tijolos que permitem a passagem do ar e tornam o clima arejado, visto que quem entra nele sente o calor do sol penetrar na pele, e conseqüentemente as emoções ficam tão calorosas quanto o sol tórrido de Manaus.

Eu também posso contar: histórias de terror e lendas amazônicas

A alfabetização, sendo a apropriação do sistema de representação da escrita e a habilidade motora ao escrever, só se realiza por completo nas práticas de letramento, que conforme Soares (2020), é o desenvolvimento das competências linguísticas em diversos contextos sociais e gêneros textuais, a partir de produção textual, análise linguística, leitura e oralidade. Portanto, a linguagem não deve ser restrita ao ensino e aprendizagem da escrita, ainda que sejam importantes, mas também deve integrar a oralidade, visto que esse eixo faz parte da comunicação real e cotidiana, além de ser a mediação para o caminho do aluno até a alfabetização.

Durante a vivência com os/as alunos/as, eles/elas mostraram-se receptivos ao aprendizado, como também cooperaram com as assistentes docentes (ADs), durante a socialização das lendas amazônicas. Nesse sentido, Bagno (2007, p. 54) afirma que:

Esta relação complicada entre língua falada e língua escrita precisa ser profundamente reexaminada no ensino. [...] Afinal, a língua falada é a língua tal como foi aprendida pelo falante em seu contato com a família e com a comunidade, logo nos primeiros anos de vida. É o instrumento básico de sobrevivência. Um grito de socorro tem muito mais eficácia do que essa mesma mensagem escrita.

Diante disso, após realizarmos as atividades de Língua de Portuguesa propostas pela professora regente do 4º ano B, no dia 16 de outubro de 2024, ressignificamos, trabalhando a oralidade ao propormos a escuta e a contação de histórias de terror. Sendo que após um longo dia de atividades de outros componentes curriculares, os/as alunos/as se mostraram entusiasmados/as.

Inicialmente, os/as alunos/as que contaram as histórias, um desses alunos, dispôs-se a desligar as luzes para causar um impacto mais genuíno nas narrativas. À frente da sala, perguntamos se eles/elas eram fortes para escutarem histórias de terror e ouvimos um sonoro sim. Com os braços levantados, tínhamos à disposição muitos voluntários para contarem a história. Escolhemos alguns, pedimos silêncio e o desafio era: “quem seria tão corajoso a ponto de não ter medo durante a narrativa?”. Um dos alunos contou a história de perseguição, na qual um homem andava batendo os pés e batia a porta, atrás da sua vítima. Enquanto isso, um aluno não verbal que durante toda a aula não havia realizado a atividade solicitada pela professora regente, fez os efeitos sonoros como o som dos pés, a batida da porta e o som do vento. À medida que cada um contava a sua história, eles/elas locomoviam-se para as cadeiras da frente ou sentavam-se no chão para ouvirem melhor.

Por último, compartilhamos uma lenda amazônica sobre o Mapinguari. No escuro, seus olhos brilhavam de curiosidade, descrevemos as características do personagem, sendo um ser de três metros, de pelagem vermelha, com um único olho, boca no lugar da barriga e cheiro desagradável. Descrevemos o ambiente na floresta amazônica, em que alguns curiosos adentraram-na com o intuito de registrar em vídeo a imagem do ser misterioso. Eles foram orientados por um caseiro que vivia nas proximidades e respeitava a floresta, e na continuidade da história, o

encontro tornou-se desastroso, pois um homem mal educado havia roubado um pedaço de comida que pertencia ao Mapinguari, mas, o que ele não esperava era que o ser iria reivindicar o que era seu de direito, comendo o homem intrometido. Com isso, uma mulher que observava tudo enlouqueceu e o caseiro fugiu e viveu para contar histórias.

Durante a atividade, além dos alunos terem sido protagonistas, fortaleceram o senso de identidade e a visão de sujeitos a partir das vivências das várias narrativas fictícias, e assim tiveram a oportunidade de exercitar a oralidade, contando histórias com início, meio e fim.

Formações do PAD: ressignificação do nosso fazer político-pedagógico

O PAD, sendo um programa que trabalha a tríade ensino, pesquisa e extensão, comum às universidades públicas, visa trabalhar tanto as perspectivas teórico-metodológicas dos alunos enquanto estão na formação inicial, quanto prepará-los para futuras práticas profissionais. Assim, Menezes *et al.* (2023, p.53) afirma que:

[...] a universidade tem o dever de sustentar um referencial teórico que vá ao encontro, também, do cotidiano escolar na legitimação dos saberes e dos conhecimentos dos alunos, trazidos de suas famílias, de seus meios culturais e dando vida ao currículo oculto. O professor que tem a oportunidade de ser formado nesta lógica pode render mais pedagogicamente na sala de aula e todos podem ganhar mais com isso, porque as dinâmicas escolares se manifestarão de maneiras inusitadas. Diante disso, lembramos das concepções de ensino embasadas nas teorias construtivistas como indispensáveis no processo da sala de aula.

Com isso, a nossa experiência no PAD 2024/2025, tem sido uma jornada complexa, tanto durante as atividades práticas nas escolas municipais, quanto nos momentos formativos no Lepete. A primeira, por ampliar nossas visões sobre o que funciona na teoria, como funciona e por quê, bem como o que pode ser melhorado por nós, e como os fatores econômico, sociais e culturais influenciam na aprendizagem dos alunos de realidades distintas. Permite-nos também, ressignificar nossas práticas

enquanto ADs constantemente, segundo cada perfil de turma, rompendo assim, com padrões homogêneos de saberes, culturas e processos de aprendizagem.

Já a segunda, por ser permeada por estudos, debates e reflexões sobre como podemos refinar o nosso olhar sobre teorias de ensino e aprendizagem, o que nos permite ressignificar nossas trajetórias como pesquisadoras para além de fatores superficiais, e, assim, como percebermos em mais larga escala, a complexidade da jornada docente.

Nesse contexto, destacamos em específico, a formação sobre contação de história, na qual conversamos sobre as formas de encantamento dos ouvintes para estarem atentos e se interessarem por uma história. Entre as estratégias estão a caracterização, em que se usa um apetrecho ou uma fantasia; descrever o ambiente; usar instrumentos ou objetos para sonorizar. Pensar nessas possibilidades e ter oportunidade de praticá-las em sala de aula engrandece a nossa formação como futuros profissionais da educação.

Figura 1: Atividade de Orientação do Relato de Experiência



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Considerações

Diante do exposto, percebemos que a oralidade, apesar de ser um eixo imprescindível para que o/a aluno/a se inicie tanto nos processos de alfabetização quanto aprimore suas habilidades de letramento, precisa ser trabalhada junto com a escrita.

Nessa perspectiva, verificamos durante a vivência como ADs, que se relaciona com nossas trajetórias acadêmicas até o atual momento, que o aprendizado das competências linguísticas se torna mais prazeroso e proveitoso quando se inclui a contação de histórias para animar o imaginário tanto dos/as alunos/as quanto de nós, futuras docentes. Logo, quando se trabalha a oralidade com algo que se conecta ao universo dos/as alunos/as, a atividade pedagógica se torna uma ponte entre o conhecimento e o saber popular.

Analisamos também que as atividades formativas no Lepete nos dão bases norteadoras sobre teorias metodológicas e práticas pedagógicas que podem tornar nossas futuras práticas docentes mediadoras do conhecimento e não meras reproduções de memorização, visto que os/as alunos/as vêm de realidades complexas e são sujeitos diversos, não homogêneos como as velhas práticas pedagógicas apontavam.

Portanto, se forem consideradas as múltiplas realidades dos ADs, que são refletidas durante as atividades formativas no Lepete e as práticas de assistência à docência nas escolas, o/a futuro/a professor/a passará a ressignificar suas visões pedagógicas e ações que começaram no PAD. Dessa forma, concluímos que nós, ADs, teremos a tendência a convidar os/as alunos/as a participarem das atividades que trabalhem a oralidade, preferencialmente por meio das histórias regionais, para que assim, haja a troca de conhecimentos e saberes entre professor/a e aluno/a, para que ele/ela se perceba de fato, como protagonista e sujeito do aprendizado.

Referências

Bagno, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 48. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Menezes, M. Q. A.; Lima, J. F.; Silva, Jeiviane Justiniano da. **A Assistência à Docência: da caminhada inicial na escola aos processos de profissionalização docente**. In: Eglê Betânia Portela Wanzeler [et al.]. (Org.). Jornadas do conhecimento: artesanias da formação do(a) formador(a) nos cotidianos escolares. 1. ed. Manaus/AM: Editora UEA, 2023, v. , p. 45-78.

O Mapinguari: Programa Catalendas. 2019. Publicado pelo canal Programa Catalendas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jzR0wXeEX7o>. Acesso em: 17 out. 2024.

QEDU. **EM Izabel Angarita: Questionário Saeb**. Recuperado de (ligação indisponível), [s.d.]. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/13028650-em-izabel-angarita/questionarios-saeb/alunos-5ano>. Acesso em: 22 mai. 2025.

Soares, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

OLHARES QUE TRANSFORMAM: QUANDO O SABER NASCE DO AFETO

Transformative Perspectives: When Knowledge Is born from Affection

Carina Cristina Pinheiro de Aquino¹
João Pedro Pereira de Miranda²
Ana Michelle de Carvalho Martins³
Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

Este relato apresenta uma reflexão sobre o percurso formativo de dois estudantes de Pedagogia, Carina Cristina Pinheiro de Aquino e João Pedro Pereira de Miranda, a partir de suas experiências no Programa Assistência à Docência (PAD), do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Através de vivências na Escola Municipal Isabel Victória do Carmo Ribeiro, os autores destacam a importância do afeto, da escuta e da mediação sensível no processo educativo. As interações com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, evidenciam como a afetividade pode transformar o ensino e a aprendizagem, resgatando o potencial dos discentes e fortalecendo o papel do educador como agente de transformação. As formações docentes promovidas pelo Lepete também são fundamentais para a construção de práticas pedagógicas mais conscientes e humanas. O texto reafirma que o saber docente nasce do vínculo, da prática reflexiva e do compromisso afetivo com o outro.

Palavras-chave: Afetividade. Mediação Sensível. Formação Continuada. Prática Reflexiva.

Abstracts

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: ccpda.ped25@uea.edu.br

2 Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: jppdm.ped24@uea.edu.br

3 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM). E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

4 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

This report presents a reflection on the training journey of two pedagogy students, Carina Cristina Pinheiro de Aquino and João Pedro Pereira de Miranda, based on their experiences in the Teaching Assistance Program (PAD), of the Laboratory of Transdisciplinary Teaching, Research, and Experiences in Education (LEPETE) at the State University of Amazonas (UEA). Through experiences at the Isabel Victória do Carmo Ribeiro Municipal School, the authors highlight the importance of affection, attentive listening, and sensitive mediation in the educational process. Their interactions with 4th-grade students in the early years of elementary education demonstrate how affectivity can transform teaching and learning, fostering student potential and strengthening the educator's role as an agent of transformation. The teacher training initiatives promoted by LEPETE are also fundamental for developing more conscious and human pedagogical practices. The text reaffirms that teaching knowledge is born from bonds, reflective practice, reflective practice, and an affective commitment to others.

Keywords: Affection. Sensitive Mediation. Continuing Education. Reflective Practice.

Introdução

Este trabalho apresenta um relato de experiência vivenciado no âmbito do PAD, por meio do Lepete da Universidade do Estado do Amazonas - UEA. O objetivo é refletir sobre a construção da identidade docente, a partir de práticas pedagógicas mediadas pelo afeto, escuta e presença ativa no contexto escolar. As vivências são fundamentadas nos aportes teóricos de Vygotsky (1991), Wallon (1995) e das pesquisadoras do Lepete, Lima *et al.* (2023) e Wanzeler *et al.* (2022), que discutem a importância da mediação, da afetividade e da formação docente.

A estrutura do texto compreende quatro seções: a primeira aborda as trajetórias formativas dos autores até a escolha pela docência; a segunda apresenta um retrato da Escola Municipal Isabel Victória do Carmo Ribeiro; a terceira descreve uma vivência pedagógica significativa com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais; e por fim, a quarta seção que discute o papel das formações promovidas pelo Lepete na consolidação do ser educador.

Entre dúvidas e certezas: histórias que se encontram na docência

Meu nome é Carina Cristina Pinheiro de Aquino, tenho dezoito anos e sou aluna do 1º período de Pedagogia na UEA. Confesso que, por muito tempo, a Pedagogia não foi minha primeira escolha. Cresci ouvindo que a área da educação não era valorizada, que não valeria a pena seguir por esse caminho. Por isso, mesmo quando meu coração apontava discretamente para essa direção, eu ignorava esse chamado.

Por mais que eu tentasse fugir, a educação sempre voltava a me encontrar. Em diferentes fases da minha vida ela se apresentava como possibilidade, discreta, porém, constante. Foi apenas em 2024, após muita reflexão, pesquisas e testes vocacionais, que me permiti ouvir com mais atenção aquilo que eu já sentia: pedagogia era, de fato, o caminho que me fazia sentido. Em vez de dúvida, comecei a sentir acolhimento, e do medo, veio a vontade de fazer a diferença. Aos poucos fui me reconhecendo nesse lugar, um lugar de escuta, de troca e de transformação.

Nesse processo, conheci o Lepete que me foi apresentado não apenas por familiares, mas também por veteranos; a cada relato que ouvia sobre o laboratório minha atenção era totalmente cativada e a vontade de fazer parte daquilo crescia em mim. Quando estava pensando em me voluntariar, surgiu uma oportunidade de ser bolsista no PAD e mesmo não achando que iria ser chamada, enviei meu currículo e me surpreendi bastante quando fui convidada para uma entrevista e, mais ainda, quando fui admitida.

Hoje, vejo como fazer parte do Lepete influencia positivamente minha visão sobre a docência, visto que através do PAD tive a chance de estar em sala de aula, vivenciando a rotina do professor, observando os alunos, ouvindo suas histórias e percebendo, com o coração cheio de alegrias, que é ali que quero estar. A cada assistência na escola, saio com o olhar mais brilhante e a certeza mais firme de que fiz a escolha certa. Mesmo com todas as incertezas que ainda virão, há algo dentro de mim que não deixa dúvidas: a educação me escolheu, e eu aceitei!

Meu nome é João Pedro Pereira de Miranda, tenho vinte e quatro anos e estou cursando o 3º período do curso de Pedagogia na UEA. Até agosto de 2023, sinceramente, a pedagogia sequer passava pela minha cabeça como uma

possibilidade. Mas, em um momento de reflexão sobre a própria trajetória escolar, comecei a lembrar com carinho de cada professor que passou em meu caminho, daqueles que me ouviram e acreditaram em mim. Foi então que entendi que sempre admirei essa profissão tão nobre e tão humana, mesmo sem perceber.

Meu pai costuma dizer que se tivesse alguém para orientá-lo, sua vida teria sido diferente em muitos aspectos. Essas palavras sempre ficam comigo. Assim como tive professores que me guiaram e fizeram diferença na minha caminhada, quero ser essa presença na vida de outras pessoas. Quero ser o apoio que muitos, como meus pais, não tiveram. A educação para mim, é mais do que ensinar conteúdos, é sobre acolher e inspirar.

Em abril de 2025, tive a felicidade de entrar para o PAD. Desde então, venho vivendo experiências que têm contribuído profundamente para minha formação. Cada dia em sala de aula, cada troca com os alunos e com os professores me mostram o quanto essa escolha tem sentido. Sei que o caminho da docência é cheio de desafios, mas também é repleto de significados. Estar no PAD me permitiu enxergar esses desafios de perto, mas também perceber o quanto é gratificante superá-los com dedicação e afeto. Aprendi que estamos sempre em processo de aprendizagem e isso é o que torna essa jornada tão especial. Ainda estou no começo, mas já levo comigo algo muito valioso: a certeza de que ensinar é, acima de tudo, um ato de amar.

Onde a educação acontece: retrato da Escola Municipal Isabel Victória do Carmo Ribeiro

A Escola Municipal Isabel Victória do Carmo Ribeiro está localizada na cidade de Manaus/AM, e de acordo com o Portal Marcos Santos (2013), foi inaugurada em 15 de março de 2013, pela Prefeitura de Manaus/AM, sendo a primeira escola municipal da Comunidade Rio Piorini, na zona Norte da cidade. A inauguração

contou com a presença do então prefeito Arthur Virgílio Neto, que deu esse nome à escola em homenagem à professora Isabel Victória do Carmo Ribeiro, sua mãe.

A escola atende uma comunidade composta majoritariamente por famílias de baixa renda. A unidade de ensino recebeu 558 alunos, nos turnos matutino e vespertino de diferentes faixas etárias e contextos sociais, sendo um espaço essencial para a formação cidadã e educacional da comunidade local.

Os alunos do 4º ano do turno vespertino, turma que será apresentada neste relato, formam um grupo bastante diverso, com alunos carismáticos, comunicativos e com grande disposição para aprender, especialmente quando são envolvidos em atividades lúdicas e participativas. Muitos deles apresentam um forte senso de coletividade, ajudando uns aos outros e demonstrando afeto no dia a dia escolar. O convívio com esses alunos nos revelou perfis cheios de potencial e sensibilidade. São alunos que precisam de atenção, escuta e oportunidades para se desenvolverem, mas que, acima de tudo, têm muito a ensinar com suas maneiras espontâneas, resilientes e afetuosas de ser.

Percebemos que grande parte dos estudantes vive em contextos familiares marcados por desafios sociais, como instabilidade econômica, acesso limitado a recursos culturais e, em alguns casos, dificuldades emocionais que refletem no comportamento e no rendimento escolar. Essas situações, embora delicadas, não impedem que os alunos demonstrem alegria, curiosidade e vontade de aprender.

A escola integra o Programa de Alimentação Escolar e oferece estrutura modesta, mas funcional, contando com salas de aula ventiladas, pátio coberto, refeitório, secretaria, banheiros e uma pequena biblioteca. É dirigida por uma equipe gestora composta por diretora, vice-diretora, coordenadora pedagógica e professores comprometidos com a aprendizagem e bem-estar dos alunos. A assistência à docência se torna ainda mais rica nesse contexto, pois nos permite ter uma aproximação real com os alunos e com as práticas pedagógicas desenvolvidas.

Entre sílabas e sorrisos: aprendizagens que florescem com afeto

Dia 30 de abril de 2025, uma quarta-feira, fomos para a escola Isabel Victória do Carmo Ribeiro, por meio do PAD, que é um programa que nos possibilita trocar experiências e fazer análises e reflexões sobre as práticas pedagógicas. Juntamente com duas ADs ficamos responsáveis pela turma do 4ºano E. Estávamos um pouco ansiosos/as, pois nunca havíamos trabalhado com essa turma antes. Assim que entramos na sala, sentimos os olhares atentos e curiosos dos alunos. Apresentamos-nos à professora titular, que nos passou orientações sobre duas atividades em andamento: uma de interpretação textual para toda a turma e outra sobre formação de palavras, destinada a dois alunos em particular.

Após a professora se dirigir à sala da pós-graduação para realizar estudos, por meio do Projeto Oficinas de Formação em Serviço (OFS), também trabalhado pelo Lepete, nos apresentamos novamente, agora aos alunos, e iniciamos uma breve conversa com eles. Notamos que estavam inseguros para tirarem dúvidas conosco, e ao percebermos isso, nós, assistentes à docência (ADs), conversamos e decidimos nos dispersar pela sala. Conforme íamos auxiliando os/as alunos/as, eles começaram a se sentir mais confortáveis e as dúvidas foram sendo apresentadas com mais naturalidade. À medida que as dúvidas surgiam, percebemos que eram parecidas, por isso, utilizamos o quadro para esclarecê-las de forma coletiva.

Durante esse processo, buscamos interagir com os alunos de forma leve e intuitiva, o que, aos poucos, foi gerando mais abertura e confiança. Diante da quantidade de dúvidas, a estratégia que encontramos para tornar o entendimento mais acessível foi copiar no quadro o texto sobre saúde bucal que servia de base para a atividade e já estava colado no caderno deles e além disso, lemos algumas perguntas em voz alta com eles.

Em seguida, nós os incentivamos a lerem, em conjunto, parágrafos específicos e, a partir de uma reflexão pessoal, encontrarem as respostas nesses parágrafos por conta própria. Após essa etapa, optamos por deixar que respondessem às demais perguntas, sozinhos, enquanto voltamos a circular pela sala novamente e tirando dúvidas individualmente.

Em meio a essa movimentação, percebemos dois alunos que pareciam estar perdidos em relação à atividade. Imediatamente, nos lembramos da orientação da professora. Puxei uma cadeira e sentei-me ao lado de um deles para auxiliá-lo na atividade proposta. Enquanto isso, minha colega observava atentamente o outro aluno, que também demonstrava sinais de dificuldade e um certo isolamento.

O que mais nos chamou a atenção e nos deixou bastante reflexivos foi o fato de um dos alunos aparentar estar sujo e envergonhado. Diante disso, comecei a acompanhá-lo em uma atividade que continha figuras, com o objetivo de que ele fizesse a associação entre imagem e escrita. Tinha a figura de uma mala e, logo abaixo, a sílaba "la". O aluno deveria completar com a sílaba "ma", formando a palavra "mala".

Pedi que ele dissesse o nome da figura em voz alta e fui orientando-o para que reconhecesse os sons das sílabas. No entanto, percebi que algumas palavras propostas como "bule" e "jipe", não faziam parte de sua realidade cotidiana, o que dificultava a compreensão. Foi então que resolvi adaptar a atividade e perguntei do que ele gostava e ele respondeu que gostava de jogar bola. Sugeri, então, que escrevesse as palavras "bola" e "jogo" em seu caderno.

Enquanto ele realizava a atividade, percebi que, na verdade, já conhecia as sílabas, só precisava lembrá-las para conseguir terminar. Decidi me afastar um pouco para que ele pudesse seguir sozinho, e assim como os outros, aproveitei para auxiliar os/as alunos/as que também estavam com dificuldades. Conforme os/as alunos/as iam respondendo às perguntas, incentivamos através de elogios como "parabéns", "muito bem", "continue assim", para que continuassem avançando com seus conhecimentos. Essa situação ilustra bem a ideia de Vygotsky (1991, p. 112), quando afirma que "aquilo que a criança consegue fazer com ajuda hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã." Isso reforça a importância do/a AD como mediador/a do processo de aprendizagem, o qual é capaz de criar pontes entre o que a criança já sabe e o que ainda pode aprender com apoio.

Depois de um tempo, voltei ao aluno que estava atendendo e, com muita alegria, vi que progredia bem, demonstrando mais segurança e, logo em seguida, conseguiu

concluir a atividade. Foi muito gratificante perceber como, com essas pequenas adaptações e incentivo, ele conseguiu avançar; não apenas ele. Percebi como os outros ADs incentivavam os/as alunos/as e notamos como o olhar sensível estava tornando-os seguros.

Ao verificar seu caderno com mais atenção, percebi que havia outras duas atividades de matemática em branco. Nessas, o aluno deveria contar figuras de frutas, objetos, formas geométricas e escrever o número correspondente. Continuei a incentivá-lo, passando ocasionalmente em sua mesa, dizendo palavras como “muito bem”, “continue assim” e “pensa um pouco mais”, estimulando-o a desenvolver a atividade sozinho. A cada avanço, pude perceber o quanto ele se empolgava e se dedicava ainda mais.

Naquele momento, compreendemos com mais profundidade o quanto a afetividade é essencial na relação entre o/a AD e o aluno. Como afirma Wallon (1995, p.102), “a afetividade é a base sobre a qual se constrói a inteligência”, mostrando que o vínculo emocional é fundamental para a aprendizagem. Os alunos não precisavam apenas de explicações, mas de um olhar sensível, alguém que acreditasse em seu potencial e lhes oferecesse apoio e encorajamento. Foi por meio dessa aproximação que eles puderam se sentir valorizados, acolhidos e capazes de aprender.

Aprender para ensinar: os momentos formativos do PAD e a construção do ser educador

As formações oferecidas pelo PAD são muito necessárias, pois é a partir delas que podemos pensar em estratégias mais conscientes e fundamentadas para atuar no contexto escolar. Os momentos formativos nos possibilitam aprofundar a compreensão sobre o papel do AD, especialmente no que diz respeito à mediação pedagógica, à escuta sensível e à importância de estabelecer vínculos afetivos com os/as alunos/as.

Além disso, as discussões teóricas e as trocas de experiências com colegas ADs de diversas áreas nos ajudam a perceber a relevância de adaptar as práticas pedagógicas às necessidades específicas de cada turma e de cada aluno/a, respeitando seus ritmos e particularidades. Assim, conseguimos transformar a insegurança inicial, de não saber lidar com os/as alunos/as em uma oportunidade de aprendizado mútuo, onde teoria e a prática se complementam e fortalecem nossa atuação no cotidiano escolar.

Diante disso, comungamos com o que apontam as pesquisadoras do Lepete sobre formação:

[...] os saberes docentes não se constituem unicamente na formação inicial, sendo necessária a articulação com os saberes da experiência, e com os desafios e as necessidades que se apresentam no cotidiano das escolas (Wanzeler, 2022, p. 14).

Essa perspectiva evidencia a importância de momentos formativos que promovam reflexão crítica, escuta e troca entre os pares.

Considerações

A construção do saber na educação está profundamente entrelaçada com as relações afetivas estabelecidas no cotidiano escolar. As experiências vividas no PAD evidenciam a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem e na formação de futuros educadores.

O relato apresentado demonstra como o olhar sensível, aliado ao conhecimento teórico e à escuta atenta, pode transformar realidades e fortalecer vínculos significativos entre alunos e ADs, o que possibilita não só o avanço cognitivo dos deles, mas também inspira confiança e motivação.

Ao longo dessa caminhada, aprendemos que ensinar vai além da transmissão de conteúdos, pois é um exercício constante de empatia, acolhimento e compromisso com o outro. Os desafios enfrentados nas salas de aula se tornam oportunidades de crescimento, tanto pessoal quanto profissional, reafirmando a escolha pela Pedagogia como um caminho de sentidos e de transformação.

Dessa forma, as formações proporcionadas pelo PAD têm sido essenciais para que possamos compreender o papel transformador da docência, que exige mais do que conhecimento técnico: requer dedicação, empatia, disposição de aprender junto com os alunos, reflexões sobre nossas práticas e ressignificação da nossa atuação docente com base no afeto e na escuta.

Que os olhares que transformam continuem abrindo trilhas para um ensino e uma aprendizagem que brotam do coração, que crescem no partilhar e florescem na esperança.

Referências

Lima, J. F.; Silva, Jeiviane Justiniano da; Menezes, M. Q. A. Projeto Assistência à Docência. In: Eglê Wanzeler [et al.]. (Org.). **Dossiê de pesquisa 2017-2019: a pesquisa- formação como estratégia de processos trans-formativos em contextos escolares**. 1a.ed.Manaus/AM: Editora UEA, 2023, v. , p. 29-44.

Portal Marcos Santos. Comunidade Rio Piorini ganha primeira escola municipal. 15 mar. 2013. Disponível em: <https://www.portalmarcossantos.com.br/2013/03/15/comunidade-rio-piorini-ganha-primeira-escola-municipal/>. Acesso em: 26 maio 2025.

Vygotsky, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Wanzeler, E. B. P. ; Afonso, M. Q. ; Lima, J. F. . **Universidade escola: o Projeto Assistência à Docência como política de formação inicial de professores e**



professoras articulada à formação continuada. Extensão em Revista Edição Especial / UEA, Abril 2022, p. 12-20, 2022.

**ENTRE FÁBULAS E MEMÓRIAS:
ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA ZONA
LESTE DE MANAUS/AM**

**Between Fables and Memories:
Teaching Assistance in a Public School in the Eastern Zone of
Manaus/AM**

Maria Luiza Espírito Santo da Silva¹
Rebeka Lima Gonçalves²
Lucilene Pacheco Santos³
Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

O presente relato tem como objetivo compartilhar as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Municipal São Luís, localizada na Colônia Antônio Aleixo em Manaus/AM, por meio do Programa Assistência à Docência/PAD do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação/Lepete/UEA. A experiência foi desenvolvida a partir de uma sequência didática (SD) baseada em fábulas amazônicas, com foco na valorização da cultura regional, na construção de identidades e no fortalecimento dos vínculos com o território. O relato discute os desafios e as potências da prática docente em contextos de vulnerabilidade social, destacando a importância da escuta sensível, do diálogo e do reconhecimento dos saberes locais. Além disso, reflete sobre o impacto formativo da experiência, tanto para os alunos quanto para as assistentes docentes (ADs), reafirmando a necessidade de uma educação crítica, afetiva e comprometida com a transformação social.

Palavras-chave: Formação Docente. Educação Pública. Cultura Amazônica. Prática Pedagógica. Território.

1Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: mespiritosanto708@gmail.com

2Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: rlq.let23@uea.edu.br

3 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM)E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

4Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

Abstracts

This report aims to share the pedagogical practices developed at the São Luís Municipal School, located in the Colônia Antônio Aleixo, Manaus, Amazonas, through the Teaching Assistance Program (PAD) of the Laboratory of Transdisciplinary Teaching, Research, and Experiences in Education (LEPETE/UEA). The experience was structured around a didactic sequence (DS) based on Amazonian fables, focusing on valuing regional culture, building identities, and strengthening ties with the local territory. The report discusses the challenges and the potential of teaching practice in contexts of social vulnerability, emphasizing the importance of sensitive listening, dialogue, and the recognition of local knowledge. Furthermore, it reflects on the formative impact of this experience for both students and teaching assistants (TAs), reaffirming the need for an education that is critical, affective, and committed to social transformation.

Keywords: Teacher Education. Public Education. Amazonian Culture. Pedagogical Practice. Territory.

Introdução

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar as vivências desenvolvidas na Escola Municipal São Luís, localizada na Colônia Antônio Aleixo na zona Leste de Manaus/AM, por meio do PAD/Lepete/UEA. Trata-se de uma reflexão sobre os desafios e as potencialidades encontradas no contexto da escola pública, especialmente em territórios historicamente atravessados por estigmas sociais e desigualdades.

Ao longo do percurso, buscamos discutir questões centrais para a formação docente, como a importância da escuta sensível (Freire, 1996) e da valorização dos saberes locais e das experiências culturais. Essa perspectiva dialoga diretamente com os princípios de Libâneo (2002), o qual diz que a formação docente deve envolver tanto o teórico quanto o prático. Para o autor, formar professores exige mais do que a transmissão de conteúdos, demanda compromisso social, consciência crítica, sensibilidade diante da realidade vivida pelos alunos e vivências político-pedagógicas.

A experiência relatada desenvolveu-se a partir de uma SD fundamentada em fábulas amazônicas, que, além de estimular a criatividade e o protagonismo infantil, fomentou importantes reflexões sobre identidade, pertencimento e território.

A organização deste relato se dá a partir de quatro seções. A primeira seção traz um recorte autobiográfico das autoras, apresentando suas trajetórias de vida, a escolha pela docência, suas relações com a educação pública e os motivos que as impulsionaram a atuar na Rede Municipal de Ensino. Na segunda, realizamos uma contextualização histórica da Escola Municipal São Luís, destacando a relevância do território da Colônia Antônio Aleixo, um espaço marcado por desafios, mas também por resistência, cultura e luta por cidadania.

Na terceira seção, descrevemos o processo de construção e desenvolvimento da SD “Fábulas Amazônicas: Desenhando imagens recriando personagens” desenvolvida junto aos alunos, tendo como eixo a valorização da cultura regional. A proposta foi inspirada na obra “Fábulas e Apólogos da Amazônia”, de Creuza Barbosa e Adriana Barbosa Silva, e integrou os componentes curriculares de Língua Portuguesa e Arte. Por meio dela, buscamos promover uma aprendizagem criativa, colaborativa e crítica. Nesta seção, também apresentamos as estratégias pedagógicas adotadas, os desafios enfrentados e os principais aprendizados decorrentes da prática.

Por fim, a quarta seção, intitulada “O Canto do Canoeiro: Aprendizagens que Emergiram do Ajuri”, traz uma reflexão sobre os impactos formativos desta experiência, tanto no aprimoramento das práticas pedagógicas quanto na construção das identidades docentes das ADs, sendo que esse processo formativo foi enriquecido pela participação no Ajuri Literário, o qual evidenciou o papel transformador da arte, da literatura e da escuta sensível, ensinando-nos a importância de respeitar os tempos, os contextos e as singularidades de cada aluno. Dessa forma, esta introdução apresenta os caminhos que orientaram nossa atuação como ADs, os desafios enfrentados e os aprendizados construídos a partir das vivências no chão da escola pública. Reafirmamos assim, a necessidade de uma formação docente comprometida com as dimensões sociais, culturais e afetivas da

prática educativa, contribuindo para a construção de uma educação mais humana, crítica e verdadeiramente comprometida com a transformação social.

A formação em movimento: nossas atuações no Lepete

Sou Maria Luiza Espírito Santo da Silva, acadêmica de Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e quero começar contando um pouco das experiências que despertaram meu desejo de ser professora.

Minha caminhada na docência começou quando entrei na Creche Municipal Lili Benchimol e depois na Escola Nossa Senhora das Graças, ambas localizadas na Colônia Antônio Aleixo, bairro onde cresci e onde moro até hoje. O componente curricular que mais marcou essa fase foi História. Eu era uma aluna muito tímida, falava pouco, mas nas aulas de História algo mudava. Lembro das horas em que ficava folheando os livros, me perdendo nas imagens e nas histórias. Era como se eu viajasse ali dentro. Gostava de responder às perguntas, apresentar trabalhos, situações que em outros componentes curriculares, me deixavam insegura. Acredito que ali nascia algo importante para qualquer educador: o olhar sensível para as histórias que nos cercam.

Por causa disso, meu plano inicial era cursar Licenciatura em História pela Universidade Federal do Amazonas/UFAM, inclusive, consegui uma vaga. Mas, por conta dos atrasos causados pela pandemia, acabei começando Pedagogia na UEA como segunda opção. No início, confesso que fiquei em dúvida, mas ao longo do tempo fui me encantando pelo Curso, pela proposta pedagógica e, principalmente, pelo que a Pedagogia representa: a possibilidade de cuidar, de transformar vidas e de fazer parte da história de outras pessoas por meio da educação.

Essa escolha foi ganhando ainda mais sentido quando comecei a refletir sobre minha própria trajetória escolar. Vivi momentos difíceis, com professores distantes ou rígidos demais, mas também tive alguns que marcaram minha vida de forma positiva, que me ouviram, me acolheram e me incentivaram. Esses contrastes

despertaram em mim o desejo de ser uma professora diferente, mais próxima e mais atenta às realidades de cada aluno.

Outro ponto importante nessa caminhada é a minha relação com o território. A escola onde realizamos a sequência didática, a São Luís, fica na Colônia Antônio Aleixo. Isso significa que compartilho com as crianças não apenas o espaço geográfico, mas também as vivências culturais, sociais e afetivas. São caminhos semelhantes e histórias que se cruzam. Estar ali como AD é, de certa forma, voltar à minha infância, mas agora de outro lugar: o lugar de quem escuta, acolhe, cuida e orienta.

Diante disso, minha participação no PAD, através do Lepete desde 2024, também tem sido essencial nesse processo. Tenho vivido experiências intensas, desafiadoras e cheias de aprendizados. O contato direto com escolas, o planejamento, as ações, o trabalho em grupo e a reflexão sobre a prática me ajudaram a enxergar a educação de forma mais crítica, comprometida e sensível. Foi nesse espaço, entre a teoria e a prática, entre memória e transformação, que a Pedagogia deixou de ser só um curso e passou a ser uma escolha de vida.

Sou Rebecka Lima Gonçalves, acadêmica do 5º período do Curso de Licenciatura em Letras. Lembro-me, como se fosse hoje, do exato momento em que comecei a pensar em ser professora. Eu tinha cerca de onze anos e estava na escola quando, mais uma vez, percebi que tudo relacionado à matemática não me atraía. Foi nesse instante que deixei de lado o sonho de ser astrônoma. Naquele mesmo dia, mergulhei em pensamentos sobre o que faria da minha vida, até que o sino tocou e meu professor preferido entrou na sala. Olhei para ele, parado à minha frente, e, sem saber explicar senti que já tinha a resposta: queria cursar Letras. Queria sentir que podia ajudar outros alunos como ele um dia me ajudou, queria ser a diferença na vida de alguém e queria ensinar o que me foi ensinado, ser ponte para o conhecimento.

Ao chegar ao último ano do Ensino Médio, essa decisão parecia menos clara. História era minha matéria favorita e por um tempo considerei segui-la. Mas o amor

pela literatura já havia me tomado por completo e não consegui fazer outra escolha. Queria que outras crianças e adolescentes tivessem acesso à literatura, não apenas como fonte de prazer, mas como um ato político e de resistência diante das opressões causadas pelo sistema.

Acredito que quando se nasce e cresce na periferia, os direitos são frequentemente tomados e renegados. Dizem que não se tem tempo para “futilidades” como a leitura. Mas ler nunca foi fútil, visto que a leitura é uma arma. Ela permite pensar, refletir, sonhar e resistir. A arte tem esse poder: integrar os que são marginalizados, dar-lhes voz, endereço e esperança.

Segundo Pinto (2018), não há como existir educação sem que a leitura esteja presente. Acrescento que leitura não existe sem vida e que ambas caminham lado a lado, separá-las é como ensinar pela metade. E é por acreditar nesse poder transformador que sempre me vi atuando em escolas públicas. Falo como alguém que estudou em escola pública durante toda a vida, que sentiu na pele a falta de recursos e fez da literatura seu escudo, seu refúgio e seu mundo. Por ter sido uma criança tímida, fiz dos livros os meus melhores amigos e, por isso, desejo que toda criança tímida possa encontrar na leitura o mesmo prazer e aconchego que encontrei.

Acredito que o conhecimento deve ser ponte, não muro, é por isso que escolho ensinar àqueles que realmente precisam, aqueles que o conhecimento se apresenta como um muro de pedra e foi com esse desejo que entrei para o Lepete. Desde o início da graduação, ansiava por vivências que fossem além da teoria, que me levassem ao encontro da realidade. Já havia conhecido a rotina de escolas particulares, mas logo percebi que aquele não era o espaço onde me encaixava, não era para esse público que queria lecionar, mas sim para aqueles que necessitavam da educação.

O Lepete me presenteou com esse lugar, ele não apenas me acolheu, como também me impulsionou através do PAD. Proporcionou uma imersão intensa na realidade da rede pública. Em sala de aula, nos deparamos com os desafios da

docência, como as desigualdades, os silêncios e os enfrentamentos. É nesse chão que a prática pedagógica se faz viva e onde a formação acadêmica ganha sentidos. O PAD abriu uma janela de experiências transformadoras na minha trajetória. Ele me ensina todos os dias a ser professora. Estar em sala, partilhar saberes, escutar histórias e construir vínculos é aprender com os alunos tanto quanto se ensina. É vivenciar o que significa, de fato, educar. Por isso, acredito profundamente que todos os alunos de Licenciatura deveriam ter a oportunidade de viver uma experiência como essa, a qual é rica, humana e formadora. Visto que, ser professora não é apenas ensinar conteúdos, é reconhecer a capacidade do outro e construir caminhos.

Reconstruindo histórias na Colônia Antônio Aleixo

A Escola Municipal São Luís está localizada na Rua Nova Mutum, no bairro Colônia Antônio Aleixo, zona Leste de Manaus/AM. Sua origem está diretamente ligada à história social da comunidade em que está inserida, sendo uma história marcada pela exclusão, pelo estigma e pela resistência.

O bairro Colônia Antônio Aleixo foi inicialmente ocupado como área de seringais. Com o declínio dessa atividade, o território foi sendo abandonado e, na década de 1940, passou a ser destinado ao isolamento compulsório de pessoas diagnosticadas com hanseníase. A elas era negado o convívio com suas famílias e com a cidade. Eram enviadas à localidade para tratamento no leprosário, sob a responsabilidade do médico Dr. Antônio Aleixo, cujo nome hoje batiza o bairro. Durante muitos anos, apenas pacientes com hanseníase podiam viver na região. Mas com o tempo, seus familiares foram autorizados a se juntarem a eles, formando as bases de uma comunidade que cresceu à margem da sociedade, marcada por traumas históricos, precariedade de direitos e ausência de políticas públicas. Desse modo, entre os serviços negados estava o direito à educação formal.

Foi nesse cenário que surgiu a primeira iniciativa educativa da região: a Escola Nossa Senhora das Graças, idealizada pelo padre Ludovico, com poucos recursos e muita dedicação. A escola foi construída e mantida inicialmente pelos próprios moradores, até ser incorporada à rede pública. Anos depois, surgiria a Escola Municipal São Luís, consolidando-se como parte do esforço coletivo pela dignidade e inclusão social.

Fundada oficialmente em 28 de setembro de 1982, pela Lei nº 1724 de 31 de outubro de 1984, a escola surgiu da necessidade urgente de escolarização das crianças do bairro, com apoio direto da comunidade local e da Igreja Católica São Francisco de Assis. Seu nome homenageia São Luís Gonzaga, patrono da juventude e símbolo de cuidado com o próximo. Desde então, a escola tem desempenhado um papel fundamental na transformação social do território. Hoje, sob a gestão de Erika Cordeiro de Oliveira, com apoio da secretária Luciana Hellen Barros Saunier e do pedagogo Silvio Sergio de Almeida Pinheiro, a escola atende turmas do Ensino Fundamental Anos Iniciais nos turnos matutino e vespertino.

A escola passou por uma importante revitalização em 2024, depois de mais de vinte anos sem reformas. Hoje, a unidade atende 673 alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais e dispõe de 13 salas de aula climatizadas, garantindo um ambiente mais confortável e acolhedor para as crianças. Apesar da simplicidade da sua estrutura, a escola apresenta melhorias que contribuem para a inclusão e o bem-estar dos estudantes. Na entrada, rampas de acesso facilitam a mobilidade e os banheiros adaptados atendem às necessidades de alunos com deficiência, embora ainda haja limitações, como a falta de rampas internas para o segundo andar. Os espaços são organizados de acordo com as demandas de cada turma, contando ainda com sala de leitura, secretaria, cozinha e refeitório, compondo um ambiente funcional e acolhedor.

Um destaque especial é o Centro de Tecnologias Educacionais, que integra a tecnologia ao cotidiano escolar por meio de um laboratório de informática equipado com computadores, tablets e internet banda larga. Além disso, a escola conta com

uma Sala de Recursos Multifuncionais, dedicada ao Atendimento Educacional Especializado, onde são disponibilizados materiais e recursos pedagógicos para alunos com necessidades educacionais específicas.

Essas melhorias reforçam o compromisso da Escola São Luís com a inclusão, a qualidade do ensino e o acolhimento, mesmo diante dos desafios que persistem em um território marcado por vulnerabilidades históricas.

Com relação ao perfil estudantil, a realidade da escola reflete os desafios enfrentados por crianças que crescem em contextos marcados pela desigualdade social. Segundo dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), coletados em 2024 em uma pesquisa com estudantes do 5º ano, a maioria dos alunos iniciou o ensino fundamental entre os seis e sete anos de idade (21%), embora haja também crianças que ingressaram apenas aos oito anos ou mais (9%), o que pode indicar atrasos no fluxo escolar. Essa defasagem etária revela histórias atravessadas por fatores como vulnerabilidades econômicas, ausência de creches próximas, dificuldades familiares ou entraves no acesso às políticas públicas. Os dados mostram ainda, que 74% dos estudantes nunca foram reprovados, mas 21% já repetiram pelo menos um ano. Embora 94% nunca tenham abandonado a escola, 6% relataram já ter deixado de frequentá-la até o fim do ano letivo pelo menos uma vez, revelando a fragilidade da permanência escolar em contextos socialmente vulnerabilizados. Além disso, 77% dos estudantes afirmaram ter estudado exclusivamente em escolas públicas, evidenciando o papel fundamental da rede municipal de ensino no processo de formação e inclusão dessas crianças.

Esses dados dialogam diretamente com o contexto familiar da maioria dos estudantes, posto que grande parte das famílias vive do trabalho informal, da pesca, da coleta de materiais recicláveis ou de pequenos comércios locais. Muitas enfrentam instabilidades econômicas constantes, o que afeta diretamente a rotina escolar das crianças. Ainda assim, é notável o esforço de mães, pais e responsáveis para garantir aos filhos o acesso à escola e a uma vivência educativa mais

significativa, muitas vezes, em busca de oportunidades que eles próprios não tiveram.

Em meio a esse cenário, a Escola Municipal São Luís se consolida como muito mais que um espaço de ensino: é um lugar de escuta, afeto e construção de novas possibilidades. Guiada pelo lema “Educação transforma e muda vidas!”, ela representa a força da comunidade que resiste e sonha, onde cada criança carrega em si não só os desafios do presente, mas também as potências de um futuro diferente.

Fábulas amazônicas e criação de personagens: da construção coletiva à prática pedagógica em sala de aula

A SD foi construída de forma colaborativa por nós, acadêmicas do Lepete, em um processo de planejamento pedagógico cuidadoso que envolveu estudos prévios, escolhas metodológicas e reflexões sobre o contexto da turma. Estivemos ativamente envolvidas em todas as etapas da elaboração da proposta, definição dos objetivos até a seleção dos materiais e a organização das atividades.

Desde o início, a proposta teve uma forte intencionalidade formativa e cultural. Ao escolhermos trabalhar com fábulas amazônicas, não estávamos apenas explorando um gênero textual, mas construindo um caminho de valorização da cultura regional, das vozes locais e da própria identidade dos alunos enquanto sujeitos amazônicos. Inspiradas na obra “Fábulas e Apólogos da Amazônia”, das autoras Creuza Barbosa e Adriana Barbosa, estruturamos a sequência para integrar os currículos de Língua Portuguesa e Arte, promovendo uma aprendizagem sensível e crítica.

Como nos orienta Freire (1996, p.25), “ensinar exige saber escutar”, e foi justamente a escuta do contexto, as vivências e as expressões dos alunos que nos guiaram no desenvolvimento da proposta. Ao trazermos elementos da fauna amazônica e narrativas próximas da realidade das crianças, buscamos criar um ambiente em que a aprendizagem fosse significativa e ligada à vida concreta delas.

Além do caráter pedagógico, a sequência também integrou um projeto de criação de vídeos didáticos da TV Lepete, uma iniciativa do laboratório voltada à divulgação e democratização do conhecimento. Isso nos levou a planejar com mais atenção os momentos de sala de aula, os recursos e as intencionalidades da proposta.

Nesse sentido, o livro "Fábulas e Apólogos da Amazônia" nos chamou a atenção pela beleza das histórias e pelas mensagens profundas. Entre as várias fábulas, "O sanhaçu" e "a borboleta azul" nos impactaram de forma especial, sobretudo pela moral apresentada: cada um tem o seu tempo natural para crescer e se desenvolver. Essa frase reverberou entre nós e foi decisiva para o direcionamento da sequência. Ela nos lembrou a importância de respeitar o tempo dos alunos, suas trajetórias e ritmos de aprendizagem. Decidimos então, manter o livro como base da proposta, mas modificar a fábula, focando em outro aspecto regional igualmente relevante: a fauna amazônica, com o objetivo de sensibilizar os alunos sobre os animais da floresta e os riscos de extinção que muitos deles enfrentam.

No primeiro dia do desenvolvimento da SD, organizamos a sala em forma de círculo, buscando romper com a estrutura tradicional de sua organização e promover um ambiente de escuta e troca mais horizontal. Iniciamos com uma acolhida sensível, provocando os alunos a completarem a frase: "Se eu fosse um animal da Amazônia, eu seria um(a)... porque...". Essa proposta tinha como intenção principal provocar a imaginação, a memória e a identidade dos alunos, permitindo que se expressassem a partir de suas vivências e referências afetivas.

Entretanto, a recepção inicial não foi exatamente como imaginávamos, visto que alguns alunos demonstraram dispersão e o envolvimento foi parcial. Acreditamos que isso se deve, em parte, ao fato de que naquele mesmo dia seria realizada a aula de Educação Física, o que os deixou mais agitados e ansiosos. Com essa diferença entre expectativa e realidade, passamos por um aprendizado importante: nem sempre a proposta mais sensível é recebida como esperamos e o tempo, o espaço e o estado emocional das crianças influenciam diretamente na forma como se envolvem com a atividade.

O segundo momento, foi dedicado à preparação para a entrevista com o ilustrador, mostrou-se mais potente. Os alunos se conectaram com mais facilidade à proposta, talvez porque ela partia diretamente de seus interesses e curiosidades. Elaborar perguntas livres, com base em suas próprias ideias, despertou mais autonomia e participação ativa. Um ponto que consideramos relevante, foi o fato de a professora da turma já estar trabalhando o gênero textual “entrevista”, o que, mesmo como uma coincidência, favoreceu bastante o envolvimento dos alunos. Eles se mostraram mais seguros e animados com a possibilidade de dialogar com um profissional real da área artística.

Figura 1: Professor/ilustrador Alcimar Feitosa, se apresentando para os alunos durante a sequência didática



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

A etapa de produção visual dos personagens e o momento do desenho foram previstos para o segundo dia da realização da sequência. A proposta foi que cada aluno criasse um personagem amazônico inspirado em elementos da fauna local e em valores, como amizade, coragem e generosidade, para utilizá-lo na reescrita de uma fábula. Essa atividade representou o fechamento da SD, promovendo autoria, expressão criativa e reconexão com o texto.

Essa vivência nos permitiu refletir sobre o valor de construir experiências de aprendizagem que respeitam o contexto dos alunos, incentivam o protagonismo infantil e rompem com a lógica tradicional da sala de aula. A prática nos mostrou que o sucesso de uma SD não depende apenas do conteúdo em si, mas da forma como

ela é proposta, do espaço de escuta criado e da disposição em se adaptar às realidades do momento.

O canto do canoeiro: aprendizagens que emergiram do Ajuri

O PAD tem oferecido ferramentas essenciais para a nossa formação docente, proporcionando vivências práticas e reflexões que enriquecem nosso processo de aprendizagem. Por meio das assistências nas escolas, temos a oportunidade de observar a dinâmica real da sala de aula, interagir com os alunos e colocar em prática os conhecimentos adquiridos na teoria, tanto na UEA como no Lepete. Os momentos formativos nos ajudam a compreender como lidar com os desafios do cotidiano escolar, desde o planejamento até a condução das atividades nas salas de aula. Segundo Libâneo (1994) a formação deve envolver tanto o domínio teórico-científico das disciplinas quanto a formação pedagógica e técnico-prática.

Essa articulação entre teoria e prática se apresenta como um dos principais fundamentos da formação docente. Para Libâneo (1994, p. 27-28), “a didática atua como uma ponte entre esses saberes, integrando as contribuições de diversas ciências da educação e orientando a prática pedagógica a partir dos desafios concretos do ensino.” Essa compreensão reforça a importância de experiências formativas que articulem teoria e prática e as vivências que temos no PAD conseguem trazer essa articulação.

Desse modo, as formações oferecidas por meio do PAD abordam temas relevantes e contribuem para o nosso desenvolvimento, fortalecendo nossa autonomia. A formação intitulada Ajuri Literário, marcou profundamente nosso percurso como futuras educadoras. Mais do que um momento de escolha de materiais didáticos, foi uma vivência sensível e formativa que nos ensinou sobre o poder da arte regional e da partilha na construção de propostas pedagógicas significativas.

Figura 2: Formação Ajuri Literário: conversas sobre a SD



Fonte: Arquivo Lepete/ UEA(2025)

Ao longo da atividade, pudemos refletir não apenas sobre conteúdos, mas também sobre como pensar práticas que respeitem o território, as experiências dos alunos e o tempo de cada um. A mensagem da fábula "O sanhaçu e a borboleta azul", que afirma que cada um tem o seu tempo natural para crescer e se desenvolver, permaneceu conosco como uma lição pedagógica e humana. Muitas vezes, na correria da rotina escolar, esquecemos que cada aluno possui um ritmo próprio de aprendizagem e que forçá-lo, a partir de um tempo imposto, pode sufocar suas potencialidades. Essa reflexão se intensificou ainda mais durante o desenvolvimento da SD quando percebemos na prática, como fatores como o tempo, o ambiente e o estado emocional dos alunos influenciam seus engajamentos e desempenhos.

Ao longo desse processo, também pudemos ampliar nossa autonomia docente, experimentando o planejamento, a tomada de decisões e o enfrentamento de imprevistos, tudo isso amparado pelas discussões promovidas nos encontros formativos. Esses momentos nos ajudaram a perceber que a docência não se limita à aplicação de conteúdos, posto que ela exige escuta, adaptação, intencionalidade político-pedagógica e sensibilidade.

O Ajuri Literário, assim como outras formações vivenciadas, nos ensinou a valorizar a arte local em suas múltiplas linguagens, seja ela escrita, falada, desenhada ou

musicada e nos inspirou a levar essa valorização para dentro da sala de aula. A partir dessa vivência, compreendemos com mais clareza o papel da escola na preservação da identidade cultural e na construção de uma educação verdadeiramente conectada ao território amazônico.

Por fim, essa experiência nos mostrou que, para se construir uma educação humanizada é essencial conhecer o aluno em sua totalidade: suas histórias, seus valores, sua cultura e o lugar de onde vem. Só assim poderemos construir práticas pedagógicas que toquem, transformem e respeitem cada sujeito em sua singularidade.

Considerações

Ao final dessa caminhada, compreendemos que o que vivemos foi muito mais do que a realização de uma SD, foi um encontro significativo com as crianças, com o território, com nossas memórias e com a docência que desejamos construir. E a Escola São Luís, com toda sua história de resistência e luta, nos acolheu como aprendizes e não apenas como ADs.

Durante cada etapa da proposta, enfrentamos dúvidas, ajustes e tivemos muitos aprendizados. Descobrimos, na prática, que o planejamento é apenas um ponto de partida, e que o que realmente sustenta a prática pedagógica é a escuta atenta, o olhar sensível e o respeito aos tempos e às realidades das crianças. Aprendemos a nos frustrar sem desistir, a nos emocionar com pequenos gestos e a enxergar valor nos silêncios, nas falas tímidas e nas criações dos alunos, que nos ensinaram tanto quanto ensinamos.

Ao propormos uma atividade que envolvesse fábulas amazônicas, a criação de personagens e a realização de uma entrevista com um ilustrador, não estávamos apenas promovendo uma atividade de arte ou linguagem. Estávamos criando possibilidades de expressão, de autoria e de valorização do território. O encontro com o ilustrador despertou nos alunos um interesse genuíno, ampliou sua

curiosidade e os conectou a um universo que, muitas vezes, lhes é negado. Ver as crianças se reconhecendo como parte da floresta, da cultura e da história local foi um dos momentos mais significativos da experiência, foi uma prova viva de que a escola pode e deve ser um espaço de encantamento e pertencimento.

O Lepete não é apenas um espaço de formação, mas uma ponte entre o que sonhamos como professoras em formação e o que começamos, aos poucos, a viver. Nesse processo, percebemos que a docência que buscamos não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve a construção de vínculos, a valorização da cultura local e a coragem de reinventar a prática pedagógica todos os dias.

Encerramos essa experiência com mais perguntas do que respostas, e talvez esse seja um dos maiores aprendizados. Porque ser professora, para nós, é estar em constante movimento, é reconhecer-se incompleta, é desejar sempre fazer mais com o que se tem, ao lado de quem se é. E, sobretudo, é nunca esquecer que cada aluno, cada história e cada canto da escola carregam potências que a educação precisa saber escutar.

Referências

Barbosa, Creuza; Silva, Adriana Barbosa. Apólogos e Fábulas da Amazônia. Manaus, editora Valer, 2022.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Brasil. Lei nº 7.244, de 7 de novembro de 1984. Dispõe sobre a criação e o funcionamento do Juizado Especial de Pequenas Causas. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 8 nov. 1984. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/l7244.htm. Acesso em: 30 maio 2025.

Histórico do Bairro. Colônia Antônio Aleixo. Disponível em: <https://colonia-antonio-aleixo.webnode.com.br/historico-do-bairro/>. Acesso em: 30 maio 2025.



Libâneo, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

Pinto, Zivaldo Alves. Programa Propaz. 2015. Disponível em: <http://parapaz.pa.gov.br/pt-br/noticia/em-palestra-na-feira-do-livro-zivaldo-afirma-que-n%C3%A3o-h%C3%A1-educa%C3%A7%C3%A3o-sem-leitura>. Acesso em: 22 maio 2025.

BOI-BUMBÁ DE PARINTINS/AM: UMA PONTE NARRATIVA ENTRE IDENTIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO

Boi-Bumbá of Parintins, Amazonas: A Narrative Bridge Between Cultural Identity and Education

João Pedro Pereira de Souza¹
Adriana Ferreira Barbosa Silva²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

O presente relato tem como objetivo apresentar o desenvolvimento e as vivências de uma Sequência Didática (SD) construída no âmbito do Programa Assistência à Docência (PAD), realizada em uma turma do 5º ano dos Anos Iniciais de uma escola pública localizada na zona sul da cidade de Manaus/AM. A sua relevância está em demonstrar como o uso de narrativas voltadas para as raízes amazônicas pode contribuir para a percepção da identidade cultural dos alunos, despertando neles a consciência sobre a riqueza cultural que os cerca. O relato destaca a construção dos materiais utilizados, bem como a experiência vivenciada pelos alunos e assistentes docentes (ADs) durante seu percurso. As práticas desenvolvidas buscam promover no professor em formação uma reflexão sobre suas ações como ferramentas para a transformação de uma educação livre e consciente. Assim, conclui-se que a proposta contribuiu para a valorização das identidades regionais no ambiente escolar e ampliou a consciência dos envolvidos sobre o papel transformador da educação.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Experiência. Educação.

Abstracts

This report aims to present the development and experiences of a Didactic Sequence (DS) designed within the scope of the Teaching Assistance Program (PAD) and implemented with a 5th-grade class in the early years of a public elementary school located in the southern part

1 Acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. Email: jppds.ped23@uea.edu.br.

2 Especialista em Docência da Educação Básica. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação - Lepete/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Escritora e Poeta. E-mail: adriana.barbosa@semed.manaus.am.gov.br

3 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

of Manaus, Amazonas. Its relevance lies in demonstrating how the use of narratives rooted in Amazonian traditions can contribute to students' awareness of their cultural identity, awakening in them an appreciation for the cultural richness that surrounds them. The report highlights the creation of the materials as well as the experience shared by students and teaching assistants (TAs) throughout the process. The practices developed sought to encourage pre-service teachers to reflect on their actions as tools for fostering a liberating and conscious education. The results suggest that the project contributed to valuing regional identities within the school environment and broadened participants' awareness of the transformative role of education.

Keywords: Identity. Culture. Experience. Education.

Introdução

A literatura amazônica é rica em narrativas que mesclam oralidade e escrita, preservando tradições e conhecimentos dos povos originários e ribeirinhos. Com isso, ao pensar na construção de uma Sequência Didática (SD) nos preocupamos em como utilizar de forma significativa e transdisciplinar as obras disponibilizadas no momento da formação, sendo que uma das obras apresentadas é de autoria da professora Adriana Barbosa Silva, que estava conosco em diversos momentos formativos e de sua mãe, a autora Creuza Barbosa.

Assim, após um período de reflexões e discussões na equipe de ADs, concentramos nossos objetivos em utilizar as narrativas nortistas presentes na obra da professora Adriana, como forma de despertar a percepção identitária cultural dos alunos, uma vez que na era tecnológica atual essas percepções vêm sendo cada vez menos trabalhadas em detrimento à cultura digital.

Como afirma Grecco (2014), a Literatura, assim como a História, também desempenha um papel na socialização de valores, memórias e discursos. O uso das fábulas e apólogos permite não apenas o desenvolvimento das habilidades linguísticas, mas também a reflexão sobre valores e problemáticas socioambientais, conectando-se diretamente com a realidade dos alunos.

Além disso, a abordagem interdisciplinar adotada na SD possibilita a conexão da leitura literária com áreas como Ciências, Matemática, Educação Física e Artes, promovendo um aprendizado significativo e contextualizado. A escolha de atividades

práticas, como produção textual, representação artística e expressões culturais, visa estimular o protagonismo dos alunos no processo de aprendizagem, respeitando suas subjetividades e ritmos de desenvolvimento.

Assistência à Docência, identidade e afeto: quem sou no caminhar formativo

Meu nome é João Pedro Pereira de Souza, tenho 20 anos e sou aluno do 5º período de Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), onde ingressei no ano de 2023 através do Sistema de Ingresso Seriado (SIS). Atualmente, atuo como voluntário no Núcleo Interdisciplinar de Relações Étnico-Raciais, Gênero e Sexualidade (NIRGS), Diretor de Comunicações do Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPED), Diretor de Eventos da Associação Atlética Acadêmica Corujito e também sou Bolsista no PAD do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete).

Desde muito novo minha família sempre se esforçou para que eu tivesse pleno acesso à educação, uma vez que não tiveram a mesma oportunidade de concluir os estudos no “tempo correto”, e com isso, aos 6 anos de idade eu já era uma criança alfabetizada; aos 9 iniciei estudos em cursinhos profissionalizantes e aos 18 concluí o Ensino Médio, ingressando logo em seguida ao Ensino Superior.

É ocasionalmente divertido revisar minhas memórias da infância/adolescência e refletir que nunca existiu um João sem o contexto escolar. Sou cria da Escola Pública da Educação Infantil até a Universidade. Lembro-me de sempre estar presente em todas as programações que a Escola me proporcionou, principalmente aquelas que promoviam ações artísticas e culturais como: Carnaval, Páscoa, Festa Junina, Dia dos Povos Indígenas, Dia da Família na Escola, Independência do Brasil, Consciência Negra, Dia do Folclore, Natal, entre tantas outras datas. Se a escola precisava desenvolver atividades pedagógicas, o pequeno João estava lá, fosse com roupas costuradas com TNT, segurando cartazes ou dançando/atuando. A Escola sempre foi meu lar.

Com grande carga emocional, venho relatar que, por meio do PAD, eu consigo reviver cada uma dessas lembranças todas as vezes em que tenho oportunidade de adentrar em uma sala de aula, agora, como professor em formação. A importância da assistência à docência na minha trajetória, vai para além do enriquecimento curricular, ela adentra na minha afetividade; cada vivência e experiência que eu tenho dentro de uma sala de aula transformam meu professorar, ampliam meus horizontes para enxergar, entender e compreender os múltiplos sujeitos que estão presentes nas turmas. Fazem-me acreditar que cada passo nesse caminhar, por mais cansativo que seja, me permite encontrar o meu Eu.

Conheci o Lepete pelos meus veteranos da UEA; o trote social que eles propuseram na minha época de calouro levou minha turma para um momento bem descontraído com a brinquedoteca e com os projetos desenvolvidos nele. O PAD por sua vez, conheci em uma palestra na minha primeira visita à Semana de Pedagogia, em que o “ex AD” Tadeu — em aspas, pois uma vez AD, para sempre AD- relatou que suas experiências com a educação de jovens e adultos tinham acontecido por meio de um programa onde os acadêmicos iam para a sala de aula antes mesmo de terminar o curso. Naquele momento, fiquei encantado e quando surgiu a oportunidade de vaga, não perdi tempo e enviei meu currículo. Desde então, o PAD tem sido uma das melhores experiências que a Universidade me proporcionou.

O contexto escolar: onde as identidades se atravessam

Tendo como referência a Zona Sul da cidade de Manaus/AM, a Escola Municipal Izabel Angarita situa-se na Rua Canumã, S/N, CJ. Atilio Andreazza, no Bairro Japiim II.

Ao chegar à escola, a primeira impressão é bem impactante, pois é cercada por muitas grades pintadas de amarelo, o que me transmite uma sensação de rigidez e aprisionamento. No entanto, logo na entrada há uma espécie de jardim que é bem simples e cuidado, lá tem várias plaquinhas com mensagens positivas. Tem

também, várias pinturas espalhadas pelo chão e paredes, o que torna o lugar quase simbólico, onde as grades dão lugar ao verde e à arte, como uma tentativa de nos fazer lembrar que a escola deve acolher.

Izabel Angarita é uma escola não muito grande, com poucas salas de aula que ficam em um longo corredor principal, mas quando adentramos no seu interior, a visão é bem surpreendente, posto que as paredes estão cheias de pinturas e frases de autores como Paulo Freire. Esses detalhes me fazem perceber o ambiente mais acolhedor, como se cada canto da escola tentasse lembrar que a educação também é fruto de afeto e cuidado.

A escola tem uma boa estrutura, com uma sala de informática equipada com computadores e uma biblioteca, bem iluminada e com grandes janelas por onde entra luz do sol, tornando o espaço bem convidativo à leitura. O refeitório é mais simples, mas é bem limpo e suficiente para suportar a quantidade de alunos. Bem ao lado dele, há os banheiros e também um espaço para que as crianças escovem os dentes. Há também bebedouros espalhados pela escola, já a cozinha é organizada e aparentemente bem grande.

Existe também acessibilidade na escola com rampas, corrimãos e sinalizações que permitem a circulação de todos com autonomia. Tem um auditório, utilizado para reuniões e onde acontece o curso de Pós-graduação com os professores. Há uma quadra para esportes, que permanece quase sempre fechada.

Os professores desta escola são, em sua maioria, antigos, alguns deles mais tradicionais e outros nem tanto. Os alunos, por sua vez, são muito diversos, existem crianças das mais calmas até as mais agitadas, existem também crianças com especificidades. E todas as crianças são filhos da classe trabalhadora. Os pais geralmente são trabalhadores do Distrito Industrial, auxiliares de serviços entre outros.

Observei ainda, que pelas dimensões do espaço da escola, muitos alunos ficam bastante entediados na hora do lanche por não ter muitas atividades recreativas à

disposição deles no momento, além da falta de tempo e espaço suficientes para brincar, o que gera momentos de correria.

Escola pública: lugar de ser, fazer e criar

Em 26 de Março de 2025, tive a oportunidade de participar do desenvolvimento da SD produzida pelo meu grupo de ADs na turma do 5º ano B, da Professora Claudionora. Esse dia foi muito enriquecedor em múltiplos aspectos e o caminho percorrido até ele também.

A nossa SD teve como principal objetivo utilizar os gêneros textuais fábula e apólogo como ferramentas de resgate da identidade cultural dos alunos e com apoio do livro escolhido, essa construção foi muito melhor. O livro traz narrativas amazônicas que despertam a curiosidade dos alunos, uma vez que em sua construção, a autora descreveu com riqueza de detalhes as belezas naturais e pontos turísticos da nossa região, além de personagens bem humorados, sensíveis e divertidos que junto das histórias edificam lições para a nossa vida.

Quando chegamos à escola chovia bastante e logo percebemos que muitos alunos não tinham comparecido, já que diferente de outras assistências, nesta em específico, não ouvíamos as risadas deles pelos corredores. Dessa forma, com a presença da TV Lepete e do AD Marcelo Vinícius, fui agraciado com a oportunidade de desenvolver as atividades com os alunos.

Entrando na sala de aula logo recebi olhares bem curiosos devido à presença da câmera e do microfone, acredito que era o primeiro contato dos alunos com aqueles materiais em sala de aula. Fiquei feliz em perceber que eles estavam tão curiosos e empolgados quanto eu. A professora, por sua vez, pediu para que as crianças levantassem e me cumprimentassem com bom dia e com o gesto de “mão na cabeça” igual continência, eles nos receberam. Ela conversou comigo, dando algumas orientações sobre como conduzir a turma à maneira dela, e com os alunos fez alguns acordos para que tudo ocorresse bem e sem “desobediências”.

Assim que a professora seguiu para o curso de Pós-graduação que acontece na própria escola, me apresentei, perguntei seus nomes, idades e algo que gostavam de fazer no momento de lazer. Finalizei o diálogo inicial explicando aos alunos o motivo de estarmos presentes naquele dia e pedindo para que eles não se sentissem nervosos com a câmera, pois as atividades seriam muito divertidas e eles nem iriam perceber as filmagens. Com isso, dei início ao desenvolvimento das atividades da SD.

Questionei-os se tinham conhecimento sobre o que eram gêneros textuais. Após suas respostas perguntei se conheciam os gêneros propostos na nossa SD. A maioria respondeu que só conhecia as fábulas. Desse modo, perguntei se eles conheciam o Festival de Parintins (AM), pois as atividades que iríamos desenvolver tinham como base o apólogo "O baile do Garanchoso". Quando eu mencionei a palavra "apólogo", percebi muitas testas franzidas em minha direção, nesse momento eu expliquei o que era tanto o gênero narrativo fábula, quanto o Apólogo.

Dessa forma, iniciei uma leitura compartilhada para que pudessem conhecer os conceitos, características e exemplos dos gêneros apresentados. Neste momento o AD Marcelo, que tinha ficado com outra turma de 5º Ano, informou a necessidade de juntar as turmas, a fim de que a SD fosse melhor desenvolvida, posto que devido à chuva, a turma dele tinha apenas 6 alunos presentes. Solicitei aos alunos que já estavam presentes comigo, ajuda para explicar aos demais que chegaram, o conceito de fábulas e apólogos e suas características. Quando esse momento de revisita aos conceitos iniciais terminou, eu pedi ao AD Marcelo que escrevesse a história no quadro, enquanto eu levantava outros questionamentos com os alunos.

Nesse instante, foi muito interessante perceber que as crianças ao dar exemplos, citavam histórias de outros países e outras línguas, o que me proporcionou questioná-las sobre o conhecimento de histórias que aconteciam na nossa região. No entanto, a maioria delas não soube responder. Com isso, começamos a citar exemplos e utilizamos do livro da professora Adriana para mostrar que existiam

histórias com riqueza de narrativas que se passavam aqui mesmo onde vivemos e todos ficaram muito felizes em perceber isso.

Então, começamos a ler o “Baile do Garanchoso”, que é um apólogo que conta um pouco sobre a importância do Festival de Parintins, assim como fala sobre os itens que compõem a disputa entre os dois bois, como: o Amo do boi, a Sinhazinha, o Pajé, o Levantador de toada e a Cunhã Poranga. Muitos gostaram da história, comentaram sobre seus bois favoritos, personagens e até toadas. Mas, um momento marcante foi quando um dos alunos presentes comentou que não gostava dos bois, pois sua religião não o permitia torcer para nenhum. Nesse momento, eu tive a oportunidade de trabalhar um outro objetivo de nossa SD, uma vez que estava tudo bem ele não gostar do Festival e não torcer para nenhum dos bois. Porém, ele precisava entender a importância do Festival para a economia da cidade de Parintins/AM e sua cultura popular, assim como a visibilidade que essa grande festa traz para o nosso Estado e nossa gente. Com muito respeito, ele concordou comigo e conseguiu participar do resto da atividade. Os outros alunos também explicaram seus pontos de vista sobre a importância de valorizarmos o que faz parte das nossas raízes.

Após a socialização da história e discussão do seu conteúdo, liberamos os alunos para o intervalo e nos organizamos para a segunda parte do desenvolvimento da SD. Ao voltar do lanche, orientamos para que as crianças se dividissem em 4 equipes, sorteamos elementos que tinham a ver com a história anterior e também com outras histórias presentes no livro base e solicitamos que criassem suas próprias fábulas e apólogos. Sempre lembrando que eram capazes de criar e tinham conhecimento para o fazer. Houve bastante resistência no início, mas com alguns minutos de explicação e ajuda, todos começaram a produzir, desenhar e pintar.

No final daquela manhã, escolhemos um aluno de cada equipe para ler e apresentar o resultado dos seus escritos, o que ocasionou um momento muito mágico, pois todos criaram histórias empolgantes e pudemos observar que tinham pontuado todos os elementos característicos dos gêneros propostos por nós. Em suas

narrativas existiam muitos diálogos, cenários, cores e acontecimentos. Essa socialização resultou em outro momento marcante naquele dia, pois um dos meninos presentes, que foi designado pelo grupo para ler sua produção, pediu para não ser filmado e ao questionarmos o motivo, ele nos explicou que morava em abrigo e que não era permitida a utilização da sua imagem.

Assim, respeitamos sua vontade e proporcionamos um momento de acolhimento, onde ele leu seu texto para toda a turma, sem ser filmado, e depois outro colega leu a mesma história, dessa vez com a câmera gravando. Com isso o aluno não teve nenhum problema em sua participação e pudemos perceber a satisfação dele em poder contribuir sem nenhum impedimento. E ao final da aula, reforçamos a importância de eles perceberem e acreditarem no poder que suas raízes têm de criar e produzir. Ficamos satisfeitos e felizes com os resultados, como podem observar nos registros abaixo:

Figura 1: A perspectiva transformadora da vivência em foco



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025)

Nessa perspectiva, no dia 7 de maio, retornei à Izabel Angarita para realizar a segunda parte da vivência da SD, junto com o AD Anderson Luís e a TV Lepete. Esse dia foi muito importante, pois estava voltado para as áreas da Matemática e Educação Física no contexto da identidade cultural, já que iria envolver a construção de origamis com os símbolos dos bois Garantido e Caprichoso do Festival de

Parintins/AM. Os alunos, mais uma vez, nos receberam com um belo bom dia, em pé e em posição de continência. Fiquei pensando se algum dia iria me acostumar com essa recepção militarizada.

Informei a eles que as atividades daquele dia seriam muito divertidas e a animação deles foi automática e logo começaram as perguntas: “Professor, nós vamos pra quadra?”, “Professor, nós vamos brincar?”, “Professor, deixa a gente jogar Roblox?” Neste momento, não pude deixar de refletir sobre essas perguntas, visto que as falas deles me fizeram perceber que realmente sentem falta de um espaço para correr e se sentirem mais livres. Sentem falta de serem crianças na escola.

Expliquei que as atividades seriam de práticas manuais e para deixar uma pontinha de curiosidade, questionei sobre quem gostava de dançar boi-bumbá. Obviamente, todos ficaram muito animados e a partir disso, levamos os alunos para a biblioteca. Solicitamos que eles sentassem nas cadeiras que estavam dispostas e organizamos os materiais que seriam utilizados: as folhas vermelhas em formato retangular e as folhas azuis em formato de quadrado, os dois exemplares do livro da professora Adriana Barbosa, as tesouras, cola e E.V.A.

Iniciei minha fala perguntando aos alunos se eles conheciam o termo origami. Recebi respostas positivas e perguntei se sabiam o que significava e o que era origami na perspectiva deles. Com isso obtive as seguintes respostas: “É só dobrar papel Professor”, “É Arte, professor”, “É uma brincadeira com papel”, “É um jeito de reciclar papel”. Essas respostas me deixaram muito animado e me fizeram perceber que os alunos estavam muito engajados sobre a reciclagem de materiais, a qual envolveu diversas áreas, como Arte e questões ambientais.

Na sequência, entreguei os papéis vermelhos e azuis respeitando a escolha dos alunos, porque ali havia tanto torcedores do boi Garantido quanto do boi Caprichoso e aos alunos que não torciam para nenhum boi, deixei que escolhessem pela cor que mais lhes chamava atenção. Em seguida, abri o vídeo sobre dobradura e iniciei os comandos para a construção do origami junto comigo, permitindo o uso de seus conhecimentos acerca das formas geométricas, como: “Dobre o papel em triângulo”,

“Esse quadrado irá formar um retângulo”, “Que forma iremos construir se dobrarmos o papel dessa maneira?” E com isso, era notável a participação de todos e como estavam vivos seus conhecimentos acerca do assunto tratado.

Optamos por fazermos primeiro a dobradura do grupo com a folha vermelha e depois a do grupo da folha azul. Com isso, os alunos que estavam aguardando sua vez, acabaram ficando muito entediados, o que ocasionou conversas paralelas. Nesse momento, me senti meio frustrado por não ter pensado em uma outra maneira de realizar a atividade. O horário do lanche chegou e os alunos acabaram se atrasando alguns minutos para sair.

Figura 2: Os caminhos e descaminhos da construção da sequência didática



Fonte: arquivo Lepete/UEA (2025).

Ao retornarmos do intervalo, permitimos que eles utilizassem as histórias em quadrinhos que estavam dispostas na biblioteca, e iniciamos as dobraduras com o grupo de alunos da folha azul. O que eu não esperava, era que o desdobrar de uma fala minha iria acarretar um momento muito importante e marcante daquela manhã. Nesse sentido, percebi que os alunos costumam xingar uns aos outros em momentos de discussão. Logo, lembrei que não era permitido o uso de xingamentos e caso se repetisse, iria levar ao conhecimento da professora Claudionora.

Depois de todas as atividades serem construídas, uma aluna estava bem nervosa e discutindo muito com os colegas. Como a turma estava lotada, eu só pude perceber o momento em que ela usou um palavrão para pedir que os colegas não a

incomodassem. Foi então com um tom de voz mais sério solicitei silêncio, questionei sobre os nossos acordos iniciais e não permiti nenhuma explicação deles quanto ao ocorrido, apenas orientei para que mantivessem a atenção nas orientações.

Com o passar da agitação, percebi que essa aluna estava chorando e tentando fazer com que eu não percebesse. A minha consciência pesou bastante; na minha cabeça eu havia passado dos limites e solicitei que a aluna viesse ao lado de fora da sala para conversar comigo. Em meio às lágrimas ela não conseguia explicar o que havia acontecido e nem o motivo de estar chorando. Questionei se as lágrimas eram por eu ter pedido silêncio da turma sem permitir que ela se explicasse, e ela acenou com a cabeça em concordância. Assim, entendi que ela não chorou por eu ter ficado bravo, mas sim por eu não ter permitido que ela se explicasse, o que a deixou muito abalada. Imediatamente, ofereci ouvidos à aluna e depois de entender bem a situação, ofereci um abraço para que ela ficasse mais calma. Ela me deu um sorriso e pediu desculpas por ter dito o palavrão.

Diante disso, a hora da saída dos alunos havia chegado e infelizmente não conseguimos realizar a última parte da SD, que era a dança dos bois bumbás com os alunos, pois aquela manhã foi muito corrida, com muitas emoções sentidas, tanto minhas quanto dos alunos, mas a vivência estava concluída. Naquele momento eu estava feliz por ter finalizado, assim eu pude refletir e aprimorar meu professorar junto ao PAD, graças a mais um dia de vivência no chão da escola.

Para além do PAD: as formações, construções e atuações

As minhas vivências no PAD vão muito além do que eu poderia imaginar antes de entrar no programa. Viver as turmas, conversar com os alunos e refletir com eles é fruto do que eu tenho desenvolvido nas formações junto com os outros ADs.

Toda semana, geralmente na segunda-feira, temos as oficinas de formação no Lepete. Lá acontecem diversas interações e as oficinas se dão a partir de múltiplas temáticas voltadas para a educação.

Para a construção da SD, elenco algumas que foram muito importantes: “Como construir uma sequência didática”, com a Professora Dra. Elaine Andreatta; “Roda de conversa para escolha das obras Amazônicas” com a autora Adriana Barbosa; e A vivência e construção dos materiais utilizados na SD, em que tive auxílio da própria autora.

A rotina no PAD é sempre uma caixa de surpresas, eu nunca sei qual formação vai me surpreender mais. Acredito que isso faz com que todos nós ADs, fiquemos sempre na expectativa do que vamos encontrar nos momentos formativos das semanas seguintes. Participamos também da construção de material didático, das discussões das vivências nas escolas da semana anterior, bem como refletimos sobre nosso professorar.

Viver o PAD é mais do que experimentar a sala de aula, é multiplicidade de atuação, é sempre estar preparado para o que vem a seguir, é pensar, construir, refletir o nosso fazer político-pedagógico e entender a importância dos momentos formativos que participamos.

Dessa forma, Ferraço (2007) afirma que só a partir do momento em que se problematiza as múltiplas determinações de espaço e tempo dos contextos da educação municipal, que é possível compreender a dimensão tão complexa e potente das escolas. Com isso, posso evidenciar que a prática não se faz sem a reflexão e tampouco a reflexão se obtém sem a prática, pois a escola municipal é múltipla em diferentes aspectos. O professorar sem refletir e problematizar, é como ignorar a potência que a escola possui. Assim, são necessárias que ambas, reflexão e ação, estejam ocorrendo em sintonia para que o fazer pedagógico seja eficiente e possa contribuir não só para a formação do professor, mas também para que o aluno tenha uma educação digna que o enxergue como sujeito cognoscente e participativo.

Considerações

A construção de uma SD não é uma tarefa simples, principalmente quando se é um/a professor/a que se preocupa com o que os seus alunos/as estão aprendendo. Os desafios na construção da SD, desde as delimitações de seus objetivos, material de apoio e revisão bibliográfica devem ser pensados e discutidos para que não existam lacunas quanto ao que se vai ensinar. Dessa maneira, o aprendizado dos alunos ocorre de forma mais segura e ética, pois existe um compromisso do professor/a com o/a aluno/a.

É de suma importância compreender que para acontecer transformação social, o fazer pedagógico deve ser consciente, com claras intenções e com foco no sujeito que é também agente do próprio aprendizado. Ao levar em consideração as narrativas amazônicas, como instrumento de auxílio para a percepção da identidade cultural desses sujeitos, deve o professor escolher obras e elaborar atividades que, de fato, contribuam para a formação dos alunos, que os façam refletir e se reconhecerem enquanto sujeitos amazônicos capazes de criar, construir e transformar.

Com o desenvolvimento da SD na turma do 5º ano, pude perceber que os alunos que antes só exemplificavam narrativas internacionais, após as atividades propostas pela SD, já conseguem fazer outros relatos, esses sendo amazônicos. Isso demonstra que ao levantar questionamentos e desenvolver com os alunos atividades com apoio literário da nossa região, somos capazes de ir além de ensinar, encontrando dentro dos sujeitos os aprendizados presentes nas suas raízes.

Portanto, a iniciativa de utilizar essas narrativas no contexto escolar, resgatou o que já existia previamente na identidade real desses alunos. Acredito que ao continuar com essas atividades que lhes permitem criar e serem ativos no seu aprendizado, eles irão entender que são criativos o suficiente para ocuparem todos os espaços que quiserem ocupar. A educação da liberdade se encontra aqui, quando se faz do aluno sujeito e o permite transformar a si e ao seu meio

Referências

Costa, César Augusto; Loureiro, Carlos Frederico. **A interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações político-pedagógicas para a educação ambiental crítica.** Revista Katálysis, v. 20, n. 1, p. 111-121, 2017.

Grecco, Gabriela de Lima. **História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação.** 2014.

Freire, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** 55ª ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 78, 2023.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 30º Ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
Ferraço, Carlos Eduardo. **Currículos, culturas e cotidianos escolares: afirmando a complexidade e a diferença nas redes de conhecimentos dos sujeitos praticantes.**

Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v. 31, n. 60, p. 81-103, jun. 2013.

Penin, Sônia Teresinha de Sousa. **A aula: espaço de conhecimento, lugar de cultura.** Campinas, SP: Papyrus, 1997.

INCLUSÃO E AFETIVIDADE: TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL

Inclusion and Affectivity: Theory and Practice in Initial Teacher Education

Janaina Neri da Costa¹
Jhennifer Thaynara Passos Souza²
Lucilene Pacheco Santos³
Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

Esse trabalho trata-se de um relato sobre as vivências em uma Escola Municipal da Cidade de Manaus-AM. O objetivo é demonstrar como as Assistentes à Docência (ADs) podem experimentar a teoria e a prática na formação docente inicial. Consiste em discorrer sobre as experiências transformadoras trilhadas no Programa Assistência à Docência (PAD) que promovem uma imersão no ambiente educacional, potencializando a construção de relacionamentos saudáveis com os alunos e professores. Serão abordados os obstáculos e o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, com foco nas narrativas sobre a importância da inclusão e da afetividade no processo de alfabetização e letramento. Com base nos pressupostos teóricos de Soares (2020) e Imbernón (2011), o intuito é fomentar o diálogo e a compreensão a respeito da promoção de ambientes inclusivos e movidos por afeto, escuta e acolhimento.

Palavras-chave: Inclusão. Afetividade. Alfabetização e letramento.

Abstracts

This report presents experiences developed at a Municipal School in Manaus, Amazonas. The aim is to demonstrate how Teaching Assistants (TAs) can experience theory and practice during their initial teacher education. The text discusses the transformative

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: jndc.ped22@uea.edu.br

2 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: jtpds.ped23@uea.edu.br

3 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM). E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

4Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

experiences undertaken through the Teaching Assistance Program (PAD), which promotes immersion in the educational environment and fosters the construction of healthy relationships with students and teachers. It addresses both the challenges and the teaching and learning processes of students, focusing on narratives that highlight the importance of inclusion and affectivity in literacy and language development. Grounded in the theoretical frameworks of Soares (2020) and Imbernón (2011), this report seeks to encourage dialogue and understanding about the promotion of inclusive spaces guided by affection, attentive listening, and care.

Keywords: Inclusion. Affectivity. Literacy and language development.

Introdução

O presente relato tem como objetivo discorrer sobre as “experivivências” em uma sala do 3º ano do turno vespertino na Escola Municipal Rui Barbosa Lima, área urbana de Manaus/AM. Nesta turma, trabalhamos dois momentos: no primeiro apresentamos as atividades da Brinquedoteca Itinerante e, no segundo momento, desenvolvemos e ressignificamos as atividades deixadas pela professora regente da turma, após sua ida para o curso de Pós-graduação, o qual é realizado na própria escola.

Nesse sentido, vamos apresentar o contexto em que essa experiência aconteceu, como os participantes foram integrados ao processo, além de informações sobre a escola e sua comunidade. Esses elementos ajudam a entender melhor a realidade com a qual tivemos contato.

O relato está organizado da seguinte forma: na primeira seção, falaremos sobre a nossa trajetória acadêmica até chegarmos ao PAD; na segunda seção, apresentaremos o ambiente escolar, a diversidade cultural, bem como a organização da escola, a identificação da turma e principais dificuldades encontradas; na terceira seção, trataremos sobre as práticas docentes vivenciadas em sala de aula, contextualizadas e embasadas pelos pressupostos teóricos de Soares (2020) e Imbernón (2011), que fundamentam a análise do que foi desenvolvido; e na quarta seção, destacaremos as vivências e “aprendências” no PAD, através de oficinas e momentos formativos.

Trilhando saberes: nossas trajetórias até o PAD

1. Janaina Neri da Costa

Sou estudante de graduação no Curso de Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), minha caminhada acadêmica se iniciou em 2022 na UEA, porém, antes disso, eu já havia iniciado outra graduação em outra instituição, mas não cheguei a concluir, por um tempo fiquei sem estudar até que senti vontade de voltar. Sempre estudei em escolas públicas e tinha total convicção de que também queria cursar o ensino superior em uma instituição pública, assim eu prestei o vestibular da UEA, consegui passar e minha jornada começou ao iniciar a graduação e em pouco tempo percebi que de fato queria ser docente e que só sairia da universidade formada.

Em meados do segundo período, ouvi meus veteranos comentarem sobre o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) e logo me interessei em participar. Enviei meu currículo, fiz a entrevista, mas não fui chamada, porém, não desisti; surgiu outra vaga e mandei meu currículo novamente e dessa vez fui chamada para fazer parte do PAD, a partir disso minha formação vem sendo construída tanto pela teoria quanto pela prática e nesse processo, o Lepete tem sido fundamental.

Através do PAD, tenho a oportunidade de atuar como AD, interagir com alunos e refletir sobre os desafios do ensino público. Este programa tem contribuído de forma direta para a minha formação pedagógica, pois me ensina não apenas conteúdos didáticos, mas também valores como paciência, empatia, organização e pensamento crítico sobre a prática docente. Acredito que a formação de um bom profissional passa pela capacidade de compartilhar saberes e o PAD tem me mostrado como essa troca é rica, desafiadora e essencial para quem deseja ensinar de maneira ética, reflexiva e comprometida com a educação de qualidade.

2. Jhennifer Thaynara Passos de Souza

Sou acadêmica do Curso de Pedagogia da UEA, tenho 20 anos, sou residente da cidade de Manaus/AM e técnica em Agropecuária pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Meu Ensino Fundamental e Médio se consolidaram em quatro escolas, todas públicas, e nesse percurso conheci diversos professores apaixonados e comprometidos com suas práticas, que sempre buscavam inovar na forma como ensinavam e ministravam suas aulas, indagando e estimulando a participação da turma, o que despertou em mim profunda admiração.

Sempre que me perguntavam o porquê da escolha deste curso, eu respondia: “A pedagogia me escolheu, não o contrário”. Quando prestei o vestibular não me lembrava de ter escolhido essa opção de curso, então quando saiu a chamada, fiquei surpresa. E foi vivenciando a Universidade onde me encontrei na Pedagogia, e quando iniciei os estágios, tudo ficou mais límpido e transparente em relação a essa escolha.

Rememorar minha trajetória antes da Universidade tem sido emocionante, sei que hoje sou reflexo do amor, dedicação e investimento da minha mãe, assim como, de todas as pessoas que passaram pela minha vida. O que me faz lembrar que sempre deixamos um pouco de nós na vida das outras pessoas também. Relacionando esse pensar com a formação de professores, percebo que o maior empenho do professor em formação inicial deve ser o de deixar um legado na vida de seus futuros alunos. Essa reflexão tem me acompanhado até aqui, o que me faz pensar no tipo de professora que quero ser.

Atualmente, atuo como bolsista do Lepete, experiência que tem sido importante para minha formação acadêmica e profissional. As “experivivências” no laboratório têm sido fundamentais para a aprendizagem das práticas pedagógicas no chão das escolas públicas, o que por sua vez, tem me proporcionado aprendizados valiosos sobre a complexidade do processo educativo, como também, conhecer os desafios



enfrentados pelos docentes e a necessidade de um ensino comprometido com a transformação social e a formação de sujeitos críticos e conscientes de seus direitos e deveres sociais.

Sou apaixonada pela educação e idealizo o que ela pode vir a ser, uma educação para todos, que acolhe e inclui. Minha busca por entender a realidade educacional e pensar novas formas de construir espaços mais humanos será insaciável, isso parte do comprometimento que tenho com minha formação e com todos que confiam no meu fazer docente.

O sentir e existir no chão da escola

A Escola Municipal Rui Barbosa Lima, está situada no bairro Armando Mendes, na Avenida Itacolomy, localizado na Zona Leste da cidade de Manaus/AM. A escola proporciona o Ensino Fundamental Anos Iniciais, no diurno, e a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) no noturno.

A Escola Municipal Rui Barbosa Lima, está situada no bairro Armando Mendes, na Avenida Itacolomy, localizado na Zona Leste da cidade de Manaus/AM. A escola proporciona o Ensino Fundamental Anos Iniciais, no diurno, e a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) no noturno.

Dispõe de 10 salas que possuem um espaço pequeno, levando em consideração a quantidade de alunos. O local destinado às refeições é limitado, contudo, a estratégia adotada pela gestão contempla todos os alunos, de maneira que não haja uma superlotação no refeitório, destinando um horário específico de intervalo para as turmas.

A escola possui em sua estrutura uma sala de recursos, destinada aos alunos com necessidades específicas, sendo o espaço utilizado no contraturno, e funcionando como um ambiente acolhedor e educativo, promovendo a inclusão de forma afetiva e acolhedora.

Durante nossas assistências, observamos que alguns alunos apresentam uma certa vulnerabilidade econômica e familiar, pelo aspecto do fardamento e pela falta de

material escolar, o que pode ser reflexo da ausência de acompanhamento familiar, ou de carência financeira, que resulta na falta de reposição dos materiais.

A região onde está localizada a escola é predominantemente periférica, marcada por diversos desafios sociais e estruturais que impactam diretamente a realidade das instituições escolares presentes no bairro. Observamos que a maioria dos alunos aparenta ser de famílias menos favorecidas, com uma realidade que não dispõe de tempo para um acompanhamento escolar. Consideramos que o relacionamento da escola com a comunidade é caracterizado por uma parceria ativa, a qual conta com a colaboração das famílias na promoção de festividades que envolvem o trabalho mútuo e os vínculos afetivos entre ambas.

Ressaltamos que, embora o espaço apresente dimensões reduzidas, a escola é comprometida com seu papel social de integração com a comunidade, as reuniões acontecem de forma participativa, promovendo um espaço para o diálogo com os pais e/ou responsáveis. Conforme conversa com uma mãe de aluno, foi dito que todas as datas comemorativas presentes no calendário são celebradas, abrindo espaço de envolvimento da comunidade com o ambiente educacional.

Apesar dos desafios do trajeto até a escola, é satisfatório e prazeroso fazer parte dessa história. Cada sala de aula é repleta de sonhos e esperança, cada família é símbolo de resistência a um sistema excludente. Acompanhar a relação da escola com a comunidade, desperta uma sensação de que estamos no caminho certo, um caminho que liberta, conecta e transforma.

O que quero ser quando crescer: aprendendo as profissões

No início da nossa intervenção pedagógica na turma do 3º ano B, desenvolvemos atividades da Brinquedoteca Itinerante, com ênfase na criação e dramatização de histórias, com o intuito de promover o desenvolvimento das habilidades comunicativas e criativas dos estudantes.

A turma foi organizada em cinco grupos compostos por quatro alunos, sendo que cada grupo contou com a orientação de um AD. Inicialmente, apresentamos aos

alunos os objetivos da atividade e questionamos se já haviam tido contato com brincadeiras envolvendo fantoches. Mediamos a elaboração das histórias, incentivando a criatividade e valorizando os traços expressivos utilizados pelos alunos. Ao final, cada grupo apresentou sua narrativa por meio de encenações com fantoches, evidenciando o envolvimento e a originalidade dos mesmos.

Figura 1: Contação de histórias



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Concluída essa etapa, propusemos uma ressignificação da atividade previamente deixada pela professora regente, a qual se encontrava na Pós-graduação. A proposta abordava os conhecimentos relacionados às profissões, com o intuito de apresentar e contextualizar diferentes ocupações profissionais. Como o objetivo da atividade anterior era de criar um ambiente inclusivo que permitisse uma interação entre os alunos, então a sala passou por uma reorganização no estilo padrão que comumente estão as cadeiras. Ao finalizarmos a primeira atividade, retornamos com as cadeiras à posição enfileirada, e, alguns alunos acabaram ficando nos lugares errados, o que gerou revolta e entristecimento, mas o conflito foi solucionado com escuta e diálogo.

Em seguida, antes de entregar as atividades impressas deixadas pela professora regente, perguntamos se eles gostariam de falar um pouco sobre as profissões e todos se demonstraram muito animados. Iniciamos perguntando quais as profissões que eles conheciam e responderam: médico, advogado, policial e dentre outras. Indagamos também, quais eram as profissões de seus pais e por último, o que eles queriam ser quando crescessem e ouvimos as mais diversas respostas.

No decorrer das atividades, observamos a existência de dificuldades significativas no que diz respeito à compreensão leitora, bem como indícios de carência de atenção, manifestados especialmente por meio da dispersão durante a leitura mediada. Ademais, realizamos um acompanhamento estratégico junto aos estudantes diante das dificuldades apresentadas. Desse modo, as limitações no processo de escrita foram abordadas por meio da representação das palavras na lousa, com o objetivo de rememorar as letras, as formas gráficas e os sons correspondentes.

Essa abordagem visou estimular a consciência fonológica, elemento essencial para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Assim, comungamos com Soares (2020, p.77), quando ela afirma que:

A consciência fonológica é a capacidade de refletir sobre os sons da fala, de perceber que a língua falada é composta por unidades sonoras menores, como sílabas, rimas e fonemas. Essa habilidade é fundamental para a aprendizagem da leitura e da escrita, pois permite à criança entender que a escrita representa os sons da fala.

Dessa maneira, a atividade proposta transcendeu a simples execução de um plano previamente elaborado, tornando-se um instrumento de acolhimento, estímulo e desenvolvimento integral dos alunos. Ao identificarmos as dificuldades significativas de compreensão leitora e indícios de déficit de atenção, não adotamos uma postura punitiva ou excludente, pelo contrário, a prática foi marcada por flexibilidade e intencionalidade pedagógica, o que caracteriza uma abordagem verdadeiramente inclusiva e participativa.

Figura 2: Aprendendo as profissões.



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Percebemos que o uso da lousa, para reforçar o reconhecimento das letras, suas formas gráficas e sons, torna o conteúdo acessível, respeitando o nível de aprendizagem de cada aluno. Nesse momento, chamamos os alunos de forma individual até a lousa para que escrevessem seus nomes, muitos alunos adoraram a ideia e participaram, outros nem tanto, então, respeitamos e adaptamos a atividade. Aos alunos que não quiseram ir à lousa, propusemos que escrevessem em seus cadernos, de forma que todos participassem. Essa prática é coerente com os princípios da educação inclusiva, que pressupõe a valorização das diferenças como parte natural do processo educativo.

O suporte contínuo oferecido aos alunos, revela a presença de uma pedagogia afetiva, em que o vínculo emocional entre as ADs e eles atua como ponte para o desenvolvimento cognitivo. Ressaltamos que o embasamento prático para tal afirmação, foi a assistência a um aluno que apresentou dificuldade na escrita e leitura, assim como, na comunicação verbal. Mas, com persistência conseguimos auxiliá-lo. A pergunta final da atividade era: “O que você quer ser quando crescer?”, e ele respondeu: “policia”.

Ao acolher os desafios com paciência, incentivo e estratégias adaptadas, nós enquanto professoras em formação, criamos um ambiente seguro e motivador, no

qual os alunos puderam se expressar e aprender, sem medo de errar. Esse tipo de abordagem fortalece a autoestima, o senso de pertencimento e o desejo de aprender, aspectos fundamentais para o sucesso escolar.

A prática relatada é um exemplo claro de como a inclusão e a afetividade não são conceitos abstratos, mas atitudes concretas e intencionais dentro da sala de aula. A escuta das necessidades dos alunos, a adaptação das estratégias pedagógicas e o acolhimento afetivo, demonstram um compromisso com uma educação verdadeiramente democrática, humana e transformadora.

Experiências que transformam: percursos formativos no PAD

As formações promovidas pelo PAD, são de suma importância para a nossa caminhada enquanto professoras em formação, pois através delas compartilhamos experiências e vivências em sala com os outros ADs e com as coordenadoras responsáveis pelo programa, o que contribui ricamente para desenvolver e melhorar nossa prática, visto que a assistência à docência não é somente ir para a escola e passar a atividade deixada pelo(a) professor(a), nosso papel vai muito além disso. É extremamente necessário conhecer a realidade da sala de aula em que atuamos, e a partir disso, identificar nossas afinidades e desafios para que tenhamos clareza para desdobrar e ressignificar as atividades.

Nesse sentido, através dos momentos formativos, conseguimos entender sobre como intervir em determinadas situações, sendo sempre um momento cheio de trocas de saberes. E segundo as pesquisadoras e formadoras do PAD, Lima et al. (2023, p. 36):

[...] a formação deve munir os professores de instrumentos intelectuais que irão facilitar o conhecimento e a interpretação das situações diversas e complexas que aparecerão no contexto educativo e que o momento de formação deve fundamentar-se em uma reflexão dos sujeitos sobre suas teorias implícitas e suas atitudes, possibilitando um processo contínuo de autoavaliação, o qual orientará e conduzirá sua prática docente.

Dentre as formações, destacamos uma que foi referente à escrita dos relatos de experiência, pois uma das coordenadoras nos orientou e explicou sobre o que teríamos que fazer, compartilhou uma apresentação com slides a respeito do mesmo, estrutura, fonte, tamanho da letra, normas ABNT entre outros. Ela também compartilhou links e documentos a respeito de outras edições da Revista Saberes & Práticas do Lepete, para que pudéssemos ler e nos inspirar com os relatos.

Outra formação que foi bem produtiva, foi a da Brinquedoteca Itinerante, em que os brinquedistas Ygo e Rita compartilharam conosco informações e fotos acerca do fazer da brinquedoteca, atividades desenvolvidas nas escolas e explicaram os objetivos e metas. Após isso, nos dividiram em grupos com quatro integrantes cada, e pediram para que criássemos uma história com os fantoches, a respeito do meio ambiente. Usamos a arara azul, tucano, tartaruga e um boneco e nossa história tinha como objetivo conscientizar os sujeitos a cuidar do meio ambiente, para evitar queimadas, assim preservando a natureza e os animais.

Considerações

Relatar nossas experiências em um diálogo com outros ADs em formação é mais fácil do que descrevê-las em uma escrita formal e acadêmica como esta. No entanto, entendemos que tudo que é escrito é atemporal, por isso que aqui no Lepete utilizamos o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), uma plataforma que potencializa o lembrar dos detalhes das vivências, tanto no chão da escola, quanto no PAD.

Diante disso, o nosso fazer pedagógico em uma turma de terceiro ano com alunos em níveis de aprendizado diferentes, nos permitiu atravessar saberes teóricos que norteiam a prática de alfabetizar alunos que estavam em processo de aprendizagem da leitura e escrita. Nesse sentido, é necessário vivenciar tais experiências com o objetivo de perceber as demandas dos cotidianos escolares e compreender a realidade das salas de aula da escola pública. Logo, entendemos a necessidade da promoção de diálogos a respeito da afetividade na prática pedagógica, com o intuito

de fortalecer a relação professor/aluno e promover um ambiente inclusivo, emancipado e acolhedor.

Referências

Lima, J. F.; Silva, Jeiviane Justiniano da; Menezes, M. Q. A. Projeto Assistência à Docência. In: Eglê Wanzeler [et al.]. (Org.). Dossiê de pesquisa 2017-2019: a pesquisa-formação como estratégia de processos trans-formativos em contextos escolares. 1a.ed. Manaus/AM: Editora UEA, 2023, v., p. 29-44.

Soares, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

EXPERIÊNCIAS NA MEDIAÇÃO COMPARTILHADA: NARRATIVAS ORAIS NO DIÁLOGO DA ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA

Experiences in Shared Mediation: Oral Narratives in the Dialogue of Teaching Assistance

Henrique Uriel Silva Rodrigues¹

Lucas Duarte Serra²

Ana Michelle de Carvalho Martins³

Maria Quitéria Afonso Serra⁴

Resumo:

Este relato discute os desafios enfrentados por professores em salas de aula do Ensino Fundamental Anos Finais em turmas com mais de 35 alunos, principalmente quando se trata do ensino tradicional, onde há somente um docente responsável pela classe. O estudo foi realizado a partir do chão da Escola Municipal Pintor Leonardo Da Vinci, localizada na zona Oeste de Manaus/AM, contando com o apoio do Laboratório de Ensino e Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) e o Programa Assistência à Docência (PAD). A pesquisa seguiu sendo protagonizada por dois Assistentes à Docência, matriculados no Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA). Os resultados da pesquisa evidenciaram que a atuação em dupla dos ADs facilitou a condução das atividades na turma, o desenvolvimento das habilidades e o atendimento individualizado aos alunos. A pesquisa em questão destaca a importância do apoio adicional em salas lotadas para melhorar a qualidade da aprendizagem e a nossa assistência à docência. Os autores que embasaram essa pesquisa foram Milton Santos, Catherine Walsh e José Carlos Libâneo.

Palavras-chave: Diálogo. Mediação. Formação. Inclusão. Lepete.

1 Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: husr.geo23@uea.edu.br.

2 Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: lds.geo23@uea.edu.br.

3 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM). E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

4 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

Abstract:

This report discusses the challenges faced by teachers in upper elementary school classes with more than 35 students, particularly in traditional teaching contexts where there is only one teacher responsible for the class. The study was carried out at the Pintor Leonardo Da Vinci Municipal School, located in the western zone of Manaus, Amazonas, with the support of the Laboratory of Transdisciplinary Teaching, Research, and Experiences in Education (Lepete) and the Teaching Assistance Program (PAD). The research was conducted by Teaching Assistants enrolled in the undergraduate program in Geography at the State University of Amazonas (UEA). The findings revealed that working in pairs facilitated classroom activities, skill development, and individualizes student support. This study highlights the importance of additional assistance in overcrowded classrooms to improve learning quality and strengthen teaching support. The research was grounded in the works of Milton Santos, Catherine Walsh, and José Carlos Libâneo.

Keywords: Dialogue. Mediation. Teacher Education. Inclusion. Lepete.

Introdução

A docência única em salas de aula lotadas representa um desafio significativo para os docentes e alunos, especialmente no Ensino Fundamental Anos Finais. Este estudo visa analisar os impactos dessa realidade a partir da atuação da assistência à docência na Escola Municipal Pintor Leonardo Da Vinci, em Manaus/AM, onde turmas com mais de 35 alunos são comuns. A pesquisa foi desenvolvida por dois Assistentes à Docência (ADs), que atuaram na turma do 8º ano A, identificando as dificuldades e propondo estratégias para melhorar o processo de ensino e aprendizagem.

Na primeira seção, trataremos sobre as nossas trajetórias acadêmicas, graduandos em Licenciatura em Geografia pela UEA e nossas experiências no PAD do Lepete. Relataremos como o Programa marcou em nossas formações, desde os primeiros desafios – como o medo da oratória e a adaptação às salas de aula – até a consolidação das habilidades docentes. Destacaremos a importância das formações transdisciplinares, das vivências práticas em escolas e eventos e de como o PAD contribuiu com o nosso desenvolvimento pedagógico, permitindo que nos sentíssemos seguros para atuar em diferentes níveis de ensino antes mesmo da conclusão da graduação.

Na segunda seção, trataremos sobre a sequência didática desenvolvida para explorar as lendas amazônicas, os fluxos migratórios e as questões sociais, articulando narrativas populares e tradições orais como ferramentas para compreender dinâmicas culturais e refletir sobre identidade em uma sociedade multicultural.

Por fim, trataremos como as formações e práticas do PAD não apenas enriquecem nosso processo formativo, mas também nos mostram que a docência exige adaptação constante, valorizando as particularidades de cada aluno e contexto escolar.

Uma jornada de autodescoberta no Lepete

Sou Henrique Uriel Silva Rodrigues, tenho 21 anos de idade e sou acadêmico do 5º período de Licenciatura em Geografia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Minha jornada no Lepete começa antes mesmo de entrar na Universidade. No ano de 2021, estava finalizando meu Ensino Médio e tinha vários pensamentos sobre o que queria para o meu futuro, mas dentre esses pensamentos, um ecoava mais alto em minha cabeça: “Qual profissão eu desejo seguir?”

Então, refleti sobre tudo que um dia sonhei ser durante o Ensino Médio, desde um astro do basquete a um professor. Como alguns sonhos estavam longe e quase inalcançáveis, caí na realidade de que o que eu realmente desejava era exercer o professorado, e vale destacar aqui o quão fui inspirado pelo meu professor de História do Ensino Médio chamado, Jarlison Augusto, um grande amigo e professor. Logo, ao fazer o vestibular da UEA no final do ano de 2022, optei por cursar Licenciatura em Geografia, já que a instituição não possuía uma estrutura curricular para História, e no dia 5 de janeiro de 2023 recebi a confirmação que havia sido aprovado.

Já na UEA, ainda no 1º primeiro período, no dia 7 de agosto de 2023, através das mídias sociais, fui apresentado ao PAD no Lepete.

No dia seguinte, pela manhã e depois da aula, fui até à secretaria do Lepete e entreguei meu currículo, na esperança de ser chamado, porém, ao chegar lá fui informado que as vagas haviam sido preenchidas. Mas, pela tarde fui notificado via e-mail que as vagas foram reabertas e a partir do dia 9 comecei a fazer parte do programa, me tornado AD do PAD.

Mesmo estando em uma Universidade de Licenciatura e entrando em um programa pedagógico, tinha receio de estar em sala de aula como AD, pois estava no 1º período, possuía uma péssima oratória, sentia muita vergonha, medo de me expressar e não detinha experiência alguma.

No entanto, antes de estar em sala pela primeira vez, passei por várias formações dentro do Lepete que agregaram bastante para mim, não só como acadêmico, mas também como pessoa. E então no dia 24/08/2023, tive minha primeira experiência no PAD com a Amostra Sauim na Escola Municipal Aristóphanes Bezerra de Castro. Desde então, venho tendo formações diárias no Lepete e atuando em várias escolas e eventos através do programa. As formações contribuíram muito para meu conhecimento acadêmico, e algumas guardo na memória e no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) com muito carinho, como por exemplo as ações da brinquedoteca itinerante.

Destaco aqui também, que o fato de o programa ser transdisciplinar agrega muito para o conhecimento de todos, compartilhar a sala com ADs de outras licenciaturas é uma experiência única. As aulas se tornam mais dinâmicas, mais compreensíveis e divertidas para os alunos.

Por fim, sobre as escolas, desde o início soube que minha adaptação não seria fácil, mas com as formações e as práticas docentes por mim vividas, o medo que me acompanhava deu lugar à felicidade e ao bom nervosismo antes da assistência à docência.

Meu nome é Lucas Duarte Serra, sou graduando no curso de Licenciatura em Geografia pela UEA. Estou há pouco mais de um ano no PAD, e nesse tempo, desenvolvi meu professorar interior muito antes do que a graduação fomenta desenvolver.

A partir das minhas experiências no PAD, adquiri consciência do que está guardado para mim, futuro professor, nas salas de aula. Minha formação pedagógica está sendo consolidada, graças ao PAD, que é total responsável pelas habilidades docentes desenvolvidas em uma classe. A partir do conhecimento teórico e prático obtidos no Lepete, tenho total convicção de que estou em um processo de constante formação para adentrar diversas turmas, seja do Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais, Ensino Médio ou EJA.

Desafios e potenciais de uma escola na periferia de Manaus/AM

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Pintor Leonardo Da Vinci, localizada na Zona Oeste de Manaus/AM, em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, composta por 35 alunos, que, em sua maioria, reside nas proximidades da escola, o que facilita o deslocamento a pé.

Quanto à infraestrutura, a unidade apresenta condições precárias: relatos de funcionários indicam que o prédio foi originalmente um galpão comercial adaptado, o que justifica irregularidades, como paredes finas, maçanetas danificadas, refeitório externo, vazamentos no teto e salas pequenas. A escola possui 11 salas de aula, com uma média de 35 alunos em cada. No entanto, há apenas dois banheiros disponíveis para os estudantes, um masculino e um feminino, o que pode dificultar o acesso durante os intervalos, especialmente considerando os três turnos de funcionamento (matutino, vespertino e noturno).

Em relação à biblioteca, muitos alunos relataram que não podem usá-la livremente. Há mais de três anos, o espaço só é acessível com a presença de um professor, pois a escola justifica que o ambiente é pequeno para a circulação de todos. Essa

limitação acaba restringindo o contato dos estudantes com livros e materiais de pesquisa, que poderiam enriquecer seu aprendizado.

Apesar das condições da escola, os estudantes demonstram maior envolvimento quando as aulas são mais dinâmicas e participativas. Quando têm a oportunidade de se expressar e contribuir ativamente, o interesse pelo conteúdo aumenta, mostrando que metodologias dialógicas podem trazer resultados positivos; a imagem a seguir apresenta o cotidiano da sala de aula a partir da participação dos alunos nas atividades.

Figura 1: Alunos em sala



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025)

A partir de diálogos com os alunos, percebemos que aparentam ter uma situação econômica estável: vestem-se bem, a maioria possui celulares e mora com os pais em casas próprias próximas à escola. No entanto, é importante lembrar que aparências nem sempre refletem a realidade completa e há nuances que só uma convivência mais próxima poderia revelar.

Verificamos também, que os alunos têm gostos e identidades variados, cada um com suas preferências musicais, filmes e estilos próprios. Essa diversidade mostra que a escola é um espaço de múltiplas vivências e entender essas particularidades pode ajudar a construir uma educação mais inclusiva. A figura a seguir, apresenta o tempo/espaço de interação vivido pelos alunos no momento do intervalo.

Figura 2: Alunos na hora do Intervalo



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025)

Entre galpões e cartazes

A atividade desenvolvida por nós foi uma sequência didática (SD). Os assuntos abordados foram as lendas amazônicas, os fluxos migratórios e questões sociais, bem como as narrativas populares e as tradições orais amazônicas, a fim de promover a compreensão das dinâmicas sociais e culturais e fomentar a reflexão sobre a identidade cultural e a importância da convivência em uma sociedade multicultural.

Com a realização da SD “Cultura amazônica, oralidade e o imaginário”, destacamos a importância do gênero textual conto para o desenvolvimento das diferentes práticas de linguagem, como: oralidade, leitura e produção de textos.

Neste sentido, a abordagem proposta buscou conectar os alunos à história das famílias e à diversidade cultural regional, considerando os fluxos migratórios da população mundial e local.

A atividade iniciou-se com uma sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos sobre lendas e mitos amazônicos, bem como sobre o gênero textual conto. Quando perguntados sobre quais lendas amazônicas eles conheciam, os alunos compartilharam os seus conhecimentos, destacando lendas como a “Yara”,

“Mapinguari”, “Boitatá” e por fim “O boto cor-de-rosa”. Todas as lendas mencionadas foram registradas no quadro para servir de base às discussões posteriores.

Em seguida, foi realizada uma análise das conexões entre as lendas levantadas pelos alunos e o enredo das histórias. Isso levou a um debate sobre o papel das lendas na cultura amazônica, com destaque para a lenda do “boto cor-de-rosa”, que reflete questões sociais, como o abandono parental. Os alunos refletiram sobre como os mitos transmitem valores e alertas, funcionando como ferramentas de preservação cultural e crítica social dentro do espaço geográfico que estão inseridos. Diante disso, Santos destaca que:

O espaço geográfico não é apenas um espaço neutro, mas sim algo vivo, construído pelas práticas sociais. A cultura dá ao lugar um significado, um propósito, transformando cidades e territórios em espaço de luta e identidade. Portanto, o geográfico e a cultura são inseparáveis, um sendo corpo e o outro alma (Santos, 2000, p 72).

Aprofundando o tema, a turma discutiu o propósito das lendas, comparando as lendas amazônicas com mitos de outras culturas e analisou especificamente a lenda do boto, relacionando com contextos históricos e problemas contemporâneos. Como atividade prática, os alunos escreveram em post-its, posteriormente colados em um cartaz, o que entenderam sobre a lenda trabalhada e ainda, no mesmo cartaz, desenharam como imaginavam que era o boto cor de rosa. A imagem apresenta o momento da realização da atividade proposta com a confecção de cartazes.

Figura 3: Confeção dos Cartazes



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025)

Na segunda parte da aula, o foco foi a relação entre fluxos migratórios, diversidade cultural e a formação de novas lendas. Os alunos acabaram reconhecendo como os mitos narrativos da Amazônia refletem realidades sociais distintas. Um debate temático enriqueceu a discussão, mostrando como a tradição oral constrói identidades coletivas.

Destacamos aqui também, a importância de ter mais de um professor em sala de aula, visto que quando ambos interagem com a temática e possuem uma boa relação com a turma, as aulas se tornam mais dinâmicas, divertidas e interativas. Nossas atuações em duplas, possibilitaram uma alternância de vozes e olhares pedagógicos, enriquecendo as discussões sobre as lendas amazônicas e suas relações com os fluxos migratórios e questões sociais.

Enquanto um AD conduzia a exposição teórica, o outro circulava pela sala, tirando dúvidas, estimulando a participação dos mais tímidos e registrando as percepções dos alunos.

Essa dupla escuta permitiu que os estudantes se sentissem verdadeiramente vistos e acolhidos em suas contribuições, algo fundamental em um contexto onde muitos inicialmente se mostravam dispersos. Desta forma, Libâneo (1990), considera que:

O ensino não deve ser uma tarefa solitária, a sala de aula é só uma parte do processo educativo, o planejamento, a avaliação e a reflexão sobre a prática devem ser feitos em equipe. Um professor que planeja sozinho até pode ter boas aulas, mas uma equipe que planeja junta constrói um projeto educativo forte, capaz de enfrentar os desafios reais dos alunos (p. 120).

A presença de dois professores em formação na sala de aula, não se resume a uma simples divisão de tarefas, mas se configura como uma prática dialógica e decolonial, capaz de romper com a lógica colonial e promover uma educação mais inclusiva.

Além disso, a complementaridade das intervenções docentes trouxe diferentes abordagens. Por exemplo, ao discutir a lenda do “Boto cor-de-rosa”, um de nós destacou sua dimensão simbólica na cultura regional, enquanto o outro relacionou-a com questões de gênero e responsabilidade parental, ampliando o repertório crítico da turma. Essa diversidade de perspectivas evitou que a aula se tornasse monótona, incentivando os alunos a pensarem além do óbvio.

A mediação compartilhada e a construção coletiva do conhecimento

Como dito na seção 1, as formações do PAD são fundamentais para nossos saberes e aprendizagens enquanto professores em formação. Os encontros proporcionam visões únicas sobre assuntos necessários que muitas vezes não são trabalhados no ambiente acadêmico.

Uma das formações que lembramos com bastante carinho foi “A humanização enquanto ferramenta essencial para inclusão: um olhar gentil e positivo para a

pessoa com deficiência", mediada por Rhanayse Costa, ex-AD do Lepete. Nessa formação, foi feita uma roda de conversa que nos ajudou a entender melhor a verdadeira inclusão e a refletir sobre atitudes e falas capacitistas que podemos ter sem perceber.

Os encontros formativos, nas segundas-feiras, depois de cada semana indo às escolas, são fundamentais para entendermos a especificidade de cada uma delas. As primeiras idas fizeram com que cada planejamento e material didático fosse milimetricamente pensado e adaptado para que não houvesse exclusão em sala de aula, e que cada atividade contribuísse para o nosso conhecimento e principalmente dos alunos.

E no que diz respeito à experiência na Escola Municipal Pintor Leonardo Da Vinci, ela também foi um processo formativo para nós, pois o trabalho colaborativo entre ADs não é um luxo, mas uma necessidade decolonial. Ao dividir a responsabilidade pela mediação, nós não apenas potencializamos o engajamento dos alunos, mas também descentralizamos o poder da aula, permitindo que os saberes comunitários e as vivências dos estudantes ocupassem lugar central no processo.

Quanto à docência em dupla, esta se apresenta não apenas como uma estratégia didática eficaz, mas como um ato político-pedagógico; um passo para desconstruir a ideia de que ensinar é um ato solitário e autoritário, e reconstruí-la como um caminho coletivo de emancipação. Nesse sentido, Walsh (2013) diz que:

A presença de dois docentes em sala de aula rompe com a lógica tradicional do ensino fragmentado, abrindo espaço para uma pedagogia dialógica e decolonial. Essa prática não se reduz à mera divisão de tarefas, mas convida à construção coletiva de saberes, onde diferentes vozes e perspectivas se entrelaçam. A co-docência, nesse sentido, torna-se um ato político: desafia hierarquias fixas, valoriza a interculturalidade e permite que o processo educativo seja um território de experimentação crítica — essencial para projetos transdisciplinares que buscam responder às complexidades dos contextos amazônicos (2013).

Por fim, avaliamos todo o processo formativo do PAD e nas escolas, não apenas como positivo, mas também necessário e fundamental ao nosso fazer político-

pedagógico. Desse modo, estar em um programa pedagógico desde o primeiro período, foi e ainda é importante para o nosso processo de formação docente. Todos os encontros sempre agregam para o nosso conhecimento e como devemos nos portar dentro das salas. Todas as idas às escolas contribuíram consideravelmente para nossa práxis enquanto professor em formação. Afinal, ser professor é estar em constante aprendizado e se adaptar de acordo com cada aluno e escola.

Considerações

Este relato evidenciou como a docência compartilhada, em comunhão às formações transdisciplinares do PAD, se configura como uma ferramenta pedagógica e política capaz de transformar realidades educacionais marcadas por salas superlotadas e infraestruturas precárias. A experiência na Escola Municipal Pintor Leonardo Da Vinci demonstrou que a atuação em dupla não apenas melhorou o atendimento individualizado aos alunos, mas também desenvolveu um espaço de co-construção, onde saberes acadêmicos e comunitários se entrelaçaram, especialmente no estudo das lendas amazônicas e fluxos migratórios.

A docência em dupla permitiu que vozes antes silenciadas, tanto dos alunos quanto dos próprios ADs, ganhassem protagonismo, desafiando o tradicionalismo em sala de aula. Essa prática não é meramente instrumental, mas um ato de resistência a modelos educacionais arcaicos, destacando a educação como território de diálogo intercultural e crítica social.

As limitações estruturais da escola, por outro lado, reforçam a urgência de políticas públicas que valorizem condições dignas de ensino e o acesso a recursos pedagógicos. No entanto, a criatividade docente, como a SD baseada em narrativas orais, mostrou que é possível subverter adversidades quando a educação é pensada coletivamente.

E para não concluir, o PAD e o Lepete surgem como espaços fundamentais para a formação docente, provando que a licenciatura não se restringe às teorias da graduação, mas se consolida na conduta reflexiva no chão da escola, garantindo que a educação pública seja, de fato, plural, inclusiva e transformadora.

Referências

Libâneo, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

Santos, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Walsh, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Abya-Yala, 2013.

**ONDE O PARAQUEDAS TOCA O CHÃO:
TECENDO MUNDOS DE LEITURA, IMAGINAÇÃO E
PERTENCIMENTO COM AS INFÂNCIAS AMAZÔNICAS**

**WHERE THE PARACHUTE TOUCHES THE GROUND:
WEAVING WORLDS OF READING, IMAGINATION, AND BELONGING
WITH AMAZONIAN CHILDHOODS**

Aline de Muriel Miranda¹
Lucilene Pacheco Santos²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

O presente relato tem como finalidade apresentar através da narrativa etnopoética, a trajetória e as vivências de uma acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que atua no Programa de Assistência à Docência (PAD) do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete), numa turma do 2º período de uma escola da Rede Municipal de Ensino. Por meio de uma sequência didática inspirada em um conto amazônico, buscou-se promover a valorização do patrimônio material e imaterial da região, estabelecendo relações com alguns autores: Camacho e Almeida (2024), Freire (1987), Maluf (2012) e Mpanda (2022). Concluímos nas atividades desenvolvidas, sobre a importância de promover desde a Educação Infantil o contato com a Literatura Amazônica e a sua contribuição na construção da identidade e valorização da cultura e saberes amazônicos.

Palavras-chave: Educação Infantil. Infâncias Amazônicas. Leitura e imaginação.

Abstract

This report aims to present, through an ethnopoetic narrative, the journey and experiences of a student in the Undergraduate Program in Pedagogy at the State University of Amazonas

1Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: admm.ped23@uea.edu.br - Manaus (AM)

2Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM). E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

3Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM.
E-mail: mqafonso@uea.edu.br

(UEA), who participates in the Teaching Assistance Program (PAD) of the Laboratory for Teaching, Research, and Transdisciplinary Experiences in Education (LEPETE), working with a second-grade class in Municipal Public School. Through a didactic sequence inspired by an Amazonian tale, the study sought to promote the appreciation for region's tangible and intangible heritage, drawing upon the works of Camacho and Almeida (2024), Freire (1987), Maluf (2012), and Mpanda (2022). The activities developed led us to conclude that it is essential to foster contact with Amazonian Literature from early childhood education, given its contribution to the construction of identity and the appreciation of Amazonian culture and knowledge.

Keywords: Early Childhood Education. Amazonian Childhoods. Reading and Imagination.

Considerações iniciais

Este relato visa narrar as experiências vivenciadas no “chão” de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), por uma acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), participante do Programa de Assistência à Docência (PAD), oriundo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete).

O PAD é um programa que possibilita aos acadêmicos dos Cursos de Licenciatura da UEA vivenciarem experiências supervisionadas em sala de aula como Assistentes à Docência (AD). Enquanto os professores da Rede Pública Municipal participam das Oficinas de Formação em Serviço (OFS), os/as ADs atuam nas salas desenvolvendo as atividades pedagógicas deixadas pelos professores e resignificando-as sempre que necessário.

A observação para este relato foi possível através do desenvolvimento de uma sequência didática inspirada num conto amazônico, objetivando promover a valorização do patrimônio material e imaterial da Amazônia e o fortalecimento da identidade e cultura local. Além de estar alinhado a um momento formativo intitulado “Ajuri Literário” desenvolvido pela professora Adriana Barbosa Silva, autora amazonense e também e uma das Coordenadoras do PAD.

Este relato está estruturado em quatro partes. A primeira destaca a trajetória estudantil e acadêmica da Assistente à docência até a sua chegada ao PAD. A

segunda seção é dedicada à apresentação da escola, seu contexto sociocultural e os sujeitos que a compõem. A terceira seção narra as experiências vivenciadas na sala de aula referendadas a partir da sequência didática. Por fim, a quarta parte, aborda as práticas formativas vivenciadas no Lepete que contribuíram para o desenvolvimento das atividades.

Raízes e caminhos da minha jornada

Os “meus passos” também contam histórias, e para contá-las, preciso dizer quem sou. Eu, Aline, sou cristã, filha dessa terra, dessa gente amazonense que luta e que sonha com um futuro melhor. Minha trajetória no “professorar” começou muito cedo. Ainda menina, brincando de ensinar os amigos que se faziam alunos. Um quadro de madeira, um livro e um pedaço de giz na mão.

No segundo ano do Ensino Médio, mudei de escola para atuar em um programa educacional da minha igreja voltada para o atendimento de crianças em situação de vulnerabilidade, com idade entre 4 e 6 anos no coração do meu bairro. O projeto buscava levar não apenas educação, mas, afeto, escuta e proporcionar às crianças um espaço seguro e acolhedor.

Por um período, trabalhei em duas escolas particulares, nas quais tive a oportunidade de experienciar a Educação Especial, acompanhando crianças dentro do espectro (TEA), além de atuar como professora de reforço escolar, onde descobri a importância de enxergar a criança como sujeito de direitos em seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Nessa caminhada, percebi a necessidade de aprofundar os saberes e conhecimentos sobre as infâncias, a forma como aprendem e suas subjetividades. Foi então que ingressei no Curso de pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e vi no PAD uma oportunidade ímpar de experienciar o “Chão da Escola” pública. E desde então, venho ressignificando e reconstruindo a minha formação com outros olhos.

CMEI Renata Holanda: onde florescem as infâncias

O Centro Municipal de Educação Infantil Prof.^a Renata Holanda de Souza Gonçalves localiza-se no bairro Jorge Teixeira, zona periférica de Manaus/AM, pertencente à Divisão Distrital Zona Leste II. A instituição atende às crianças da comunidade em idade pré-escolar, (Educação Infantil) 1º e 2º períodos nos turnos matutino e vespertino, além de atender crianças da Educação Especial na Sala de Recursos.

O corpo docente da escola é composto majoritariamente por mulheres, característica bastante comum nas escolas brasileiras, sobretudo na Educação Infantil. Boa parte das professoras é oriunda de concurso público e reside nas proximidades da Escola. Dentre as professoras que atuam na escola, mais da metade participa do Projeto Oficina de Formação em Serviço (OFS) e recebem em suas salas os Assistentes à Docência (AD).

A escola acolhe crianças, majoritariamente, de famílias de baixa renda. E demonstra ter uma boa relação com a comunidade local. Todas as manhãs, ao final da aula, o pátio se enche de pais e mães que chegam, em sua maioria a pé para buscar os filhos, num gesto que revela uma relação de confiança entre escola e comunidade. De acordo com Mpanda (2022), a relação entre escola e comunidade deve prever a união de ambas as partes para um bem comum, a formação integral e o cuidado com os filhos das comunidades.

Crianças visitam as Anavilhanas pelo conto dos botos vermelhos

O processo de construção da sequência didática: Visita às Anavilhanas, foi atravessado por algumas vivências e diálogos. O primeiro deles se deu durante um “Ajuri literário⁴”, dirigido pela professora Adriana Barbosa Silva, durante uma

4 O termo Ajuri significa “multidão”. É uma palavra profundamente simbólica, que carrega o espírito da coletividade, da construção compartilhada e do saber ancestral amazônico.

formação no Lepete. De lá foi elaborado um “livrão”, feito em EVA e recheado de imagens produzidas pela equipe em uma plataforma de comunicação visual para que estivessem adequadas à faixa etária das crianças.

A sala em que ficamos para trabalhar a sequência didática é muito animada! São 18 alunos do 2º período, da Professora Shirley Mendes. As crianças já nos conhecem pelo nome e nos recebem com muitos sorrisos e alguns abraços apertados. Nossa proposta a partir da sequência didática⁵ foi estimular e promover a valorização do patrimônio material e imaterial amazônico (valorizar o que é nosso) por meio da literatura amazonense, por isso escolhemos o livro “Visita dos botos Vermelhos às Anavilhanas” do autor amazonense Pedro Lindoso.

Iniciamos a viagem a Anavilhanas

Estendemos o “paraquedas” (recurso pedagógico) no chão da sala e é nesse momento que a magia começa. O paraquedas é colorido e cobre boa parte do espaço, ajudando a criar um ambiente lúdico em todo o espaço. Estender o paraquedas significa, para nós, que algo bom está por vir. Sentamo-nos junto às crianças e em roda iniciamos uma conversa a respeito das histórias infantis: perguntamos se gostam de ouvir histórias, o que conhecem e as favoritas. Escutamos com atenção cada resposta e também compartilhamos as nossas histórias para aguçar o mundo da imaginação das crianças.

Depois, proporcionamos um momento de “leitura deleite” disponibilizando mais de trinta livros infantis de nosso acervo pessoal para as crianças. Poderiam manusear, ler (leitura imagética), sentir as texturas, trocar exemplares entre si, enfim, experienciar o momento de escuta, fala, pensamento e imaginação. Camacho e

5 Autoras da Sequência Didática: Aleme Emanuelle dos Anjos de Souza; Aline de Muriel Miranda; Fernanda Graci Negreiros Mussolini; Geovanna Rodrigues Rocha; Jhennifer Thaynara Passos de Souza; Rebeca Ferreira Barbosa e Williane Costa de Souza.

Almeida (2024), afirmam que é papel do professor promover oportunidades de encantamento e deleite na leitura.

Após esse momento, conversamos sobre um novo tema: “viagens”. Perguntamos às crianças: já viajaram? Como foi a experiência? Com quem viajaram? Qual meio de transporte? E o que viram de especial no caminho?

Então, propusemos uma viagem especial, sem sair da sala. Uma viagem virtual para conhecer um município amazonense, Novo Airão, que fica a 194 km de Manaus, território onde se passa a história dos botos vermelhos, dando início a mais uma etapa da nossa sequência didática.

Partimos em uma viagem virtual utilizando as ferramentas Google Earth e Google Maps. Começamos o percurso localizando a escola no mapa, o que despertou o entusiasmo dos pequenos ao se reconhecerem no espaço. Ainda pelo mundo virtual, percorremos a Ponte Rio Negro até a nossa chegada virtualmente na famosa Praça dos dinossauros em Novo Airão. E chamou muito a atenção das crianças. Além disso, apresentamos algumas fotos e vídeos do arquipélago de Anavilhanas, buscando revelar a beleza e grandiosidade desse cenário amazônico. A experiência proporcionou momentos lúdicos e imersivos para ambientar a história.

Figura 1: Conversa sobre viagens



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Sentamos junto às crianças, abrimos o livrão e começamos a contar a história sobre os botos vermelhos, Baré e Tuchaua, (nomes adaptados pela equipe da SD)

que moram no encontro das águas e recebem um convite para conhecer o arquipélago de Anavilhanas, no município de Novo Airão/AM. A partir dessa viagem vivem muitas aventuras e descobrem fatos interessantes sobre a região, cultura, o modo de vida e a fauna em Anavilhanas.

Também contamos às crianças que, na verdade, o nome “botos vermelhos” foi designado a essa espécie pelos próprios nativos da região, antes mesmo de um pesquisador holandês os batizar de “boto cor-de-rosa”. O que causou espanto e estranhamento nas crianças num primeiro momento, mas logo se acostumaram com a novidade.

Figura 2: Contaçon de história



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Após a contaçon da história, propusemos uma atividade de desenho em que as crianças poderiam expressar no papel aquilo que mais as marcou. A proposta era livre, permitindo a cada criança a escolha de representar: personagens, cenários, animais ou sentimentos despertados pela narrativa. Uma criança, o Pedro, inicialmente se recusou a participar. Disse que não queria fazer a atividade porque não sabia desenhar “direito”.

Então, conversei com calma e disse: não há um jeito “certo” ou “errado” de desenhar e que deveria tentar, compartilhei também algumas formas diferentes de representar os rios Negro e botos, demonstrando que poderia fazer um desenho da maneira que soubesse fazer. Aos poucos, ganhou confiança, fiquei muito feliz com o desenho apresentado pois, em si, não era a questão do desenho, mas a superaçõ de

obstáculos. Isso mostra como é importante oferecer apoio às crianças para que se sintam seguras para se expressar e criar.

Figura 3: Atividade desenho



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Na segunda etapa do desenvolvimento da SD, como de costume, estendemos o paraquedas no chão para sentarmos em rodinha com as crianças e relembramos a história, seus personagens, os lugares onde se passa, os conflitos e resoluções que permeiam a narrativa e principalmente, investimos tempo discutindo com as crianças a respeito das temáticas intrínsecas ao livro, como a importância de preservar os rios, a floresta e os animais citados na história, também mostramos às criança que em nossa região há lugares lindos que precisam ser conhecidos e preservados como o arquipélago de Anavilhanas. Relacionamos os aprendizados do conto amazônico com a escuta, fala, pensamento e imaginação das crianças.

Ainda na roda de conversa realizamos momentos musicais. Perguntamos se gostam de música, quais as músicas favoritas. Ouvimos as crianças com atenção e perguntamos se conheciam a música “A linda rosa Juvenil”. Algumas conheciam a canção. Por alguns instantes as crianças estavam agitadas e outras dispersas, mas no momento em que a AD Fernanda pegou o violão e começou a tocar a canção, como mágica, todas voltaram seus olhos para ela, atentas, quase sem piscar. Sem dúvida, esse foi o momento mais incrível daquela manhã. Nessa mesma sintonia, comungamos com Paula (2024), ao nos dizer que aprender com a música:

[...] seja cantando, tocando instrumentos ou até mesmo apreciando os sons e entendendo sua mensagem, significa integrar as experiências da criança com o objeto maior da escola, ou seja, a percepção e a reflexão, passando de níveis mais simples para níveis cada vez mais elaborados do conhecimento. No processo de musicalização, não podemos nos esquecer de que as crianças, quando brincam, usam sons espontaneamente, criam músicas, e essa atitude, se não é incentivada, tende a desaparecer com o tempo. A musicalização deve ser trabalhada de maneira lúdica. Portanto, não podemos dizer que a musicalização serve para transformar as crianças em seres musicais, apenas precisamos incentivá-las a continuar usando e criando sons. (p.9).

Na turma mencionada junto à criançada realizamos a cantoria de alguns repertórios indispensáveis na Educação Infantil. E, uma das canções, “A linda rosa juvenil”, ao contar a história de uma rosa que adormece após o feitiço de uma bruxa, permanece adormecida até o momento em que um rei passa por ali e consegue despertá-la. Nessa música de forte ligação com brincadeiras cantadas, com a expressão artística trabalhamos a arte, linguagem oral e movimentos onde a imaginação e expressividade das crianças se misturavam em brincadeiras de faz de conta.

Após a “roda de viola”, propusemos às crianças a encenação da história cantada: A linda rosa juvenil, conforme a canção era tocada, retiramos de uma sacola encantada, itens de fantasia para representação dos personagens e acontecimentos narrados. Usei uma varinha e uma tiara para representar a rosa, um chapéu para representar a bruxa, uma coroa para representar o rei e um relógio para representar o tempo.

As crianças amaram a encenação, olhares curiosos me seguiam todas as vezes que retirava da sacola algum item de fantasia e passeava no meio deles. Divertimos-nos junto às crianças. E vimos o quão importante é trabalhar na Educação Infantil, de forma lúdica, despertando o imaginário e a criatividade. Diante disso, Maluf (2009), entende que a ludicidade durante as aulas, deve ser iniciativa docente, e, com isso, criam-se oportunidades para que o brincar seja trabalhado de maneira também intencional pedagogicamente.

Após o momento musical, propusemos uma atividade de pintura e colagem em papelão, em que as crianças representaram os botos vermelhos nadando no encontro das águas. Esse caminho metodológico exigiu bastante concentração. Ali, percebemos que as crianças desejam sempre a nossa “aprovação”. E, perguntavam com frequência se os desenhos e pinturas delas estavam bonitos.

Algumas vezes no movimento intenso com as crianças, foi necessário parar, respirar fundo, tentar entender e flexibilizar as propostas da sequência didática. E ao final de tudo, a sensação de dever cumprido. No caminho de retorno dentro da Van que nos leva à escola, no silêncio gritava a exaustão, o corpo estava entregue ao cansaço, a garganta ardia, e os pensamentos em profusão. Mas entre o cansaço e pensamentos outros, havia o sentimento de gratidão e a certeza que esse é o caminho que queremos seguir.

Figura 4: Voz e violão



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Na travessia com o PAD: saberes e aprendizagens

O PAD surge em minha caminhada como uma oportunidade singular de experienciar o “Chão da Escola Pública”, é território fértil e potente na construção da minha identidade docente. Enquanto assistente à docência enxergo as desigualdades, a precarização das condições de trabalho dos professores, dos espaços escolares, a importância de políticas públicas que fortaleçam a educação e a situação de

vulnerabilidade em que algumas crianças se encontram. Mas, vejo também a luta diária de docentes para promover uma educação de qualidade e a mobilização da comunidade escolar em proporcionar um ambiente acolhedor às crianças.

No PAD, temos como prática, nos reunimos todas as segundas-feiras na brinquedoteca do Lepete, para compartilhar nossas experiências enquanto ADs. E afirmo sem titubear que é um espaço de diálogo necessário não apenas para o compartilhamento de vivências e desafios da sala de aula, mas é um momento fundamental de reflexão sobre o nosso fazer pedagógico. Ressignificando as atividades deixadas pelos professores e repassando as nossas próprias práticas. Segundo Freire: “A verdadeira práxis implica a unidade entre ação e reflexão” (1987, p.30).

Além disso, o PAD proporciona aos ADs, diversos momentos de formação, que contribuem no desenvolvimento de nossas práticas pedagógicas, dentre eles, destaco o encontro formativo intitulado “Ajuri Literário” desenvolvido pela professora Adriana Barbosa Silva, autora amazonense e também coordenadora do PAD. Na formação realizada por ela, para que construíssemos a sequência didática, e fôssemos para a realização desta atividade, num primeiro momento, foi apresentado a canção “Saga de um canoeiro”, de Ronaldo Barbosa. Em seguida, propôs que as sequências didáticas fossem inspiradas no contexto e na literatura amazônica. De acordo com Zabala (1998), a sequência didática deve ser organizada de maneira intencional e planejada, tendo como ponto de partida os conhecimentos prévios dos alunos até a construção de novos saberes.

Então, nos organizamos em pequenos grupos; cada um representava uma série. Assim, fizemos a leitura coletiva de livros e contos amazônicos disponíveis. Foi então que escolhemos o conto de Lucas Lindoso como ponto de partida para a nossa SD. Os encontros formativos do Lepete são fundamentais para o processo de construção da identidade docente do ADs, proporcionando espaços de reflexão e troca de saberes e experiências que contribuem para o aprimoramento de nossas práticas pedagógicas e o trabalho coletivo.

Para chegarmos até à escola pública e atuar diretamente na sala de aula com crianças da Educação Infantil, é necessário o estudo, por meio da formação, o debate, a parceria criada entre as licenciaturas, o compromisso do Lepete e o amor pela educação.

Considerações

Desenvolver esta sequência didática a partir de um conto amazônico foi uma experiência enriquecedora. A partir da história e das atividades desenvolvidas, as crianças foram convidadas a reconhecer e valorizar o patrimônio material e imaterial da Amazônia como parte viva de sua identidade.

Foi um prazer navegar em realidade virtual com as crianças pelos rios Negro e Solimões, viajar até as Anavilhanas e conhecer um pouco mais sobre a nossa terra, nossa gente e seus encantos. Despertamos a curiosidade, o respeito e o orgulho pelas expressões culturais de nossa região amazônica. A cada atividade, percebemos que o conto sobre os botos vermelhos, Baré e Tuchaua, deixou de ser apenas uma narrativa e passou a ser ponte entre o imaginário das crianças e a realidade dos povos amazônicos. Um caminho de conexão com os personagens, a natureza e a memória coletiva.

Essa vivência mostrou que o espaço escolar pode (e deve) ser território fértil para o fortalecimento das culturas locais, dando visibilidade às vozes que habitam nossos rios e comunidades. Acreditamos que essas experiências vividas e sentidas com a Sequência Didática contribuíram significativamente no desenvolvimento e aprendizagem das crianças que, em suas histórias, têm enraizada a diversidade cultural que abarca o “CMEI Renata Holanda”, um lugar comandado por “guerreiras amazônicas”, que fazem a Educação Infantil pelos caminhos de desenvolvimento integral das infâncias.

Referências

Camacho, Letícia Macedo Farias. Almeida, Luciana da Silva. **A formação do leitor na Educação Infantil na perspectiva de professoras.** Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 24, mar. 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/7/a-formacao-do-leitor-na-educacao-infantil-na-perspectiva-de-professoras> acesso dia 22 de maio de 2025 às 19h.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

José, Bárbara de Paula. Música na Educação Básica. Disponível em: <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/768/114779711033524.pdf> acesso dia 5 de junho de 20225 às 9h.

Lindoso, Pedro Lucas. **Visita dos Botos Vermelhos às Anavilhanas.** Manaus: Sejam Luz, 2016.

Maluf, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar: Prazer e aprendizado.** 8 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

Mpanda, Verónica Joaquim Sibinde. **Integração curricular dos saberes locais: relação escola-comunidade local.** Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e brasileiras. são francisco do conde, vol.2, p.188-205, jan./jun. 2022.

zabala, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

AS AÇÕES PEDAGÓGICAS NA SALA DE RECURSOS E O DESEMPENHO DE ESTUDANTES COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Pedagogical Actions in the Resource Room and the Performance of Students with Learning Disabilities

Fernanda Freitas da Silva¹
Adriana Ferreira Barbosa Silva²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

Este relato de experiência é focado na atuação da Sala de Recursos (SR) e seu impacto no desempenho de alunos com dificuldades de aprendizagem. Fundamentado em vivências diretas, o estudo reflete as observações realizadas por mim e os aprendizados adquiridos por meio do Programa Assistência à Docência (PAD) do Laboratório de Ensino, Pesquisas e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete/UEA), nas Escolas Municipais da Rede Pública de Manaus/AM. A estrutura do trabalho se inicia com minha apresentação, situando o leitor sobre as perspectivas dos meus escritos. Em seguida, o tópico "O cenário escolar" descreve o ambiente educacional onde as experiências ocorreram, delineando o contexto para a compreensão das dinâmicas realizadas. O cerne do artigo reside em "Minhas experiências na sala de recursos e outras vivências", que detalha a prática pedagógica da SR, seu funcionamento, as estratégias aplicadas e o impacto direto no desenvolvimento dos alunos, além de incluir outras vivências relevantes no chão da escola. Por fim, a seção "As formações que os transformam" aborda os momentos formativos, os quais prepararam os assistentes docentes (ADs) para suas atuações e observações em sala de aula, reforçando a base teórica e prática que sustenta este relato.

Palavras-chave: Inclusão. Sala de Recursos. Educação Especial.

Abstracts

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: fdds.geo20@uea.edu.br

2 Especialista em Docência da Educação Básica. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação - Lepete/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Escritora e Poeta. E-mail: adriana.barbosa@semed.manaus.am.gov.br

3 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

This experience report focuses on the work carried out in the Resource Room (SR) and its impact on the performance of students with learning disabilities. Based on direct experiences, the study reflects the observations I made, and the learning acquired through the Teaching Assistance Program (PAD) of the Laboratory of Transdisciplinary Teaching, Research, and Experiences in Education (Lepete/UEA), in the municipal schools of the public network in Manaus, Amazonas. The structure of the paper begins with my introduction, situating the reader regarding the perspectives of my writings. Next, the section, "The School Setting," describes the educational environment in which the experiences took place, outlining the context for understanding the dynamics implemented. The core of the article is presented in "My Experiences in the Resource Room and Other Engagements," which details the pedagogical practices of the SR, its functioning, the strategies applied, and its direct impact on student development, as well as other relevant experiences in the school setting. Finally, the section "The Training That Transforms Them" addresses the training moments that prepared the teaching assistants (TAs) for their roles and classroom observations, reinforcing the theoretical and practical foundation that supports this report.

Keywords: Inclusion. Resource Room. Special Education.

Introdução

Este relato pretende apresentar as experiências vividas dentro das Escolas Municipais da Rede Pública de Ensino de Manaus, oportunizando a acadêmicos da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) a oportunidade de explorarem o "Chão da Escola" por meio do Programa Assistência à Docência (PAD), programa do Laboratório de Ensino, Pesquisas e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete).

O PAD proporciona a interdisciplinaridade com acadêmicos de diversas Licenciaturas, como Pedagogia, Geografia, Matemática, Educação Física, Letras e Ciências Biológicas. Através desse diálogo e vivências, podemos observar o cotidiano dentro das escolas, a troca de experiências entre os ADs e como somos atravessados de maneira significativa. Neste relato, buscaremos analisar o impacto da atuação na sala de recursos e no desempenho de alunos com dificuldades de aprendizagem, fundamentado em nossas experiências e observações.

Na primeira seção, apresentaremos nossas trajetórias acadêmicas e contexto de nossa participação no PAD; na segunda sessão, conheceremos o cenário escolar, descrevendo o ambiente físico e social da escola citada, onde nossas vivências

ocorreram; na terceira seção será retratada a parte principal do relato, onde detalharemos experiências marcantes dentro da escola e da sala de recursos; por fim, na seção quatro, apresentaremos as formações, especialmente aquelas que mais marcaram nossa atuação na escola.

Este relato, fundamentado em vivências práticas, é enriquecido pela discussão com a literatura especializada, utilizando como base teórica e normativa as contribuições de Alves (2006) e documentos oficiais como as Diretrizes Nacionais para a Especial na Educação Básica (2001) e as Diretrizes Nacionais de Organização do Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM). Essa abordagem dual, que une o conhecimento empírico à solidez da pesquisa e da legislação, permite uma análise aprofundada do tema.

Raízes na Amazônia, asas na docência: uma jornada com o PAD

Sou Fernanda Freitas da Silva, tenho 23 anos e sou acadêmica do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Minha trajetória acadêmica iniciou-se no ano de 2020, dentro do contexto da pandemia, com aulas em formato remoto, o que impossibilitou o sentimento de pertencimento como universitária de fato, causando uma desmotivação para seguir com o curso.

Todavia, no ano de 2022, já com aulas presenciais, por influência de uma colega de curso participante do Programa Assistência à Docência (PAD), pude conhecer as ações realizadas nas escolas e escutar suas experiências e vivências que me fizeram desejar atuar no Lepete. Assim que as inscrições foram abertas para a seleção de assistentes, me inscrevi para a entrevista e fui selecionada para fazer parte do Programa. A partir disso, pude conhecer mais a fundo as atividades realizadas e a importância para a educação.

No início das aulas nas escolas, fiquei um pouco receosa, pois ainda não tinha tido o contato em sala de aula, mas com o apoio das coordenadoras pedagógicas e dos outros colegas a atuação no ambiente escolar se tornou mais confortável; aos

poucos, ganhei a confiança em assumir as turmas e comecei a ter mais domínio em sala de aula. A escola, que antes parecia um grande desafio, se tornou um espaço acolhedor e prazeroso para se estar.

Por isso, destaco a importância do Programa para minha formação acadêmica, pois através dele transformei minha visão acerca das escolas e do meu fazer pedagógico, não tem como passar pelo PAD, sem que seja atravessado por questionamentos sobre a própria docência e a responsabilidade do professor na vida de nossos alunos. Além disso, o PAD apresenta uma estratégia que permite a nós, futuros professores, a experiência de estar em diferentes etapas de ensino, seja na Educação Infantil, Ensino Fundamental, nos Anos Iniciais e Finais, e também na Educação de Jovens e Adultos, dando-nos a possibilidade de termos uma visão mais abrangente.

Um olhar sobre o cenário escolar manauara

A atuação deste relato foi desenvolvida na SR da Escola Municipal Prof^a Isabel Victória do Carmo Ribeiro, que tem dois turnos, matutino e vespertino, contemplando alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. A Escola está localizada na rua Andirá Açú, número 456, no bairro Colônia Terra Nova em Manaus/AM.

Figura 1 : Fachada da Escola Municipal Prof^a Isabel Victória do Carmo Ribeiro



Fonte: CEFA - Coletivo Escola Família Amazonas (2025).

A inauguração da escola foi realizada no dia 15 de março de 2013, e recebeu este nome em homenagem à mãe do Prefeito, na época, Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, substituindo o nome de fundação que “Escola Municipal Prof^a Antônia Pereira da Silva”. Antes funcionava como anexo da Escola Municipal Cora Coralina, mas foi criada por conta do pedido da comunidade que necessitava suprir a demanda escolar.

Em relação à estrutura física/organizacional, a escola possui secretaria, refeitório amplo, sala de professores, sala multiuso, sala de leitura, além de sala de Recursos Multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE). Desde 2016, a escola tem como gestora a Prof^a Wilza Kashimura Pecinato.

A escola está inserida dentro do bairro Colônia Terra Nova e tem forte influência dentro da comunidade, principalmente com o objetivo de uma educação mais inclusiva. Em se tratando dos alunos da sala de recursos, do qual este relatório irá apresentar, são alunos que moram próximo à escola; alguns utilizam apenas a sala de recursos como um reforço no contraturno, pois estudam em outras escolas, principalmente alunos maiores de 12 anos.

Desvendando a sala de recursos

Para iniciar, apresentarei em que consiste a sala de Recursos Multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), compreendendo sua funcionalidade, as atividades que são realizadas dentro deste ambiente, a organização dos recursos, além da dinâmica utilizada pelos profissionais que estão inseridos no atendimento desses alunos. Segundo Alves (2006, p.14):

A sala de recursos multifuncionais é, portanto, um espaço organizado com materiais didáticos, pedagógicos, equipamentos e profissionais com formação para o atendimento às necessidades educacionais especiais. [...]. A denominação sala de recursos multifuncionais se refere ao entendimento de que esse espaço pode ser utilizado para o atendimento das diversas necessidades educacionais especiais e para desenvolvimento das diferentes complementações ou suplementações curriculares.

Como o próprio nome evidencia, a sala de recursos é um espaço físico e pedagógico especializado, designado a oferecer suporte e atendimento complementar para alunos com necessidades educacionais especiais (NEE). O atendimento especializado deve ser prestado como um complemento aos estudantes, oportunizando experiências inclusivas e promovendo o suporte ideal. O público-alvo das SR são: estudantes com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento (TGD), altas habilidades ou superdotação.

A sala de recursos é um espaço adaptado e equipado com materiais específicos para atender as necessidades dos alunos, com profissionais especializados, como a Professora Andréa Paiva dos Santos que atua na Escola Isabel Victória nos dois turnos. Segundo as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (Brasil, 2001), o atendimento especializado deve ser desenvolvido por professores com diferentes competências:

Salas de Recursos: serviço de natureza pedagógica, conduzido por professor especializado, que suplementa (no caso dos superdotados) e complementa (para os demais alunos) o atendimento educacional realizado em classes comuns [...]. Esse serviço realiza-se em escolas, em local dotado de equipamentos e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais especiais dos alunos, podendo estender-se a alunos de escolas próximas, nas quais ainda não exista esse atendimento. Pode ser realizado individualmente ou em pequenos grupos, para alunos que apresentem necessidades educacionais especiais semelhantes, em horário diferente daquele em que frequentam a classe comum [...]. (p.50).

É importante enfatizar que, o professor da SR desempenha um papel fundamental no processo de inclusão dos alunos, não sendo uma “rede de apoio”, mas sim garantindo aos alunos que participem do ensino regular. De acordo com as Diretrizes Nacionais de Organização do Atendimento Educacional Especializado nas SRM, os professores devem:

- I – identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial;
- II – elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade;
- III – organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais;
- IV – acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola;
- V – estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade;
- VI – orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;
- VII – ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação;
- VIII – estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares (BRASIL, 2009).

Ao observarmos o ambiente da SR, vemos materiais didáticos que trabalham o raciocínio lógico, jogos educativos que são utilizados como ferramenta de ensino, facilitando a inclusão e aprendizagem, além de recursos mobiliários como mesas, cadeiras e itens que tragam conforto e acessibilidade aos seus alunos.

Figuras 2 e 3: Ambiente da Sala de Recursos

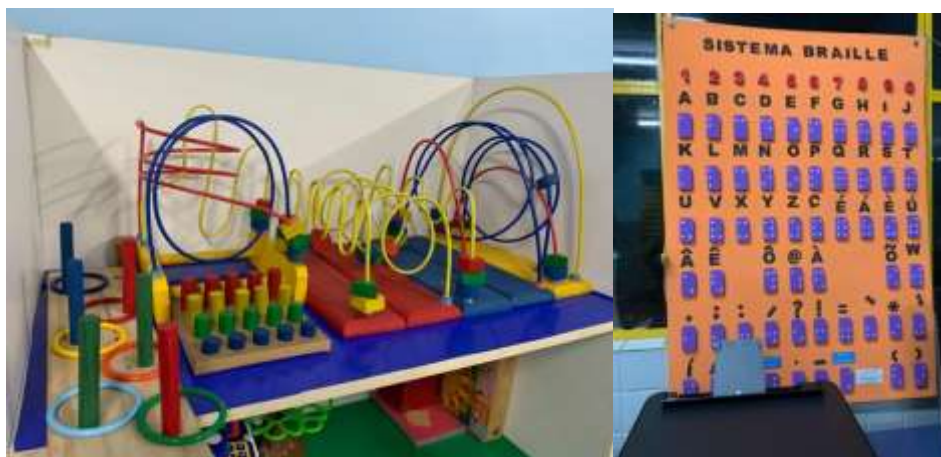




Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

A sala possui o alfabeto em braille, jogos adaptados divididos de acordo com a faixa etária dos alunos, conta com materiais diversos como jogos de memória, bingo, quebra-cabeça, varetas, recursos esses que estimulam o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Todo atendimento realizado na sala de recursos é feito de maneira mais individualizada; dependendo da especificidade de cada estudante utilizamos o recurso adequado para sua evolução.

Figuras 4 e 5 : Recursos utilizados na sala



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Minha primeira prática na SR ocorreu juntamente com o colega José Milton Silva Pinto Filho; ao sermos designados para essa assistência tudo era muito novo, pois ainda não tínhamos tido essa experiência na sala de recursos. A Professora Andréa, responsável pelos atendimentos, nos mostrou os recursos que seriam utilizados com os alunos, explicou o funcionamento dos horários, onde cada aluno executa as atividades propostas por uma hora, de acordo com a necessidade e sua especificidade.

Foi um primeiro momento de conhecimento da sala, importante para as outras assistências em que estive na escola, pois já tinha o conhecimento dos horários, dos recursos e principalmente o contato e a troca com os alunos. No decorrer das assistências podemos conhecer mais ainda os alunos e quais eram suas dificuldades, além de compreender como nós temos um papel fundamental para a evolução do aluno que estamos atendendo.

A assistência docente mais marcante que motivou a escrita deste relato, ocorreu no dia 18 de março de 2025; às 13 horas, saímos do Lepete em direção à escola. Era um dia chuvoso e minha maior preocupação era se os alunos que prestamos os atendimentos iriam estar presentes. Ao chegarmos na escola, as coordenadoras designaram cada AD para suas respectivas turmas; na SR tive como dupla para atuar comigo a AD Joyce Cristina Vinhote.

A professora Andrea, no primeiro momento, nos direcionou as atividades e a quantidade de alunos que viriam neste dia; em princípio, seriam 7 alunos, porém apenas 3 desses alunos estiveram presentes, os outros faltaram devido à doença ou por conta da chuva. Quando chegamos na sala a professora já estava atendendo um dos alunos, com atividades matemáticas; ao fim do horário do atendimento, recebemos mais dois alunos, uma da própria escola, com a idade de 10 anos, e outra estudante da Escola Vinícius de Moraes. Com tais alunas realizamos

atividades inclusivas e de reforço escolar, com jogos de letras, dominó de alfabetos e quebra-cabeça.

O último aluno que recebemos é um dos casos mais marcantes na minha perspectiva dentro da sala de recursos, o aluno Robson, um jovem de 15 anos, matriculado na Escola André Vidal. Com ele, fizemos atividades pedagógicas planejadas pela professora Andrea, com a utilização de quebra-cabeça e jogos de memória. Esses recursos, que são aparentemente simples, são ferramentas pedagógicas poderosas que estimulam o raciocínio lógico, a concentração, a coordenação motora fina, a memória - habilidades essenciais para o desenvolvimento do aluno.

Durante o tempo em que acompanhamos na SR, percebemos a evolução notável do aluno Robson que é extremamente comunicativo, sempre interagindo e expressando suas ideias. Dentro da caminhada do Robson, devemos destacar sua resiliência, pois sua jornada educacional foi marcada por desafios significativos, que, apesar das dificuldades da vida, ele e sua família enfrentaram com determinação.

O aluno iniciou seus estudos na Escola Municipal Isabel Victória, no entanto, por questões burocráticas relacionadas à sua idade e à organização das turmas, ele foi redirecionado a Escola Municipal Educacional Especial André Vidal de Araújo. Essa transição, embora necessária, impactou diretamente seu processo de acompanhamento na SR, pois houve um período em que o aluno ficou sem esse suporte especializado, o que prejudicou seu ritmo de evolução. Segundo a professora Andréa, todo o trabalho teve que ser reiniciado quando Robson retornou à sala de recursos da escola Isabel Victória.

Figura 5: Atividades quebra-cabeças na sala de recursos



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Na figura acima, podemos observar uma das atividades feitas com o aluno Robson; a atividade contava com a construção de quebra-cabeça, estimulando a concentração, o raciocínio lógico, a resolução de problemas, memória e habilidades visuais e espaciais. Apesar da interrupção, o retorno do aluno à SR foi significativo, apresentando um progresso em suas habilidades e na sua autoconfiança. Toda o desenvolvimento não seria possível sem o apoio de sua família, em especial de sua mãe, que se dedica em levá-lo em todos os atendimentos, garantindo a frequência e participação do Robson. O comprometimento familiar é um exemplo claro que a parceria da escola e família precisa acontecer para que os alunos possam evoluir. A história desse aluno, não é um relato individual, mas, um lembrete de que a SR não é apenas um apoio, é um espaço que garante a evolução, a inclusão e principalmente, a possibilidade de uma educação de qualidade para esses alunos com necessidades específicas. A ausência desse serviço pode erguer barreiras e frear o desenvolvimento deles, enquanto a sua presença tem o poder de transformar trajetórias e histórias de vidas.

Nesse sentido, a SR multifuncionais é a garantia de que estudantes como Robson, Josilene e Lorenzo tenham acesso a esse suporte, com o apoio da família, da escola, superando obstáculos e desenvolvendo suas habilidades para alcançar um sucesso pessoal e profissional. Histórias como essas, precisam ser vistas com urgência e importância para uma educação inclusiva. A trajetória de Robson é apenas um retrato que reflete a realidade de tantos outros alunos que dependem de um suporte especializado e contínuo para florescer.

Saberes em movimento: O PAD e o despertar da autonomia docente

Um exemplo dessa jornada de aprendizado foi a formação: “Diálogos: Explorando as Tecnologias Assistivas e Salas de Recursos”, mediada com maestria pela professora Fernanda Almeida Magalhães. O encontro proporcionou uma imersão profunda e prática conhecendo as ferramentas pedagógicas que promovem a acessibilidade e a autonomia de alunos com deficiência.

A formação teve como objetivo apresentar as diversas Tecnologias Assistivas (TAs), mostrando não apenas como funcionam, mas também como são integradas de forma eficaz no cotidiano das salas de recursos. Um dos momentos mais marcantes, na minha perspectiva, foi a exploração do alfabeto braille, uma ferramenta crucial para a comunicação e a aprendizagem de alunos com deficiência visual.

Tivemos a oportunidade de interagir diretamente e manusear alguns recursos, a formadora demonstrou de forma didática e interativa a utilização da prática de cada um. A ênfase na reinvenção e adaptação de materiais existentes, foi um dos aspectos que mais chamaram a atenção, pois a formadora apresentou alternativas criativas para o desenvolvimento de ferramentas pedagógicas assistivas, especialmente em situações onde o material convencional pode ser escasso. Através dessa abordagem estimulante, vimos a possibilidade de inovar e buscar soluções com recursos disponíveis, que promovem a autonomia e a criatividade no ambiente educacional.

Essa formação, como tantas outras, amplia nosso repertório de ensino, e também nos possibilita a autonomia de adaptar nossos materiais didáticos e estratégias em sala de aula, entendendo a especificidade de cada aluno. A combinação da teoria e prática traz um olhar acerca da realidade dos recursos, permitindo desenvolver uma postura mais proativa e independente de materiais, buscando soluções criativas e inclusivas, que trazem um diferencial para o fazer docente.

Outro momento formativo importante que abriu meus olhos para a educação inclusiva foi a “Sinfonia da Inclusão: Conceitos, Resignificações e Humanização” que aconteceu no dia 26 de março de 2024. Tendo como objetivo principal, ressignificar a visão dos participantes sobre atitudes que temos em nosso dia a dia, falas e ditados que muitas das vezes são normalizados e enraizados em nossa cultura e que podem ser inconscientemente capacitistas, erguendo barreiras e preconceitos contra pessoas com deficiência.

Um dos momentos mais ricos da formação foi o espaço dedicado, ao final, para conversas abertas e a exemplificação de situações recorrentes no cotidiano dos ADs. Esse ambiente seguro e colaborativo permitiu que os participantes compartilhassem suas experiências, dilemas e dúvidas. A troca de relatos e a discussão de casos práticos não só solidificaram o aprendizado teórico, como também ofereceram *insights* valiosos e estratégias aplicáveis, transformando o conhecimento em ação e reforçando o compromisso com uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

Considerações

Ao longo deste relato, pude aprofundar a compreensão sobre o impacto transformador da atuação da SR no desempenho acadêmico de alunos com dificuldades de aprendizagem. As vivências diretas nas escolas municipais de Manaus/AM, proporcionadas pelo PAD do Lepete, revelaram o cotidiano de um

espaço pedagógico essencial que, infelizmente, ainda enfrenta desafios em sua plena efetivação.

Nossas experiências demonstraram que a SR não é um anexo da escola, mas um pilar inabalável da educação inclusiva. Por meio de atendimento especializado e individualizado, adaptação de recursos e estratégias pedagógicas diferenciadas, oferece o suporte necessário aos estudantes com NEE que possam superar barreiras e desenvolver seus potenciais.

Dessa forma, a Sala de Recursos se revela essencial na educação inclusiva ao garantir que esses estudantes independentes de suas especificidades, tenham acesso ao conhecimento. Por isso, o apoio pedagógico especializado contribui significativamente para uma escola comprometida com o direito de aprender dos sujeitos que precisam de um Atendimento Educacional Especializado.

Referências

Alves, D. O. **Sala de recursos multifuncionais: espaços para atendimento educacional**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. 36 p.

Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/ CEB n.º 02, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, 14 de setembro de 2001.

Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara De Educação Básica. Resolução n.º 4, de 02 de outubro de 2009. **Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. Brasília, 2009.

DIFICULDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR PARA OS OBSTÁCULOS ENFRENTADOS PELAS CRIANÇAS

Difficulties in the Literacy Process: A Look at the Obstacles Faced by Children

Geovanna Rodrigues Rocha¹

Rebeca Ferreira Barbosa²

Jediã Ferreira Lima³

Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

Este relato de experiência apresenta vivências desenvolvidas na Escola Municipal Izabel Angarita, situada na zona sul de Manaus/AM, por meio do Projeto Assistência à Docência (PAD). As atividades foram realizadas no Ensino Fundamental I, com foco no processo de alfabetização e na atuação sensível e reflexiva do professor nessa etapa inicial da Educação Básica. A experiência permitiu observar a importância de práticas pedagógicas intencionais que respeitam o tempo e o desenvolvimento de cada criança, promovendo seu crescimento cognitivo, social e emocional. O olhar atento às necessidades dos alunos possibilitou compreender melhor a realidade dos cotidianos escolares e a influência que o educador exerce na formação integral da criança. Além disso, destacou-se a relevância da articulação entre teoria e prática para a construção do saber docente, favorecendo a formação crítica e consciente da professora em formação. O relato foi construído a partir de observações, intervenções e reflexões, dialogando com autores como Soares (2004) e Gallahue e Ozmun (2003) que contribuem para a compreensão dos processos de aquisição da linguagem escrita nas práticas docentes no processo de alfabetização.

Palavras-chave: Ensino Fundamental I. Alfabetização. Formação docente.

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: grr.ped23@uea.edu.br

2 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: rfb.ped23@uea.edu.br

3 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL)/UFAM/CNPq. E-mail: jedylima@hotmail.com

4 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

Abstracts

This experience report presents activities developed at the Izabel Angarita Municipal School, located in the southern zone of Manaus, AM, through the Teaching Assistance Project (PAD). The activities were conducted in Elementary School I, focusing on the literacy process and the teacher's sensitive and reflective role during this initial stage of Basic Education. The experience allowed for the observing the importance of intentional pedagogical practices that respect each child's pace and development, fostering their cognitive, social, and emotional growth. The attentive observation of student needs made it possible to better understand the reality of everyday school life and the influence the educators exert on the child's holistic development. Moreover, the report highlights the relevance of linking theory and practice in building teaching knowledge, supporting the critical and conscious formation of pre-service teachers. The report was constructed from observations, interventions, and reflections, engaging with authors such as Soares (2004) and Gallahue and Ozmun (2003) who contribute to understanding the processes of written language acquisition in literacy teaching practices.

Keywords: Elementary Education I. Literacy. Teacher Education.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre as experiências pedagógicas vivenciadas por duas discentes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), participantes do Programa de Assistência à Docência (PAD), por meio do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete). As ações desenvolvidas ocorreram na Escola Municipal Izabel Angarita, situada na zona Sul de Manaus, com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental e visam aprofundar o processo de formação docente por meio da imersão na rotina escolar, da prática em sala de aula e das trocas formativas promovidas pelo projeto.

As vivências relatadas foram analisadas à luz de referenciais teóricos que discutem os desafios do processo de alfabetização, o papel da prática pedagógica no cotidiano escolar e a importância da formação inicial docente, como Magda Soares (2004), Gallahue e Ozmun (2003), Candau (1997) e Neto Shigunov e Maciel (2002). O trabalho busca, portanto, contribuir com a reflexão sobre a realidade das escolas públicas e os obstáculos enfrentados por alunos e professores no processo de

alfabetização, destacando a importância de práticas sensíveis, afetivas e integradas ao contexto dos estudantes.

Este trabalho está organizado em quatro seções principais. A primeira seção apresenta a trajetória das autoras no campo da formação docente e sua inserção no projeto PAD. A segunda seção descreve a escola onde as atividades foram realizadas, contextualizando o espaço físico, a comunidade escolar e a turma atendida. Na terceira seção, são relatadas as práticas pedagógicas desenvolvidas, dialogando com autores que embasam a proposta de alfabetização significativa e contextualizada. A quarta seção traz os saberes e aprendizados construídos durante os encontros formativos do PAD, bem como os desafios enfrentados e a autoavaliação das autoras enquanto futuras professoras. Por fim, a conclusão retoma os objetivos do trabalho e aponta possíveis caminhos para aprofundar a prática docente na perspectiva da formação crítica e reflexiva.

Caminhos Que Nos Inspiraram: Nossa Trajetória até o PAD

Eu me chamo Rebeca Ferreira Barbosa, tenho vinte anos e sou acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e estou atualmente no 5º período. Desde criança sempre gostei muito de brincar de ser professora dos meus primos, brincávamos sempre na escola. Enquanto eu ia crescendo ouvia dos meus familiares e professores que provavelmente eu me tornaria uma advogada, pois gostava de falar e conseguia defender minha opinião e explicar claramente as minhas ideias. Entretanto, no Ensino Médio, através de programações na minha igreja, tive a chance de trabalhar no ministério infantil, e assim foi crescendo em mim o desejo de trabalhar com crianças, de ser professora e ensinar para contribuir de forma positiva na vida de outras crianças. E foi assim que decidi colocar como opção de curso, em todas as minhas provas de vestibular, o curso de Licenciatura em Pedagogia e consegui ser aprovada na UEA.

Ingressei na UEA em 2023, e sinto que escolhi o curso certo, amo a área da educação e não me enxergo fazendo outra coisa. Desde o meu primeiro dia de aula, ouvi relatos sobre o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) e de como proporciona vivências enriquecedoras. A partir da visita que fizemos ao Lepete, na acolhida aos calouros e dos relatos, me interessei em fazer parte também, foi assim que em 2024 consegui entrar no projeto e desde então tenho vivido diariamente experiências enriquecedoras.

Desde que comecei no Programa Assistência à Docência (PAD), consigo notar uma evolução constante na minha formação, por meio do projeto consigo ter vivências dentro de sala de aula atuando como assistente docente, mesmo em processo de formação. A experiência direta com a realidade da escola e a convivência com os alunos, tive a certeza de que escolhi a profissão certa, além de sentir que isso me prepara profissionalmente. Através do programa conseguimos ter trocas com graduandos de diferentes licenciaturas e assim compartilhamos nossas experiências com diferentes visões, percebemos que essas trocas são de grande importância para a nossa formação e amadurecimento enquanto profissionais. Sem dúvida, a oportunidade de vivenciar essas ricas experiências no Lepete foi algo transformador na minha vida e levarei comigo esses aprendizados com muito amor e gratidão.

Eu me chamo Geovanna Rodrigues Rocha, tenho 19 anos e sou acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela UEA, atualmente cursando o 5º período. Desde muito pequena, tenho uma relação bastante próxima com a área da educação, pois cresci em um ambiente familiar composto por educadoras - minha mãe e minha tia são professoras - o que me permitiu vivenciar o universo escolar antes mesmo de entrar na escola. Lembro que, ainda criança, costumava brincar de ser professora com a minha irmã, que nem sempre se empolgava tanto quanto eu, mas essas brincadeiras reforçaram cada vez mais o desejo que sentia de seguir esse caminho.

Minha admiração pela docência foi crescendo junto comigo e se fortaleceu quando entrei na graduação. Ingressar na UEA representou um passo muito importante na minha vida, pois foi quando comecei a compreender, de maneira mais ampla e crítica, a complexidade e a beleza da educação. Durante minha trajetória acadêmica, tive a oportunidade de ouvir falar sobre o Lepete e o PAD logo nos primeiros períodos, por colegas que já faziam parte do programa e relataram experiências muito valiosas. Uma parte de mim estava com sede de ter a experiência em sala de aula, então o desejo de participar só aumentava. Em 2024, consegui ingressar no PAD, e desde então, venho vivenciando uma transformação significativa na minha formação como futura professora.

No PAD, atuo como Assistente Docente em escolas municipais de Manaus/AM, substituindo professores durante seus momentos de formação. Essa vivência tem sido extremamente enriquecedora, pois permite que eu me aproxime da realidade da sala de aula, mesmo ainda estando em processo de formação. Com o apoio do Programa, tenho desenvolvido habilidades pedagógicas, aprimorado minha postura profissional e compreendido melhor os desafios e as potências da escola pública. Sem dúvida, o PAD tem sido um divisor de águas na minha jornada acadêmica. Por meio dele, tenho a certeza de que estou no caminho certo e me sinto cada vez mais preparada, motivada e comprometida com a educação pública e de qualidade.

A Escola: Espaço de Vivência e Aprendizagem Contínua

A Escola Municipal Izabel Angarita está situada na Rua Canumã, no Conjunto Atilio Andreazza, bairro Japiim 2, Zona Sul de Manaus/AM. Atualmente, atende cerca de 400 estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, funcionando nos turnos matutino e vespertino. No âmbito do PAD, desenvolvemos nossas atividades com a turma do 1º ano do turno matutino.

O nome da escola é uma homenagem feita por Joaquim Pessoa Igreja Lopes, - que foi superintendente da Suframa entre 1983 e 1985 - à sua professora primária, a

educadora Izabel Angarita, que lecionava no estado do Rio de Janeiro. A escolha do nome reflete o reconhecimento da importância dos professores na formação dos indivíduos e na valorização da memória afetiva da educação.

Em setembro de 2022, a escola foi reinaugurada após uma ampla reforma que revitalizou completamente sua estrutura física, elétrica e hidráulica. A unidade passou a contar com dez salas de aula climatizadas, refeitório amplo, cozinha equipada, banheiros acessíveis, área administrativa e de serviço, além de uma quadra de esportes coberta. Essas melhorias proporcionaram um ambiente mais seguro, confortável e inclusivo para alunos e profissionais da educação.

A escola também dispõe de uma biblioteca com sala de leitura, laboratório de informática com acesso à internet de alta velocidade e recursos tecnológicos como tablets e computadores para uso dos alunos. Além disso, possui uma Sala de Recursos Multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), rampas de acesso e banheiros adaptados, garantindo a acessibilidade para estudantes com deficiência.

Durante nossa atuação como assistentes docentes, observamos que, embora a estrutura tenha sido ampliada, algumas salas de aula ainda são pequenas em relação à quantidade de alunos que atendem. Essa limitação acaba comprometendo a mobilidade dentro do espaço, tornando a passagem difícil entre as carteiras e, por vezes, dificultando a dinâmica de algumas atividades pedagógicas.

Um ponto muito interessante que nós observamos também foi o sistema de segurança adotado na hora da saída. Cada aluno possui um crachá ou cartão de identificação, que deve ser entregue à professora no momento da liberação, funcionando como uma autorização formal. Esse procedimento garante que as crianças sejam entregues somente às pessoas autorizadas. Além disso, a escola conta com uma van escolar própria, que realiza o transporte de alguns estudantes, ampliando a segurança e o acesso à educação para alunos que residem em áreas mais distantes.

A experiência na Escola Municipal Izabel Angarita tem sido extremamente enriquecedora, permitindo-nos vivenciar de perto os desafios e as conquistas do cotidiano escolar. Participar da rotina dessa unidade de ensino tem contribuído significativamente para nossa formação como futuras educadoras comprometidas com uma educação pública de qualidade, segura e humanizada.

Caminhos da Alfabetização: Relato de Uma Experiência Pedagógica

Os processos de alfabetização e letramento são de grande importância na vida das crianças, pois é nessa fase que elas aprendem a ler e a escrever. É durante esse período que começam a reconhecer letras, sons e palavras, desenvolvendo habilidades de leitura e escrita. É muito importante que esse processo seja feito de maneira acolhedora, com atividades que estimulem a curiosidade e o interesse por aprender e escrever. Embora aprender a ler e escrever esteja diretamente ligado ao ensino da língua, o processo de alfabetização e letramento deve ser entendido também como uma prática transdisciplinar que perpassa por todas as áreas do conhecimento, porque ser alfabetizado significa ser capaz de compreender, interpretar e produzir diferentes tipos de textos e linguagens em contextos variados. Quando esse processo de alfabetização acontece de forma integrada, os alunos desenvolvem habilidades cognitivas mais amplas, como o pensamento crítico, raciocínio lógico, resolução de problemas, interpretação e comunicação eficaz. Além disso, o contato com diferentes gêneros textuais e linguagens em diversas disciplinas enriquece o conhecimento cultural e favorece uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. Por isso, é essencial que todos os educadores se vejam como agentes do processo de alfabetização, contribuindo de forma colaborativa para o desenvolvimento pleno dos estudantes.

De acordo com Soares (2004, p.14):

[...] a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento e, este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização [...].

Nessa perspectiva, relatamos a seguir uma experiência a partir de uma atividade vivenciada em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, turno matutino, na Escola Municipal Izabel Angarita. Estávamos iniciando mais um ano com os atendimentos do PAD nas escolas, chegamos nesta escola e fomos direcionadas a esta sala e conhecemos a professora Erbene Rodrigues Martins da Silva, que nos deu algumas orientações em relação às especificidades da turma. Destacou que as crianças ainda estavam em processo de adaptação, na transição da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I, e diante desse contexto, ela permitia que após as atividades desenvolvidas as crianças poderiam brincar com massinhas, ter acesso aos livros e ficarem livres para desenhar. Além disso, passou as informações do horário do intervalo e as rotinas na escola.

Por esse ser o nosso primeiro contato com a turma de 1º ano, eles ainda estarem se adaptando a uma nova rotina, em uma escola nova e com novos sujeitos, nos apresentamos e conversamos explicando que ficaríamos durante aquela manhã com eles. Pedimos que os mesmos se apresentassem dizendo seus respectivos nomes e suas idades, na tentativa de criarmos um ambiente com afetividade, com vínculo e confiança. Após aquele momento, fizemos alguns “combinados do dia”, como chamamos, por exemplo, poderiam conversar em um tom de voz que não atrapalhasse os colegas, pois compreendemos que as interações são importantes nessa idade. Em nossos combinados, primeiro terminariam as atividades e depois poderiam brincar, seguindo a rotina que estavam acostumados com a professora regente.

Após isso, iniciamos as atividades deixadas pela professora, a primeira delas era de Língua Portuguesa e estava impressa em uma folha à parte. A atividade em questão pedia que fossem copiadas as letras do alfabeto em letra cursiva maiúscula no espaço deixado ao lado das letras já escritas na folha. Distribuímos para cada um

dos alunos e pedimos para que copiassem o cabeçalho que a professora havia deixado escrito na lousa, com o nome da escola, da professora e que preenchessem o espaço destinado para escreverem os nomes. A partir do início da atividade, muitos alunos nos chamavam relatando dificuldades de copiar da lousa e muitos demonstraram dificuldades na escrita do nome. Decidimos então, passar de carteira em carteira para entendermos a necessidade de cada um deles, auxiliamos alguns ditando as letras e os que tinham dificuldade de copiar na linha e/ou cobrir, demos assistência.

Notamos que se continuássemos conduzindo a atividade desta forma, iríamos precisar de muito tempo para auxiliar todos individualmente, então tivemos a ideia de utilizar o quadro para fazer a letra para darmos um foco na forma visual da letra, e ao lado também demonstramos como cada traço deveria ser feito, a sua direção e para isso falamos palavras, como: curva, reta, ponto, dentre outras, e até mesmo palavras do cotidiano deles, como (bengala, chapéu, barriga, etc). Quando fomos apresentar a escrita da letra "B", iniciamos o traço vertical denominando-o de bengala, e a primeira e segunda volta de barriga. Essa foi uma forma que encontramos para facilitar a compreensão da escrita da letra, destacando sempre como os traços se conectam.

Apesar de eles já estarem trabalhando as letras cursivas é notável a dificuldade de reconhecer a maioria delas, pois ao registrarmos cada letra no quadro também fazíamos perguntas para a turma responder oralmente, por exemplo: qual era o nome da letra, como era o seu som e que palavras iniciavam com essa letra, neste momento também percebemos que constantemente os alunos confundiam a maioria das letras citando palavras que iniciavam com outras letras que tinham o som parecido. Durante a explicação no quadro e a troca com a turma, também passávamos entre as fileiras para conferir se todos estavam conseguindo acompanhar. Percebemos que com esse desdobramento da atividade, muitos alunos conseguiram aprender alguns traços que formam as letras e conseguimos trabalhar também um pouco da consciência fonêmica e fonológica, pois notamos

que no decorrer da manhã, muitos deles conseguiam associar muitas letras aos seus respectivos sons, lógico que com algumas lacunas, o que é normal no processo de alfabetização e letramento.

Ao terminarmos a primeira atividade já estava próximo o horário do intervalo então pedimos que organizassem seus materiais e os levamos ao refeitório. Quando retornamos do intervalo, demos um tempo para descansarem, enquanto preparamos os materiais para a próxima atividade. Após o momento de descanso, iniciamos a atividade de matemática, que estava também em uma folha à parte; o enunciado da primeira questão pedia que cobrissem o número 3 e copiassem o mesmo na linha abaixo, notamos que alguns alunos tinham dificuldades de coordenação motora e por isso não conseguiam cobrir precisamente nos pontilhados. No momento da escrita do numeral havia na atividade uma imagem que continha setas que indicavam a direção em que os traços deveriam ser feitos. Muitos escreveram, a escrita espelhada é quando as letras são desenhadas ou escritas de forma invertida, como se refletidas em um espelho.

Apesar dessas dificuldades muitos alunos também associaram número 3 com a letra “E” por serem parecidos visualmente e apresentarem traços semelhantes, muitos deles tinham dúvidas durante a escrita e nos perguntavam se eles haviam escrito o número 3 ou a letra E. No segundo enunciado, a atividade pedia que os alunos destacassem, circulando e pintando, dentro dos círculos, a quantidade de objetos correspondentes ao número trabalhado, por exemplo: dentro de um círculo havia 6 aviões e eles deveriam circular e pintar 3 deles.

Essas dificuldades, como a escrita espelhada e a confusão entre o número e a letra, são naturais no processo de desenvolvimento infantil e, quando acompanhadas de estímulos adequados, contribuem para a construção de habilidades importantes, como a leitura e a escrita. Segundo Gallahue e Ozmun (2003), é nesse período que se observa um avanço significativo no desenvolvimento motor infantil, sendo fundamental a inserção de atividades que estimulem esse desenvolvimento nos primeiros anos. Atividades locomotoras, estabilizadoras e de manipulação são

consideradas essenciais para a vida da criança, pois constituem a base para a aprendizagem.

Depois das atividades propostas serem desenvolvidas, nós disponibilizamos aos alunos as massinhas de modelar e o acesso aos livros e brinquedos educativos com peças do alfabeto móvel. Alguns alunos optaram por desenhar e pintar, os mesmos nos perguntavam exemplos do que deveriam fazer; indicamos sempre algo que fosse do interesse deles, mas orientando-os a desenharem na quantidade do número do estudado no dia. Durante a atividade lúdica com o alfabeto móvel, apresentaram dificuldades em utilizar a criatividade na formação de palavras e na exploração livre das letras, diante disso, tivemos a ideia de ressignificar a proposta, sugerindo a escolha de determinadas letras que seriam entregues aos alunos.

A partir dessas letras, deveriam formar uma palavra. Gostaram da ideia e se animaram. Ficavam felizes ao conseguir formar uma palavra e demonstravam interesse, pedindo novas letras para formar outras. Durante essas atividades, foi possível observar que os alunos demonstram uma boa capacidade de atenção e concentração, conseguindo manter o foco por um período significativo quando engajados em tarefas que despertam seu interesse. Percebemos, ainda, que o processo de aprendizagem se torna mais significativo e eficaz quando os estudantes são estimulados por meio de propostas interativas e práticas, que favorecem a participação e o envolvimento direto com o objeto de conhecimento curricular.

Figura 1: Brincando e aprendendo com o alfabeto móvel.



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2022).

Ensinar com Profissionalismo: a construção de uma Prática Intencional

O Lepete é um espaço que proporciona vivências pedagógicas incríveis, abrangendo desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além da troca com colegas ADs, temos a oportunidade de dialogar com doutores e especialistas da área da educação, o que enriquece ainda mais nossa formação e prática pedagógica. Nos encontros formativos promovidos pelo Lepete, compartilhamos ideias, opiniões e experiências com colegas de outras Licenciaturas, refletindo coletivamente sobre as diversas vivências nas escolas e sobre o fazer docente.

Esse diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento é fundamental para ampliar nossa visão sobre o ensino e fortalecer a formação crítica, empática e colaborativa que buscamos enquanto futuras professoras. Como destaca Candau (1997), a formação continuada precisa partir das necessidades reais do cotidiano escolar, valorizando o saber docente - aquele que é construído na prática pedagógica, e não apenas na teoria e considerando a escola como espaço central de aprendizagem e reflexão. Assim, ao interagirmos com colegas de outras Licenciaturas, com especialistas e com profissionais experientes da educação, somos provocadas a

refletir sobre diferentes perspectivas, metodologias e desafios que atravessam o cotidiano escolar.

Esses diálogos transdisciplinares nos ajudam a compreender que o processo de ensino e aprendizagem vai muito além da simples transmissão de conteúdos: ele envolve contextos sociais, culturais e emocionais que precisam ser considerados em nossa prática pedagógica. Participar desses espaços formativos é, portanto, uma oportunidade valiosa de crescimento pessoal e profissional, pois nos impulsiona a construir uma identidade docente mais sensível, reflexiva e comprometida com a realidade dos estudantes e com uma educação mais justa e inclusiva.

Durante os anos de 2024 e 2025, tivemos a oportunidade de participar de diversas formações com temáticas abrangentes, como literatura amazônica, contação de história, elaboração de sequências didáticas, técnicas com fantoches, brinquedoteca e elaboração de relatos de experiência. Essas formações foram ministradas por docentes da UEA e por formadores convidados que nos permitiram enxergar a docência para além dos muros da escola, compreendendo que ensinar exige constante estudo, escuta e ressignificação.

Além disso, como defendem Shigunov Neto e Maciel (2002), para que as mudanças que ocorrem na sociedade atual possam ser acompanhadas, é preciso um novo profissional do ensino, ou seja, um profissional que valorize a investigação como estratégia de ensino, que desenvolva a reflexão crítica da prática e que esteja sempre preocupado com a formação continuada. Nessa perspectiva, um dos grandes aprendizados ao longo da formação foi compreender que a autonomia profissional é construída gradualmente, a partir do conhecimento teórico, da observação crítica do cotidiano escolar e da coragem de tomar decisões pedagógicas fundamentadas.

Com o apoio das formações, fomos adquirindo mais segurança para intervir nas situações do cotidiano escolar, adaptar propostas às necessidades dos estudantes, acolher suas dificuldades e propor atividades significativas e alinhadas às suas realidades. Apesar dos avanços, enfrentamos desafios que colocaram à prova

nossas habilidades e nosso preparo, porém, ao olharmos para trás e avaliarmos esse processo, percebemos o quanto evoluímos. Nossas intervenções tornaram-se mais intencionais e o nosso olhar mais empático. Hoje, conseguimos perceber a diferença entre simplesmente “estar” na sala e, de fato, “atuar” com intencionalidade pedagógica. Compreendemos que ser professor é também ser pesquisador do seu cotidiano, agente de mudança e formador de sujeitos críticos.

Considerações

Com a vivência dessa experiência em sala de aula, ressaltamos a importância de adaptarmos as atividades de acordo com as especificidades de cada turma, bem como a facilidade que a adaptação proporciona para o docente e para os alunos no ensino e aprendizagem. Ficamos muito felizes e gratos por perceber que nossa sensibilidade em identificar as dificuldades dos alunos, bem como o reconhecimento da necessidade de adaptar e ressignificar as atividades de alfabetização e letramento, resultaram em um desdobramento pedagógico significativo: a facilitação de uma etapa tão importante no processo de aprendizagem — a escrita cursiva.

Destacamos, no entanto, que essa ação só foi possível graças aos conhecimentos construídos por meio do Lepete, por intermédio das formações, dos encontros destinados aos atendimentos nas escolas, das vivências em sala de aula, além dos valiosos conselhos e do suporte pedagógico oferecido pelas professoras coordenadoras.

Destacamos a importância de vivenciar todo esse processo de aprendizagem em sala de aula de forma reflexiva e intencional, promovendo práticas pedagógicas que possibilitem o desenvolvimento de novas estratégias para favorecer a aprendizagem das crianças. Ao observarmos os desafios enfrentados por elas, foi possível planejar e realizar uma atividade adaptada e contextualizada, com propostas lúdicas que integraram a oralidade, a leitura e a escrita.

Essa abordagem permitiu às crianças aprenderem de maneira prazerosa e significativa, estimulando a coragem, a autoconfiança, o raciocínio lógico e o interesse pela formação de palavras, contribuindo, assim, para o seu desenvolvimento integral. Ao adotarmos um olhar atento e sensível, foi possível identificar diversas potencialidades entre os estudantes, sobretudo daqueles que apresentam dificuldades na linguagem escrita, mas que revelaram grande desenvoltura na oralidade.

Destacamos, nesse processo, a criatividade das crianças que é apresentada por meio das brincadeiras de forma espontânea e expressiva. Esses momentos despertam a importância de valorizar diferentes formas de linguagem e de reconhecer as múltiplas habilidades presentes na turma de 1º ano, isso tudo contribui para o desenvolvimento integral das crianças em processo de alfabetização mesmo diante das dificuldades de aprendizagem.

Referências

Candau, Vera Maria Ferrão. **Formação continuada de professores:** tendências atuais. In: Candau, Vera Maria Ferrão. (Org.) Magistério: construção cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1997.

Gallahue, David Lee. Ozmun, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor:** bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3ª ed. São Paulo: Phorte, 2003.

Silva, Fábio José Antonio da. **A importância do desenvolvimento motor na Educação Infantil.** *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, nº 31, 23 de agosto de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/31/a-importancia-do-desenvolvimento-motor-na-educacao-infantil> acesso dia: 20 de maio de 2025.



Shigunov, Alexandre Neto; Maciel, Lizete Shizue B. (Org.) **Reflexões sobre a formação de professores**. Campinas: Papirus, 2002.

Soares, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. jan/abr. n. 25, 2004.

UM OLHAR PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA SALA DE RECURSOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE MANAUS/AM

A Look at Inclusive Education in the Resource Room at a Municipal School in Manaus/AM

Cintia Dias da Silva¹
Adriana Ferreira Barbosa Silva²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

Esse relato irá apresentar a sala de recursos (SR) da escola Municipal Rui Barbosa Lima, a qual contribui para a melhoria da qualidade de ensino de alunos com necessidades específicas, promovendo a construção de uma escola mais inclusiva, com uma equipe bastante empenhada, qualificada e que trabalha com amor ao que faz, em prol de uma aprendizagem significativa. A escola é adaptada buscando atender as necessidades individuais de cada aluno, sendo um espaço fundamental para o desenvolvimento de uma educação inclusiva e de qualidade. Com o Programa Assistência Docência (PAD), nós, alunos das Licenciaturas, temos a oportunidade de atuar nas salas de aula de algumas escolas de Manaus, colocando em prática as formações que temos no Laboratório de Ensino e Pesquisas Transdisciplinares (Lepete/UEA).

Palavras-chave: Sala de recursos. Educação Inclusiva.

Abstracts

This report presents the Resource Room (SR) at Rui Barbosa Lima Municipal School, which contributes to improving the quality of education for students with specific needs, promoting the construction of a more inclusive school with a highly committed and qualified team that works with dedication to foster meaningful learning. The school is adapted to meet the individual needs of each student, serving as a fundamental space for the development of inclusive and quality education. Through the Teaching Assistance Program (PAD), we, as undergraduate education students, have the opportunity to work in the classrooms at various

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: cds.mat17@uea.edu.br

2 Especialista em Docência da Educação Básica. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação - Lepete/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Escritora e Poeta. E-mail: adriana.barbosa@semed.manaus.am.gov.br

3 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

schools in Manaus, putting into practice the training we receive at the Laboratory of Transdisciplinary Teaching and Research (Lepete/UEA).

Keywords: Resource Room. Inclusive Education.

Introdução

O relato visa mostrar a importância da SR para alunos com deficiências e atípicos, que precisam de uma educação com atenção especializada, por professores que são orientados para ministrar aulas com um plano individualizado. A sala em questão, é da escola Rui Barbosa Lima, que é uma escola com um ambiente acolhedor, onde o aprendizado se adapta às necessidades individuais de cada aluno, promovendo assim a inclusão.

A SR conta com professoras especializadas em educação especial e também com funcionários que visam o bem estar, a adaptação e a segurança dos alunos. A merenda é servida na sala de aula e os professores e funcionários estão sempre dispostos a promover uma melhor educação e a inclusão dos alunos.

É um espaço pedagógico qualificado cujo propósito é atuar com o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos com deficiência e transtornos de desenvolvimento. Ela atua complementarmente ao ensino regular, auxiliando o processo de aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

As formações também são extremamente necessárias para os assistentes, porque possibilitam que saibamos o teórico sobre a escola, embora matérias pedagógicas sempre façam parte das grades da maioria dos cursos de Licenciatura, mas a formação mais perto da realidade dos estudantes universitários é necessária.

A docente Introspectiva das exatas

Sou Cintia Dias da Silva, comecei minha longa caminhada na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em 2017, quando fui aprovada no Curso de Licenciatura em Matemática. Escolhi essa profissão para mim porque sempre gostei do ambiente

escolar, de estudar, dos professores e colegas que fiz ao longo dos anos de escola, o que me deu uma boa referência para começar na faculdade. Porém, pouco tempo depois, em 2019, me afastei do Curso por conta de problemas pessoais e trabalho, e retornei no ano de 2023, quando conheci o Programa Assistência à Docência (PAD), me candidatei a uma vaga e fui selecionada para Assistente a Docente (AD) do turno vespertino.

Com isso, começou a minha trajetória em sala de aula com o PAD do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete), e essa foi minha primeira experiência em sala de aula, pois até então eu nunca havia lecionado. A princípio, bem assustadora, sempre fui uma pessoa muito introvertida, porém, com a ajuda das coordenadoras do PAD e colegas ADs consegui vencer a barreira da timidez e medo. Hoje posso dizer que o PAD fez ressurgir a professora que estava adormecida em mim, e não só em sala de aula, mas com o Curso de Matemática em geral, pois quando retornei à UEA estava bastante duvidosa se tinha feito realmente o certo. Mas com as formações e a humanização com a qual toda a equipe do Lepete me tratou, estou conseguindo chegar ao final do Curso.

Por dentro da escola Municipal Rui Barbosa Lima

A Escola Municipal Rui Barbosa Lima, localizada no bairro Armando Mendes, em Manaus/AM, atende alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e alunos que necessitam de atendimento especializado, alunos que geralmente moram pelo bairro e que têm uma condição social e econômica baixa. E a escola se insere nesse meio, com o objetivo de diminuir essa desigualdade. "A escola só ocupará o seu *locus* de agente formador se estiver atenta à sua função precípua: produzir e ensinar conhecimentos às pessoas" (Oliveira, Boveto, Sarache, 2013, p. 15).

A escola atua em alguns projetos, entre eles, conforme fonte da internet, a "Oca vai à escola" projeto da Prefeitura de Manaus, que tem o objetivo de valorizar a

educação ambiental, promovendo formas de conscientização com programações interativas e educativas.

Por estar em uma área de grande desigualdade social, a escola conta com um público diverso e há quase 30 anos, conforme registros vem desempenhando um papel em que ajuda a população daquela parte de Manaus a encontrar na educação, uma forma de mudar sua realidade, principalmente com relação às crianças, as quais têm acesso à SR da escola, o que ajuda na potencialização e desenvolvimento escolar delas, além de promover de forma efetiva a inclusão de alunos com especificidades.

Na SR, os professores recebem alunos com diversas condições como a Síndrome de Down, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e com algumas deficiências físicas. A sala é adaptada a esses alunos, com banheiro dentro e com a mesa no centro, o que possibilita uma melhor gestão. É composta por armários que guardam atividades escolares e materiais para o dia a dia das aulas e conta com dois computadores que eles utilizam para atividades escolares.

A SR conta com professoras especializadas em Educação Especial e também com funcionários que visam o bem-estar, a adaptação e a segurança dos alunos. A merenda é servida na sala de aula e os professores e funcionários estão sempre dispostos a promover uma melhor educação e a inclusão dos alunos.

A importância da sala de recursos na promoção da inclusão escolar

A SR é um espaço pedagógico qualificado cujo propósito é atuar com o AEE para alunos com deficiência e transtornos de desenvolvimento. Ela atua complementarmente ao ensino regular, auxiliando o processo de aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia dos alunos. É essencial para a efetivação da escola inclusiva, já que promove a adequação às necessidades especiais dos alunos, respeitando as suas singularidades e garantindo o acesso ao currículo escolar e à interação social. A atividade docente potencializa a construção das práticas pedagógicas inclusivas e adaptadas à realidade dos estudantes.

Para Mantoan (2003, p. 48), “a escolarização exige que a escola se organize para servir todos os alunos, e não só os que aprendem dentro de padrões comumente aceitos como normais”. Destacamos que essa sala não é somente um local em que os estudantes que possuem necessidades especiais são atendidos, mas é também uma maneira de aproximar os pais e responsáveis da escola, percebendo como é possível o acesso a uma educação igual para todos.

No dia 17 de março de 2025, quando pedi para me escalarem para a SR, queria me familiarizar mais e entrar no mundo da Educação Especial por estar fazendo meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o TEA. A imersão e convivência com alunos que têm o transtorno e com os que têm outras especificidades foram de grande ajuda para mim, porque me fizeram enxergar a Educação Especial com outros olhos. Quando adentrei na sala tive uma surpresa porque encontrei alunos com vontade e gana de aprender, alunos com TEA que interagem com colegas e com síndromes nas quais eu ainda não tinha tido contato, o que foi um momento muito importante para mim, porque sempre me senti muito atraída pela Educação Especial. Fui escalada junto com mais duas colegas ADs e chegando lá tive uma surpresa, pois imaginava ser uma sala de aula comum, porém, vi que era uma sala menor e com crianças de várias idades que se sentavam ao redor de uma única mesa.

Fomos muito bem recebidas, sendo que 6 crianças estavam presentes na aula, e, portanto, fizemos uma divisão de uma AD para cada dois alunos e assim pudemos auxiliar de forma efetiva cada aluno. No dia, participei de mais um momento acompanhando o trabalho na SR e essa experiência foi muito importante para minha formação, pois tive a oportunidade de vivenciar de perto o trabalho com dois alunos da Educação Especial: o Aluno 1, com diagnóstico de Síndrome de Down e o Aluno 2, com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

As atividades propostas pela professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) nesse dia foram voltadas para o desenvolvimento da coordenação motora, da criatividade e da expressão individual, por meio de desenho e pintura com lápis de cor, seguidas de uma atividade com massa de modelar.

A primeira atividade foi a de desenho e pintura. Os alunos receberam folhas em branco e uma caixa de lápis de cor. O Aluno 1 ficou bastante empolgado e rapidamente começou a desenhar formas coloridas e figuras que, segundo ele, representavam 'carros e uma casa'. Acompanhei de perto, elogiando suas escolhas de cores e incentivando-o a continuar explorando o espaço da folha. Já o Aluno 2 precisou de um pouco mais de tempo para começar. Inicialmente, apenas observava os lápis e tocava nas cores, mas com a minha ajuda começou a fazer traços repetitivos e desenhos mais geométricos. Fiquei ao lado dele, oferecendo apoio e colaborando com ações, respeitando seu tempo e seu modo de se expressar.

Nesta atividade pude notar que são bem criativos e desenvolvem muito bem a coordenação quando são estimulados a desenharem e pintarem os objetos ou pessoas que são de seus interesses, pois cada aluno tem o seu hiperfoco em algo, então foi interessante perceber como cada aluno tem sua personalidade. O aluno 1 fez um desenho de uma casa cheia de cores e cheia de referências a uma casa em meio ao verde, ao campo, desenhou árvores, nuvens, o sol e uma casa com chaminé, e foi lindo de ver, porque estava bem colorido e bem feito. E o aluno 2 começou fazendo atividades de sua vontade, seu nome, sublinhei o nome dele no caderno dele, após isso, incentivei fazer a escrita livre.

Por alguns instantes realizou a escrita, porém depois não quis mais fazer; começou a fazer outros desenhos, dessa vez do planeta Terra, que ficou lindo e bem colorido. Após essa atividade, passamos para a massa de modelar. Cada aluno recebeu porções de massa de diferentes cores e a proposta era criar formas livres ou usar moldes simples para fazer figuras. O Aluno 1 ficou muito animado e começou a criar formas como 'bolinhas', 'cobrinhas' e até tentou montar uma flor com ajuda. Ele demonstrou bastante coordenação ao moldar com as mãos e se mostrou orgulhoso com o resultado, me chamando algumas vezes para mostrar o que estava fazendo. Já o Aluno 2 preferiu, no início, apenas amassar e separar as cores. Aos poucos, com apoio verbal e observando o colega, começou a pressionar a massa nos moldes e ficou especialmente interessado em formar círculos e triângulos. Com

incentivo, conseguiu montar pequenas sequências de formas, demonstrando concentração e envolvimento.

Durante todo o processo, estive presente com o meu pensamento matemático, oferecendo reforços positivos e encorajando os alunos a explorarem os materiais e se expressarem livremente. Foi uma troca muito rica, em que também aprendi observando as reações, os ritmos e as formas únicas com que cada um se relaciona com as atividades.

Essa vivência na sala de recursos foi muito significativa para mim enquanto futura professora. Percebi o quanto atividades simples, quando bem planejadas e acompanhadas com atenção, podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades importantes, respeitando as particularidades de cada aluno. Pude compreender melhor o papel do AEE na construção de uma educação inclusiva e senti, mais uma vez, a importância do olhar sensível e da escuta no processo educativo dentro de uma SR. No decorrer de 10 assistências na sala de aula SR, cada vez sinto-me na responsabilidade de atuar com compromisso, empatia e respeito à diversidade e afeto.

A importância das formações do PAD para os professores em formação

As formações são extremamente necessárias para os assistentes, porque aproxima as teorias estudadas na Universidade e a prática na escola. Embora disciplinas pedagógicas façam parte do currículo dos Cursos de Licenciaturas (Geografia, Letras, Matemática, Biologia e Pedagogia), nem sempre a formação universitária se aproxima da realidade do ensino nas escolas da Rede Pública de Manaus/AM. E com o PAD, vivenciamos diferentes contextos educacionais que nos aproximam com segurança do fazer docente.

Uma formação que chamou bastante atenção, e que levo comigo até hoje para a sala de aula foi com a professora Marlene Gomes, Emotional Freedom Techniques (EFT), técnicas de liberdade emocional, no qual falou entre outras coisas, sobre a importância do bem-estar e saúde mental do professor. Representou uma formação

que saiu de nossas rotinas, porque a professora focou mais nos Assistentes Docentes, e no pensar e agir de cada um de nós. Uma parte dessa formação, ensinou como relaxar por meio de técnicas terapêuticas, como o “tapping”, a estimulação em determinadas áreas do corpo para relaxamento. Por isso, fugiu do convencional. “O tapping pode ser usado para alterar sentimentos angustiantes ou negativos e pensamentos ou comportamentos autolimitantes, bem como para instilar estados emocionais, crenças ou objetivos mais positivos” (Stapleton, 2022, p. 34).

Porém, uma parte dessa formação carregou comigo até hoje, foram as palavras da professora para nós, assistentes, que estávamos nos inserindo ainda dentro do ambiente escolar. Falou que teríamos muito tempo para aprender ainda, e sendo professores, o resto da vida, porque nem o professor é totalmente conhecedor de tudo, mas temos que ter coragem para admitirmos e que nossos alunos, enquanto responsabilidade nossa em sala de aula, precisam de tratamento humanizado, pois quando chegamos em sala, é normal observamos uma sala unitária, alunos, simplesmente alunos.

Mas às vezes, o óbvio precisa ser dito, os/as professores/as ainda não conseguem perceber, a maioria deles, cada aluno em sua singularidade, sua história, às vezes um diagnóstico ainda não feito, pais em processo de separação, vida financeira afetada, muitos alunos, principalmente de escolas periféricas, que vem de uma realidade mais dura e geralmente acontece que o único alento no dia poderá vir do ambiente escolar, mas, nem sempre a escola é inclusiva.

Reafirmo o quanto aquele encontro formativo realizado aqui no Lepete, foi significativo em meu fazer docente, pois, na minha introspecção e timidez o conhecimento que nos leva a olhar para nosso interior é fundamental e isso me deixou pensativa com aprendizagens que levo comigo para a sala de aula. Sabemos que a realidade dos/as professores/as também não é fácil, mas, escolhemos estar neste lugar de infinitas vivências que é a escola. E por que não fazer isso com todo respeito? Com a dignidade que os estudantes merecem, em especial os/as da SR.

Considerações

A vivência de um dia na Sala de Recursos da Escola Municipal Rui Barbosa Lima, situada na periferia de Manaus, revela muito mais do que práticas pedagógicas adaptadas; revela o compromisso com a inclusão e a valorização das singularidades de cada estudante. Nesse espaço, os alunos demonstraram, por meio de suas interações, ritmos e formas de aprender, que a educação inclusiva é possível quando há acolhimento, paciência e estratégias pedagógicas adequadas.

As formações do PAD também foram enriquecedoras para minha estada em sala de aula, e a formação EFT, técnicas de liberdade emocional, da professora Marlene Gomes trouxe um olhar humano e diferenciado à profissão de professor, algo que é para levar não só na docência, mas para a vida em si.

Minha experiência acompanhando dois alunos, um com Síndrome de Down e outro com TEA, demonstrou a importância desse espaço para a educação inclusiva. O suporte oferecido permitiu a ambos o desenvolvimento de suas habilidades, superando as dificuldades impostas por suas condições neurodivergentes ou físicas/motoras. A SR, portanto, se constitui essencial não só para a aprendizagem, mas também, para a inclusão social e a construção da autonomia desses alunos.

Referências

Mantoan, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

Oliveira, Ana Paula dos Santos Viana. Boveto, Lais. Sarache, Mariana Vieira. **Escola, conhecimento e formação de pessoas: considerações históricas.** Políticas Educativas, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 145-160, 2013.



Stapleton, Peta. **A ciência por trás do tapping**: uma técnica de gerenciamento de estresse comprovada para a mente e corpo. Tradução de Julia Lucietto. São Paulo: Madras, 2022.

A IMPORTÂNCIA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS(AS) ESTUDANTES

The Importance of Interdisciplinary Pedagogical Practices in the Literacy Process of Students

Ana Clara Mendes da Costa¹
João Rafael Silva Gonçalves de Brito²
Jediã Ferreira Lima³
Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

O relato presente descreve práticas pedagógicas interdisciplinares e lúdicas aplicadas ao Ensino Fundamental, destacando sua eficácia no processo de alfabetização e no desenvolvimento integral dos estudantes da Escola Municipal São Luíz, situada no município de Manaus/AM. A proposta incluiu atividades na perspectiva interdisciplinar, cujo objetivo principal foi a prática alfabetizadora que “ressignificou a árvore” e também a conexão de saberes culturais e a preservação ambiental no ambiente escolar.

Palavras-chave: Alfabetização. Interdisciplinaridade. Ludicidade. Desafios Cognitivos

Abstracts

This report describes interdisciplinary and playful pedagogical practices applied in Elementary Education, highlighting their effectiveness in the literacy process and the holistic development of students at the São Luíz Municipal School, located in Manaus, AM. The proposal included activities from an interdisciplinary perspective, with the main objective being literacy practice that "re-signified the tree," as well as the connection of cultural knowledge and promoting environmental preservation with the school environment.

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: acmdco.ped24@uea.edu.br

2 Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: jrsodb.ped25@uea.edu.br

3 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL)/UFAM/CNPq. E-mail: jedylima@hotmail.com

4 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

Keywords: Literacy. Interdisciplinarity. Playfulness. Cognitive Challenges.

Introdução

No contexto da educação contemporânea, torna-se cada vez mais evidente a necessidade de práticas pedagógicas que integrem diferentes áreas do conhecimento, promovam o desenvolvimento integral dos estudantes e respeitem suas necessidades cognitivas e emocionais. A experiência vivenciada na Escola São Luiz, através do Programa Assistência à Docência (PAD) que faz parte do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete/UEA), com estudantes do segundo ano do Ensino Fundamental, ilustra de forma concreta como propostas interdisciplinares, lúdicas e contextualizadas podem potencializar o processo de alfabetização e letramento, ao mesmo tempo em que despertam a consciência ambiental e fortalecem habilidades socioemocionais.

Ao integrar conteúdos de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências em uma atividade prática e significativa, observou-se que o aprendizado se torna mais eficaz. Essa concepção está alinhada à perspectiva do psicólogo Carl Rogers, conforme discutido por Mizukami (1986), para quem o/a estudante deve ocupar o centro do processo educativo. Nesse modelo, a sala de aula é entendida como um espaço de descoberta, no qual o conhecimento é construído ativamente a partir da interação com situações desafiadoras e contextualizadas.

Na atividade interdisciplinar desenvolvida, essa abordagem se manifesta quando o/a estudante compreende o tema das figuras a partir de sua própria perspectiva. Cada etapa exige articulação de saberes e reflexão sobre conceitos previamente conhecidos, mobilizando processos cognitivos que, segundo Rogers, contribuem para o desenvolvimento da autonomia e da motivação. O/a professor/a atua como mediador/a, promovendo questionamentos e favorecendo a conexão entre teoria e prática, sem recorrer

a respostas prontas. Essa dinâmica não apenas integra diferentes áreas do conhecimento, mas também estimula competências socioemocionais, como a colaboração e a criatividade, fundamentais para uma formação integral (Mizukami, 1986).

Caminhos cruzados: A chegada ao PAD

Sou João Rafael Silva Gonçalves de Brito, nasci em Manaus/AM, cidade que carrego no sangue como símbolo de identidade e pertencimento, minha trajetória foi marcada por rupturas e descobertas que moldaram não apenas minha formação acadêmica, mas minha visão de mundo. Durante a infância, estudei em instituições privadas, ambiente que me manteve distante das complexidades sociais do meu entorno. A realidade, até então, era filtrada por fragmentos de notícias ocasionais, até que o ingresso ao ensino público, no Colégio Maria Rodrigues, desvelou o véu de uma existência até então utópica. Foi ali, no primeiro ano do Ensino Médio, que meus olhos se abriram para as desigualdades que permeiam a vida daqueles que lutam pelo básico. Essa experiência não apenas alterou minhas prioridades, mas redefiniu meu propósito. Deixei de ser espectro de minha própria história para me tornar agente de transformação na vida do outro.

Em 2023, decidi enfrentar resistências familiares e seguir o caminho da Licenciatura em Pedagogia, escolha que confrontou as expectativas de meu pai, professor e figura central em minha inspiração profissional. Apesar de sua relutância inicial, as palavras de minha mãe, “a escolha é sua, é a sua vida” ecoaram como um chamado para assumir as rédeas do meu destino. Após meses de dedicação aos vestibulares, em 2025 ingressei na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), instituição que se tornou o palco do meu reencontro com as raízes paternas e com a vocação para a educação. A academia revelou-se um espaço de deslumbramento e conexão. Desde a

cerimônia de acolhida, conduzida por formandos, até o primeiro contato com o Lepete, mergulhei em um universo onde a pesquisa se traduz em ferramenta de emancipação. Cada projeto e texto analisado, remete-me à figura de meu pai, cujas produções acadêmicas, ainda que modestas, sempre li com admiração. No Lepete, encontrei respostas para inquietações antigas: fazer ciência compreendi que é mais que método e sim, um exercício de escuta, compromisso com a comunidade e legado de quem nos precede.

Hoje, vejo a Pedagogia não apenas como profissão, mas como extensão de um diálogo interrompido, pela distância física, porém mantido vivo por conselhos paternos que orientam cada passo. A academia, para mim, é território de afeto e memória. Pesquisar é honrar a trajetória de quem me ensinou, desde a infância, que educar transcende salas de aula.

Meu nome é Ana Clara Mendes da Costa. Sou aluna do terceiro período de Pedagogia na UEA e, a cada dia, sinto que estou me encontrando nesse curso. Sempre tive o desejo de ensinar, pois, para mim, isso fazia parte de quem sou: ajudar aqueles que precisam de mais atenção e buscar formas alternativas de explicar o conteúdo, para que meus colegas de classe pudessem compreendê-lo melhor.

No entanto, também sonhava em estudar em uma escola grande e bem estruturada. Seguindo o conselho de um amigo, que me falou sobre a qualidade de ensino e o prestígio do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), decidi me inscrever. Submeti minhas notas quando abriram as inscrições e, para minha surpresa, fui aprovada no curso de Edificações, escolha que refletia mais o desejo do meu pai do que o meu próprio. Durante os anos em que estudei no IFAM, a vontade de ensinar nunca me deixou. Sempre que alguém precisava de ajuda e eu dominava o conteúdo, eu estudava com dedicação e explicava de maneira objetiva e clara. A cada momento em que ensinava, meu coração se enchia de alegria e realização. Apesar da pressão para seguir na área de Exatas, por ter boas notas e facilidade de entendimento, acabei

utilizando minha nota do vestibular da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) para o Curso de Arquitetura e Urbanismo. Contudo, minha nota da UEA garantiu minha aprovação em Pedagogia. Quando saíram os resultados, fiquei eufórica ao ver que tinha passado nos dois cursos, mas principalmente no curso dos meus sonhos: Pedagogia. Mesmo sendo uma escolha contrária ao desejo de alguns de meus familiares, o destino de certa forma, me guiou até aqui. E a cada dia, aprendo mais e tenho a certeza de que estou no caminho certo, fazendo algo que realmente me completa.

Após ingressar no terceiro período, decidi participar do Lepete, que nos proporciona uma experiência que vai além da atuação como professores regentes em sala de aula. Hoje, por exemplo, estou envolvida na produção de ciência e em estudos que podem contribuir para a sensibilização de educadores, estudantes e famílias sobre diversas temáticas.

Minha trajetória no Lepete começou em abril de 2025 e tem sido marcada por desafios, descobertas e aprendizados significativos. Essa vivência tem me ensinado, enquanto futura profissional da educação, a desenvolver um olhar mais sensível para as realidades que cercam a vida das crianças.

Ressignificando os cotidianos da Escola São Luiz

A Escola Municipal São Luiz está localizada na Rua Esperança, s/nº, bairro Colônia Antônio Aleixo, em Manaus/AM. A turma observada para este relato foi o 2º ano C, da professora Ana Carla Catuaba da Silva, no turno vespertino. A escola contava com um refeitório, três áreas com salas organizadas de acordo com o ano escolar, doze turmas atendidas pelo PAD, além de uma sala de recursos, secretaria, salas do gestor e dos professores, um telecentro, dois banheiros no corredor de entrada, uma quadra ampla e porteiros bastante gentis. O ensino é ofertado nos turnos matutino e vespertino, atendendo do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental nos Anos Iniciais.

O bairro, de modo geral, é afastado das áreas mais centrais da capital manauara, possuindo características próprias que, em grande parte, se diferenciam dos bairros localizados mais próximos do centro. Durante o trajeto de van até a escola, é possível perceber uma mudança quase abrupta de realidade. Enquanto o bairro da Chapada (zona Centro-Sul), apresenta avenidas movimentadas, com grande presença de comércios, shoppings e intensa circulação de pessoas, a Colônia Antônio Aleixo (zona Leste), revela uma paisagem distinta, com fábricas, galpões de armazenamento de grandes empresas, pequenos comércios voltados ao abastecimento da comunidade local e ao mesmo tempo um contexto geográfico privilegiado que abriga o Lago do Aleixo, um tesouro natural na comunidade, que se vincula diretamente às questões sociais, econômicas e culturais do bairro que tem por referência educacional a Escola Municipal São Luiz no município de Manaus/AM.

Ao chegarmos ao bairro, percebemos de imediato suas especificidades e a valorização da cultura local, fortemente marcada pelas tradições manauara e amazônica. As festas juninas, o folclore e outras festividades culturais, que também dialogam com os saberes dos povos originários, são amplamente celebradas e reconhecidas na comunidade. Grande parte do corpo discente é composta por filhos de microempreendedores, operários de fábricas da região, pescadores, donas de casa e pedreiros, em sua maioria, trabalhadores da própria Colônia Antônio Aleixo. Isso se deve ao fato de o bairro estar geograficamente afastado do centro urbano, o que faz com que muitos moradores optem por trabalhar dentro da própria comunidade.

Os/as estudantes da escola demonstram comportamentos marcados por muito afeto. Sempre fomos recebidos com entusiasmo, abraços e até pequenos mimos. Esses estudantes carregam consigo uma energia contagiante, além de muito amor, carinho e potencial. São estudantes brilhantes, com um universo de possibilidades dentro de si, mesmo vivendo em uma localidade com poucas oportunidades e, em alguns casos, enfrentando contextos familiares

desafiadores. Observamos que, ao entrarem em sala, buscavam concentrar-se naquele momento, utilizando suas singularidades para ressignificar a maneira de enxergar sua própria realidade. Foi possível observar que a professora e a equipe gestora, mesmo diante de certas dificuldades, esforçaram-se para oferecer o melhor ensino possível aos estudantes, proporcionando-lhes novas experiências dentro do ambiente escolar, que, apesar dos desafios, é extremamente rico em possibilidades.

A escola busca constantemente abordar temas relevantes em datas estratégicas, promovendo uma formação integral que vai além dos componentes curriculares tradicionais. Um exemplo disso foi a campanha "Maio Laranja", voltada ao combate ao abuso sexual infantil. A temática foi trabalhada de forma acessível e sensível com os estudantes, que, após a atividade, demonstraram compreender melhor a diferença entre um toque apropriado e um toque que pode ser considerado abuso. Um dos maiores impasses identificados, foi a forte presença de concepções meritocráticas e de uma pedagogia tradicional, centrada no conteúdo e distante das dimensões emocionais do processo educativo. Romper com essa lógica e tentar estabelecer um vínculo afetivo com as crianças revelou-se um desafio significativo para minha formação e aprendizado.

Explorando a árvore: aprendizados com sentido e imaginação

A experiência pedagógica descrita ocorreu com estudantes do segundo ano do Ensino Fundamental, na sala 6, sob a coordenação da professora Ana Carla Catuaba da Silva. A proposta interdisciplinar incluiu exercícios de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências, com destaque para esta última, cujo objetivo principal foi associar a prática alfabetizadora ao reconhecimento de componentes botânicos e sua relevância ecológica.

A tarefa de Ciências exigiu que os estudantes identificassem e escrevessem termos como raiz, tronco, galhos, folhas e frutos, relacionando-os às estruturas ilustradas em uma árvore. Durante a execução, observou-se dificuldade inicial na discriminação gráfica de letras e na ordenação silábica, demandando intervenções pedagógicas para reforçar a correspondência fonética, a grafia correta e a associação semântica entre palavras e elementos visuais.

A abordagem lúdica, integrada por atividades de colorir e ilustrar, promoveu a criatividade, embora um incidente envolvendo a perda de um lápis de cor por uma aluna tenha exigido mediação para acalmá-la, com apoio coletivo dos colegas ADs. Aquele episódio destacou a importância de estratégias para lidar com situações de frustração, reforçando valores como cooperação e resiliência. Ao final, verificamos que os estudantes demonstraram progresso significativo na identificação de letras, formação de palavras e conexão entre vocábulos e partes da árvore, além de compreenderem funções ecológicas básicas, como a produção de oxigênio. A atividade evidenciou a eficácia de estratégias que desenvolvem processos de alfabetização, consciência ambiental e desenvolvimento motor, utilizando recursos visuais e práticos para consolidar aprendizagens significativas.

O entusiasmo dos/as estudantes e a superação de desafios cognitivos e emocionais reforçam a importância de planejamentos pedagógicos interdisciplinares, capazes de articular os conteúdos curriculares a vivências contextualizadas e sensíveis às necessidades do grupo. Essa perspectiva dialoga diretamente com as ideias de Carl Rogers, ao afirmar que a escola deve respeitar os estudantes tal como são, oferecendo condições para que possam se desenvolver plenamente em seu processo de “vir-a-ser”.

Além disso, a teoria da aprendizagem significativa, proposta por David Ausubel e discutida por Moreira (2006), enfatiza que os conhecimentos prévios dos estudantes, formados por suas experiências, saberes e contextos culturais, são os principais fatores que influenciam o processo de aprendizagem. Nesse

sentido, cabe ao/à professor/a identificar esses conhecimentos já existentes e utilizá-los como ponto de partida para o planejamento pedagógico. Ao considerar o que os estudantes já sabem e valorizam, o ensino torna-se mais significativo, promovendo uma aprendizagem que respeita as individualidades e favorece a construção ativa do conhecimento.

Aprendizagem em ação: A formação discente

A formação oferecida pelo Lepete nos ajudou a compreender como devemos agir, falar e nos portar em sala de aula, além de nos proporcionar uma nova perspectiva sobre o ato de ensinar. Participamos de formações voltadas para a escrita de relatos de experiência, como este que elaboramos neste momento, da brinquedoteca itinerante, bem como de conversas com nossos colegas ADs, que compartilharam conosco suas vivências e aprendizados em sala de aula.

Essas trocas nos ajudaram a buscar, de forma coletiva, alternativas que nos auxiliassem da melhor maneira possível, para que nosso ensino fosse, de fato, transformador e libertador. Os principais desafios enfrentados estiveram, em sua maioria, relacionados à aplicação prática das teorias aprendidas em sala de aula, especialmente em um ambiente que se mostrou bastante distinto da realidade com a qual estamos acostumados. Além disso, foi possível desenvolver uma percepção mais aprofundada sobre a realidade que está posta e que, muitas vezes, acabamos ignorando.

Ao longo do processo, ficou evidente que a forma como nos expressamos e nos posicionamos em sala de aula influencia diretamente os resultados da aprendizagem. Como futuros profissionais da educação, compreendemos que algumas das ferramentas mais valiosas que podemos utilizar são a nossa voz, os recursos lúdicos, as histórias, as músicas e as brincadeiras.

Segundo Anísio Teixeira (1994), a educação pode alcançar seu verdadeiro potencial quando há investimento na formação e valorização dos professores. Ao estarem em constante processo de aprendizado, os docentes são capazes de desenvolver práticas pedagógicas alternativas, emancipadoras e integradoras, voltadas para uma educação mais humanizada e significativa. Nesse sentido, percebe-se que a formação continuada não apenas amplia o conhecimento do professor, mas também lhe permite enxergar um vasto campo de possibilidades. Além disso, contribui para que o educador desperte o melhor de cada estudante de maneira mais leve, livre e completa, promovendo um ensino verdadeiramente transformador.

Considerações

Pode-se concluir, a partir deste relato, que a experiência vivenciada no PAD nos proporcionou uma nova perspectiva sobre a educação e o ato de educar. Revelou, sobretudo, o quanto é imprescindível neste percurso de formação docente e relevante que estejamos em constante aprendências, buscando sempre a melhoria e a qualidade do nosso ensino.

Durante nossa atuação na Escola Municipal São Luiz, vivenciamos experiências que transformaram profundamente nossa visão de ser humano, sociedade, cultura e espaço. Aprendemos a valorizar o olhar do outro e a construir, de forma coletiva, novos significados. O valor de um abraço, de um sorriso, ou até mesmo de um simples “eu entendi, professora” fortalece nossa convicção no poder transformador da educação e nos impulsiona a seguir firmes na caminhada, com base no tripé ensino, pesquisa e extensão, em prol de uma formação sólida para os educadores.

Dessa forma, torna-se essencial a nós professores/as nas caminhadas da formação docente, onde o PAD se torna palco principal de nossas aprendizagens, uma constantemente atualização, inclusive quanto ao uso de

ferramentas digitais, com o objetivo de planejar e conduzir aulas mais atrativas, dinâmicas e verdadeiramente significativas para os/as estudantes.

Referências

Mizukami, Maria da Graça. Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

Moreira, Marco. Antônio. A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel. In: LA ROSA, Jorge (Org.). Psicologia e educação: o significado do aprender. 9ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

Teixeira, Anísio. Educação não é privilégio. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

DESAFIOS DA ATUAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DOCENTE FACE ÀS DIVERSIDADES EM SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS

Challenges of Teaching Assistance in Addressing Diversity in Early Elementary Classrooms"

Aleme Emanuelle dos Anjos Souza¹
Gabriel Lira de Lima²
Jediã Ferreira Lima³
Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

O relato de experiência a seguir tem como objetivo estabelecer quem são seus autores ingressos no Programa de Assistência à Docência e quais as perspectivas subjetivas que surgem partindo da metodologia da pesquisa como formação dos Assistentes à Docência em estudos teórico-práticos, numa perspectiva democrática, cidadã e emancipatória, ou seja, uma observação teórica em conjunto com a vivência na realidade escolar, levando em consideração a localidade, prática docente e infraestrutura como fatores que contribuem para a inclusão e/ou exclusão de discentes cujas realidades são percebidas por meio de lentes que causam marcações sociais, como as neurodivergências e diferentes culturas linguísticas.

Palavras-chave: Anos Iniciais. Sala de aula. Diversidade.

Abstracts

The experience report aims to identify the participants of the Teaching Assistance Program and what subjective perspectives that emerge from the research methodology as a part of training for the Teaching Assistants in theoretical-practical studies, within a democratic, civic, and emancipatory framework. In other words, it combines theoretical observation with experience in the school environment, considering the locality, teaching practices, and infrastructure as factors that contribute to the inclusion and/or exclusion of students whose

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas . E-mail: aedadso.ped24@uea.edu.br

2 Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: gldl.let22@uea.edu.br

3 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL)/UFAM/CNPq. E-mail: jedylima@hotmail.com

4 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

realities are perceived through lenses that generate social markers, such as neurodivergence and different linguistic cultures.

Keywords: Early Elementary Years. Classroom. Diversity.

Introdução

Apesar dos diversos debates acerca da prática docente, estar no chão da escola é totalmente diferente do que poderíamos imaginar. Entre pensar práticas e teorias, a realidade sempre nos surpreende por suas inúmeras particularidades. Muitos nos cursos de Licenciatura só começam a ter contato com essa realidade através dos Estágios Supervisionados Obrigatórios, ou então ao se formarem e exercerem a profissão.

O Programa de Assistência à Docência (PAD) é um programa de ensino-pesquisa-extensão da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e atua em conjunto com oficinas de Formação em Serviço (OFS), que possibilita uma formação continuada a professores de escolas selecionadas da Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED). Enquanto o professor está em sua formação, os Assistentes à Docência (ADs) assumem as salas de aula dando continuidade às atividades deixadas.

O PAD nos permite um contato direto com a prática docente, contribuindo para que nós, ADs, tenhamos uma formação inicial mais completa e repleta de experiências significativas. O seguinte relato irá percorrer uma dessas experiências, com o objetivo de trazer uma reflexão sobre as diversidades que podem estar presentes nas salas de aula, tendo seu foco nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

No primeiro momento, trazemos um pouco da trajetória por trás dos ADs que construíram juntos esse relato, desde formação acadêmica até seus interesses. No segundo momento, falamos um pouco sobre a estrutura escolar em si e a organização da turma e rotina, bem como particularidades da localidade ao redor. No terceiro momento, a experiência ganha forma, é onde falamos sobre as nuances da turma cujas atividades são registradas nesse relato, em uma descrição que

busca trazer à tona as diversidades encontradas na sala de aula e como os alunos podem se auxiliar, trazendo a visão da zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky para o debate. Por fim, falamos da importância do PAD para um olhar mais acolhedor diante da realidade escolar.

O CAMINHO ATÉ AQUI

O seguinte relato de experiência é uma atividade proposta pelo PAD, que faz parte do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) da UEA, cujo objetivo principal consiste na contribuição ao desenvolvimento da formação inicial e continuada de professores e professoras, a partir da promoção de processos de reflexão-ação-reflexão da prática docente, profundamente imersos em estudos teórico-práticos, numa perspectiva democrática, cidadã e emancipatória (Wanzeler; Afonso; Lima, 2022). No seguinte relato partiremos da visão de dois Assistentes Docentes (ADs), Aleme Emanuelle dos Anjos de Souza e Gabriel Lira de Lima.

Aleme Emanuelle dos Anjos de Souza, graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Durante a primeira graduação um de seus maiores interesses foi a questão do ensino de História, o que a levou a querer saber mais sobre a Educação e suas nuances. Ingressar em uma segunda graduação foi uma boa forma de conseguir compreender melhor o universo da Educação, partindo da visão de que o curso de Pedagogia é o que mais aborda disciplinas totalmente voltadas para a temática em sua estrutura curricular. Portanto, atualmente é aluna do 3º período do curso de Pedagogia no turno noturno.

Entrar no PAD foi uma das formas de aperfeiçoar a compreensão sobre a questão educacional, sendo uma experiência totalmente diferente de outras vivenciadas. O olhar que antes se voltava apenas para o Ensino Médio ganhou dois novos objetos, a Educação Infantil e o Anos Iniciais do Ensino Fundamental. É muito grandioso ter

a oportunidade de estar em um contato tão direto com o chão da escola, apesar do pouco tempo decorrido da atual graduação.

Gabriel Lira de Lima, atualmente graduando do 7º período em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Sempre estudou em escolas públicas, sendo as de Anos Iniciais e Finais em bairros periféricos de Manaus, enquanto o Ensino Médio foi realizado no Instituto de Educação do Amazonas (IEA), no Centro. Por meio do Sistema de Ingresso Seriado (SIS), teve que entrar no curso de Letras - Língua Portuguesa para evitar atritos maiores com familiares durante o período de retorno presencial da pandemia, mas sempre se interessou pelos estudos da Língua e da Literatura, um de seus sonhos mais antigos é se tornar escritor para explorar temáticas que se oponham às influências cisheteronormativas vivenciadas na infância e adolescência.

Buscou a bolsa para contribuir com os cuidados ao ambiente familiar e também para expandir o seu currículo. Assim, passou a compor parte do corpo de Assistentes à Docência sem muitas informações sobre o programa, o que levou a surpresas positivas sobre a formação oferecida, sobre as atividades de ensino e pesquisa, e, também, sobre a experiência que se acumula ao participar da vida escolar nos Anos Iniciais, já que o curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa só garante contato aos Anos Finais e Ensino Médio. Por meio dos acompanhamentos, a formação enquanto futuro profissional torna-se mais concreta ao graduando.

O ESPAÇO DE OBSERVAÇÃO

A Escola Municipal José Tavares de Macedo fica localizada na Rua Guanabara, no bairro Santa Luzia, Zona centro-sul de Manaus/AM. Ao redor, temos os bairros Educandos e Morro da Liberdade. A escola atende os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de 1º a 5º ano. A turma escolhida para este relato de experiência foi do 2º ano A, matutino, da professora Jorgelina de Souza. É uma escola de periferia que atende filhos de trabalhadores da região. Há uma praça em frente à entrada, na qual pessoas em situação de vulnerabilidade social são vistas costumeiramente.

As salas de aulas são pouco espaçosas, considerando a quantidade de alunos presentes, que varia entre 22 e 24 alunos por aula nos dias em que há atendimento pelo PAD, e também as necessidades levantadas pelo processo de desenvolvimento e vivência deles, como comportamento atípico e até mesmo típico, pois a necessidade de brincar e se exercitar também são parte fundamental ao bem-estar da criança.

A escola é bastante engajada na Conscientização do Autismo, promovendo atividades como forma de sensibilizar a comunidade escolar sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Inclusive, conta com uma sala de recurso, que atende alunos da própria escola e adjacências, tendo em sua organização a rotina de um atendimento personalizado que acompanha cerca de 2 alunos por hora.

ENTRE DIVERSIDADES E DESIGUALDADES

Observar momentos do cotidiano escolar da turma A do 2º ano da Escola Municipal José Tavares tem nos dado a oportunidade de perceber um universo onde as diversidades se chocam com diversos déficits no sistema de ensino, aos quais não podemos culpabilizar gestão, professores e muito menos alunos/as. A experiência aqui em questão, se refere ao nosso avanço em conhecer as particularidades e especificidades da turma através de atividades de transcrição e interpretação de texto, portanto estaremos relatando três dias específicos: o dia 8 do mês de abril e os dias 7 e 20 do mês de maio de 2025.

Um primeiro ponto que devemos citar é que a sala de aula com 19 crianças, dentre essas, 4 alunos com especificidades com laudos apresentados pela professora: Gabriel, Maria Alice, Thales e Thiago. Em nossas assistências não houve nenhum dia em que os quatro estivessem presentes ao mesmo tempo. Em 8 de abril estavam presentes Gabriel e Thiago, nessa aula a professora nos alertou que Gabriel estava saindo mais cedo todos os dias, às 10h, pois agora ele tinha laudo de TEA e Transtorno Opositor-Desafiador (TOD), algo bem observado pelo seu hábito de bater nas portas, nos colegas e tomar decisões opostas a qualquer orientação

dos professores. Thiago possui laudo de TEA, porém ele é bastante tranquilo, com uma comunicação mais clara e atendimento aos pedidos mais frequentes. Em todos os três atendimentos, apenas desta vez ele estava acompanhado de apoio escolar.

No dia 7 de maio estavam presentes Maria Alice, Thales e Thiago. Maria Alice com o diagnóstico apresentado pela professora regente de que é TEA e precisa de acompanhamento exclusivo, então sempre está com apoio escolar. Thales possui TEA e Síndrome de Down, também estando sempre acompanhado, o que auxilia no processo de desenvolvimento em sala de aula dele, já que a interatividade é disparadamente distante dos outros alunos. Nesse dia, Thiago ficou somente com a nossa dupla AD, e conseguimos desenvolver as atividades na turma sem grandes problemas, pois a forma de comunicação é verbal e ele compreende bem os exercícios. Muito comunicativo, Thiago sempre tenta mostrar desenhos e discutir as questões das atividades.

Porém, no nosso retorno no dia 20 de maio, a situação foi muito mais desgastante. Nesse dia estavam presentes apenas Gabriel e Thiago, sem presença de nenhum apoio escolar, pois as duas estavam em formação. Foi um dia com menos alunos em sala de aula, apenas 18, mas nem por isso nosso desgaste foi menor. Como nenhum dos dois estava acompanhado, ficavam implicando um com o outro e correndo pela sala sempre que virávamos as costas. Tal situação escancarou a importância da presença do apoio escolar em sala de aula, pois contribuem para que o/a professor/a consiga atender os demais alunos/as enquanto auxiliam alunos/as com TEA nas atividades.

Dos quatro alunos citados acima, apenas Thiago e Gabriel fazem as atividades regularmente deixadas no quadro. Nos três dias de assistência demos continuidade às atividades de transcrição do quadro deixadas pela professora. No dia 8 de abril, estavam copiando um trecho da música “Meu Limão, Meu Limoeiro” com questões de interpretação de texto para serem respondidas. No dia 7 de maio, trabalhamos o gênero textual bilhete, seguindo a mesma dinâmica com questões de interpretação.

Sempre deixamos terminarem de copiar até a hora do lanche, e quando retornamos à sala lemos o texto juntos e corrigimos as questões de interpretação.

Através das atividades de transcrição que demos continuidade, chegamos a outro ponto importante a ser citado, que é são os diferentes níveis de alfabetização entre os alunos. É aí que tais diferenças de nivelamento se ostentaram, enquanto alguns não conseguem passar da primeira linha de cópia, outros terminam muito rapidamente. Essa diferença faz com que aqueles que terminam mais rápido se dispersem pela sala. Quando ocorre essa dispersão um outro grupo de alunos é afetado: aqueles que não enxergam direito.

Tyler e Valentina são os melhores exemplos para essa situação, pois em 8 de abril estavam sentados nas últimas carteiras do lado direito da sala e ao passar por lá percebemos que não estavam conseguindo prosseguir com a atividade de cópia. Ao perguntarmos, contaram que era por estarem longe do quadro e porque os colegas que estavam em pé estavam atrapalhando. Ou seja, já possuíam um ritmo diferente em relação à maioria dos outros por conta da visão e, a partir do momento em que os outros estudantes terminavam as atividades começam a se dispersar, a tarefa de copiar da lousa para o caderno acaba se tornando quase impossível. Quando retornamos no dia 7 e no dia 20 estavam sentados nas carteiras da frente, percebemos que estavam conseguindo realizar o que a professora havia deixado de atividades.

Enquanto temos alunos na situação do Tyler e da Valentina que o motivo para um baixo rendimento é a localização no mapa de sala, temos alunos como o Kaique que não realiza as atividades de transcrição, pois diz não saber. Nos três dias de atendimento essa situação se repetiu. Tentamos alternativas diferentes: ditar letra por letra e a palavra, porém mesmo assim pareceu não entender o que era para ser realizado. Kaique que não tem problema de fala e nem de visão, assim como não apresenta diferenças sociocomunicativas dos outros alunos neurotípicos, não realizava as atividades. Percebemos pelas conversas e brincadeiras com os outros colegas de sala que se comunica bem, porém é um pouco mais difícil pensar em um

motivo que explique o porquê de ele não realizar as atividades. Entretanto, é interessante observar que a professora sempre deixa atividades feitas especificamente para que sejam coladas no caderno deles, que geralmente realizamos depois da hora do lanche, e essas ele consegue fazer sem problemas.

Outro ponto importante, para além das especificidades, se dá pela presença de dois alunos venezuelanos, o Anthony e a Antonela. São irmãos gêmeos, ambos possuem sete anos e estudam na mesma turma. Considerando o mesmo espaço de convivência, a expectativa seria que ambos estivessem com habilidades e adaptações aos padrões da língua predominante no nosso país. Contudo, Antonela demonstra-se melhor adaptada e mais fluente na língua portuguesa, assim como na escrita.

Em nossa assistência no dia 8 de abril, as atividades dos dois, selecionadas especificamente para eles em divergência da sala eram as mesmas: cobrir letras e números. Em nosso retorno no dia 7 de maio, vimos que Antonela estava fazendo a atividade regular de transcrição junto com o resto da turma, escrevendo em língua portuguesa. Escrevia com um certo ritmo típico do início do processo de aquisição da escrita, mas foi notável um avanço na compreensão da escrita e na conexão com a língua.

Ao contrário da irmã, Anthony permaneceu com uma fala predominantemente baseada no espanhol venezuelano, o que torna a comunicação confusa para nós, ADs, às vezes pela quantidade de palavras distantes da língua portuguesa, pois, infelizmente, não falamos a língua dele. Além disso, o domínio da escrita dele permaneceu na atividade de cobrir letras e números, às vezes pintura, mas, devido à diferença de línguas, não segue as orientações dadas pelos/as professores/as acerca da realização das atividades.

Esse movimento foi notável no dia 20 de maio em que a professora Jorgelina criou uma atividade sobre o desperdício da água, na qual deveriam ser pintadas as figuras cuja representação significava um bom uso de água. Anthony não nos compreendeu, pintou todas as figuras. Ambos costumam sentar próximos na sala de

aula, Antonela sempre explica o que ele fala ou quer comunicar quando estamos presentes, ela é a relação de comunicação entre nós AD e o irmão dela. Portanto, há uma disparidade no desenvolvimento e adaptação referente às capacidades e aos próprios momentos de aprendizagem individuais inerentes aos dois irmãos (Anthony e Antonela), que segundo Vygotsky (1987) se dá pela distância entre o nível de desenvolvimento atual que é determinado pela resolução de problemas de forma independente, e o potencial sob orientação ou em colaboração com parceiros mais capazes.

A CONTRIBUIÇÃO DO PAD PARA UM OLHAR ACOLHEDOR

Postas essas experiências, verificamos então uma realidade que se mostrou muito mais complexa e repleta de nuances as quais o docente necessitará de ter um olhar atento e sensível aos diferentes contextos vivenciados pelos alunos da turma. Isso pode auxiliar no desenvolvimento de uma comunidade mais acolhedora aos alunos, sem prejulgamentos aos comportamentos apresentados por eles em sala de aula.

Assim, conforme o período de aproximação dos/as alunos/as e da realização escolar se estendeu, o processo de trabalho no campo de assistência à docência nos mostrou de forma contínua toda a bagagem a ser trabalhada por nós educadores de forma a articular teoria e prática (Menezes; Lima; Justiniano, 2023) de modo a garantir a integração dos alunos à comunidade escolar para a valorização da aprendizagem digna e acolhedora a todos.

Os encontros formativos do PAD também contribuíram bastante para a nossa experiência. Ingressamos no programa em março de 2025, e de lá até aqui tivemos encontros acerca da ação da brinquedoteca e sobre o relato de experiência, todos feitos pela coordenação do PAD. Enquanto conhecer sobre a brinquedoteca itinerante do Lepete aguçou o nosso olhar mais lúdico, a formação sobre o Relato de Experiência foi essencial para a construção do atual relato.

Para além dos encontros formativos, também houve dias em que todos se juntaram para partilhar suas vivências nas escolas atendidas, outro momento de extrema importância, pois conhecer um pouco das diversidades que nossos colegas encontraram também é uma forma de construir esse olhar acolhedor. O PAD permite uma integração também dos futuros docentes à realidade escolar, pois nos garante entender intimamente a quantidade de desafios que permeiam e distanciam a atuação docente do potencial dos alunos.

Assim, o PAD transformou o nosso olhar em relação aos nossos comportamentos para garantir que os estudantes sejam vistos como seres humanos complexos e sujeitos às particularidades carregadas no modo de falar, brincar, aprender e inclusive quanto aos convívios diversos trazidos de fora da escola.

Considerações

Os tópicos apresentados no relato de experiência partiram da progressão temática, de forma a iniciar com a apresentação da nossa atuação no PAD, e pelo diálogo em nossas graduações (Letras e Pedagogia) e também no seio da escola enquanto espaço repleto de particularidades advindas da localização e da comunidade dos entornos da Escola Municipal José Tavares de Macedo.

Assim salientamos as especificidades de alguns alunos/as que perpassam por diversas necessidades de adaptação, atenção e acolhimento quanto às neurodivergências presentes em sala de aula, assim como questões que envolvem o desenvolvimento físico, na questão da baixa visão e a diferença da língua e desenvolvimento potencial dentro da individualidade de cada estudante.

Nessas considerações, verificamos a importância do PAD, que proporciona uma compreensão mais profunda nos meandros do processo escolar da maneira que se constitui na prática. Vivências essenciais a graduandos/as em Licenciaturas da UEA. Esse relato de experiência, portanto, serve como uma pequena amostra à comunidade acadêmica sobre os desafios enfrentados pela Assistência à Docência

ao se deparar com a realidade diversa da comunidade escolar. Assim, esses escritos, podem significar um ponto de partida para indagações mais profundas a serem feitas como a relação da estrutura escolar e o desenvolvimento e aprendizagem dos/as alunos/as, ou que ações colaborativas e com afetos podem ser desenvolvidas para garantir a inclusão de grupos linguísticos e culturais diferentes na sala de aula, ou, ainda, a importância do apoio escolar aos docentes.

Referências

Menezes, Maria Quitéria Afonso. Lima, Jediã. Ferreira.; Justiniano, Jeiviane. **A Assistência à Docência:** da caminhada inicial na escola aos processos de profissionalização docente. In: Wanzeler, Eglê Betânia Portela. et al. (Org.). Jornadas do conhecimento: artesanias da formação do(a) formador(a) nos cotidianos escolares. 1ed. Manaus/AM: Editora UEA, 2023, v. p. 45-78.

Vygotsky, Levy S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes. 1987.

Wanzeler. Eglê. Betânia. Portela. Menezes, Maria Quitéria Afonso.; Lima, Jediã. Ferreira. **Universidadeescola:** o Projeto Assistência à Docência como política de formação inicial de professores e professoras articulada à formação continuada. Extensão em Revista Edição Especial / UEA, v. Abril. 2022, p. 12-20, 2022.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS NA ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA

Intercultural Pedagogical Practices in Teaching Assistance

Larissa da Silva e Silva¹
Ana Michelle de Carvalho Martins²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

Este artigo tem como objetivo relatar e analisar uma intervenção pedagógica realizada no contexto do Programa de Assistência à Docência (PAD), promovido pelo Laboratório de Ensino Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). A intervenção ocorreu em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Izabel Angarita, com foco no desenvolvimento das competências em Matemática e Língua Portuguesa. A experiência será discutida à luz de práticas colaborativas e da formação docente, destacando o papel do Assistente de Docência como agente de apoio à aprendizagem. A abordagem é fundamentada em autores como Candau (2007) e Wanzeler, (et al.,2022), que defendem a formação intercultural e o exercício docente em contextos diversos como espaços de aprendizagem mútua.

Palavras-chave: Assistência à docência. Práticas pedagógicas. Intervenção. Colaboração. Aprendizagem.

Abstracts

This article aims to report and analyze a pedagogical intervention carried out in the context of the Teaching Assistance Program (PAD), promoted by the Laboratory of Transdisciplinary Teaching, Research and Experience in Education (LEPETE) at the State University of Amazonas (UEA). The intervention took place in a 4th grade Elementary School class at Izabel Angarita Municipal School, focusing on the development of competencies in Mathematics and Portuguese Language. The experience is discussed in light of collaborative practices and teacher education, highlighting the role of the Teaching Assistant as learning

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: ldss.ped22@uea.edu.br

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM). E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

3 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

support agent. The approach is grounded in authors such as Candau (2007), Wanzeler, (et al., 2022), who advocate for intercultural teacher training and teaching practice in diverse contexts as spaces for mutual learning.

Keywords: Teaching assistance. Pedagogical practices. Intervention. Collaboration. Learning.

Introdução

A assistência à docência surge como uma estratégia relevante de apoio ao trabalho docente, promovendo intervenções pedagógicas que visam atender às demandas educacionais de forma mais eficaz e inclusiva. A atuação da assistência à docência permite a construção de um ambiente mais dinâmico, centrado no diálogo entre os saberes pedagógicos e as vivências no cotidiano da escola.

Essa parceria entre a formação inicial e formação continuada de professoras/es possibilita a aplicação de estratégias de ensino que respeitam os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem, favorecendo a mediação, o acompanhamento mais individualizado e o fortalecimento das práticas colaborativas. Diante disso, este relato de experiência tem como objetivo apresentar práticas pedagógicas de intervenção intercultural realizadas no âmbito da assistência à docência, destacando estratégias que contribuam significativamente para a aprendizagem das crianças.

Parte-se do pressuposto de que a cooperação entre educadores é um elemento central para a construção de uma prática reflexiva e transformadora, que coloca o aluno no centro do processo educativo. O relato apresenta na primeira seção, Minhas trajetórias até o PAD, na qual descrevo minhas experiências pessoais e acadêmicas. Na segunda seção, discorro sobre Os Caminhos da Escola, na qual apresento onde foi desenvolvida a prática pedagógica. Na terceira seção, relato a Estratégia de Contação de História Amazônica, contando detalhadamente o que ocorreu durante todo o processo de regência na sala de aula. Na última seção, dialogo a partir das Reflexões sobre a Formação da Assistência à Docência, enfatizando as estratégias utilizadas e os saberes construídos na prática e nos

encontros formativos do PAD, revelando a importância da atuação colaborativa dos assistentes na promoção de uma educação de qualidade.

Minha trajetória até o PAD

Sou Larissa da Silva e Silva, sou indígena do povo Baré, me apresentando na língua nheengatu, Panapaná⁴, oriunda de São Gabriel da Cachoeira/Am. Eu sempre fui de Exatas, desde a adolescência eu sonhava e me preparava para cursar Direito, mas meu percurso teve um contraponto importante quando passei no concurso da Prefeitura da minha cidade no cargo de Auxiliar de Ensino, e assim fui atuar na Educação. Comecei na creche da cidade e essa experiência foi essencial para me apaixonar pela área da Educação. Fiquei, na época, na turma do maternal, com aproximadamente 30 crianças na idade de 2 anos, grande parte das atividades eu ficava sozinha com as crianças.

Em 2017, eu prestei o vestibular e passei para cursar Pedagogia em Manaus/Am, então me desloquei da minha cidade e consegui cursar apenas o 1º período, mas logo tive que optar em estudar ou trabalhar, pois estava no estágio probatório, enfim desisti da Universidade e voltei pra minha cidade natal. Em 2022, depois de continuar no trabalho, transitar pelas áreas da Educação Infantil, prestei novamente o vestibular e passei pela 2º vez, retomando meu sonho de me formar em Pedagogia. No 3º período, conheci a professora Ma. Maria Quitéria Afonso, que sempre comentava sobre o Lepete e isso me trouxe bastante vontade de participar de um projeto tão enriquecedor. No entanto, somente no 6º período entrei no PAD como Assistente à Docência (AD), em setembro de 2024, após uma seleção pela coordenação do PAD.

Como Assistente à Docência pude ter minhas primeiras experiências com o Ensino Fundamental, pois através do PAD, temos várias vivências docentes, já que este

4 A palavra “Panapaná” na língua indígena nheengatu, significa “Borboleta”. Nome dado pelo pajé, quando apresentado à comunidade para benzimentos e rituais, relacionado a um elemento da natureza ou característica pessoal.

programa nos proporciona transitar nas diversas etapas, ensinos, turmas de salas de aulas. Segundo Candau (2007, p. 52):

Atuar em diferentes contextos escolares, realizando ações extensionistas continuadas e multiculturais, nos permite enxergar mais nitidamente as problemáticas existentes nessas escolas e os desafios da interculturalidade.

Participar do Programa de Assistência à Docência, para mim, tem sido uma oportunidade de crescimento, de vivências interculturais e reflexão do meu fazer pedagógico, assim, como cooperar com trabalho, dispondo de tempo para que as professoras realizem a formação continuada. Tenho certeza que esses pequenos passos estão indo rumo à construção de uma sociedade melhor, com uma educação de qualidade, uma vez, que o compartilhamento de saberes entre professores em formação inicial e formação continuada tem sido cada vez mais palpável no exercício desse programa.

Os caminhos da Escola

A Escola Municipal Izabel Angarita, localizada no Conjunto Atílio Andreazza, no bairro Japiim II, em Manaus/AM, foi fundada em 27 de abril de 1984. Sua criação foi formalizada por meio da Lei nº 1983, de 01 de dezembro de 1988, conforme Parecer nº 024/89 do Conselho Estadual de Educação do Amazonas (CEE/AM).

A instituição oferece ensino em regime presencial e no turno diurno, destacando-se por proporcionar um ambiente educacional acolhedor, acessível e estruturado para o desenvolvimento integral das crianças. Suas dependências contam com salas de aula climatizadas, biblioteca equipada com sala de leitura e um refeitório que assegura uma alimentação escolar adequada. Além disso, dispõe de uma quadra poliesportiva coberta, favorecendo a prática regular de atividades físicas em um ambiente seguro.

O incentivo ao uso das tecnologias digitais é evidenciado pela presença de um laboratório de informática com acesso à internet de alta velocidade, voltado tanto

para fins pedagógicos quanto para uso comunitário supervisionado. A escola também investe significativamente em acessibilidade e inclusão, oferecendo rampas de acesso, banheiros adaptados e uma Sala de Recursos Multifuncionais, que atualmente atende estudantes com necessidades educacionais especiais.

Na minha percepção, na turma do 4º ano “B”, havia uma marcante diversidade étnico-cultural, característica das comunidades periféricas da cidade. Essa pluralidade de subjetividades revela-se como um elemento fundamental para a construção de uma prática pedagógica mais sensível, inclusiva e comprometida com a realidade social dos estudantes, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem por meio de uma abordagem crítica e contextualizada.

Do ponto de vista pedagógico, a escola desenvolve uma série de projetos interdisciplinares que buscam integrar teoria e prática, promovendo a autonomia, a criatividade e o protagonismo discente. Iniciativas como a “Horta Escolar”, o projeto de Educação Ambiental com uso da fotografia e o ensino de flauta doce têm contribuído significativamente para a formação integral dos alunos ao promoverem a articulação entre saberes científicos, culturais e ambientais.

Além disso, a escola adota metodologias ativas de aprendizagem, com foco na resolução de problemas, no trabalho colaborativo. As ações pedagógicas são sustentadas por uma gestão democrática e participativa, que valoriza o diálogo com a comunidade escolar, o planejamento coletivo e a formação continuada dos profissionais da educação. A escola também participa de programas institucionais, como o “Aprendizagem em Movimento” e o “Fórmula da Vitória”, voltados à recomposição das aprendizagens e ao enfrentamento das desigualdades educacionais.

Dessa forma, a Escola Municipal Izabel Angarita se consolida como um espaço de construção de saberes, de cidadania e de valorização da diversidade, reafirmando seu compromisso com a formação de sujeitos críticos, autônomos e socialmente comprometidos.

Estratégia de contação de história amazônica

No dia 16/10/2024 na escola EM. Izabel Angarita, com a equipe de ADS – Matutino, atuei na turma de 4º ano B da Professora Claudionora; neste dia tinha 16 crianças, minha colega de sala foi a Alcilene Nascimento, que também faz Licenciatura em Pedagogia.

Chegamos à escola, nos encaminhamos em direção ao refeitório, onde a Professora Coordenadora do PAD, nos informava em qual sala e turma ficaríamos e as orientações necessárias para nossa atuação na assistência. Nos dirigimos para a sala de aula; logo que entramos, todas as crianças levantaram e disseram “Bom dia!” em uníssono e se sentaram novamente. Trocamos informações com a professora a respeito das orientações no momento do intervalo e as atividades a serem realizadas. A atividade de Matemática, foi sobre as operações com frações e de Língua Portuguesa, sobre a classificação e identificação das palavras quanto à tonicidade. Eu e a colega de sala nos organizamos e decidimos nos dividir para as orientações com as crianças, ela explicaria a primeira atividade de Matemática e eu, posteriormente, a de Língua Portuguesa.

Durante a organização do início das atividades a professora não deixou o gabarito de Língua Portuguesa, acredito que teríamos sido mais assertivas se tivéssemos o mesmo, todavia acabamos pesquisando os conceitos para identificar e classificar a tonicidade das palavras. Acredito que ela se preocupou mais em explicar as frações, pois antes de sair ela nos ensinou como resolvê-las.

Como era o terceiro momento que estava naquela turma, já estava familiarizada, assim como eles comigo. Nos apresentamos às crianças, fizemos alguns acordos, como levantarem as mãos para tirar dúvidas, nos chamar caso tivesse alguma necessidade e concluímos dizendo que estávamos felizes por estar naquela manhã com eles.

A colega iniciou com algumas técnicas para memorização e facilitação das multiplicações como escrever 0 a 9 e posteriormente reescrever 9 a 0 em ordem decrescente, representando os resultados da tabuada do 9. Conversou sobre a

dificuldade em decorar todas essas respostas, mas que estão se familiarizando com essa habilidade. Dialogamos que para um melhor desempenho, eles podem criar estratégias para compreender e facilitar a utilização da matemática em atividades do seu cotidiano. Ela falou sobre a técnica de como encontrar resultados de multiplicação utilizando as mãos, me recordo de aprender isso na disciplina de matemática para Anos Iniciais, na qual consiste em enumerar os dedos das mãos de 6 a 10, um de cada lado e juntar com a outra mão, formando a multiplicação desejada, na prática a colega demonstrou como fazer, repetindo e tirando a dúvida das crianças.

A seguir, começamos a resolver as 6 frações, deixadas no quadro pela professora, tinha operações de soma, subtração, multiplicação e divisão. As crianças vieram ao quadro, para que construíssemos juntas as respostas. Posteriormente, fomos observar os cadernos e notamos a dificuldade com a simplificação das frações, assim como a dúvida na hora da fração com divisão. Nos concentramos no atendimento individual, contudo como estávamos de olho na hora, vimos que se aproximava o horário do intervalo e encerramos a atividade.

Ao retornamos, as crianças iniciaram a cópia do texto da atividade sobre separação de sílabas e sílabas tônicas com palavras como bênção, gramática, baú entre outros. Iniciei lendo com eles o que estava escrito no quadro, e resolvendo cada questão com a vinda das crianças até o mesmo, separamos as sílabas, classificamos quanto à sua tonicidade e exibimos qual era a palavra tônica circulando de outra cor. Logo acompanhamos individualmente no caderno após a exposição no quadro. Vimos que muitos estudantes concluíram, mas alguns ainda precisavam de certa organização no caderno.

Nesse dia, o último horário era de Educação Física e os estudantes aguardavam esse momento com grande expectativa. Entretanto, no momento só tínhamos um AD de Educação Física que já estava em outra turma. As crianças ficaram chateadas, mas conversamos e conseguimos desenvolver uma outra atividade lúdica.

A atividade proposta foi a de contação de história, decidimos estimular a oralidade deles e nos propusemos a ouvir o que tinham a contar, optamos pela história do

contexto amazônico, como lendas, pequenos contos, sendo um alvoroço, até esqueceram da educação física. Fizemos o acordo de escutarmos os colegas com respeito, com silêncio e apagamos as luzes para ambientar a história. Espontaneamente as crianças se reuniram na frente para escutar e contar sua história/ lenda. Nesse momento, eles estavam construindo e sistematizando uma história oral, com a escuta e risada dos colegas. Em algum momento, um se disponibilizou até a fazer os efeitos sonoros.

No escuro, os olhos das crianças brilhavam de curiosidade e no final a minha colega AD começou a contar uma lenda, tanto que a professora chegou e ainda não tínhamos terminado a história, ela nos deu licença e deixou concluímos a lenda amazônica sobre o Mapinguari, no qual conta-se a lenda que esse personagem é um grande defensor da floresta. A imagem a seguir, apresenta a Assistente à Docência na realização das atividades desenvolvidas, a autonomia e o protagonismo pedagógico na sala de aula.

Figura 1: Atuação da Assistência à Docência



Foto: Arquivo Lepete

Reflexões sobre a Assistência à Docência

Ao longo do ano de 2024 e início de 2025, participei ativamente das formações semanais promovidas pelo PAD. Os encontros configuraram-se como espaços

formativos de grande relevância, especialmente às segundas-feiras, nos quais é possível refletir criticamente sobre a prática docente, compartilhar experiências com outros assistentes e dialogar com a coordenação do PAD. Dentre os temas abordados, destaco a formação sobre contação de histórias, conduzida pela professora Adriana Barbosa, que contribuiu significativamente para minha atuação em sala de aula, oferecendo subsídios metodológicos e ampliando minha sensibilidade pedagógica.

Enquanto acadêmica em processo de formação inicial, reconheço os desafios enfrentados durante a experiência de atuação, como a ausência de informações prévias sobre os estudantes, a falta de planejamento pedagógico articulado com os professores regentes e a necessidade contínua de adaptação às diversas realidades escolares. No entanto, compreendo que tais desafios também representam importantes oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento profissional, favorecendo o aprimoramento da autonomia, da escuta ativa e da capacidade de intervenção pedagógica.

As formações continuadas ofertadas pelo PAD desempenham um papel essencial na articulação entre a formação acadêmica e a vivência prática no ambiente escolar. Elas promovem reflexões que contribuem para a qualificação do processo de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que estreitam os vínculos entre o Assistente de Docência e as crianças, incentivando a construção de saberes significativos e a valorização da experiência pedagógica no contexto da sala de aula. Ressalta-se, portanto, a importância dessas formações para o processo de profissionalização docente, uma vez que a vivência prática, aliada ao conhecimento teórico adquirido no curso de Licenciatura, é fundamental para o desenvolvimento de competências didático-pedagógicas, bem como para a construção de uma identidade docente comprometida com a qualidade da educação.

A presença dos AD nestes contextos escolares multiculturais permite que os mesmos aprofundem teoricamente seu olhar sobre as escolas, sobre o processo de ensino e de aprendizagem, articulando teoria-prática com e no mundo do trabalho, no chão da escola (Wanzeler, Afonso e Lima, 2022, p.19).

Portanto, é fundamental para a formação inicial um projeto que visa mobilizar tantas aprendizagens no caminho de sua formação, é uma prática extremamente necessária para a compreensão das realidades nas escolas, assim como na sociedade em que vivemos para pensar numa docência transformadora.

Considerações

A experiência relatada neste artigo evidenciou a importância do trabalho colaborativo no contexto da assistência à docência. As intervenções realizadas contribuíram para a aprendizagem dos alunos e para minha formação como futura professora. O PAD tem se mostrado um espaço de formação continuada prática, favorecendo a construção de uma postura reflexiva e engajada com a realidade escolar.

A intervenção mobilizou um novo olhar para a ressignificação de atividades, assim como me oportunizou um amadurecimento e crescimento na formação acadêmica e essa atuação me possibilitou a criatividade e resgate da valorização da cultura regional.

Por fim, é necessária a ampliação do diálogo entre professores regentes e assistentes, bem como a ressignificação das estratégias pedagógicas mais eficazes, capazes de aproximar do contexto cultural a fim de aprimorar ainda mais as experiências desenvolvidas neste programa.

Referências

Candau, Vera Maria. Educação e diversidade cultural: desafios teóricos e práticos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Escolas.INFO. Escola Municipal Izabel Angarita – Manaus/AM. Disponível em: <https://escolas.info/am/manaus/em-izabel-angarita-3829>.



Manaus/Am. Portal interativo torna aulas mais atrativas para alunos da Escola Izabel Angarita. 2023. Disponível em: <https://www.manaus.am.gov.br/noticia/manaus/portal-interativo-torna-aulas-mais-atrativas-para-alunos-da-escola-izabel-angarita>.

Wanzeler, Eglê Betânia Portela; Afonso, Maria Quitéria; Lima, Jediã Ferreira. Universidadeescola: O Projeto Assistência à Docência Como Política De Formação Inicial De Professores e Professoras Articulada À Formação Continuada. **Extensão em Revista**, [S.l.], n. 10, p. 12-20, abr. 2022. ISSN 2525-5347. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/extensaoemrevista/article/view/2512>.

Acesso em: 06 maio 2025.

**DO RECEIO À CONFIANÇA:
SUPERANDO MEDOS E INSEGURANÇAS NA PRÁTICA DA
ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA**

**From Fear to Confidence:
Overcoming Fears and Insecurities in The Practice of Teaching
Assistance**

Kamilly Vasconcelos de Souza¹
Ana Michelle de Carvalho Martins²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência vivenciado durante minha atuação no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE) fazendo parte do Programa Assistência à Docência (PAD) no ano de 2025. partir da minha trajetória pessoal e acadêmica. Este relato de experiência tem como objetivo descrever o primeiro contato prático com a sala de aula na Escola São Luis, na sala do 4º ano C, turma do professor Abeazi Parente Salvador. A vivência na Escola Municipal São Luís permitiu compreender, na prática, os caminhos alternativos para ensinar e aprender, respeitando os tempos e necessidades dos alunos, por meio de intervenções mediadas com sensibilidade e intencionalidade pedagógica.

Palavras-chave: Experiência. Caminhos alternativos. Intervenções

Abstracts

This paper presents an experience report based on my participation in the Laboratory of Teaching, Research and Transdisciplinary Experiences in Education (LEPETE) as part of the Teaching Assistance Program (PAD) in 2025, drawing from my personal and academic trajectory. This report aims to describe my first practical contact with the classroom at São Luís Municipal School, in the 4th-grade class C, taught by Professor Abeazi Parente

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: kvds.ped23@uea.edu.br

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM). E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

3Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

Salvador. The experience at São Luiz Municipal School allowed me to understand, in practice, the alternative approaches to teaching and learning, respecting students' individual pace and needs through interventions guided by sensitivity and pedagogical intentionality.

Keywords: Experience. Alternative approaches. Interventions.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre a experiência vivenciada durante minha atuação como AD no PAD, no ano de 2025, destacando os desafios, descobertas e aprendizados construídos a partir da vivência em sala de aula e dos encontros formativos. A escrita parte de uma perspectiva autobiográfica, com elementos da minha trajetória pessoal e acadêmica, que influenciaram diretamente na escolha pela docência e identificação com a pedagogia no caminho profissional e de vida.

Com base nos aportes teóricos de Vygotsky (1998), que defende a aprendizagem como um processo mediado socialmente, compreendi a importância do papel docente na construção de experiências significativas de ensino e aprendizagem. A atuação na Escola Municipal São Luís me permitiu vivenciar, de forma concreta, os desafios enfrentados pelos alunos, exigindo estratégias pedagógicas que respeitassem seus tempos, conhecimentos prévios e singularidades.

O trabalho está organizado em quatro seções: a primeira apresenta uma contextualização da minha trajetória pessoal e acadêmica, com destaque aos motivos que me levaram à pedagogia e meu ingresso no PAD; a segunda, descreve o contexto da Escola Municipal São Luís, incluindo aspectos sociais, culturais e estruturais da comunidade atendida; a terceira seção, intitulada Caminhos Alternativos para Ensinar e Aprender, traz o relato da minha primeira experiência conduzindo uma turma, evidenciando as decisões pedagógicas tomadas diante dos desafios práticos em sala de aula; por fim, a quarta seção discute a importância das formações oferecidas pelo PAD, enfatizando o quanto contribuem para minha

formação docente, especialmente no desenvolvimento de estratégias didáticas, escuta ativa e análise crítica da prática.

A partir dessa vivência, reforço a compreensão de que ser professora é, antes de tudo, um ato de escuta, adaptação e compromisso com o desenvolvimento integral dos estudantes, especialmente em contextos desafiadores onde o acolhimento e a sensibilidade se tornam pilares fundamentais do fazer pedagógico. Torna-se necessário estar aberta a ressignificar as práticas, rever estratégias e construir caminhos possíveis diante das singularidades de cada turma.

Caminhos que me conduziram ao PAD

Sou Kamilly Vasconcelos de Souza, nascida em Manacapuru/AM, vim morar em Manaus/AM com 8 meses, desde então sigo na cidade; minha vida teve a educação como algo transformador, cresci ouvindo do meu pai que a educação e o conhecimento adquirido sempre serão nossos, que ninguém nunca poderia tirar isso de uma pessoa. Sempre fui incentivada a fazer o que eu quisesse pois tinha um mundo de possibilidades, e que seria capaz de tudo. Apesar do acolhimento e compreensão, cresci me cobrando e sendo cruel comigo, atualmente tenho 21 anos, e estou no 5º período na graduação de Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Minha trajetória até o curso de Pedagogia se deu por fatores emocionais, as pressões da sociedade e o sonho de ajudar, intencionei dedicar-me a passar em Medicina, pois via como a forma de conseguir ajudar as pessoas e um sonho imposto como possível é bom, mas enquanto isso, reprimia a vontade de cursar Pedagogia, por ver o dia a dia do meu pai como professor e por saber como poderia ajudar a construir sonhos de diferentes crianças.

Após uma frustração com o vestibular em que não consegui passar em Medicina, em 2022 decidi pela Pedagogia e passei a ver como possibilidade de ajudar as pessoas e de poder ser feliz e realizada; fiz o vestibular e logo em seguida veio minha aprovação, saindo do cursinho vi meu nome na lista, enquanto pegava o

ônibus, sentia a emoção e o medo tomando conta de mim, mas estava disposta seguir um sonho reprimido: ser Professora.

No ano de 2023 entrei na Universidade e, de início, me sentia perdida e com muitas dúvidas se tinha feito a escolha certa de curso ou se deveria voltar a estudar para Medicina. Mas, no decorrer dos períodos, consegui me identificar e me encontrar na área. No início de 2024 comecei um estágio em escola da rede privada, onde percebi, na prática, como podia realmente fazer parte na construção de sonhos e o quanto a educação é essencial e tive certeza sobre a escolha certa do curso.

Porém, o estágio tornou-se pesado e cansativo, a escola era totalmente conteudista e tinha muitas coisas que não me deixaram satisfeita. Além de ser muito distante da minha casa, já não conseguia me dedicar tanto aos estudos, mas seguia na rotina exaustiva. No mês de novembro sofri um aborto espontâneo, já sabia que estava grávida e o que poderia parecer precoce pro momento se tornou um sonho, mas após minha perda gestacional, o cansaço mental, emocional e físico tomaram conta de mim, continuar uma rotina parecia tortura e a vida parecia não ter sentido. Minha decisão foi sair e seguir apenas com os estudos na Universidade.

Em janeiro de 2025 me interessei pelo PAD, já conhecia e admirava, desde o início do curso; pude conhecer o Lepete, enviei o currículo com a expectativa de ser chamada e participar de uma nova experiência. Fevereiro chegou e entrei no PAD e desde então me identifiquei com a didática e como o programa funciona, trazendo uma educação significativa.

Nas trilhas do saber com a escola municipal São Luís

A Escola Municipal São Luís está inserida na Rua Nova Esperança, s/n e encontra-se localizada no bairro Colônia Antônio Aleixo, na cidade de Manaus/AM, a mesma surgiu na década de 1940, onde era uma colônia destinada ao tratamento de pessoas com hanseníase. Com o tempo, familiares dos pacientes passaram a residir na área, formando então uma comunidade sólida e resiliente. Atualmente, o bairro é

composto por diversas comunidades, como Nova Esperança, Onze de Maio, Planalto e Buritizal, cada uma com características próprias e uma forte identidade cultural.

A unidade de ensino atende à comunidade em uma área caracterizada por problemas sociais e desafios estruturais significativos. A escola possui um importante espaço para o acolhimento e desenvolvimento para crianças oriundas de famílias em situação de vulnerabilidade. O bairro Colônia Antônio Aleixo enfrenta significativos desafios socioeconômicos. A partir de um trabalho da Prefeitura de Manaus com a Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) no ano de 2023, percebeu-se que mais de 80% das crianças em situação de trabalho infantil em Manaus residem nesse bairro.

Além disso, por meio de uma matéria no portal A Crítica (2023), foi identificado que 95% das famílias explorando crianças na mendicância nas ruas da cidade são provenientes dessa região. Esses dados refletem a vulnerabilidade social e a necessidade de políticas públicas eficazes para a proteção da infância e adolescência. Apesar das adversidades, o bairro possui uma infraestrutura comunitária significativa. Instituições como o Centro Social e Educacional do Lago do Aleixo (CSELA) oferecem projetos de capacitação, o programa "Prato do Povo" contribui para o bem-estar da população e atividades culturais e esportivas para jovens e adultos.

Os alunos da Escola Municipal São Luis são, em sua maioria, oriundos de famílias em situação de vulnerabilidade social. Apesar disso, a escola desempenha um papel fundamental no acolhimento e desenvolvimento desses alunos, oferecendo um ambiente seguro e propício à aprendizagem, atendendo 26 turmas do Ensino Fundamental, sendo 13 no turno matutino e 13 no vespertino. O corpo docente é composto por 18 professores atuantes em múltiplas disciplinas e anos escolares, incluindo professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE), Educação Física, Língua Portuguesa, Matemática, História e outras áreas. No cotidiano da assistência à docência, a escola demonstra forte atuação com base em planejamentos pedagógicos e ambientais articulados, como os apresentados nos

Planos de Ação de 2024. Os valores e visão da escola destacam o compromisso e respeito à diversidade e à construção de uma comunidade escolar crítica e participativa.

A Escola Municipal São Luís se configura como um importante espaço educativo e social, que enfrenta desafios com planejamento, ações articuladas e engajamento da equipe gestora, pedagógica e docente, refletindo um compromisso contínuo com a aprendizagem e o bem-estar de seus alunos. A escola se firma como um verdadeiro ponto de apoio para a comunidade, especialmente diante da realidade de vulnerabilidade social que marca a vida de grande parte de seus alunos. Nesse cenário, o papel da escola vai além da sala de aula, assumindo uma função de proteção, escuta e promoção de direitos, contribuindo de forma significativa para a formação cidadã das crianças como um espaço de esperança, onde o aprender está vinculado ao acolher, ao respeitar e ao acreditar no potencial de cada aluno.

Os Caminhos Alternativos para Ensinar e Aprender

No contexto da minha atuação no PAD, vivenciei a primeira experiência conduzindo uma turma de 4º ano. Ao entrar na sala de aula, logo percebi um ambiente bastante agitado: os alunos estavam dispersos e conversando muito, dificultando o início das atividades, o professor havia deixado atividades de revisão de Português e Matemática. Porém, diante da situação reorganizei a turma de modo a favorecer a concentração deles para o andamento da aula.

Conforme a apresentação das tarefas, os alunos foram sinalizando as dúvidas, mesmo de habilidades já trabalhadas anteriormente pelo professor regente. Percebi as dificuldades de alguns com os temas propostos da atividade de matemática sobre números decimais. Diante disso, optei por retomar com a turma as habilidades propostas antes de continuar as atividades para ajudar na compreensão, comecei explicando os conceitos das casas decimais. Logo em seguida, solicitei para responderem de forma alternada para demonstrarem a compreensão e deixei um

tempo para tentarem responder sozinhos. Somente depois fui ao quadro responder às perguntas pedindo para que os alunos fossem dizendo as respostas de forma coletiva do que haviam aprendido.

Essa escolha metodológica se mostrou acertada, visto que os alunos se envolveram mais e demonstraram maior entendimento ao longo da aula. Finalizei a aula naquele dia em uma relação onde, ao mesmo tempo que ensinava eu aprendia. Fiz uma conversa destacando os avanços observados e reforcei a importância da participação e do esforço individual no processo de aprendizagem. A turma se mostrou mais confiante e participativa. Então, percebi que a retomada dos conteúdos contribuiu significativamente para o melhor aproveitamento da aula na relação dialógica entre alunos e professora aprendiz.

Acredito, assim como defende Vygotsky (1998), que a aprendizagem ocorre com mais eficácia quando o professor atua como mediador entre o que o aluno já sabe e aquilo que ele pode aprender com ajuda. Muitas vezes, o que a criança ainda não consegue fazer sozinha, ela consegue com orientação, até que passe a fazer de forma autônoma. Por isso, considero essencial propor intervenções que respeitem o tempo e as necessidades de cada estudante.

Ao reorganizar o espaço da sala, retomar os conteúdos e conduzir a aula de forma interativa e progressiva, percebi que estava atuando dentro dessa perspectiva, contribuindo para avanços reais na compreensão dos conceitos de matemática. Tudo isso aconteceu quando tinha apenas dois dias de atuação no PAD e estava assumindo, pela primeira vez, uma regência em sala de aula. Naturalmente, senti insegurança, mas compreendi que precisava lidar com os desafios da docência imbuída de maturidade e sensibilidade. A estratégia que encontrei foi me aproximar dos alunos, apresentei-me com honestidade, contei que aquele era meu primeiro dia sendo professora e pedi o apoio de todos/as. A conversa inicial foi fundamental para estabelecer um vínculo e construir um ambiente mais acolhedor e dialógico.

Deste modo considera-se o quanto aquele momento, indubitavelmente foi marcado por uma mistura intensa de expectativas e apreensões sentidas antes mesmo de chegar, já trazia comigo alguns pré-conceitos baseados em relatos de outros ADs, o

que aumentava minha ansiedade. Ao me deparar com o desafio de estar na sala de aula de forma efetiva, o papel de professora em formação, fui tomada por sentimentos como medo e timidez. Apesar da experiência rápida anterior em outra escola, essa situação na escola São Luís foi completamente grandiosa para mim.

Desde então, a primeira vivência como AD foi profundamente transformadora, enfrentei os medos, a insegurança e a timidez. Tudo isso me ajudou a ganhar experiência e a fortalecer minha postura docente. Aprendi na prática que acolher, escutar e adaptar-se são atitudes essenciais para conduzir uma aula com sensibilidade e eficácia. Além disso, estar em sala de aula não é apenas aplicar um plano de aula, mas sim estabelecer conexões verdadeiras com os alunos, respeitando suas individualidades, ritmos e contextos e com um olhar atento para possíveis imprevistos, isso se tornou uma ferramenta fundamental no meu fazer pedagógico.

Saberes no espaço do Lepete

O PAD tem um grande papel na formação de seus ADs; suas orientações por meio de encontros formativos propostos constrói saberes que são fundamentais para o fortalecimento da prática docente como um todo. As formações abordam temas importantes e cada encontro possui um espaço de troca, escuta e reflexão, que me possibilitou olhar com mais criticidade e sensibilidade para minha atuação em sala de aula.

No dia 21 de março de 2025, tivemos um encontro formativo intitulado “Estratégias de Leitura e de Escrita” com a Prof^a Elaine Andreatta. A formação tinha como enfoque as estratégias de leitura e de escrita fazendo ligação com as sequências didáticas em efetivas práticas na sala de aula; achei o encontro extremamente necessário pois o mesmo apresentou indagações iniciais, trazendo um momento de reflexão para o tema proposto, compreendi o que seria e como fazer uma sequência didática adaptando estratégias conforme as necessidades da turma. O incentivo à

escuta ativa, à análise das práticas e ao trabalho colaborativo também foram pontos marcantes que impactaram diretamente meu entendimento.

Figura 01: Estratégias de Leitura e de Escrita



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025)

Além deste encontro formativo, outro bastante significativo foi a Apresentação do Plano de Ação da Brinquedoteca Itinerante pelos brinquedistas do Lepete, onde tive a oportunidade de vivenciar um momento de imersão do aprendizado por meio da ludicidade e da interação. No dia 14 de abril de 2025, realizamos as atividades por meio de fantoches e a proposta da brinquedoteca itinerante se mostra essencial para resgatar o direito de brincar. O ambiente, cuidadosamente preparado, abre espaços para experiências que vão além do simples entretenimento: favorece o desenvolvimento da criatividade, da linguagem, das habilidades motoras e sociais. A brincadeira, nesse contexto, é compreendida como um eixo estruturante do desenvolvimento infantil. Conforme destaca Lev Vygotsky (1991), o brincar é uma atividade essencial, pois é no universo lúdico que o aluno começa a agir cognitivamente, antecipando formas de pensar, sentir e se relacionar com o mundo. Para ele, ao brincar, a criança atua em um nível de desenvolvimento mais avançado do que aquele que ela atinge em situações cotidianas, ou seja, é no faz de conta, que antecipa habilidades que mais se consolidam em experiências de aprendizagens significativas.

A brincadeira também é central na perspectiva de Kishimoto (2007), que destaca o brincar como uma linguagem da infância, sendo fundamental para a expressão, exploração e construção do conhecimento. Segundo a autora, o brincar é uma prática social e cultural que favorece a mediação entre a criança e o mundo, permitindo a construção ativa de sentidos e saberes.

A presença da Brinquedoteca Itinerante, portanto, reafirma o compromisso da escola com uma educação que respeita a infância não apenas na dimensão cognitiva, mas também afetiva, social e cultural. É uma ação que tem como reforço, o papel do brincar como direito e como instrumento pedagógico.

Figura 02: Execução do Teatro de Fantoches



Fonte : Arquivo Lepete/UEA (2025)

Durante a condução da minha primeira turma, enfrentei desafios significativos: alunos com diferentes níveis de aprendizagem, dificuldades de concentração e lacunas em habilidades fundamentais, como números decimais. Diante disso, precisei tomar decisões rápidas e assertivas, reorganizando o espaço, adaptando a metodologia e revendo o planejamento em tempo real. Essa experiência, embora desafiadora, foi enriquecedora e só foi possível de ser conduzida com mais segurança devido ao embasamento adquirido nas formações do PAD, que nos proporciona momentos de escuta e afeto nesse espaço de rico aprendizado que é o Lepete.

Considerações

A experiência vivenciada no PAD, foi essencial para reafirmar minha escolha pela Pedagogia e fortalecer a minha identidade docente, reconhecer o quanto cresci como estudante, como profissional em formação e, principalmente, como pessoa. Quando entrei no curso de Pedagogia, ainda carregava dúvidas e medos, marcados por frustrações passadas e sonhos antigos que pareciam não fazer mais sentido. No entanto, ao longo dessa trajetória, especialmente com minha atuação no PAD, percebi que ser professora não é apenas uma escolha profissional, mas sim algo intuitivo que acontece a partir da realidade concreta pelas escolas e nas salas de aula e faz pulsar dentro de mim o sentimento de quem busca aprender sempre.

A experiência na Escola Municipal São Luís foi desafiadora, mas profundamente significativa. Conviver com uma realidade marcada por vulnerabilidades sociais me fez compreender ainda mais o poder que a educação tem de transformar vidas. Assumir uma sala de aula pela primeira vez, lidar com os diferentes ritmos de aprendizagem, tomar decisões pedagógicas em tempo real e ver, aos poucos, os alunos se envolverem e aprenderem, foi transformador. Pude, naquele momento, enxergar sentido na minha escolha e entender que estou no caminho certo.

As formações oferecidas pelo PAD, os encontros com os colegas e o suporte do Lepete foram fundamentais para que eu tivesse segurança, além de embasamento e sensibilidade nas minhas práticas. Cada escuta, troca e partilha me fez perceber que educar é um exercício de humanidade. Momentos como o da Brinquedoteca Itinerante me lembraram do essencial: que brincar é aprender, que o lúdico é parte da infância e que o afeto precisa estar presente no processo educativo, isso é manter as infâncias e os processos educacionais vivos.

Por fim, nesse percurso me sinto mais confiante e certa de que posso contribuir para a construção de aprendizagens, de sonhos, num lugar tão singular que é o chão da

escola pública São Luís; a vivência no PAD me mostrou que a docência não é sobre ter todas as respostas, mas é estar disposta a aprender continuamente, ouvir, adaptar e seguir com empatia. Consigo então entender que ser professora é o meu lugar. E, daqui pra frente, quero continuar sendo essa ponte entre as crianças e seus sonhos e futuros possíveis.

Referências

Brasil. Ministério da Educação (2010). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB.

Colônia Antônio Aleixo. **Histórico do bairro. Colônia Antônio Aleixo**, [s.d.]. Disponível em: <https://loniaantonioaleixo.wordpress.com>.

Kishimoto, Tizuko Morchida(1994). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2007.

Maioria das crianças exploradas nas ruas de Manaus são do bairro Colônia Antônio Aleixo. A Crítica, Manaus, 20/09/2023. Disponível em:

<https://www.acritica.com/opiniaio/maioria-das-criancas-exploradas-nas-ruas-de-manaus-s-o-do-bairro-colonia-antonio-aleixo-1.318264.com> Acesso em: 30/05/2025

No Amazonas era Assim. **História do bairro Colônia Antônio Aleixo**. No Amazonas Era assim, [s.d.]. Disponível em:

<https://www.noamazonaseraassim.com.br/historia-do-bairro-colonia-antonio-aleixo/>.

Portal Marcos Santos. Terceira unidade do Prato do Povo é inaugurada na Colônia Antônio Aleixo. Portal Marcos Santos, 03 abr. 2024.

<https://portalmarcosantos.com.br>.

Prefeitura de Manaus. Prefeitura e Unicef apresentam **Plano de Trabalho da Agenda Cidade Unicef para o bairro Colônia Antônio Aleixo**. Prefeitura de Manaus, 17 out. 2023. Disponível em: <https://www.manaus.am.gov.br>

Vygotsky, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AUTISMO EM SALA DE AULA: PERSPECTIVAS E VIVÊNCIAS DE UM ASSISTENTE À DOCÊNCIA

Autism in the classroom: Perspectives and experiences of a teaching assistant

João Gabriel Guimarães Costa Dos Santos¹

Ana Michelle de Carvalho Martins²

Maria Quitéria Afonso³

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência sobre a Escola Municipal Izabel Angarita, evidenciando a atenção redobrada que foi desenvolvida em alunos que possuem especificidades como o autismo, bastante comum de ser visto em sala de aula, fonte de principal inspiração para o desenvolvimento deste escrito.

Palavras-chave: Autismo. Sala de aula. Vivências

Abstracts

This paper aims to present an experience report on the Izabel Angarita Municipal School, highlighting the special attention given to students with specific needs, such as Autism, which is commonly observed in the classroom and served as the main inspiration for the development of this study.

Keywords: Autism. Classroom. Experiences

Introdução

O principal objetivo desse trabalho é relatar as experiências e as ações abordadas pelo Assistente à Docência (AD) com alunos portadores do Transtorno do Espectro

1 Acadêmico do curso de Licenciatura em Computação da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: jggcds.lic23@uea.edu.br

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM). E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

3 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

Autista (TEA) na Escola Municipal Izabel Angarita, bem como as lições que foram extraídas de tais vivências, evidenciando o cuidado e atenção que devem ser mantidos de acordo com a peculiaridade de cada aluno(a) dentro do ambiente escolar. Ao longo dessa experiência, foi possível compreender de maneira mais sensível a importância de olhar para cada criança como um ser único, com suas próprias necessidades, potencialidades e formas de se comunicar com o mundo. Cada vivência pôde mostrar que a escuta atenta, o acolhimento, a paciência e a empatia são peças fundamentais no desenvolvimento das atividades, contribuindo não apenas para a aprendizagem, mas também para o fortalecimento da autoestima e da autonomia dos alunos. Cada desafio enfrentado se transformou em uma oportunidade de crescimento, tanto para os alunos quanto para os ADs envolvidos no processo educacional.

O Assistente à Docência: conhecendo sua história

Sou João Gabriel Guimarães Costa Dos Santos, tenho 19 anos e atualmente estou cursando o 5º Período de Licenciatura em Computação na Escola Superior De Tecnologia (EST/UEA). Desde que adentrei no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete), em março de 2025, pude ter a oportunidade de desenvolver ainda mais minha afinidade e aptidão pela docência, principalmente porque meu curso faz parte do grupo de Licenciaturas.

Mesmo já tendo experiência com salas de aula, sinto que o Programa Assistência à Docência (PAD) foi uma virada de chave nas minhas perspectivas acadêmicas, me tirando da zona de conforto e abrindo novas portas para que meu conhecimento continuasse a ser desenvolvido e que eu pudesse ter um contato mais profundo com o ambiente escolar, lidando na prática a experiência de como é a vida docente, o que em pouco tempo tem gerado um intenso e profundo sentimento de pertencimento e convicção de que estou no lugar e na área certa, fazendo o que me agrada tanto e traz sincera alegria.

Minha mãe, Aldecy Guimarães Costa Dos Santos, docente concursada da Secretaria Municipal Da Educação (SEMED) com mais de 30 anos de contribuição e atualmente com três matrículas, foi uma das minhas maiores influências para que eu seguisse a área da docência, pois desde pequeno pude perceber que possuía um certo apreço pela educação, pois gostava muito de “fingir” que era professor e corrigia provas fictícias, dando notas as mais variadas possíveis. Tal caminho me enveredou para estar hoje aqui, onde sei que é o lugar que me sinto confortável e satisfeito.

Izabel Angarita: um olhar subjetivo sobre a escola

A Escola Municipal Izabel Angarita está localizada em um ambiente tranquilo e sem muita movimentação de carros e pedestres, na Rua Canumã, bairro Japiim II, na cidade de Manaus/AM. É uma instituição responsável por turmas do Ensino Fundamental Anos Iniciais e que, apesar de pequena, dispõe de uma bela infraestrutura e uma pintura bastante chamativa visualmente. Percebi que é uma escola bem tranquila, as turmas não são tão agitadas e o lanche, como de todas as outras escolas que o PAD atua, é bastante delicioso.

Percebe-se que boa parte dos alunos é morador das redondezas da escola, o que demonstra uma certa segurança da própria instituição em receber os responsáveis de cada aluno ao final das aulas. Outro detalhe bastante importante e que despertou atenção, foi um mural onde se encontrava uma lista com os nomes de todos os alunos que têm Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras neurodivergências, como o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), a qual detalhava cada especificidade e como cada aluno se comportava em sala de aula.

Achei bastante interessante essa iniciativa, o que gerou curiosidade em mim por apresentar um diferencial de muitas outras instituições que conheci, mostrando um real comprometimento da escola ao destacar quais alunos devem receber uma

atenção especial e redobrada, para que os profissionais cheguem preparados para desenvolver suas ações de maneira mais eficaz. Outros pontos analisados e debatidos com outros ADs que já tinham mais experiência na escola eram que a escola é de periferia, onde boa parte dos alunos fazia parte de um abrigo chamado Coração do Pai, evidenciando que a escola é frequentada por muitas crianças que acabam não tendo uma família.

O autismo em sala de aula, a partir de meus olhares na assistência à docência

Desde que dei início ao meu fazer político-pedagógico como AD do Lepete, tive o primeiro contato com a Escola Municipal Izabel Angarita no dia 9 de abril de 2025, onde fiquei responsável pela turma do 4º ano A, junto à minha colega AD Rebeca Barbosa. Após me conectar à turma e familiarizar-me com o novo ambiente, tive a oportunidade de conhecer os alunos autistas, os quais foram fundamentais na inspiração do escrito desse relato.

O primeiro aluno que conheci foi o Enzo Corrêa de 10 anos, dono de uma personalidade cativante e serena, o que me chamou bastante atenção. Ele tem à disposição um tutor* que é responsável por auxiliá-lo nas atividades propostas em sala de aula. Desde então, passei a prestar a devida atenção em como era seu desenvolvimento em relação às tarefas e através dessas observações pude perceber que apesar de sua personalidade tranquila, ele tem bastante dificuldade de comunicação e escrita, levando um tempo bem maior que o habitual para concluir as atividades que são propostas pelas professoras. Os contatos que tive diretamente com ele, no dia 9 de abril e 07 de maio de 2025, foram bastante cativantes, pois o mesmo demonstrava-se bem carinhoso e ativo quando se tratava de atividades mais lúdicas e que exigiam movimento e ação.

No dia 09 de abril, logo após a troca dos componentes curriculares, o AD Anderson foi à sala de aula para desenvolver as atividades de Educação Física. Organizamos a brincadeira “Cidade-Dorme”, onde os jogadores devem descobrir quem é o

assassino responsável por matar várias pessoas da cidade fictícia. Escolhi o Enzo para ser o anjo que iria salvar um dos habitantes da cidade em uma das primeiras rodadas. Foi perceptível o engajamento dele, e vê-lo saindo da sua cadeira e apontando de maneira bem singela para quem ele queria salvar, foi algo bastante emocionante, pois antes de começarmos as atividades ele estava bem sonolento.

Já no dia 07 de maio, levamos a Brinquedoteca Itinerante do Lepete para a mesma turma e o que me chamou mais atenção foi a animação e o engajamento do Enzo com os fantoches e pôde-se ver uma recepção positiva dele com a contação de histórias. Interagi bastante com ele por meio do fantoche que eu estava manipulando, e ver o seu olhar sereno e tranquilo, esboçando uma alegria tímida, mas contagiante, foi o que me cativou naquele momento, além de perceber que ele se sentiu bem à vontade comigo, como se eu fosse um irmão ou um ente querido dele. A AD Isabela Saburá capturou esse memorável acontecimento através da câmera do seu celular, e que foi responsável por eternizar essa experiência tão genuína e divertida.

O segundo aluno era o Isaque, o qual possuía traços e peculiaridades bem mais perceptíveis do que o Enzo. Um menino de 9 anos, que apesar de possuir uma personalidade também tranquila, em muitos momentos demonstrava-se bem mais ativo e agitado, porém, suas dificuldades em relação à escrita e à leitura eram bem mais abrangentes. Diferente do Enzo, que é atendido por um tutor / apoio escolar, o Isaque não possui esse apoio, o que me soou bastante estranho, pois senti que ele precisava de uma atenção ainda mais redobrada, então foi aí que decidi prestar uma maior assistência a ele.

No dia 09 de abril, estávamos realizando atividades de matemática com a turma, sentei-me ao lado dele e comecei a ajudá-lo com as tarefas. O que mais me chamou atenção foi que ele fazia as contas utilizando os dedinhos, estratégia que me remeteu profundamente à minha infância, quando eu estava aprendendo a fazer continhas com as operações básicas. Levamos o tempo que foi necessário e vi que ele ainda demorou um pouco mais do que o comum para finalizar todas as

atividades, mas conseguimos. Partimos para Língua Portuguesa e foi nesse momento que notei a sua dificuldade com a leitura e escrita. Nesse sentido, levando em consideração essa dificuldade, utilizei o princípio da abstração, conceito que é utilizado no ensino e aprendizado da Computação, que consiste em pegar um problema e dividi-lo em partes menores, fazendo que o aluno possa ter um desenvolvimento melhor da aprendizagem até chegar ao resultado final. Assim, dividi cada palavra do texto e fui ensinando-o a pronunciar por partes, reforçando a entonação e pronúncia correta das palavras que ele mais se confundia na hora de falar, tendo como produto final uma melhor compreensão do que estava sendo proposto.

No dia 07 de maio, com a Brinquedoteca Itinerante, como dito, o engajamento e animação dele foram perceptíveis, então vi que aquilo realmente lhe trazia alegria e diversão. Dei liberdade para ele escolher o fantoche que ele gostaria de manusear e então comecei a interagir com ele com o fantoche que estava na minha mão. Foi uma experiência bastante divertida que me arrancou sinceras risadas e foi a prova de que a felicidade e a diversão podem ser encontradas nos pequenos momentos da vida, nos pequenos detalhes, como no sorriso de uma inocente criança, que se diverte genuinamente com personagens feitos de pano.

Tendo conhecimento dos inúmeros desafios que é lidar com alunos que possuem TEA, é importante ressaltar que apesar das especificidades de cada um, todos são importantes na sociedade, apenas têm um jeito diferente de ver o mundo. Nesse sentido, uma formação eficiente de profissionais que lidam com essas diferenças em sala de aula é algo que deve ser bastante difundido na educação, pois só assim os docentes conseguirão desenvolver suas habilidades com o que é atípico. "As crianças autistas são como aves, diferentes em seus voos" (Autor Desconhecido).

Diante disso, segue uma imagem de uma interação entre os dois alunos citados anteriormente, Enzo e Isaque, durante a realização das atividades da Brinquedoteca Itinerante, que ocorreu no dia 07 de maio. Um momento espontâneo registrado pela câmera de um celular, evidenciando o genuíno engajamento dos dois.

Figura 1: Brinquedoteca Itinerante



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

As perspectivas formativas do AD

Os momentos formativos no PAD se dão através de encontros que ocorrem às segundas-feiras no Lepete, para refletirmos sobre as vivências que os ADs tiveram nas escolas, dialogarmos com diversas temáticas pertinentes ao nosso fazer político-pedagógico, bem como para a produção de materiais didáticos e a construção de relatos de experiência. Logo, fazer parte do PAD tem sido uma experiência que tem me trazido inúmeros aprendizados, pois tenho me desenvolvido não só como um futuro docente, mas também como um pesquisador responsável por aplicar meu conhecimento nos cotidianos da universidade-escola.

Reconheço a importância dessas formações, enquanto professor em formação inicial, para que possamos compartilhar nossos aprendizados uns com os outros e caminharmos com largos passos em direção a um futuro profissional. Foram somente dois meses até agora desde a minha chegada ao Lepete, mas foram extremamente fundamentais para que eu pudesse me desenvolver ainda mais na docência. Recomendo essa experiência como AD aos novos discentes das inúmeras licenciaturas para que possam fazer parte pelo menos uma vez desse programa,

pois nos aproxima ainda mais da vida e jornada docente. Conforme Lima, Silva e Menezes (2003), sobre o Projeto Assistência à Docência argumentam que:

Os ADs, na sua maioria, são envolvidos com o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos. Apresentam dinamismo pedagógico, domínio de sala, boa interação com os discentes e com a equipe pedagógica escolar, comportando-se como futuros profissionais. (p. 37)

Considerações

Com esse escrito, pôde-se obter diversos aprendizados a respeito do Autismo dentro da escola, principalmente através das vivências com alunos que possuem essa neurodivergência. Compreender e viver na prática o comportamento de cada um em sala de aula foi de suma importância para que pudéssemos desenvolver nossas habilidades de suporte aos mesmos, adequando-se às dificuldades e peculiaridades de cada um.

É inegável os desafios diários de quem lida com alunos que dispõem desse Espectro, porém com determinação e preparo adequado, o que seria um “fardo” torna-se um incentivo para que nos desenvolvamos de maneira mais engajada como profissionais e futuros docentes.

Espera-se que com o desenvolvimento deste escrito, a importância de prestar uma redobrada atenção aos alunos autistas, independentemente do nível ou especificidade do aluno, seja ainda mais difundida e evidenciada, de que modo que muitos outros profissionais da educação, sejam do Brasil ou mundo afora, possam refletir de maneira profunda e evoluírem como seres humanos e docentes.

Referências

Barbosa, Amanda Magalhães et al. **O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo**. In XI Congresso Nacional de Educação Educere. Curitiba, Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013.

Dal Moro, Rafael Amboni. Silveira, Gustavo. **Educação terapêutica:** tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA) a partir da inclusão escolar. *Pluralidades em Saúde Mental*, v. 9, n. 1, p. 52-65, jun./jul. 2020.

Lima, Jediã Ferreira. Silva, Jeiviane Justiniano da. Menezes, Maria Quitéria Afonso. **Projeto Assistência à Docência.** In: Eglê Wanzeler [et al.]. (Org.). Dossiê de pesquisa 2017-2019: a pesquisa-formação como estratégia de processos transformativos em contextos escolares. 1a.ed. Manaus/AM: Editora UEA, 2023, p. 29-44.

Oliveira, Cleusa Rosa de; Slavez, Milka Helena Carrilho. **O contexto escolar do aluno autista no ensino fundamental I.** *Educar para Ciência: um compromisso multidisciplinar*, v. 3, n. 8, p. 3-17, ago. 2023.

Ribeiro, Francisco Adelson Alves et al. **Ensino TEKA:** contribuindo para o aumento do vocabulário de crianças autistas. *Revista EDaPECI*, São Cristóvão (SE), v. 23, n. 3, p. 103-116, set./dez. 2023.

Silva, Isabela Carolina Pinheiro da et al. **Contribuição da Educação Física para o desenvolvimento motor e social do aluno com Transtorno do Espectro do Autismo.** *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada (Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.)*, Marília, v. 20, n. 1, p. 71-80, jan./jun. 2019.

Vitor, Marluce Aparecida et al. **Os jogos educativos eletrônicos como ferramenta de desenvolvimento dos alunos com TEA:** uma análise a partir de uma revisão de literatura. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 7, e44510716397, 2021.

Wanzeler, Eglê Betânia Portela et al. **Universidadeescola:** o Projeto Assistência à Docência como política de formação inicial de professores e professoras articulada à formação continuada. Extensão em *Revista Edição Especial / UEA*, v. Abril 2022, p. 12-20.

**EDUCAÇÃO FÍSICA:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NA ESCOLA MUNICIPAL
JOSÉ TAVARES DE MACEDO**

**Physical Education:
Inclusive Pedagogical Practices at José Tavares de Macedo
Municipal School**

Anderson Luiz Lima de Oliveira ¹
Yasmim Ribeiro Santiago ²
Lucilene Pacheco Santos³
Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

Esse relato descreve as vivências e as práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas na aula de Educação Física com os alunos do 4º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública localizada na zona sul da cidade de Manaus/AM. Essas práticas visam garantir a inclusão escolar, respeitando suas especificidades e incentivando a participação dos alunos nas brincadeiras, para que possam explorar o âmbito social, emocional e cognitivo. Aborda também, percepções sobre a escola, observações e aprendizados através da experiência na sala de aula.

Palavras-chave: Educação Física Inclusiva. Práticas Pedagógicas. Inclusão escolar.

Abstracts

This report describes the experiences and inclusive pedagogical practices carried out in a Physical Education class with 4th grade students of the Early Years of Elementary Education at a public school located in the southern zone of Manaus, AM. These practices aim to ensure school inclusion, respecting students' specific needs and encouraging their participation in games, allowing them to explore social, emotional and cognitive aspects. The

1 Acadêmico do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: derso77.118@gmail.com

2 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: yrs.ped23@uea.edu.br

3 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM)E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

4 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

report also discusses perceptions of the school, observations and lessons learned through classroom experience.

Keywords: Inclusive Physical Education. Pedagogical Practices. School Inclusion.

Introdução

Neste relato temos como objetivo abordar a inclusão entre as crianças nas aulas de Educação Física e como ela pode colaborar de forma positiva dentro das aulas de outras disciplinas, construindo um convívio de respeito entre os alunos, dentro e fora da escola. A educação física é essencial para o desenvolvimento integral dos alunos, favorecendo a saúde física e um estilo de vida ativo.

Na visão de Stainback (1999), a escola é um lugar em que todos são aceitos, uma comunidade, onde todos se ajudam, para que suas necessidades educacionais sejam atendidas. Com isso em mente, é necessário que haja uma conversa entre professores, visando a criação dessa sensação de comunidade e de pertencimento entre as crianças. Sendo assim, a Educação Física é uma das disciplinas que pode proporcionar essa integração, com atividades em que sejam necessárias a cooperação entre os estudantes e a criação de momentos de comunhão entre eles.

Dentre a pluralidade de especificidades que um aluno pode ter, seus problemas sociais e dificuldade de sociabilização, entre outros, é preciso que o professor faça a integração deste ser dentro de sua sala, de forma natural, de maneira que todos se sintam confortáveis, sem causar constrangimentos. A Educação Física é uma disciplina muito abrangente, com ela pode-se trabalhar diversas outras disciplinas, a partir de uma metodologia apropriada e a parceria entre docentes.

Cada seção tem como objetivo descrever momentos importantes, com um olhar voltado para as vivências de maneira sensibilizada e observadora, buscando contar sobre as motivações e percepções que nos acompanharam no decorrer da nossa trajetória como acadêmicos e professores em formação dentro da comunidade escolar.

Quem somos nós?

Meu nome é Yasmim Ribeiro Santiago, sou graduanda do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), estou no 5º período e faço parte do Programa Assistência à Docência (PAD) no turno matutino. Minha rotina começa às 5h da manhã, estando na Universidade às 7h; são tantas dificuldades, sendo mais frequente relacionadas ao transporte e ao trânsito caótico de Manaus. Apesar dos percalços, a energia e o entusiasmo das crianças renovam minhas forças a cada encontro, dentro da sala de aula procuro ter uma atuação significativa e comprometida com os alunos.

Através do PAD, aprendi que ser professor é estar aberto para novas possibilidades para inspirar e motivar o interesse dos alunos pelo conhecimento, cultivando o respeito à cidadania e fortalecendo o senso crítico para que possam atuar na sociedade de forma consciente e reflexiva.

Chamo-me Anderson Luiz Lima de Oliveira, nascido e criado em Manaus/AM, sou acadêmico do curso de Educação Física, também na UEA, no momento estou cursando o 5º período. Trago neste relato um pequeno resumo da minha caminhada do início da Universidade até o PAD.

Tal qual todas as histórias, a minha não se difere, dificuldades, desafios e suas partes boas. Apontando um dos principais desafios do início, o período de vestibular, a pandemia causou um grande impacto na minha vida, obviamente de forma pessoal e de forma acadêmica. Eu, aluno de escola pública, morador de bairro periférico e não tendo condições de pagar um cursinho, tive ali uma grande dificuldade para aprender, tanto os conteúdos de vestibular, quanto os assuntos necessários para passar na escola. Com esta dificuldade, me vi com necessidade de ser mais autodidata, buscar aprender sozinho sem ter que depender da escola, o que querendo ou não, dentro da Universidade acaba por ser algo que me beneficia muito. Perante isso, os 3 anos de vestibular se passaram e obtive bons resultados,

passando pelo vestibular tradicional da UEA (Macro) e Sistema de Ingresso Seriado (SIS).

Dentro da Universidade e agora um adulto, as dificuldades e responsabilidades se tornaram maiores. Referindo-me ao curso de Educação Física, este é novo dentro da UEA e a minha turma é apenas a 8a. e por isso existem poucos recursos disponíveis para os estudantes, como por exemplo, lugares para a realização de aulas práticas, forçando os alunos a se locomoverem por Manaus, ou então, não ter essa prática e, pelo menos até no início de 2023, a falta de professores era constante, sendo que tínhamos apenas 5 professores do curso, sobrecarregando-os. Na vida pessoal, meu desafio foi durante os primeiros três períodos conciliar meu trabalho de repositor de mercado com os estudos e conseguir manter meu aprendizado. Foi com certeza um ano complicado, que me resultou em noites mal dormidas, uma luta diária para me manter acordado durante algumas aulas e ficar para realizar algumas provas finais. Ao se passarem os três períodos, comecei a buscar alguma bolsa que me permitisse sair do meu trabalho e me aliviar do estresse que era trabalhar em um supermercado.

Na busca de algo, como bolsa de extensão ou estágio, a Coordenadora do meu curso mandou uma imagem, onde o Lepete, anunciava a procura de acadêmicos de Educação Física. Vendo a oportunidade, procurei informações sobre o que era o Lepete e enviei meu currículo. Fui chamado, realizei um diagnóstico escrito e fui entrevistado pelas professoras Socorro Sotero e Ana Michelle Martins, que me apresentaram e explicaram sobre o programa. Fui muito bem recebido pelos outros professores e também pelos outros Assistentes Docentes (ADs) e pude ter uma fácil adaptação graças a eles.

O PAD tem feito diferença na minha vida, desde então é o lugar que me proporcionou minha primeira experiência em sala de aula e que possibilita colocar em prática as teorias que aprendi nas aulas da Universidade. A troca de experiências que ocorre diariamente entre nós ADs e coordenadoras só me enriquece como professor em formação, sem falar dos encontros formativos que

permitiram que eu aprimorasse diversos quesitos, como a questão didático-pedagógica.

Nesse sentido, dentre as 5 escolas que atendemos no matutino, a José Tavares foi a que mais me chamou atenção, no sentido de que “quero sempre vir nessa escola”, visto que lá foi a primeira escola que eu percebi que não estava com medo de vivenciar a docência.

Para além da sala de aula

A Escola Municipal José Tavares de Macedo, dentro do bairro Santa Luzia, na Zona Sul da cidade de Manaus/AM, sendo um tanto escondida, a escola se encontra entre becos do bairro, próxima ao que parece ser uma pequena praça, onde é comum encontrar pessoas em situação de vulnerabilidade social e a um Centro de Esporte e Lazer (CEL) que, de vez em quando, é utilizado para as aulas de Educação Física. Percebemos que a comunidade ao redor é habitada por pessoas mais humildes, não com muito poder aquisitivo, porém, pessoas que conseguem sobreviver ao dia a dia. Elas aparentam ser muito receptivas e nas vezes em que nos fizemos presente fomos bem recebidos.

Os alunos são extremamente educados e respeitosos e os professores são muito prestativos para fornecer o auxílio necessário aos ADs, com relação às atividades que serão desenvolvidas. Eles, em sua maioria, moram ao redor da escola, fazendo parte da comunidade local, tanto que muitos vão para suas casas sozinhos.

Os funcionários são muito receptivos e carinhosos, sempre se dispendo a ajudar-nos no que necessitar, ao todo é uma comunidade escolar muito calorosa e gostosa de se experienciar. A infraestrutura escolar não se deixa a desejar, contando com 10 salas de aula, de todos os tamanhos, algumas um tanto pequenas outras grandes demais pra turma. Porém, todas com ar condicionado e televisores funcionais, contando com carteiras, quadros e materiais pedagógicos em bom estado para uma melhor qualidade de aprendizado do aluno. O banheiro dos alunos se encontra bem

localizado, em frente ao portão de saída, próximo às salas de aula e ao lado do refeitório, este último é, inclusive, o maior espaço aberto da escola, nele encontramos 1 bebedouro e 6 bancos para as crianças realizarem as refeições. Mencionado anteriormente, o refeitório acaba por ser o maior espaço aberto da instituição, por isso, algumas das atividades de Educação Física são realizadas no refeitório, dentro de sala, ou então no Centro de Esporte e Lazer, que fica ao lado da escola. Ainda falando da estrutura, a instituição tem uma sala de professores grande e climatizada, com armários, impressoras, um sofá, mesas e cadeiras para um pequeno descanso; em frente a essa sala se encontra o banheiro dos funcionários, um masculino, e um feminino. No mesmo corredor, encontra-se a diretoria e a secretaria.

A Instituição realiza eventos culturais e datas comemorativas para sua comunidade escolar, como o dia das mães, dia da consciência negra, entre outros. Entre os citados, decidimos destacar o que vimos de perto, “O dia da consciência negra”, onde alunos do 5º ano realizaram dois tipos de apresentação, uma onde lutavam capoeira entre eles e as crianças faziam uma roda e batiam palmas ritmadas, enquanto duas delas, performam a luta. Assim, após os dois terminarem sua parte, se retiravam, dando vez para outro grupo e começavam a bater as palmas ritmadas igual uma roda de capoeira.

Já na segunda apresentação, era uma coreografia com uma música de matriz africana, em que o ensaio foi realizado dentro do refeitório, com outras turmas além do 5º ano. As professoras que estavam ensaiando com eles não pediam perfeição, obviamente, apenas sincronização e atenção na hora de realizar certos movimentos. Notava-se que os estudantes se divertiram e se esforçaram em ambas as atividades. Algo que ainda é importante destacar, foi a falta de participação de alguns alunos em ambas as atividades e ao serem questionados sobre o motivo, eles responderam que suas mães não permitiam a participação, alegando motivos religiosos.

Vivências e reflexões nos contextos da escola

No dia 13 de março de 2025 realizamos atividades no 4º ano A do turno matutino, com o intuito de estimular o desenvolvimento cognitivo através da concentração, atenção e habilidades socioemocionais, como socialização e cooperação. A turma é bem comunicativa e participativa, onde têm dois alunos com especificidades, sendo que os colegas os tratam sem diferenças, incluindo-os sempre nas atividades e sendo participativos com eles. Têm alunos inteligentíssimos, porém competitivos de tal forma que faz com que eles se dispersem de vez em quando.

Neste dia, trabalhamos uma brincadeira com o bambolê utilizando o espaço da sala de aula, afastando as mesas, organizamos os 15 bambolês em formato de “U”, e formamos dois grupos de alunos em filas, nas extremidades do “U”. As crianças iam pulando dentro do bambolê e os primeiros da fila, ao se encontrarem, realizavam uma disputa chamada “pedra, papel, tesoura”, tendo como objetivo chegar na extremidade do outro time. No momento da disputa, o aluno que perde sai do bambolê, assim, dando espaço para o jogador adversário seguir em frente, indo ao encontro do outro competidor, onde eles realizaram a mesma ação.

Figura 1: brincadeira com bambolês



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Ao iniciarmos a atividade, tivemos pouca adesão do nosso público. Em uma sala de quase 20 alunos, apenas 10 entraram na brincadeira, notamos que alguns estavam se sentindo inseguros, podendo ser por vários motivos, e decidindo assim, ficaram apenas sentados e assistindo aos amigos brincarem. Ao percebermos e entendermos a situação, decidimos deixar acontecer a primeira rodada apenas com os que já tinham se voluntariado, para depois intervirmos com os alunos que não participaram inicialmente.

Diante disso, segundo Freire (2005), a relação professor e aluno deve ser aberta e dialógica, procuramos entender a hesitação dos alunos conversando de uma forma que os deixassem confortáveis para não gerar pressão ou sentimento de obrigação na realização da atividade. Durante a conversa, observamos a necessidade de interagir com uma aluna específica, sendo ela bem receptiva, até chegar no momento que ela se sentisse segura, e não demorou muito, ela já estava participando e seu rosto já esbanjava risos e empolgação.

Nesse caso, o que nos chamou atenção foi como um gesto simples de inclusão pode mudar a vida cotidiana escolar desses alunos, muitas vezes deixados calados no canto da sala por conta da timidez e suas especificidades, sendo cada vez mais isolados do convívio na sala de aula. É preciso uma abordagem focada em criar um ambiente seguro e acolhedor, onde consigam se sentir à vontade para se expressarem, seja brincando ou participando das aulas. É necessário mostrar que existe uma diversidade de personalidades e que a timidez não é um problema, porém, quando se torna um fator de impedimento do convívio social, isto deve ser observado e trabalhado.

Encontros formativos: aprendizagens e reflexões

Os encontros formativos do PAD, proporcionam aprendizados enriquecedores para nosso processo acadêmico e conhecimento teórico para atuar dentro da sala de aula, buscando através das oficinas construir novas concepções e ideias sobre a

docência. Aprendemos a importância de incentivar a imaginação dos alunos e a possibilidade de ensinar através das brincadeiras e contações de histórias. Segundo Corsaro (2011), as crianças, ao interagirem tanto entre si quanto com os adultos, recriam ativamente as culturas em que estão inseridas.

A partir das formações do PAD, somos inspirados a criar aulas dinâmicas, interessantes e criativas, que envolvam as crianças no processo de ensino e aprendizagem. Aprendemos também, a vivenciar práticas de ensino inclusivas garantindo que todos os alunos com alguma especificidade e/ou dificuldades de aprendizagem, tenham acesso a uma educação democrática, inclusiva, humana e afetuosa.

Desse modo, de acordo com Mantoan (2003, p. 43), “ensinar, na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os seus níveis.” Assim, as aprendizagens construídas no PAD retratam essas questões e incentivam a construção de um ambiente educacional mais equitativo e acolhedor.

Nessa perspectiva, ser professor em formação é muito gratificante, é um processo de muito estudo, determinação e resiliência para se adaptar às diferentes situações nas diversas escolas que o PAD atende. No entanto, muitas vezes o currículo escolar não dialoga com a realidade social e cultural dos alunos, é nesse momento que o professor, como agente transformador, torna a aprendizagem significativa adaptando e criando novas maneiras de motivar os alunos.

Considerações

Desenvolvendo uma metodologia que visa a interação e a participação entre os alunos, percebe-se que há a criação de não apenas um vínculo de confiança e respeito entre os alunos, como também com o professor em formação, possibilitando assim, uma inclusão de todos dentro da sala de aula, como na comunidade escolar.

Ações como essas, podem resultar nos mais diversos benefícios perante a sociedade, como o respeito e o entendimento de que todos são diferentes e que não se deve julgar por esse diferencial.

Desse modo, a Educação Física, por muitas vezes, é menosprezada quando comparada às outras disciplinas, porém, é através dela que conseguimos trabalhar questões, como: ética, respeito, moral, saúde física, mental e sexual.

Observamos como algumas crianças se limitam puramente por medo, por se acharem pior que a outra e por tantos outros motivos, e isso vai muito além da aula de Educação Física, apenas fica escancarado na disciplina, porém é comum essa exclusão ser feita dentro de outras matérias. Saímos desta e de tantas outras atividades que realizamos e tentamos praticar essa inclusão, com o sentimento gratificante de que ajudamos uma criança a participar por querer e não por obrigação, entendendo que apenas uma pequena ajuda pode harmonizar uma sala de aula.

Faz-se necessária uma colaboração entre professores/as, para entender como são estas crianças em seu cotidiano em sala, e assim que o/a professor/a de Educação Física possa entender o que se passa e como poderá trabalhar a inclusão destes alunos/as com maior dificuldade na convivência.

Referências

Corsaro, W. A. **A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças. Educação, Sociedade e Cultura**, Porto, v. 17, p. 113 - 134, 2002.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

Mantoan, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003.



Stainback E, Stainback S. Colaboração, rede de apoio e construção de comunidade.
In: Stainback W, Stainback S. **Inclusão:** um guia para educadores. Porto Alegre:
Artes Médicas; 1999.

PONTOS E LINHAS: CRIAÇÃO E RECRIAÇÃO NOS COTIDIANOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Points and lines: Creation and recreation in the Daily Life of the Early Years of Elementary Education

Camille da Silva Silva¹
Vanessa Areque Silva²
Jediã Ferreira Lima³
Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

O presente relato de experiência traz as vivências das Assistentes à Docência (AD) Camille Silva e Vanessa Areque, graduandas de Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e bolsistas do Programa Assistência à Docência (PAD). O relato terá como foco o desenvolvimento de uma Sequência Didática (SD) sobre o gênero fábulas, com maior destaque para a criação de personagens amazônicos, realizada com alunos do 5º ano na Escola Municipal São Luís. Alinhavado aos princípios teóricos de Paulo Freire (1970) e Vygotsky (2001), observamos a colaboração dos alunos e ao mesmo tempo resistência, timidez e comparações entre si. O potencial artístico e criativo dos alunos vai de encontro a uma pedagogia tradicional e tecnicista. As nossas formações no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiência Transdisciplinar em Educação (Lepete) foram essenciais para ressignificarmos as práticas em sala de aula, acolhendo os alunos e suas individualidades, e ainda assim possibilitando o trabalho em grupo como forma de incentivo.

Palavras-chave: Sequência. Didática. Desenhos. Personagens Regionais.

1Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: cdss.ped23@uea.edu.br

2 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: vas.ped23@uea.edu.br

3 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL)/UFAM/CNPq. E-mail: jedylima@hotmail.com

4Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

Abstracts

This experience report presents the activities of the Teaching Assistants Camille Silva and Vanessa Areque, undergraduate student in Pedagogy at the State University of Amazonas (UEA) and scholarship holders of the Teaching Assistance Program (PAD). The report focuses on the development of a Didactic Sequence (SD) on the genre of fables, with particular emphasis on the creation of Amazonian characters, carried out with 5th-grade students at São Luis Municipal School. Guided by the theoretical principles of Paulo Freire (1970) and Vygotsky (2001), we observed both students' collaboration and instances of resistance, shyness, and peer comparisons. The students' artistic and creative potential challenges a traditional, technicist pedagogy. Our training at the Laboratory of Teaching, Research, and Transdisciplinary Experience in Education (LEPETE) was essential in reshaping classroom practices, embracing students and their individualities while still enabling group work as a form of encouragement.

Keywords: Sequence. Didactic. Drawings. Regional Characters.

Introdução

O nosso relato tem início na Escola Municipal São Luís, localizada em Manaus/AM, e nasce de um dos nossos dias em sala de aula, desenvolvendo uma SD com foco na construção de personagens amazônicos. Após observarmos a empolgação dos alunos durante a atividade e nos questionarmos sobre a hesitação de alguns, decidimos escrever e descrever as nossas impressões sobre aquela tarde. A nossa SD buscou valorizar a cultura local, o protagonismo infantil e uma educação mais humanizada e significativa. Ao longo da experiência, foram observadas diferentes dimensões do cotidiano escolar, desde o comportamento dos alunos até suas formas de expressão e criação, proporcionando reflexões sobre os desafios e as potências do processo de aprendizagem. Ao pisarmos no chão da escola, tivemos contato com diversas realidades e histórias que atravessam os alunos e que podemos perceber que mesmo em apenas um dia, um pouco da personalidade de cada um toma forma nos desenhos deles, criando e recriando personagens e histórias.

No decorrer do relato, apresentamos os caminhos que nos levaram ao PAD para então mergulhar no relato da nossa experiência. Porém, não há como falar da sala de aula sem saber sobre os indivíduos que fazem parte daquele espaço e os arredores, por isso contextualizamos a escola e verificamos o impacto que ela tem

na comunidade. O bairro teve sua história ressignificada pelos ex-hansenianos que viviam lá, os quais levantaram as paredes da escola para que seus filhos fossem escolarizados. Deste modo, podemos revelar, de maneira escrita, o desenvolvimento da nossa atividade, combinando nosso fazer prático com o embasamento teórico de Paulo Freire (1970) e Vygotsky (2001).

Ao final, não podemos deixar de citar a contribuição do PAD para a nossa formação, pois concordamos com Wanzeler (2014) a respeito da formação continuada como um meio de potencialização do nosso professorar, tornando o chão da escola um ambiente não de transmissão de conhecimento, mas, de contínuo aprendizado e construção de saberes para tornamos a sala de aula cada vez mais acolhedora e significativa.

Construindo saberes: nossas trajetórias e o PAD

Chamo-me Camille da Silva Silva, tenho 21 anos e sou discente do 5º período matutino do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Amazonas (UEA). Desde criança, sempre brinquei de ser professora com as minhas bonecas e meus amigos do Jardim de Infância e sempre gostei de ajudar meus colegas nas atividades. Desde o sétimo ano do Ensino Fundamental eu pensava em cursar Letras ou Pedagogia, mas com o último ano do Ensino Médio cada vez mais próximo e os comentários que ouvia sempre que falava sobre querer a área da Educação comecei a ficar em dúvida.

No meu último ano escolar, resolvi aplicar minha nota do ENEM para Engenharia Civil, por gostar de Matemática e ser a área de atuação do meu pai, então achava incrível acompanhá-lo em obras e ver os projetos que ele trabalhava. Porém, quando comecei a cursar, vi que não me identificava com o curso e cancelei a matrícula para tentar o Vestibular da UEA novamente, mas dessa vez para Pedagogia. Então, em 2023 ingressei no curso que sempre quis verdadeiramente e me tornei bolsista no Programa Assistência à Docência em fevereiro de 2025 pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação

(Lepete).

Ao entrar na Universidade, fiquei sabendo do Lepete através dos meus veteranos da UEA e do Centro Acadêmico. Logo fiquei interessada, porém, quando abriram vagas enquanto eu cursava o primeiro período, não consegui enviar meu currículo a tempo. No terceiro período, passei a estagiar em uma creche perto da minha casa em que eu ficava com a turma do integral, porém tive que sair após um ano pois o horário que eu entrava iria conflitar com as minhas aulas. Assim, decidi priorizar a faculdade e ingressar em projetos e programas da UEA. Foi assim que, acompanhando o grupo de vagas de Estágio dos estudantes, me deparei com uma mensagem dizendo que o Lepete estava com vagas abertas. Deste modo, logo enviei o meu currículo e aguardei o chamado para a entrevista e, assim, o PAD adentrou a minha vida.

O PAD tem sido uma experiência enriquecedora. As formações realizadas no ambiente do Lepete, conversas com outros colegas, trocas reflexivas e a atuação em sala de aula fazem com que a nossa vivência enquanto professores em formação nos atente para uma visão humana e significativa da educação, nos fazendo relacionar o que vemos na sala de aula da Universidade com as atividades desenvolvidas no PAD.

Eu me chamo Vanessa Areque Silva, tenho 29 anos e sou discente do Curso de Pedagogia, atualmente estou no 5º período. Prestei vestibular no ano de 2022 e iniciei minha trajetória acadêmica na UEA. Estava muito ansiosa e com sentimentos confusos, visto que concluí o Ensino Médio em 2013, ou seja, havia uma década que eu não me dedicava aos estudos. Sempre tive dúvidas sobre qual curso seguir. Nos testes vocacionais que fazia, os resultados sempre apontavam para áreas relacionadas às Ciências Humanas. Em 2022, precisei fazer uma escolha, e foi uma amiga quem percebeu minha vocação para a Pedagogia. Ao longo do curso, descobri que a Pedagogia vai muito além da sala de aula, o que me deixou ainda mais encantada.

Conheci o Lepete logo nos primeiros dias do primeiro período e, desde então, fiquei fascinada pelo laboratório. Quando surgiu a oportunidade de participar, fiquei

extremamente animada e a experiência tem superado todas as minhas expectativas. O PAD é uma experiência única e transformadora, proporciona uma vivência concreta no ambiente escolar, o que permite observar aspectos tanto positivos quanto os desafios da prática docente.

As formações, conversas, relatos e trocas de experiências enriquecem nossa trajetória formativa, nos levando a refletir sobre o tipo de profissional que almejamos ser e sobre como podemos promover interações mais significativas com os alunos, contribuindo para uma educação mais humana nesse entrelace entre universidade e escola pública.

Contextualizando a escola: espaço em que o desenvolvimento pedagógico acontece

A Escola Municipal São Luís está situada à Rua Nova Esperança s/nº- Bairro Colônia Antônio Aleixo, em Manaus/AM. Foi fundada em 25 de setembro de 1982, por meio do Decreto de Lei nº1724 de 31.10.1984 pelo Ato de Criação nº 024/89-C.E./AM. Seu projeto de construção deu-se em virtude da necessidade de escolarização das crianças da comunidade Nova Esperança, a maioria filhos de ex-hansenianos, através do árduo empenho da Senhora Palmira Peleteiro Dourado, Sr. Luís de Sousa, com o apoio da Igreja Católica São Francisco de Assis e os próprios comunitários. O nome “São Luís”, além de homenagear o senhor Luís de Souza que atuou de forma comprometida no projeto de construção da escola, é também uma menção honrosa a São Luís Gonzaga, reconhecido pela igreja católica como o modelo de protetor da juventude pela dedicação aos necessitados. A comunidade reuniu força de vontade, fé e determinação para conseguir erguer as primeiras paredes desta instituição garantindo às crianças, adolescentes e jovens o acesso à escolarização mais próxima.

Sua missão é oportunizar aos educandos uma educação de qualidade, despertando em toda a comunidade escolar, o senso da ética e do exercício da cidadania, valorizando a honestidade, criticidade e participação consciente diante da sociedade

em que vivem. A escola atende alunos do 1° ao 5° ano do Ensino Fundamental, com 13 salas de aula, banheiros, biblioteca, secretaria, cozinha, refeitório e quadra.

O primeiro contato que tivemos com os alunos nos balançou, posto que percebemos que se diferenciavam das outras escolas tanto em questões de comportamento, como falas, nos fazendo notar que teríamos um grande desafio pela frente. Em dias do PAD na escola, os estudantes parecem mais agitados, situação acentuada por ser o dia da aula de Educação Física e não são liberados para a quadra, além de se desentenderem mais entre si.

Assim, a maneira a qual se comunicam uns com os outros, por vezes, chega a ser meio agressiva, com palavras afiadas e respostas irônicas, ao mesmo tempo em que compartilham senso de união. Uma vez que a turma do 4° ano se juntou para comprar uma garrafa de coca-cola e dividir na hora do lanche. Alguns alunos também não demonstraram interesse em comer no recreio e, ao invés disso, aproveitaram os 10 minutos de intervalo para correrem e brincarem. Percebemos que esse convívio, como diz Vygotsky (2001), está diretamente relacionado com o ambiente, partindo da internalização das interações do indivíduo com o meio e outros indivíduos. Assim, suas falas e comportamentos partem da construção diária de cultura que ocorre em suas próprias casas, na escola e em outros espaços.

Diante disso, após conversarmos com o pedagogo Silvio Sérgio, nos foi dito que a participação da comunidade é presente no cotidiano escolar, como em festas juninas e reunião de pais. Quanto aos alunos, a escola conta com dois alunos venezuelanos e a maioria dos matriculados recebe auxílios do governo. Por outro lado, há também alunos cujas famílias têm membros que são dependentes químicos ou são marcadas pela presença do tráfico, mas isso não prejudica a convivência escolar, pelo contrário, a comunidade oferece apoio e proteção à escola.

Criando um personagem amazônico

O nosso relato de experiência tem como base a Sequência Didática (SD⁵) intitulada “Fábula: recriando imagens e construindo personagens”, que foi dividida em dois módulos e registradas pela TV Lepete. Foram necessários dois dias para realizarmos as atividades, iniciadas em 03 de abril de 2025, na turma do 5º ano C, concluindo no dia 22 de abril de 2025. Entretanto, neste relato, daremos enfoque ao segundo módulo, em que desenvolvemos a produção final da SD. No dia 22 de abril do ano de 2025, ao chegar em sala, os alunos estavam finalizando uma atividade deixada pela professora regente da turma. No primeiro momento, a tarde foi iniciada pela AD Camille e como era o primeiro contato da AD com a turma, houve a apresentação e lembraram como funciona o PAD. E rememoramos a primeira etapa do desenvolvimento da SD.

Após nossa conversa inicial, a turma voltou a realizar a atividade da professora e assim prosseguiram até às 14h20, orientamos a guardarem os livros e cadernos, deixando apenas os materiais para desenho sobre a mesa. Com a ajuda deles, a sala foi organizada em 6 grupos de 5 a 6 alunos, facilitando a circulação das ADs e a equipe da TV Lepete pela sala de aula, assim contribuindo também para a socialização dos alunos durante a realização das atividades da segunda etapa da SD. Com a ajuda da professora Adriana Barbosa, colamos no quadro cartazes produzidos pelas ADs no espaço do Lepete que mostravam os animais amazônicos distribuídos em mamíferos, répteis, aves, anfíbios e peixes.

Antes de darmos início à produção final, os alunos lembraram o que foi visto no primeiro dia, como as características do gênero Fábula, as histórias lidas, os personagens e a entrevista com o ilustrador. Ao dizer que nesse segundo dia poderiam utilizar as dicas de desenho vistas anteriormente e que desta vez seriam os ilustradores/as, a turma se animou e demonstrou interesse pela atividade a ser desenvolvida.

5 A Sequência Didática foi elaborada no Lepete pelas ADs Ângela Gomes, Camille Silva, Kamilly Vasconcelos, Maria Luiza, Rebeqa Lima e Vanessa Areque com o auxílio das coordenadoras do PAD.

Foram distribuídas folhas de papel A4 para todos os alunos e instruídos a criarem seus próprios personagens de fábulas com animais do contexto amazônico, resgatando Paulo Freire (1970, p. 47), ao lembrar que a educação “deve partir da realidade do educando. Só assim ela pode ser um verdadeiro processo de conhecimento e transformação”. Em seguida, a AD Vanessa entrou em sala para também desenvolver a SD.

Figura 1: ambientação da sala de aula



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Os alunos foram criando e desenhando conforme seu próprio ritmo. Deixando a imaginação fluir, produziram diversas ilustrações, desde animais em seus habitats naturais até animais com características humanas. Alguns foram além e inventaram até histórias a partir da observação das imagens dos animais expostos para buscar inspiração na criação dos desenhos.

No entanto, uma aluna em particular não queria desenhar. A AD Vanessa disse que estava tudo bem, mas comentou que seria importante que participasse.

Em outros momentos, foi possível perceber que os alunos faziam muitas comparações entre seus desenhos, o que gerava desestímulo em alguns, partindo principalmente dos meninos. Notamos também que alguns alunos tinham pouco interesse em colorir os desenhos.

Apesar de os alunos se conhecerem e conviverem diariamente apresentaram timidez e resistência em compartilhar os seus desenhos com os colegas. Até que o aluno Salomão se prontificou a apresentar o seu desenho. Os alunos estavam conversando bastante e alguns ainda finalizavam os desenhos, por esse motivo tivemos que pedir silêncio e para prestarem atenção ao colega.

O aluno Salomão apresentou seu desenho, e, em seguida, um grupo de meninas, mesmo tímidas, compartilharam seus desenhos com a turma. De modo geral apresentaram produções fantásticas, porém, alguns não se sentiram à vontade para apresentá-las. Isso foi respeitado pois nunca devemos impor aos estudantes processos criativos.

Outro ponto que observamos foram as características do cotidiano deles que foram acrescentadas nos desenhos. Na Figura 2, o aluno Davi desenhou um tucunaré segurando uma arma e quando pedimos para explicar, o mesmo disse que era porque jogava FreeFire, que é um jogo *online* de ação-aventura tiro e sobrevivência então, seu personagem também fazia parte deste universo.

Figura 2: Desenho do aluno Davi



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Apesar de estar bastante empolgado com o processo de criação e execução da atividade, o aluno Jheff frequentemente comentava sobre o cansaço e a demora para colorir o desenho. Isso reforça a percepção de que os alunos, em geral, não têm o hábito de colorir nem de explorar seu potencial artístico. Ainda assim,

demonstrou habilidade na mistura das cores, conseguindo alcançar o tom de água desejado.

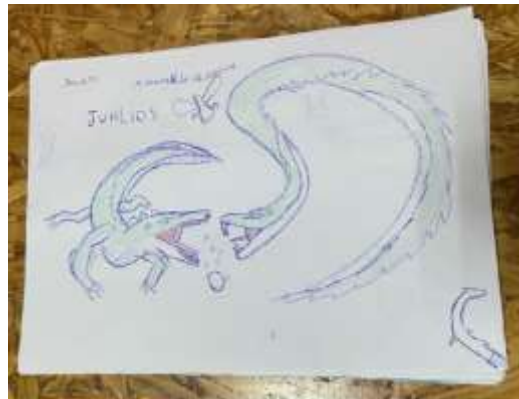
Figura 3: Desenho do aluno Jheff



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

O aluno Juhlios criou uma história para acompanhar o seu desenho, intitulado “O Crocodilo e a Cobra”. Na narrativa, o crocodilo e a cobra brigavam por um ovo, cada um acreditando que o ovo lhe pertencia. No entanto, ao longo da história, descobrem que o ovo não era de nenhum dos dois, mas sim de um pássaro. A história demonstra o conhecimento de Juhlios sobre a reprodução dos animais envolvidos, além de destacar sua criatividade ao combinar esses personagens de forma inusitada.

Figura 4 – O crocodilo e a cobra



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Em linhas gerais, a atividade foi muito satisfatória, permitiu que aprendessem sobre o gênero textual fábula dentro do contexto que estão inseridos, além de conhecerem uma das autoras e o ilustrador da obra trabalhada. Mas também nos mostrou como a criatividade é suprimida à medida que a criança vai crescendo, desestimulando o seu fazer artístico. A escola, ao adotar uma pedagogia mais técnica e tradicional, faz com que a imaginação dos alunos seja podada, levando-os a um caminho de inseguranças e comparações.

Uma viagem entre a assistência à docência e a formação do PAD

Ao longo da nossa caminhada no PAD até o presente relato, passamos por encontros formativos que nos auxiliaram no processo de elaboração das SDs e nossa condução em sala de aula. Aqui destacamos dois encontros que foram de suma importância para o desenvolver deste relato: a nossa vivência no ambiente do Lepete com a Brinquedoteca e a formação sobre elaboração de SD com a professora Elaine Andreatta.

Conforme apontam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), as sequências didáticas consistem em um conjunto de atividades organizadas sistematicamente com o objetivo de auxiliar os alunos a se apropriarem dos gêneros orais e escritos,

possibilitando que se expressem de forma mais adequada em diferentes situações comunicativas.

Esse encontro formativo, último, foi essencial para nossa parte teórica. Embora o encontro tenha sido postergado e remarcado para após a finalização da elaboração da nossa SD, foi essencial para sanar nossas dúvidas e refletirmos sobre as futuras elaborações de escritos. No decorrer do nosso fazer teórico, nos deparamos com diversos desafios, um deles é que quando nos tornamos bolsistas, a SD já estava em andamento e sendo realizada por nossas outras colegas ADs. Diante disso, conversamos com elas, nos inteiramos do processo e então pudemos contribuir para a finalização da elaboração dos módulos, destacando também a importância das professoras do Lepete que nos auxiliaram por todo o caminho, sendo a ajuda delas indispensável.

No dia 17 de maio de 2025, após concluída nossa SD, tivemos o encontro formativo com a professora Andreatta com o tema “Estratégias de leitura e de escrita: Sequências didáticas em efetivas práticas na sala de aula”, em que nos foi apresentada a explicação do conceito de gênero e como ele deve ser trabalhado em sala de aula para que os alunos aprendam de forma significativa.

A professora também nos orientou sobre os passos para a elaboração de uma SD sobre gêneros orais e escritos e isso foi fundamental para nossa compreensão total acerca do assunto. Prosseguindo, outro momento formativo bem interessante foi no dia 14 de abril de 2025, com a formação sobre Brinquedoteca com os brinquedistas do Lepete e aconteceu justamente uma semana antes de desenvolvermos a SD. Durante a formação, aprendemos a importância do brincar, da contação de histórias o circuito psicomotor e atividades lúdicas que são desenvolvidas pela brinquedoteca e o PAD nas escolas onde acontecem as formações continuadas da Oficina de Formação em Serviço (OFS).

Nesse dia pudemos experimentar como a brinquedoteca faz a diferença na vida dos alunos, estimulando a imaginação e a criação de histórias baseadas em situações da vida cotidiana, proporcionando falar sobre temas que são tratados como tabus e não são amplamente discutidos. Temas como bullying, violência doméstica,

intolerância religiosa e racismo foram tratados de maneira clara e objetiva, nos fazendo refletir sobre a importância de haver diálogos sobre esses assuntos. Assim, a Brinquedoteca nos atentou à contextualização e à mediação na hora do desenvolvimento da atividade, enfatizando a participação dos alunos/as.

Considerações

A realização da SD nos fez refletir sobre o quanto o fazer artístico é pouco a pouco esquecido à medida que crescemos. A arte é um dos meios pelos quais conhecemos os nossos alunos e como eles se expressam e se reconhecem no mundo. Quando nossa pedagogia tradicional, banhada pela tecnicidade, chega de encontro com o fazer artístico, acabamos apagando a chama criativa de nossos alunos.

Deste modo, “bebendo” das nossas experiências em campo teórico na Universidade e no Lepete nas rupturas com a ideia de um ensino tradicional, levamos nossos corpos e almas educadoras para as escolas que realizamos a assistência à docência e buscamos fazer o nosso professorar mais leve, inspirador e significativo. Saímos da escola tocadas pelas singularidades dos/as alunos/as e suas visões de mundo, do mesmo modo que esperamos que tenhamos causado um impacto positivo e significativo neles com nossas trocas e diálogos.

Finalizamos na expectativa de que na escola São Luís os alunos sejam incentivados na voz criativa da imaginação. Que o processo inventivo de ilustrar histórias revele as costuras em pontos e linhas entre a arte, prática de leitura, diversidade cultural no processo criativo que nos conectam ao universo amazônico. E, na criação e recriação de novos cenários os/as alunos/as, nas cenas do cotidiano, vejam a si mesmos com novos olhares, livres e com significados próprios a partir de contos amazônicos em Fábulas e Apólogos.

Referências

Dolz, Joaquim; Noverraz, Michèle; Schneuwly, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: Schneuwly, B.; Dolz, J. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos da escola. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

Prefeitura Municipal de Manaus. **Lei Ordinária nº 1.240, de 31 de outubro de 1984. Cria e denomina escolas municipais e dá outras providências**. Publicada no Diário Oficial do Município nº 25.628, de 16 de novembro de 1984.

Vigotsky, Levy Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

A CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA LÚDICA E AFETIVA EM UMA TURMA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

The Development of a Playful and Affective Pedagogy in an Early Primary School Classroom

Tiago Henrique Azevedo Rodrigues¹
Jediã Ferreira Lima²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

O presente relato de experiência descreve a trajetória formativa de um acadêmico do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), a partir de sua atuação no Programa Assistência à Docência (PAD). A experiência revelou a importância da relação socioafetiva entre docente e discente no processo de ensino e aprendizagem, além de demonstrar que o uso de metodologias lúdicas contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos estudantes, conforme fundamentos teóricos de autores como Chateau (1987), Vygotsky (2009) e Wallon (2007). Por fim, destaca-se que as formações continuadas ofertadas pelo programa permitiram ao autor ressignificar concepções pedagógicas e consolidar uma prática docente crítica, empática e humanizada.

Palavras-chave: Formação Docente. Ludicidade. Afetividade. Prática Pedagógica.

Abstracts

This experience report describes the educational trajectory of a Pedagogy undergraduate student at the State University of Amazonas (UEA), based on their participation in the Teaching Assistance Program (PAD). The experience highlighted the importance of the socio-affective relationship between teacher and student in the teaching and learning process, as well as demonstrating that the use of playful methodologies significantly contributes to students' cognitive, social, and emotional development, in line with the theoretical foundations of authors such as Chateau (1987), Vygotsky (2009), and Wallon (2007). Finally, it is emphasized that the continuing training provided by the program enabled

1 Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: tiago.henrique8424@gmail.com.

2 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL)/UFAM/CNPq. E-mail: jedylima@hotmail.com

3 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola

Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

the author to reinterpret pedagogical conceptions and consolidate a critical, empathetic, and humanized teaching practice.

Keywords: Teacher Education. Playfulness. Affectivity. Pedagogical Practice.

Introdução

Em 2024 e no decorrer de 2025, o projeto Oficinas de Formação em Serviço (OFS) atuou em nove unidades de ensino, atendendo na zona urbana do município de Manaus. Importante destacar que o programa OFS se articula junto ao PAD. Além disso, esses programas vinculam-se ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) e estão voltados para o fazer docente através do processo de desenvolvimento da formação inicial e continuada de professores, cuja área de atuação está especificamente ligada à Educação Básica nas etapas de Educação Infantil e Ensino Fundamental e também, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O objetivo deste relato é mostrar a importância da ludicidade e do afeto no processo de ensino e aprendizagem do aluno. Ademais, apresentar experiências cotidianas vividas no âmbito da Escola Municipal Izabel Angarita.

Em primeiro lugar, é de extrema importância dissertar acerca da minha trajetória antes de minha chegada ao programa, já que a partir disso, acabei trilhando um caminho na vida docente com base em troca de saberes por meio de formações disponibilizadas pelo Lepete, vivências no âmbito escolar público, práticas interdisciplinares através de diálogos pertinentes com diversas áreas de licenciatura, etc. Sei que fazer parte deste programa é de grande valia para a minha carreira, pois com ele aprendemos, evoluímos, crescemos, dialogamos e vivenciamos uma realidade pública de ensino.

Além disso, buscarei apresentar como foi a participação dos estudantes mediante as atividades compartilhadas em sala de aula que proporcionaram momentos para desenvolver o ensino através do lúdico e do afeto, conciliando também a interação, o brincar e o expressar de cada uma delas, assegurando as condições de aprendizagem das crianças no 3º e, posteriormente, 4º ano do Ensino Fundamental.

Por fim, apresentarei a importância das formações continuadas realizadas pelo PAD que contribuíram para o nosso fazer docente de maneira significativa, onde poderemos ver que a teoria em parceria com a prática refaz um caminho na arte de ensinar e de aprender onde a pedagogia lúdica esteja permeada de afetos.

Meus casos e acasos

Ao concluir o Ensino Médio em 2020, pela Escola Estadual Waldocke Fricke de Lyra, eu, Tiago Henrique, ainda mantinha a esperança de um dia passar por uma Universidade pública. Meu sonho era me tornar um jornalista esportivo, pois sou completamente apaixonado por esportes, especialmente por futebol. Mas acabei tendo esse sonho minado por pessoas que acabaram me desmotivando, alegando que “ser jornalista não dá dinheiro”. Com isso, ao realizar minha inscrição para o vestibular da Universidade do Estado do Amazonas, tive que optar por um curso no qual eu desejava ingressar e é aí que entra a Pedagogia.

Em 2019, tive a oportunidade de atuar com aulas de reforço para o filho de uma vizinha, juntamente com meu irmão caçula. Ao longo desse período, meus familiares e uma grande amiga me diziam que eu poderia pensar com mais carinho sobre ser professor, mas eu sempre me esquivava ou desconversava, afinal, achava essa profissão muito desgastante e irreal. Até que em 2021, durante a realização da minha inscrição, noto a Licenciatura em Pedagogia e acabo selecionando este curso.

Foi um ano muito ruim para mim, pois estava desmotivado, desempregado e com alguns problemas psicológicos oriundos da pandemia. Fui, realizei a prova e esperei pelo resultado final sem muitas expectativas de passar. Ao conferir o resultado no site da UEA, vejo meu nome escrito na lista dos convocados, em 5º lugar e junto com essa minha observação veio também a alegria de ter conseguido o que tanto almejava, passar para uma faculdade pública tão incrível quanto a UEA.

Em setembro de 2021, iniciei minha trajetória na Pedagogia, ainda por meio de aulas on-line por conta da pandemia, mas estava bastante motivado e entusiasmado com

isso. Durante uma aula remota ainda pelo 2º período, encaminharam uma mensagem no grupo da sala anunciando uma vaga para participar do LEPETE. Na época, estava sem nenhuma ocupação na questão de trabalho, pois havia sido recusado em inúmeras entrevistas e processos seletivos e isso me gerou muita insegurança. Fiquei num dilema em mandar ou não mandar mensagem demonstrando interesse pela vaga, pois, a insegurança e a timidez estavam me consumindo.

Ao final da aula, finalmente tomei coragem e mandei mensagem demonstrando interesse pela vaga e logo me encaminharam para a entrevista numa quarta-feira. Cheguei bem cedo, aguardei um tempo e após alguns minutos a professora Ângela Afonso me entrevistou e apresentou o programa para mim, explicando detalhadamente cada ponto do programa. Acabei sendo selecionado, após muito tempo de recusas em algumas vagas de estágio.

Entrei para o LEPETE em maio de 2022, com muita certeza de que essa oportunidade era algo completamente incrível e necessário para a minha vida no âmbito educacional, não só por isso, como também me proporcionar a vivência de uma realidade pública de ensino, uma realidade bastante particular ao longo de toda minha vida escolar. Entendo que graças ao LEPETE, me sinto mais seguro quanto à minha prática docente, acreditando fielmente que tanto atualmente quanto futuramente sou e serei um educador que ama e respeita a educação, e isso se dá pelo olhar cuidadoso e zeloso que o programa tem para com a docência. Por fim, destaco a gratidão que tenho por terem me proporcionado isso e digo que apesar dos desafios enfrentados, o Programa Assistência à Docência torna tudo mais fácil e mais leve com seu amor e dedicação aliado à empatia, carinho e afeto proporcionado aos professores/as, alunos/as e assistentes docentes.

Angarita: causar e ser causado

A Escola Municipal Izabel Angarita está localizada em uma área urbana na Rua Canumã - SN - Conjunto Atílio Andreazza - Japiim, Manaus/AM. É uma unidade de

ensino que atende os anos iniciais do Ensino Fundamental, isto é, do 1º ao 5º ano. Acompanhei uma turma que, inicialmente, no ano de 2024, estava no 3º ano do Ensino Fundamental e posteriormente, 4º ano. A turma era composta por aproximadamente 35 alunos matriculados regularmente. A professora regente em 2024 era uma e em 2025 houve uma mudança. Ao longo desse período, presenciei e vivenciei a construção de uma relação completamente dialógica, integrativa e respeitosa com todos os estudantes.

Todas as atividades eram realizadas com muita participação, a fim de gerar naquele momento, uma representatividade mediante ao meu fazer docente e ao fazer discente dos estudantes. A proeminência dessa construção foi fundamental para criar em mim, esse anseio de escrever meu relato de experiências baseado no meu experienciar com essas crianças que, de alguma forma, resignificaram minha práxis. Por outro lado, é uma instituição que possui Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A escola compartilha espaços para atividades de integração escola-comunidade. Usa espaços e equipamentos do entorno escolar para atividades regulares com os alunos. O programa Político Pedagógico (PPP) foi atualizado nos últimos 12 meses. E, ainda, possui colegiados em funcionamento na escola (Conselho escolar). Acerca de sua infraestrutura, há 10 salas de aula utilizadas, uma biblioteca, sala de leitura, laboratório de informática e ciências, quadra de esportes totalmente coberta, sala para a diretoria, professores e sala para atendimento especial (sala de recursos) e uma cozinha.

Quanto aos recursos de acessibilidade, há um banheiro para pessoas com necessidades especiais e rampas para uma melhor locomoção de pessoas com deficiência. Há, também, internet banda larga, rede local de interligação de computadores, acesso à internet para uso de alunos, administrativo, uso nos processos de ensino e aprendizagem e uso da comunidade. Existem 18 computadores em uso pelos alunos (computador portátil), 2 aparelhos de televisão, 2 aparelhos de som e 5 programas multimídia (datashow).

De acordo com dados da escola, obtidos no site Cultura Educa, reorganizamos as informações que nos revelam: em relação aos profissionais, existem 3 auxiliares no âmbito de secretaria, auxiliares administrativos e atendentes, auxiliares de serviços gerais, 2 profissionais de apoio e supervisão pedagógica, 1 secretário e 1 diretor (a). Os estudantes matriculados totalizam 509, divididos em 28 alunos estrangeiros (5,5%), 23 alunos nascidos em Estado diferentes da escola (4,5%) e 24 alunos que utilizam transportes escolar (4,7%), o restante está dividido em alunos com especificidades (laudados e em processo de investigação) e alunos sem nenhum tipo de transtorno ou deficiência (85,3%). Além disso, mediante aos aspectos sociais, a escola localiza-se em uma área consideravelmente de pessoas pertencentes à classe média/classe média baixa, possibilitando um forte choque de cultura e realidades plurais, agregado ao fato de que muitos estudantes são crianças que vivem em um abrigo localizado próximo à instituição.

Uma abordagem para além da normativa

Inicialmente, destaco com clareza que este relato irá frisar a construção de uma abordagem lúdica e afetiva diante da turma supracitada. Isto é, o trilhar e o vivenciar de uma relação socioafetiva entre professor e aluno, onde o protagonista, o aluno, proporcionava momentos de interação, reflexão e parceria diante de uma lógica normativa e pragmática da educação. A cada assistência realizada por mim, assistente docente (AD), nesta respectiva sala, notava uma determinada relação pautada pela confiança, harmonia e respeito por parte da professora regente e dos estudantes para comigo. Iniciei os acompanhamentos a esta sala no ano de 2024, enquanto estavam no 3º ano do Ensino Fundamental e pude acompanhá-los ao decorrer de 2025, já no 4º ano.

Os acordos pedagógicos baseados nos cumprimentos de seus direitos e deveres eram pontos cruciais para a colaboração de uma pedagogia mais funcional. Cumpríamos as atividades solicitadas pela professora e em seguida, buscávamos por estratégias menos maçantes de ensino, visando transformar, ressignificar e

desdobrar aquelas atividades para algo mais significativo, sem perder o crivo do embasamento teórico. Todos participavam ativamente do processo de realização das atividades. Havia, de fato, uma relação dialógica e integrativa de ensino, já que eles se integravam no momento oportuno e, por exemplo, iam até o quadro para escreverem qual a possível resposta de certa questão. Não foi apenas um momento em si, mas sim, um caminhar ao longo de quase um ano e meio, o que acabou resultando numa melhor prática educacional, haja vista, que a turma em si aprendia junto a mim, eu aprendia junto a eles e no final, todos nós éramos impactados por esse experienciar significativo, lúdico e afetivo.

Destaco o ensino por intermédio do lúdico por todo simbolismo e significância que esse método carrega. Como disse Chateau (1987, p. 14): “É pelo jogo, pelo brinquedo que crescem a alma e a inteligência (...) uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar”. Assim, defendo em minha abordagem uma metodologia em que aprender por intermédio da ludicidade é funcional o bastante para gerar na criança um desenvolvimento cognitivo eficiente.

O lúdico faz parte da atividade humana e caracteriza-se por ser espontâneo, funcional e satisfatório. E quando trago a ludicidade como estratégia importante para o processo de ensino e aprendizagem do aluno, quero dizer que a ludicidade proporciona ao educando o seu desenvolvimento pessoal, associado aos fatores sociais e culturais, onde colaboram para a boa saúde física e mental, facilitando o processo de socialização, comunicação, construção de conhecimentos e desenvolvimento pleno do processo de ensino e aprendizagem.

Por outro lado, denota-se também a existência de diversos benefícios da adesão do lúdico no processo de aprendizagem da criança, e segundo Vygotsky (1994), entre eles estão o desenvolvimento cognitivo, motor, social, cultural e intelectual da criança, a exploração das habilidades, contribuição para o desenvolvimento de competências interativas, tornando a criança um ser espontâneo e independente, aguçando o entendimento dela frente à existência de regras, limites e potencialidades e, ainda, estimulando a criatividade, fantasia e imaginação desse

sujeito em contínua formação. O referido autor ainda traz aos nossos anseios que, brincando a criança vai aprendendo a ser um adulto consciente, capaz de participar e engajar-se na vida de sua comunidade, exercitando, obviamente, sua cidadania.

Além disso, a afetividade fez parte da minha caminhada com essa turma em específico. Como no dia em que uma criança chegou até mim dizendo que havia aprendido a “escrever” meu nome em LIBRAS. Ou até mesmo no dia em que um grupo de crianças dessa mesma sala, me perguntou se eu poderia voltar mais vezes, nas palavras, “sem demorar 15 dias”.

Esse carinho deles para comigo foi transformado num afago e, querendo ou não, tornou-se combustível para o meu desejo em estar não somente naquele “chão da sala”, mas também em outros espaços que me façam exercitar a minha práxis docente. Acerca disso, Wallon (2007), diz que tanto a cognição, como a afetividade, brota da dimensão orgânica e vai adquirindo complexidade e diferenciação na relação dialética com o social. Para ele, a construção do sujeito se dá na relação com o objeto e depende da alternância entre afetividade (o modo como o indivíduo vai relacionar o objeto de estudo com o seu cotidiano, discutindo ativamente com o professor, estabelecendo relações mais íntimas com o professor) e a inteligência, caracterizada pelo processo de cognição do aluno (La Taille, Oliveira e Dantas, 1992).

Numa perspectiva walloniana a tarefa educativa implica na compreensão da pessoa completa, que reconhece quando a presença dos afetos interfere na aprendizagem da criança, sem buscar reprimi-los ou considerar que não seria de sua responsabilidade o seu manejo ao oferecer espaço para a entrada do cognitivo como estruturador do afeto.

Figura 1: Foto com a turma mencionada no relato



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

O construir e o desconstruir de saberes e conhecimentos

Diante dos encontros formativos realizados pela coordenação do PAD, pude ressignificar muitos deles. Vale ressaltar, que participei de algumas formações realizadas anteriormente, o que implica dizer e relatar que sempre existe algo novo a se aprender diante da gama de infinitos saberes e conhecimentos. Durante o processo de formação, tive a grata chance de construir e desconstruir alguns conceitos, preceitos e ideias que já me constituíam.

Ou seja, mesmo diante de uma certa “casca” criada por vivenciar o “chão da sala” desde 2022, acabei por constituir uma nova faceta enquanto professor em formação, uma faceta voltada para um educador que enxerga a realidade como ela é, nua e crua, sem romantizar. O que me motiva a enfrentar meus desafios sem determinado traço de receio por estar nessa área de atuação.

Dessa forma, concluo abordando a importância de todas as formações que participei. Assim prossigo em meu desenvolvimento profissional, em virtude de que, por meio delas, poderei contribuir para a realização das atividades dentro do âmbito

educacional, mostrando sensibilidade mediante a atuação, além da paciência no ato de lecionar para vivenciar experiências na sala de aula de forma lúdica.

Sendo assim, a ludicidade e o afeto foram analisados e suscitados de uma maneira onde tínhamos o lúdico sendo o ponto principal ao lado da afetividade, atuando em conjunto como interventores e facilitadores da aprendizagem no espaço escolar, visto que essas abordagens aprofundam e desenvolvem o conhecimento e a convivência entre aluno e professor dentro de sala de aula, de forma leve, dinâmica, menos invasiva e não tradicional, com o intuito de sempre levar conforto, entretenimento e lazer para as crianças, além, é claro, de criar uma ambientação propícia ao desenvolvimento cognitivo de cada uma.

Considerações

O ato de aprender brincando dentro do sistema de ensino ainda é um método pouco explorado, onde parte das escolas ainda persiste com uma visão nada flexível em relação à aula convencional. Neste relato, foi descoberto que o lúdico é uma grande proposta de ensino que estimula a criança e promove o seu desenvolvimento. Dentro dessa pesquisa, foram expostas a proeminência das formações que puderam contribuir para o aperfeiçoamento da minha prática enquanto docente em formação. Abordando e trabalhando nessa perspectiva, foi compreendido que a proposta de atividades não normativas e significativas despertam o interesse da aprendizagem por meio da execução da ludicidade como recurso pedagógico, onde as instruções são úteis para detectar problemas de ordem física, emocional, psicológicas e cognitivas, garantindo o desenvolvimento e a construção de conhecimentos necessários para o decorrer da vida do indivíduo.

É perceptível que a abordagem lúdica e afetiva sejam integradoras dos aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais, partindo do pressuposto de que é brincando e jogando que a criança aprende e ordena o mundo à sua volta, assimilando experiências e informações e, sobretudo, incorpora conceitos, atitudes e valores. Simultaneamente, percebe-se também que este relato servirá de grande valia para a

comunidade acadêmica, em especial a nós, ADs, pois apesar de já haver muitas produções científicas com a temática da ludicidade e afetividade como o cerne da pesquisa; porém, realçar a importância dessa temática nesse relato irá contribuir para a construção ativa de um olhar mais cuidadoso em torno do ensinar de modo lúdico afetivo.

Tudo gira em volta de uma aprendizagem significativa e isso só será possível se os(as) educadores(as) estiverem dispostos(as) a adquirir metodologias pensadas para um sujeito ativo de sua própria construção. Destacamos também que a aprendizagem não foi notada apenas do ponto de vista dos estudantes, mas também do meu próprio ponto de vista. Ou seja, tive a oportunidade de aprender juntamente com eles, e assim, de acordo com Paulo Freire (1996): “Não há docência sem discência” e “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Portanto, defendo o lúdico em parceria com o afeto nas escolas, a fim de gerar um ensino de qualidade, prazeroso e ameno a professores/as e estudantes.

Referências

Chateau, Jean. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summeus, 1987.

CULTURA EDUCA. **Escola - EM IZABEL ANGARITA**. Disponível em: https://culturaeduca.cc/equipamento/escola_detalle/13028650/ acesso dia 15 de maio de 2025 às 21h.

Freire, Paulo Neves Reglus. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire - São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

Lã Taille, Yves; Oliveira, Marta Kohl. Dantas, Heloísa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 15. ed. São Paulo, Summus, 1992.

Vygotsky, Lev Semenovich. 1896-1934. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução Villalobos, Maria da Pena. São Paulo: Ícone, 2009.



Wallon, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS E DESAFIOS DA ASSISTÊNCIA DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Pedagogical Experiences and Challenges of Teaching Practice in Elementary Education

Marcelo Vinicius Santos de Seixas¹

Jovana Sales Cardoso²

Jediã Ferreira Lima³

Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

O relato descreve as experiências pedagógicas de dois estudantes de Licenciatura, Marcelo (Matemática) e Jovana (Ciências Biológicas), durante sua atuação como Assistentes à Docência pelo Programa Assistência à Docência (PAD), do Laboratório de Ensino Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Ambos compartilhamos nossos percursos acadêmicos e a transformação de nossas visões sobre o ensino a partir das vivências em sala de aula na Escola Municipal Almeron Caminha Monteiro, em Manaus/AM. O texto destaca os desafios enfrentados, como a heterogeneidade das turmas, as dificuldades de interpretação dos alunos e a importância de estratégias inclusivas. A participação no programa contribuiu significativamente para o nosso amadurecimento pessoal e profissional, reforçando o compromisso com uma docência mais humanizada, crítica e transformadora.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Vivências. Formação docente.

Abstracts: The report describes the pedagogical experiences of two undergraduate students, Marcelo (Mathematics) and Jovana (Biological Sciences), during their participation as Teaching Assistants through the Teaching Assistance Program (PAD) at the Laboratory for Teaching, Research, and Transdisciplinary Experiences in Education (Lepete) at the Amazonas State University (UEA). Both authors share their academic journeys and the transformation of their perspectives on teaching through classroom experiences at Almeron Caminha Monteiro Municipal School in Manaus, AM. The text highlights the challenges faced, such as class heterogeneity, students' difficulties with comprehension, and the importance of

1 Acadêmico do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: mvss.mat17@uea.edu.br

2 Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: jovanajs465@gmail.com

3 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL)/UFAM/CNPq. E-mail: jedylima@hotmail.com

4 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

inclusive strategies. Participation in the program significantly contributed to our personal and professional growth, reinforcing our commitment to a more humanized, critical, and transformative teaching practice

Keywords: Elementary Education. Experiences. Teacher Education.

Introdução

A formação inicial de professores envolve muito mais do que o domínio de experiências curriculares. Trata-se de um processo de construção de saberes pedagógicos que se constituem na interface entre teoria, prática e contexto social. Nesse sentido, as experiências como a Assistência à Docência (PAD), vinculada ao programa do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Educação (Lepete), têm se configurado como espaços privilegiados para o desenvolvimento da identidade docente e a compreensão da complexidade do cotidiano escolar.

A partir da imersão no ambiente escolar, surgem discussões relevantes sobre a heterogeneidade das turmas, os diferentes ritmos de aprendizagem, as estratégias de ensino inclusivas, o gerenciamento da sala de aula e o papel do professor como mediador e agente transformador.

A escola pública, mesmo diante de desafios estruturais e sociais, revela-se como um espaço fértil de produção de conhecimentos e experiências significativas. Ao atuar nesse cenário, os licenciandos enfrentam as tensões e contradições da realidade escolar, mas também desenvolvem competências essenciais para a prática pedagógica, como autonomia, empatia, adaptabilidade e escuta ativa.

Como nos lembra Freire (1996), “ensinar exige responsabilidade, ética e compromisso com a transformação da realidade”. Com base nesse princípio, este texto busca refletir sobre o valor da prática como campo de formação crítica, a importância da escola pública como espaço de aprendizado docente e o papel da docência como prática social transformadora, pautada pela escuta, pelo afeto e pelo compromisso com uma educação democrática e inclusiva.

Neste trabalho buscamos analisar nossa atuação como licenciandos no exercício da docência em uma escola pública da cidade de Manaus; na primeira seção “Os cami-

nhos que nos formaram”, tratamos sobre nossa história pessoal e a jornada que enfrentamos para iniciar nosso papel como Assistente à Docência (AD). Na segunda seção “A Escola”, apresentamos a escola pública onde estivemos presentes, suas particularidades e o contexto social no qual está inserida. Na terceira seção abordaremos “As práticas pedagógicas em ambiente escolar” com ênfase na observação e condução de atividades pedagógicas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A quarta seção intitulada “Um Olhar Reflexivo sobre a Prática de Assistência à Docente”, falamos sobre as reflexões e saberes que surgiram a partir da experiência como AD e os impactos dessa experiência escolar para nosso futuro como professores.

Os caminhos que nos formaram

Meu nome é Marcelo Vinicius Santos de Seixas, tenho 26 anos. Minha história começa aos 17, quando precisei escolher um curso para prestar vestibular. Sabia que tinha facilidade com as disciplinas da área de exatas, por isso considerava opções como Engenharia ou Licenciatura em Matemática. Como não fui aprovado para o curso de Engenharia, optei pela Licenciatura.

No início da graduação, não levava o curso com seriedade, pois ainda não tinha certeza se era realmente isso que queria para a minha vida. Essa realidade começou a mudar em 2019, quando me tornei AD no Lepete. Foi a partir dos meus primeiros contatos com a sala de aula que percebi ter vocação para ensinar — e mais do que isso, descobri que eu amava o que fazia.

Hoje, concluindo a faculdade e vivenciando meus últimos meses no Lepete, posso afirmar que praticamente tudo o que aprendi sobre o ato de ensinar veio das ricas experiências proporcionadas pelo projeto: orientações, formações e debates entre estudantes de diferentes Licenciaturas, compartilhando vivências e construindo saberes em conjunto.

Sou Jovana Cardoso, tenho 22 anos e sou graduanda finalista do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e assim como Marcelo, sou Assistente à Docência pelo Lepete. Minha paixão pela biolo-

gia surgiu durante os estudos para o vestibular, quando comecei a me encantar pelo funcionamento da vida e pela diversidade de seres vivos que compartilham o planeta conosco.

Ao ingressar na UEA, percebi que a Licenciatura em Biologia vai muito além dos estudos em laboratório. Compreendi que, além de aprender sobre os fenômenos biológicos, eu teria a oportunidade de compartilhar esse conhecimento com outras pessoas. Foi assim que meu interesse pela docência cresceu gradualmente ao longo da graduação.

A vivência como Assistente à Docência no Lepete foi decisiva para expandir minha percepção sobre o verdadeiro alcance do trabalho docente. Compreendi que ensinar vai muito além de transmitir conteúdos, é também acolher realidades, provocar reflexões e contribuir ativamente para mudanças sociais e culturais.

Essa trajetória fortaleceu meu amadurecimento pessoal e profissional, despertando em mim um compromisso genuíno com a educação. Agora, ao finalizar minha graduação, carrego uma compreensão mais profunda e humanizada do papel do educador, enxergando o ensino como uma prática transformadora, construída com empatia, escuta e propósito, me sinto preparada para atuar com responsabilidade e paixão, contribuindo para uma educação mais significativa e inclusiva.

A Escola

A Escola Municipal Almeron Caminha Monteiro, situada no bairro Alfredo Nascimento, em Manaus (AM), oferece educação de qualidade voltada à Educação Infantil (pré-escola) e ao Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Essa escola busca uma educação inclusiva, possuindo alunos estrangeiros como também alguns com deficiência.

A escola possui uma infraestrutura moderna, com salas de aula climatizadas, biblioteca com sala de leitura, cozinha, refeitório e um laboratório de informática equipado com internet. Além disso, oferece um rico acervo de materiais didáticos, incluindo jo-

gos educativos e brinquedos pedagógicos, contribuindo para a construção de um ambiente de aprendizagem acolhedor, inclusivo e estimulante. O objetivo da escola é promover a formação integral dos alunos, valorizando o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de cada criança.

A escola é composta por um corpo docente acolhedor e atencioso, que sempre nos recebe com gentileza, reforçando o ambiente de acolhimento e respeito mútuo entre os profissionais da educação. A maioria dos docentes é composta por mulheres, comprometidas com o processo de ensino e sensíveis às necessidades dos alunos.

As turmas de 4º ano e 5º ano são compostas por crianças que, em sua maioria, reside nas proximidades da escola. Muitos dos alunos são parentes ou vizinhos, o que fortalece os laços comunitários dentro da escola. No entanto, é preocupante observar que diversas crianças vão e voltam sozinhas de casa, uma prática comum devido à curta distância entre a escola e suas residências. Essa autonomia, embora aparente, levanta questões importantes de segurança, especialmente considerando que o bairro apresenta certo grau de vulnerabilidade e não oferece condições ideais de proteção.

As famílias dessas crianças pertencem majoritariamente à classe média baixa, e enfrentam desafios econômicos e sociais que impactam diretamente a rotina escolar. As crianças demonstram interesse pela escola e pela relação que têm com os colegas. Mas mostram pouco interesse pelas atividades educacionais propostas, principalmente quando estas não envolvem diálogo e brincadeiras pedagógicas.

A escola está situada em um bairro de classe média baixa, que apresenta carência de infraestrutura e de políticas públicas voltadas para a melhoria das condições ambientais e urbanas da região. Apesar dessas limitações, a equipe pedagógica se mostra dedicada e comprometida em oferecer um ambiente de aprendizagem significativo, afetivo e transformador, fortalecendo os vínculos com a comunidade e promovendo a construção de saberes de forma coletiva e humanizada. Essas vivências colocam em evidência o caráter desafiador da docência, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidades sociais e limitações estruturais. Como destacado

por Nóvoa (1992), ao dizer que torna-se professor após uma longa jornada de experiências, vivências, reflexões e compromissos.

As práticas pedagógicas em ambiente escolar

As atividades pedagógicas tiveram início no dia 19 de março de 2025. Nesse dia, eu, o assistente docente Marcelo Seixas, apresentei-me à professora, que por sua vez me apresentou à turma, solicitando que os alunos me respeitassem e prestassem bastante atenção na continuidade das atividades propostas. Como sou aluno do Curso de Licenciatura em Matemática, a professora ficou bastante satisfeita, pois às terças-feiras essa era justamente a disciplina trabalhada em sala. Por isso, sentiu-se segura para me deixar responsável pela condução das atividades da aula.

Logo no início, apresentei-me aos alunos e pedi que cada um dissesse seu nome. Para memorizá-los, propus um jogo de memória no qual eu deveria dizer o nome de todos os alunos, do primeiro ao último. Essa dinâmica ajudou-me a aproximar-me da turma, tornando o ambiente mais leve e descontraído.

Nessa aula, assim como nas demais registradas neste relato, a professora deixou atividades no quadro e no livro para serem realizadas pelos alunos. As atividades no quadro envolviam problemas com as quatro operações matemáticas. Durante a observação, percebi que os alunos demoravam bastante para escrever. Dentre eles, havia o aluno Daniel, pessoa com deficiência e, para ele, a professora propõe uma atividade adaptada: escrever o próprio nome com o auxílio de uma caneta adaptada. Notei que os alunos apresentavam diferentes níveis de habilidade na escrita; alguns escrevem mais rapidamente, enquanto outros enfrentam dificuldades. Alguns estudantes, por não conseguirem enxergar bem do fundo da sala, sentam-se no chão, próximos à lousa. De maneira geral, a turma apresenta dificuldades de interpretação de enunciados. Contudo, um ponto positivo é que os alunos que compreendem melhor as questões costumam ajudar aqueles que têm dificuldades.

Os alunos que haviam terminado de copiar começaram a responder os exercícios, enquanto outros que copiavam com um ritmo diferente não conseguiam concluir o

exercício proposto. Esse problema gerou a desocupação de alguns alunos, o que fez com que eles ficassem conversando durante a aula e acabando por atrapalhar os alunos que ainda estavam copiando, isso exigiu que eu interagisse, fazendo com que eles mantivessem o foco.

A maioria dos alunos não conseguiu concluir a atividade até o fim do intervalo. Diante disso, dei continuidade após o retorno do lanche. Vale ressaltar que alguns alunos manifestaram o desejo de permanecer na sala durante o lanche para continuar copiando, conscientes de sua maior dificuldade na execução da escrita. No entanto, não permiti, por entender que não seria adequado deixar um aluno sozinho na sala. Por volta das 10 horas, iniciei a correção das atividades junto aos alunos, fazendo perguntas sobre os enunciados, sobre o que compreenderam e sobre os procedimentos utilizados na realização dos cálculos.

Ao final das atividades, realizei a correção coletiva dos exercícios e finalizei a aula com uma brincadeira chamada “Cidade Dorme”, na qual os alunos tentam descobrir quem é o “assassino” que está “eliminando” os colegas durante o jogo. De acordo com Wadjskop (2008), quando as crianças brincam, além de desenvolverem sua imaginação, elas constroem e elaboram regras de organização e convivência, estabelecendo limites de forma saudável. Às 10h50, a professora retornou à sala, e finalizei a atividade repassando a ela tudo o que havia sido realizado com a turma.

Figura 1: Acompanhamento da Atividade



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Minhas atividades na Escola Municipal Almeron Caminha tiveram início no dia 1º de abril de 2025. Nesta data, atuei como Assistente à Docência na turma do 4º ano A (sala 8). Logo no início do dia, o professor apresentou a mim, Jovana e ao meu colega (Marcelo Sérgio) aos alunos, reforçando algumas regras importantes de convivência em sala, como manter o respeito mútuo, realizar as atividades propostas e evitar circular pela sala durante as explicações.

Na ocasião, foram propostas atividades de Língua Portuguesa e Matemática. Em Língua Portuguesa, o professor escreveu um texto no quadro para ser copiado, seguido de um exercício no livro didático. Em Matemática, foi desenvolvida apenas uma atividade do livro. A sala estava bastante cheia, com cerca de 30 alunos. Inicialmente, os estudantes se mostraram tranquilos, curiosos e atentos à minha presença como futura professora.

Durante o decorrer da aula, Marcelo Sérgio precisou se ausentar da sala para auxiliar um colega com um aluno usuário de cadeira de rodas. A partir desse momento, assumi a condução da turma sozinha. Decidi circular entre as carteiras, tentando criar conexões individuais com os alunos, observando suas expressões, suas dúvidas e até mesmo suas pequenas distrações. Foi então que percebi algo desafiador: en-

quanto alguns estudantes terminavam as tarefas rapidamente, outros ainda mal haviam começado. Essa disparidade criou um clima de agitação porque os que finalizaram cedo começaram a conversar e o barulho dispersou a concentração dos demais.

Essa experiência me fez pensar sobre os desafios do gerenciamento de sala de aula e a importância de estratégias diferenciadas para manter o engajamento e a disciplina em turmas tão heterogêneas. Essa situação dialoga com a concepção de Libâneo (2013) que aborda sobre a importância de estratégias diferenciadas de ensino para manter o engajamento e a disciplina em turmas com níveis variados de aprendizagem.

Para lidar com esse desafio, solicitei que os alunos que já haviam terminado apoiassem os colegas que ainda estavam em processo. Essa prática de tutoria entre pares é defendida por autores como Vygotsky (2007), que destaca a importância da interação social no desenvolvimento da aprendizagem, sobretudo por meio da zona de desenvolvimento proximal, onde os alunos aprendem melhor na interação com o outro.

Quando a maioria havia finalizado, corrigimos coletivamente a atividade, convidei alguns alunos para me ajudar a responder oralmente e escrever as respostas no quadro. Para Pimenta e Anastasio (2010) esta estratégia promove a participação ativa, reforça a aprendizagem por meio do ensino entre pares e estimula o protagonismo estudantil. Os estudantes demonstraram entusiasmo com a atividade e gostaram de escrever no quadro, o que contribuiu para o engajamento da turma.

Às 9h, saímos para o lanche e retornamos 15 minutos depois. Ao voltar, ofereci à turma cinco minutos de pausa antes de retomar a aula de Matemática. No entanto, os alunos passaram a brincar na sala, jogando futebol com bolinhas de papel e desenhando nas carteiras, o que dificultou o retorno ao foco. Para retomar a atenção, prometi que iríamos corrigir juntos no quadro, o que novamente despertou o interesse da maioria.

Durante a atividade de Matemática, percebi que muitas crianças apresentavam dificuldade em compreender os enunciados dos problemas. Para facilitar esse proces-

so, utilizei recursos como a leitura em voz alta, gráficos simples e analogia com situações do cotidiano, o que auxiliou alguns alunos na resolução. No entanto, a dificuldade persistiu para outros. Notei também que a competitividade entre os estudantes, apesar de motivadora para alguns, acabava inibindo os colegas com maior dificuldade.

Ao final da aula, corrigimos coletivamente todas as atividades no quadro. A correção em grupo é uma prática valiosa por permitir o confronto de ideias, esclarecimento de dúvidas e reforço do conteúdo aprendido, como defende Vygotsky (2007). Em seguida, pedi aos alunos que organizassem o material para se prepararem para a saída. O professor retornou à sala, foi cordial como de costume, e perguntou sobre o comportamento da turma. relatei que a classe esteve um pouco agitada, mas que alguns alunos conseguiram concluir as atividades com êxito. Ele agradeceu pelo apoio, encerrando assim mais um dia de vivência da assistência à docência.

Vivenciar a escola reforça a necessidade de um olhar sensível às singularidades dos estudantes, valorizando práticas de escuta, diálogo e afeto. Nesse aspecto, a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (2007) é fundamental, ao defender que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre mediado pela interação social e pela linguagem, sendo o outro um elemento constitutivo do processo de aprendizagem.

Fig 2. Correção da atividade de matemática no quadro



Foto: Arquivo Lepete

Um Olhar Reflexivo sobre a Prática de Assistência à Docente

Ao longo dos anos de 2024 e 2025, participamos dos encontros formativos promovidos pela Coordenação do Programa de Apoio à Docência (PAD), os quais desempenharam um papel essencial na construção dos saberes pedagógicos e no desenvolvimento da nossa postura profissional em sala de aula. Esses momentos formativos foram muito mais do que simples espaços de compartilhamento de saberes e aprendizagens; constituíram-se como ambientes de diálogo, escuta ativa e troca de experiências entre pares, proporcionando uma formação continuada crítica e significativa.

A cada encontro, fomos provocados a refletir sobre nossa prática, questionar posturas automatizadas e compreender a importância da escuta sensível às realidades diversas e as diferentes especificidades dos alunos. Com base nesses aprendizados, nos sentimos mais seguros para atuar em sala de aula, adaptando intervenções de acordo com o ritmo e as necessidades dos alunos.

Durante a vivência prática como assistente à docência, aplicamos muitos dos conceitos discutidos nos encontros formativos. No entanto, também enfrentamos diversos desafios. Entre eles, destaco a dificuldade de manter o engajamento dos estudantes em um contexto de grande heterogeneidade, além das limitações de infraestrutura e o cansaço físico e emocional que, por vezes, acompanha o exercício da docência. A necessidade de tomar decisões rápidas, manter a disciplina e, ao mesmo tempo, garantir uma aprendizagem significativa revelou-se uma tarefa complexa que exige sensibilidade, planejamento e capacidade de mediação constante.

A partir dessa trajetória, nossa autoavaliação é positiva e reflexiva. Reconhecemos os avanços que tivemos em termos de postura, autonomia e segurança em sala de aula, mas também compreendemos que a prática docente é um processo em construção contínua. Houve momentos em que sentimos insegurança ou sobrecarregados, mas, em contrapartida, conseguimos desenvolver estratégias de escuta e de metodologias colaborativas.

Avalio o processo como extremamente formativo e transformador. Os encontros do PAD promoveram uma articulação entre teoria e prática, sempre valorizando a experiência docente como espaço de produção de conhecimento. Além disso, a convivência com outros profissionais da educação ampliou nossa visão sobre o papel do professor e reforçou o compromisso ético e social que acompanha o exercício da docência. Encerramos esta etapa com gratidão pelas aprendizagens construídas e com a certeza de que a formação docente não se limita ao conteúdo técnico, mas envolve a construção constante de identidade, postura e sensibilidade diante dos desafios da escola pública.

Considerações

Este relato de experiência é importante por tornar visível o cotidiano da prática docente em sua dimensão mais concreta, sensível e desafiadora, especialmente a partir da perspectiva de futuros professores em formação. Ao compartilhar vivências re-

ais, ele aproxima o discurso acadêmico da realidade escolar, promovendo uma reflexão crítica e situada sobre o processo de ensino-aprendizagem. Relatos como este possibilitam uma compreensão mais profunda das complexidades da sala de aula, indo além da teoria dos livros e trazendo à tona situações reais, mediadas por emoções, limites estruturais e decisões pedagógicas cotidianas.

Além disso, ao longo dessa trajetória, percebemos que ensinar exige sensibilidade para lidar com diferentes ritmos de aprendizagem, criatividade para engajar os alunos e resiliência para superar os desafios cotidianos da sala de aula. Essa experiência também nos mostrou que é preciso investir em metodologias mais dinâmicas e inclusivas, especialmente para alunos com dificuldades de interpretação ou limitações físicas.

Por fim, concluímos essa etapa com a compreensão de que a docência é um ato político e afetivo, capaz de transformar realidades. As dificuldades enfrentadas reforçaram nosso compromisso com uma prática pedagógica mais humana, crítica e inclusiva. Acreditamos que cada desafio superado nos preparou não apenas para ser professores, mas para ser educadores com um olhar mais humano e inclusivo.

Referências

Andrade, N; caldas, A. N; alves, N. **Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas conversas acerca deles.** IN: Oliveira, Inês Barbosa de; Peixoto, Leonardo Ferreira; Sussekind, M. L. Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

Bauman, Z. **Medo líquido.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

Freire, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Libâneo, J. C. **Didática.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

Moura, M O. de. **A resolução de problemas e o ensino de matemática: uma perspectiva histórico-cultural.** Boletim *GEPEM*, São Paulo, n. 56, p. 27-42, 2010.



Nóvoa, António (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

Pimenta, S. G; Anastasiou, L. das. G. C. **Docência no ensino superior**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Vygotsky, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Wajskop, Gisela. **Brincar na pré-escola**. 7. ed- São Paulo: Cortez, 2007.

ENTRE VIVÊNCIAS E SABERES: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA FORMAÇÃO INICIAL EM PEDAGOGIA

Between Experiences and Knowledge: The Construction of Teacher Identity in Initial Pedagogy Training

Lívia Barbosa da Silva¹

Ana Michelle de Carvalho Martins²

Maria Quitéria Afonso³

Resumo

O presente relato tem como objetivo apresentar a trajetória de formação docente de uma estudante de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), destacando os elementos subjetivos, institucionais e formativos que contribuíram para a construção de sua identidade profissional. A narrativa percorre experiências escolares marcadas por ausência de acolhimento e como essas vivências influenciaram a escolha pela docência. O texto enfatiza o papel transformador dos espaços formativos, como o Programa Assistência à Docência (PAD) e o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares (Lepete), evidenciando como esses contextos promovem o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais humanas, reflexivas e inclusivas. A partir de experiências concretas em sala de aula e formações teóricas, a autora reflete sobre os desafios e aprendizados que marcam a formação inicial, reafirmando o compromisso ético, político e afetivo com a educação.

Palavras-chave: Formação Docente. Prática Pedagógica. Educação Inclusiva. Programa de Assistência à Docência.

Abstracts:

This report aims to present the teacher education trajectory of a Pedagogy student of a Pedagogy undergraduate student at the State University of Amazonas (UEA), highlighting the subjective, institutional and formative elements that contributed to the construction of her professional identity. The narrative traces school experiences marked by a lack of support

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: lbd.s.ped23@uea.edu.br

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM). E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

3 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola

Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

and how these experiences influenced her choice to pursue teaching. The text emphasizes the transformative role of formative spaces, such as the Teaching Assistance Program (PAD) and the Teaching, Research and Extension Laboratory in Educational Work (Lepete), showing how these contexts promote the development of more humanized, reflective and inclusive pedagogical practices. Based on concrete classroom and theoretical training, the author reflects on the challenges and learning processes that characterize initial teacher education, reaffirming her ethical, political and affective commitment to education.

Keywords: Teacher Education. Pedagogical Practice. Inclusive Education. Teaching Assistance Program.

Introdução

A formação docente é um processo contínuo e multifacetado, que se constrói não apenas por meio de saberes acadêmicos e metodológicos, mas, sobretudo, a partir das vivências pessoais, afetivas e sociais que marcam a trajetória de quem escolhe educar. A escolha pela Pedagogia, muitas vezes, emerge de experiências singulares que, embora inicialmente desconexas, tornam-se, com o tempo, elementos fundantes da identidade profissional do educador. Nesse sentido, narrar a própria história de formação é, também, um ato reflexivo que permite compreender como os caminhos percorridos influenciam o modo de estar e agir na docência.

Este relato tem como objetivo apresentar a construção da minha identidade como futura pedagoga, destacando os marcos subjetivos e institucionais que contribuíram para minha decisão de ingressar no Curso de Pedagogia da UEA. Por meio de experiências que perpassam desde os primeiros anos escolares até a atuação como assistente docente no Lepete, evidenciei como o percurso formativo se entrelaça com desafios, descobertas e reflexões que vão além da sala de aula.

Assim, esta narrativa busca valorizar o caráter formativo das experiências cotidianas e dos espaços de acolhimento e prática, como o PAD, reconhecendo que o processo de “professorar” é profundamente marcado por relações, afetos e escolhas que vão dialogando gradualmente, em um compromisso ético e político com a educação.

Ser Pedagoga: Um Chamado que Veio da Minha História

Sou Lívia Barbosa da Silva, tenho 20 anos e sou natural da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Aos 8 anos me mudei para Manaus com a esperança de uma vida melhor. Ali, vi uma menina com medo do novo, sem meus familiares, sem amigos e sem todos os costumes, que até então eram o meu cotidiano. Ao entrar em uma escola nova me vi sem amparo nenhum pelo bullying que sofri e pelo descaso da professora ao ignorar todos os acontecimentos. Foi nesse momento de vulnerabilidade que, embora ainda de forma inconsciente, a pedagogia começou a fazer parte da minha trajetória.

Durante os anos seguintes, mantive dedicação aos estudos, embora não soubesse exatamente qual carreira seguir. Experimentei diversas possibilidades até chegar ao terceiro ano do Ensino Médio, quando a pressão por escolher um futuro "ideal" se intensificou. Entre questionamentos e expectativas sociais sobre a vida adulta, deparei-me com a oportunidade de prestar vestibular para a UEA. Ao observar a lista de cursos, o nome "Pedagogia" chamou minha atenção e, instantaneamente, rememorei minha trajetória escolar — as experiências difíceis, mas também os professores que, mesmo em meio à rotina atribulada, foram acolhedores e transformadores. Foi então que percebi: não escolhi a Pedagogia, fui escolhida por ela.

Ali iniciei minha vida como discente do Curso de Pedagogia na UEA, em meio a tantos medos e incertezas, me vi confiante de que, a partir daquele momento, eu estaria fazendo parte das mudanças do mundo. E em meio a tantos trabalhos, seminários e expectativas, iniciei um estágio em uma escola particular no 2º período da Universidade.

Nesse estágio presenciei uma educação conteudista e corrida sem se importar com os alunos e sem amor e acolhimento, me vi fazendo aquilo que sempre critiquei, tanto como aluna quanto como professora. E então me veio a oportunidade de atuar em um ambiente que sempre foi um desejo como universitária, atuar no Lepete

como Assistente Docente. Ali vi como a educação é libertadora e acolhedora. Por meio do PAD, tenho me desenvolvido cada dia mais como professora, aprendendo a desenvolver atividades de forma a me importar também com o aluno, suas vivências, o ambiente escolar como um todo. Ter essa oportunidade, agora no 5º período da Universidade faz com que eu me sinta cada vez mais pronta para as vivências da docência e do professorar.

Educar com Cuidado: O Espaço Escolar como Expressão de Acolhimento e Afeto

A Escola Izabel Angarita foi fundada em 27 de abril de 1984. Aos seus 41 anos, cheia de vivências e experiências, abriu as portas para o PAD. Ao adentrar a escola, é possível perceber um ambiente acolhedor e voltado ao bem-estar das crianças. Logo na entrada destaca-se um amplo pátio central, colorido e decorado com elementos lúdicos, que serve como espaço de convivência e recreação para os alunos. A estrutura física da escola foi planejada de forma a favorecer a circulação, a organização e a acessibilidade.

O acesso à área interna ocorre por meio de um corredor principal, que dá acesso às salas de aula e demais espaços administrativos e pedagógicos. Em uma das extremidades do prédio localizam-se a cantina, os bebedouros e os banheiros; na outra, encontram-se as salas da coordenação pedagógica, a sala de recursos multifuncionais — voltada ao atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais — e a biblioteca, espaço essencial para o estímulo à leitura e à pesquisa.

As salas de aula são organizadas de maneira a proporcionar um ambiente estimulante e funcional. Todas são decoradas com temáticas variadas, refletindo a criatividade e o empenho das professoras em tornar o espaço mais atrativo para os alunos. Estão equipadas com mesas e cadeiras adequadas tanto para estudantes quanto para docentes, além de quadros e demais materiais pedagógicos indispensáveis à realização das atividades escolares. Esse ambiente favorece a

criação de um espaço de aprendizado dinâmico, onde a construção do conhecimento é incentivada de forma significativa e prazerosa.

Além de dispor de uma estrutura diferenciada em comparação a muitos espaços públicos, a escola em questão apresenta outro aspecto fundamental que contribui significativamente para seu caráter singular. Localizada no bairro Japiim, na cidade de Manaus, a instituição atende majoritariamente estudantes oriundos de contextos periféricos, incluindo um número expressivo de alunos residentes em abrigos. Esse fato merece destaque, sobretudo pela forma acolhedora e inclusiva com que a escola recebe esses alunos.

Observa-se um compromisso institucional em respeitar e valorizar as especificidades de cada aluno, independentemente de sua origem — seja da comunidade local, de abrigos ou apresentando neurodivergências. O acolhimento e a dedicação demonstrados pelos profissionais da escola evidenciam uma postura equânime e afetuosa no trato com todos os estudantes.

Desafios e Estratégias em uma Turma do 3º ano do Ensino Fundamental

No dia 26 de março de 2025, dei início à experiência com a designação para atuar na turma do 3º ano A, grupo com o qual já havia tido contato anteriormente. A sala conta com 22 alunos ao todo, porém nesta quarta chuvosa havia somente 10 alunos presentes.

Ao adentrar em sala, a professora não havia iniciado nenhuma atividade ainda, então logo me passou o que seria proposto para aquele momento. Ela me informou que devido a algumas situações não conseguiu realizar muitas atividades para que eu trabalhasse com os alunos. Então, após ela se despedir dos alunos, iniciei mais uma manhã com muita energia e expectativas para aquele momento.

Nas atividades propostas pela professora, havia uma atividade sobre carta/bilhete, onde os alunos deveriam identificar a estrutura do gênero carta e interpretar o que havia na mensagem do texto. Apesar de conduzir o exercício com bastante atenção

e calma para que todos fizessem juntos, a turma o realizou de forma bem prática. A imagem a seguir mostra o acompanhamento da atividade proposta.

Figura 1: Desenvolvimento da carta



Foto: Arquivo Lepete/ UEA (2025)

Após o intervalo decidi que seria interessante desmembrar ainda mais o assunto, já que a cada dia com o avanço das tecnologias, poucos ali poderiam ter tido um real contato com a produção de cartas em suas vivências. Seguindo este pensamento, desenvolvi novamente com os alunos a estrutura textual e propus a produção de uma carta para uma pessoa querida, podendo ser livre o remetente, o assunto e como eles entregariam, deixando claro que caso tivessem dificuldades, eu estaria ali para auxiliá-los na escrita. Pude perceber que muitos alunos apresentaram essa dificuldade de escrever de forma autônoma e correta, porém, ainda assim, todos produziram seus bilhetes como mostra a imagem abaixo, me deixando extremamente satisfeita, tanto por ter conseguido desenvolver uma atividade proposta totalmente por mim e os alunos conseguirem compreender, quanto pela forma que eles demonstraram também o afeto por seus familiares, amigos e até mesmo a mim.

Figura 2: Apresentação das cartas



Foto: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Essa estratégia dialoga com as ideias da teoria sociocultural, na qual a aprendizagem é potencializada por meio da mediação do adulto. Segundo Vygotsky (2008, p. 97), “o aprendizado desperta uma variedade de processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar apenas quando a criança interage com pessoas em seu ambiente”.

Após esta proposta, realizamos uma atividade de Geografia, onde eles deveriam cortar os móveis e os colocar nos ambientes da casa. Como a impressão ficou em uma qualidade ruim, eu decidi fazer com que os alunos desenhassem os móveis no quadro, para maior interação e participação dos mesmos, a proposta também se mostrou muito divertida pela forma em que os alunos se mostraram dispostos a participar e como foi dito por um aluno “mostrar nossos talentos”.

Já no dia 7 de maio de 2025, retomou-se a atuação no âmbito do PAD na escola, após um período prolongado de interrupções motivadas por feriados consecutivos. O retorno foi marcado por um sentimento coletivo de entusiasmo, impulsionado pelo acolhimento característico da escola, o que favoreceu uma atmosfera propícia à prática docente.

Ao adentrar o espaço da turma que no dia contava com 18 alunos, a professora titular, Antônia Moreira, conduzia uma atividade de Língua Portuguesa voltada à

identificação dos diferentes sons da letra “C” (sons de /k/ e /s/) e do dígrafo “QU” com som de /k/. Os estudantes, naquele momento, estavam fazendo os registros das respostas escritas no quadro. Notei que o comportamento da turma estava mais disperso que o habitual, com indícios claros de desinteresse pela atividade proposta. Diante disso, compreendi que seria necessário reorganizar minha prática para promover a participação ativa dos estudantes.

No retorno do intervalo, propus uma atividade de Matemática sobre adição e subtração de centenas, conforme orientação deixada pela professora titular. A imagem a seguir apresenta a atividade desenvolvida no quadro. Ao perceber que os alunos continuavam dispersos, optei por realizar a atividade de forma mais interativa, chamando-os ao quadro para resolverem os exercícios, nesse sentido a participação ativa dos estudantes favoreceu o interesse coletivo e aumentou a concentração da turma.

Figura 4: Desenvolvimento da atividade de Matemática



Foto: Arquivo Lepete/ UEA (2025)

Encerrada essa atividade, foi possível identificar alunos que ainda necessitavam de reforço. Ao mesmo tempo, a expectativa em relação à aula de Educação Física se intensificava. Nesse dia, especificamente não estava programada assistência à docência para essa prática, nesse sentido, decidi conduzir uma atividade alternativa, reconhecendo que o brincar é uma parte essencial do desenvolvimento infantil.

Organizei a sala para possibilitar os exercícios físicos, iniciando com alongamentos coletivos. Notei que vários alunos apresentavam dificuldades relacionadas ao

equilíbrio. Em seguida, propus brincadeiras como “batata quente” e “cidade dorme”. Alguns alunos, inicialmente, resistiram às regras dos jogos, tentando dominar a dinâmica ou se sobrepor aos colegas. Diante disso, promovi uma conversa explicando a importância da vez de cada um e da coletividade. Essa abordagem dialoga com Freire (1996, p. 24), que destaca que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, diálogo e autonomia”.

No encerramento da manhã, reorganizamos a sala e realizei uma breve conversa com os alunos, perguntando sobre suas percepções da aula. As respostas positivas demonstraram que, mesmo diante de um cenário desafiador, foi possível proporcionar um ambiente de aprendizagem significativo e acolhedor. A experiência reafirmou o papel do assistente docente como mediador sensível e flexível, capaz de adaptar-se às necessidades do grupo e promover uma prática educativa humanizada.

Os dois dias de atuação no PAD, 26 de março e 7 de maio de 2025, apresentam desafios distintos, mas se cruzam em um aspecto primordial: a necessidade de adaptação da prática docente para promover um ambiente de aprendizagem significativo e acolhedor.

No primeiro dia, a proposta pedagógica girou em torno da escrita de cartas e bilhetes, um gênero textual que, devido ao avanço das tecnologias, tornou-se menos presente na vivência dos alunos. A mediação docente permitiu que os alunos compreendessem a estrutura do gênero e expressassem sentimentos por meio da escrita, demonstrando a importância da afetividade no processo de aprendizagem, conforme destaca Wallon (2001, p. 88): “a afetividade é um dos fatores essenciais no desenvolvimento da inteligência”.

Já no segundo dia, o desafio foi lidar com a dispersão dos alunos durante as atividades. A necessidade de reorganizar a prática pedagógica levou à adoção de estratégias mais interativas, como a resolução de exercícios no quadro. Além disso, a condução de atividades físicas e brincadeiras demonstrou a relevância do brincar no desenvolvimento infantil, promovendo a socialização e o respeito às regras.

Ambos os dias evidenciam a importância da flexibilidade e da sensibilidade do docente para adaptar-se às necessidades do grupo, garantindo um ambiente de aprendizagem dinâmico e participativo. A construção do conhecimento, conforme Piaget (1973, p. 15), não é uma mera reprodução da realidade, mas uma construção ativa do sujeito que aprende. Dessa forma, a atuação docente nesses dois momentos reafirma o meu papel como mediadora do conhecimento, capaz de transformar desafios em oportunidades de aprendizagem significativa.

Formação Inicial e Espaços de Acolhimento no Lepete

Um dos diversos tipos de acolhimento promovidos pelo Lepete manifesta-se nos encontros formativos realizados como preparação para as atividades em sala de aula. Esses momentos antecedem as idas às escolas e são fundamentais para o processo de formação docente, especialmente considerando a rotatividade do Assistente Docente presente no Programa de Assistência à Docência (PAD) e o fato de que muitos acadêmicos ainda não vivenciaram práticas efetivas em ambientes escolares.

Desde o meu ingresso no segundo semestre de 2024, participei de múltiplas formações que contribuíram significativamente para minha trajetória acadêmica-profissional. A primeira delas “Reunião para orientações pedagógicas PAD nas escolas” ocorreu já em um momento de preparação para o início das experiências nas escolas, contexto marcado por incertezas e inseguranças. Nessa ocasião, percebi a relevância do suporte institucional oferecido, o qual me proporcionou maior segurança diante dos desafios cotidianos. Foram discutidas orientações sobre a rotina escolar, os limites de atuação dos assistentes docentes e a importância do diálogo com a coordenação para a mediação de determinadas situações.

Além disso, as formações abordaram aspectos pedagógicos como a “Elaboração: objeto de aprendizagem” de sequências didáticas, esclarecendo seus benefícios e o processo de construção. Essa compreensão se mostrou essencial para minha prática no PAD, pois possibilitou que eu realizasse conexões entre as habilidades

previamente organizadas pela professora regente e as necessidades dos alunos, favorecendo a aprendizagem e o engajamento.

Esses momentos formativos tornaram-se, assim, recursos imprescindíveis para a atuação no contexto escolar. Em diversas situações previstas e discutidas durante as formações, pude aplicar os conhecimentos adquiridos, o que fortaleceu minha autoconfiança e minha percepção de competência profissional. Acredito que, sem esse preparo prévio, minha atuação teria sido marcada por hesitação ou reações impulsivas, distantes das condutas que considero mais apropriadas.

Proposto no contexto da sequência didática, a formação “Ajuri literário” conduzida pela professora Adriana também foi muito reflexiva. Ao aprender o significado da palavra ajuri, pude compreender melhor a proposta que esta sequência didática feita em conjunto teria, e também aprender ainda mais sobre um dos pilares do Lepete, estarmos juntos, pois isso nos torna o PAD e nos torna cada vez mais próximos do professorar.

Por fim, reconheço que essas formações me preparam para lidar com a imprevisibilidade inerente ao ambiente escolar, especialmente diante das distintas realidades que as crianças trazem diariamente para a sala de aula. Enquanto acadêmica de Licenciatura em Pedagogia e Assistente Docente no Lepete, percebo que essas vivências formativas me aproximam cada vez mais do exercício da docência, fortalecendo minha identidade profissional e o compromisso com a prática educativa.

Considerações

A trajetória aqui apresentada revela uma construção identitária profundamente entrelaçada com as experiências vividas no contexto escolar, tanto enquanto aluna quanto no exercício formativo como futura docente. A escolha pela Pedagogia não foi resultado de um planejamento premeditado, mas sim um chamado que emergiu das marcas deixadas por vivências significativas, especialmente aquelas pautadas na ausência de acolhimento e na carência de escuta no ambiente educacional.

Ao longo da formação na UEA, sobretudo por meio da atuação no PAD e das vivências no Lepete, foi possível ressignificar tais experiências, agora sob a perspectiva de quem educa. O espaço formativo oferecido pelo Lepete consolidou-se como fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais sensíveis, criativas e éticas, reafirmando a importância do acolhimento e da mediação na formação docente inicial.

As experiências narradas ao longo deste relato – tanto no estágio quanto na prática com turmas do Ensino Fundamental Anos Iniciais – evidenciam os desafios cotidianos da docência, como a necessidade constante de adaptação, a escuta ativa das crianças e a construção de um ambiente escolar significativo. A atuação como Assistente Docente permitiu não apenas o exercício prático das teorias aprendidas ao longo do curso, mas também a construção de uma postura crítica e reflexiva diante das realidades escolares.

Educar, portanto, não é apenas transmitir conhecimentos, mas um ato político e humanizador, que exige sensibilidade, preparo e compromisso com a formação integral do sujeito. Ao olhar para minha trajetória até aqui, compreendo que ser pedagoga ultrapassa a dimensão técnica: é um ato de resistência, de cuidado e de transformação. A formação inicial, ao ser marcada por experiências acolhedoras, dialógicas e fundamentadas teoricamente, tem se mostrado essencial para que eu me reconheça, cada vez mais, como parte ativa na construção de uma educação comprometida com a equidade, o afeto e a justiça social.

Referências

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Piaget, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

Vygotsky, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



Wallon, Henri. **A evolução psicológica da criança**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

**O ENCONTRO DA INCLUSÃO:
TRAJETÓRIA E ATUAÇÃO DE UMA ASSISTENTE DOCENTE NA
SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL**

**The Encounter with Inclusion: Trajectory and Performance of a
Teaching Assistant in the Multifunctional Resource Room**

Fernanda Matos Fernandes¹
Ana Michelle de Carvalho Martins²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

Este relato descreve o encontro da experiência vivida na Sala de Recursos Multifuncional (SRM) de uma escola pública de Manaus/AM, destacando a importância do diálogo, dos jogos e da aprendizagem participativa no atendimento às crianças com necessidades educacionais específicas. A vivência foi realizada por meio do Programa Assistência à Docência (PAD) do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete), evidenciando como estratégias lúdicas e inclusivas podem promover o desenvolvimento de habilidades e a autoconfiança das crianças. Durante as atividades, foram utilizados jogos adaptados, como o "Corre-Corre das Palavras", e tecnologias como tablets, que se mostraram eficazes para estimular a concentração e a interação entre as crianças. O relato também aborda a trajetória acadêmica da autora, que, como estudante de Pedagogia com diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), encontrou no PAD/Lepete uma oportunidade para desenvolver suas habilidades pedagógicas e contribuir para uma educação mais acolhedora e inclusiva. A experiência evidenciou a importância da Sala de Recursos como um espaço importante ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), capaz de atender às singularidades dos alunos e promover a inclusão por meio de metodologias específicas, criativas e sensíveis.

Palavras-chave: Sala de Recursos. Inclusão. Jogos Pedagógicos. Aprendizagem

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. Email: fmf.ped22@uea.edu.br

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do LEPETE/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM). E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

3 Vice-líder de Pesquisa do LEPETE/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

Abstracts

This report describes the experience encountered in the Multifunctional Resource Room (SRM) of a public school in Manaus, AM, highlighting the importance of dialogue, games, and participatory learning in supporting children with specific educational needs. The experience was conducted through the Teaching Assistance Program (PAD) of the Laboratory of Teaching, Research, and Transdisciplinary Experiences in Education (Lepete), demonstrating how playful and inclusive strategies can foster skill development and self-confidence in children. During the activities, adapted games, such as the "Word Race," and technologies like tablets were used, proving effective in stimulating concentration and interaction among students. The report also addresses the author's academic trajectory, as a Pedagogy student diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD), she found in PAD/Lepete an opportunity to develop her pedagogical skills and contribute to a more welcoming and inclusive education. The experience demonstrated the importance of the Resource Room as a key space for Specialized Educational Assistance (AEE), capable of addressing the students' individual needs and promoting inclusion through specific, creative, and sensitive methodologies.

Keywords: Resource Room. Inclusion. Pedagogical Games. Learning

Introdução

A educação inclusiva representa um desafio e uma oportunidade para transformar realidades escolares, especialmente no contexto do AEE. Este relato tem como objetivo descrever o encontro com as vivências e experiências na SRM da Escola Municipal Prof^a Isabel Victória do Carmo Ribeiro em Manaus/AM, durante a participação no PAD do Lepete. A proposta central, foi explorar estratégias lúdicas e participativas, como jogos adaptados e tecnologias assistivas, para promover a inclusão de crianças com necessidades educacionais específicas. Além disso, a experiência permitiu refletir sobre a importância da mediação docente, do trabalho em equipe e do envolvimento das famílias no processo educativo. Ao articular teoria e prática, este relato busca contribuir para o debate sobre metodologias pedagógicas que valorizam a diversidade e garantem o direito de todos à aprendizagem significativa.

Na primeira seção, explico como entrei no Programa e superei minhas inseguranças como futura professora com autismo, descobrindo que minhas diferenças podem ser minhas maiores forças na sala de aula; na segunda, descrevo a escola onde atuei como assistente docente (AD), uma instituição pública em Manaus/AM, que mesmo

com poucos recursos, mostra todo dia que é possível fazer a diferença na vida das crianças.

Já na terceira seção, compartilho como foi um dia na SRM, onde usei jogos adaptados e tecnologia para auxiliar crianças com autismo e outras necessidades especiais, sendo que cada uma delas me ensinou lições valiosas sobre paciência e criatividade. Na última seção, discorro sobre tudo que aprendi e vivi com os momentos formativos do PAD, desde como evitar palavras preconceituosas durante o desenvolvimento das atividades e até como pequenas adaptações podem transformar a aprendizagem das crianças.

Minha trajetória acadêmica e o PAD

Meu nome é Fernanda Matos Fernandes, sou estudante do 7º período de Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Desde pequena, me via no papel de professora, mas nunca imaginei que seguiria essa carreira. Minha voz baixa e o diagnóstico de autismo (nível de suporte 1) durante o Ensino Médio, me fizeram acreditar que a docência não era para mim.

No entanto, após experimentar outros caminhos, ingressei em Pedagogia através do Vestibular Macro em 2022. Em outubro de 2023 fui selecionada para o PAD do Lepete, uma experiência que está transformando minha relação com a educação. O PAD tem me ajudado a desenvolver habilidades pedagógicas e a trabalhar minha autoconfiança, sempre com o suporte essencial da minha psicóloga e fonoaudióloga. Embora ainda esteja desenvolvendo minhas capacidades para falar em público, a cada dia, o PAD me mostra que ser professora vai muito além disso. Estou aprendendo que posso contribuir para uma educação mais acolhedora, especialmente para estudantes que, como eu, vivenciam desafios particulares no processo de aprendizagem.

A escola, seus contextos e sua história

De acordo com os registros do Painel de Gestão da Escola Municipal Isabel Victória do Carmo Ribeiro, ela foi inaugurada dia 15 de março de 2013, em homenagem à mãe do ex-prefeito de Manaus, Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto. Seu Ato de Criação foi através do Decreto Lei nº 2382 de 06 de junho de 2013. A escola situa-se na Alameda Rio Negro s/nº. Comunidade Rio Piorini, Colônia Terra Nova, Manaus/AM. A instituição foi criada para atender à demanda educacional da comunidade, oferecendo Ensino Fundamental Anos Iniciais nos turnos matutino e vespertino.

Referindo-se à sua estrutura física, conta com salas de aula, sala de recursos multifuncional, sala de professores e gestora, biblioteca, sala de informática, quadra coberta e um refeitório onde é servida a merenda escolar.

A escola atende crianças e adolescentes de famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica, muitas delas dependentes de empregos informais ou do polo industrial de Manaus. Apesar dos desafios, a unidade se destaca como um espaço de acolhimento e inclusão, promovendo ações como distribuição de materiais escolares e participando de projetos como o PSE (Programa Saúde na Escola), do Super Ensino no Centro de Tecnologia Educacional (CTE), do Alfabetiza Manaus, do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e do Programa Educacional de Resistência às Drogas e Violência (Proerd), que buscam melhorar a qualidade do ensino e oferecer suporte integral aos alunos.

Um dia na Sala de Recursos Multifuncional: Vivências e Aprendizagens

No dia 13 de maio de 2025, fomos à Escola Municipal Profª Isabel Victória do Carmo Ribeiro. Cada AD foi designado para as salas que continham professores/as que cursam a Pós-graduação do Lepete/UEA na própria escola. Eu e mais duas ADs fomos para a SRM. Nesse dia, foi a primeira vez, desde que entrei no PAD, que

atuei em uma Sala de Recursos, considero que foi um encontro bem significativo para o desenvolvimento das atividades propostas.

E como destaca Mantoan (2003, p. 57), "a educação inclusiva exige a transformação da escola para que todos os alunos tenham suas necessidades atendidas", e essa vivência me permitiu compreender na prática como isso se concretiza. Encontramos com a professora titular da turma, Andrea Paiva dos Santos, junto a três crianças. Ela explicou como faríamos o atendimento com elas, as quais usariam tablets para a realização de atividades de encaixe e para cobrir letras soltas. Se quiséssemos, também poderíamos jogar o tabuleiro.

Dessa forma, percebemos que as atividades devem ser voltadas para atender às necessidades individuais dos alunos, como preconiza Sassaki (2005, p. 34), quando afirma que "a inclusão só se efetiva quando proporcionamos os apoios necessários para cada pessoa". Nessa perspectiva, uma criança que estava realizando a atividade de encaixe no tablet (com caminhão, trem e carro), sentiu dificuldades com o caminhão, pois não conseguia colocar uma das peças até o final. Essa situação ilustra bem a afirmativa de Vygotsky (1991), o qual enfatiza a importância da mediação para superação de desafios.

Com o avançar da tarde, chegaram mais três crianças para serem atendidas, sendo que todas têm TEA, além de uma possuir paralisia cerebral (deficiência intelectual). A primeira chegou com o pai, e observando que havia mais pessoas do que o normal na sala, deitou-se em um cantinho onde tinha um tapete e um espelho. Brincou um pouco lá e depois sentou-se em uma cadeira. A segunda criança chegou com a mãe, conversou um pouco e sentou-se, interagindo normalmente com uma Assessora da Secretaria Municipal de Educação que estava na sala. Esse aluno estuda em outra escola, mas frequenta a SRM desta escola. A terceira criança chegou sozinha e foi direto para a mesa.

Cada aluno tinha uma personalidade diferente: um era mais calmo, o segundo era competitivo, e o terceiro era muito falante, sendo que toda frase que se pronunciava, iniciava dizendo: - "Menina,...", como se fosse contar uma fofoca. Essa diversidade

de comportamentos confirma o que Glat (2007, p. 45) afirma sobre a importância de "respeitar os diferentes tempos e formas de interação dos alunos".

Diante disso, eles participaram de um jogo de tabuleiro chamado "Corre-Corre das Palavras", que usava um dado personalizado, bem maior que o normal e com guizos dentro. Foram utilizados três carrinhos como peões e cartas com perguntas, como: "Fruta que começa com a letra A" e similares, ajudando as crianças a manterem o foco. Duas delas se concentravam, mas algumas palavras fugiam na hora e elas só sabiam responder quando era a vez do colega falar. A outra criança, via as perguntas, pensava, mas logo saía do foco e começava a contar um fato pessoal aleatório.

A cada rodada, uma das crianças jogava o dado com tanta força que batia no teto da sala, isso para tentar obter o número 6, pois com ele era mais rápido para se chegar ao final do jogo. Desse modo, essa afirmativa vai ao encontro do que Beyer (2005, p. 78) o qual destaca sobre a necessidade de "estratégias diversificadas para manutenção da atenção em alunos com TEA".

Nesse sentido, aprendemos que o atendimento na SRM ocorre no contraturno em que o aluno estuda e não se configura como reforço escolar, mas sim para desenvolver as habilidades específicas de cada um, e um atendimento educacional especializado que se dá com um número determinado de alunos por horário. Essa experiência me permitiu compreender na prática, como se dá a construção da inclusão escolar, confirmando que, como afirma Mantoan (2003, p. 63), "incluir não é apenas colocar o aluno na escola, mas transformar a escola para recebê-lo". Assim, a parceria com as famílias, a adaptação de materiais e a mediação qualificada mostraram-se essenciais nesse processo, o qual deve ser contínuo e coletivo.

Momentos Formativos no PAD: Saberes e Práticas

No PAD, nós vivenciamos momentos de encontros formativos sobre diversos temas, onde dialogamos com os colegas ADs das mais variadas áreas e refletimos sobre os

processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos nas escolas que atendemos com a assistência à docência.

Nessa perspectiva, destacarei a palestra "Boas Práticas e Atendimento Inclusivo às Pessoas com Deficiência", realizada na Reitoria/UEA, a qual me proporcionou um primeiro contato mais estruturado com o tema da inclusão. Antes do evento, minha compreensão sobre acessibilidade era bastante limitada e baseada principalmente em observações casuais do cotidiano. Essa experiência representou um ponto de partida importante para começar a entender a complexidade desse assunto.

Durante a palestra, vários conceitos, que eu apenas conhecia vagamente, foram apresentados de forma clara e organizada. A professora Dra. Marklea conseguiu explicar desde os tipos básicos de barreiras até questões mais sutis, como o capacitismo presente na linguagem do dia a dia. Para mim, que não tinha nenhuma experiência prática na área, foi revelador entender como pequenos detalhes podem fazer grande diferença na vida das pessoas com deficiência.

Dessa maneira, o que mais me chamou a atenção foi perceber como muitos dos obstáculos enfrentados por pessoas com deficiência são invisíveis para quem não os vivencia. A discussão sobre barreiras atitudinais, em particular, me fez refletir sobre como ações aparentemente simples e como a forma de oferecer ajuda, podem ser fundamentais para promover a inclusão de verdade. Reconheço que muito do que foi apresentado ainda é abstrato para mim, no entanto, a palestra plantou sementes importantes de conscientização. Passei a observar com mais atenção os espaços que frequento, tentando identificar se são realmente acessíveis e refletir sobre meu próprio comportamento e possíveis atitudes capacitistas.

A palestra citada, me impressionou por mostrar como a tecnologia pode ser aliada na promoção da inclusão. Embora eu não tenha conhecimento técnico para implementar soluções complexas, a apresentação me fez perceber que existem muitas possibilidades de ação, mesmo em nível individual.

Nesse sentido, esta primeira imersão no tema me deixou com mais perguntas do que respostas, mas também com a vontade de aprender mais. Percebi que a inclusão é um processo contínuo que começa pela mudança de mentalidade e pelo

esforço consciente para enxergar além das nossas próprias experiências. Com isso, pretendo buscar mais informações sobre o assunto, assim como quero me atentar mais no dia a dia para identificar situações onde posso praticar o que aprendi, seja adaptando minha própria linguagem, ou chamando atenção para casos de capacitismo no meu círculo social.

A palestra me mostrou que, mesmo sem experiência prática, todos temos um papel a cumprir na construção de uma sociedade mais inclusiva. O caminho é longo e cheio de nuances que ainda preciso compreender, mas esse primeiro contato foi fundamental para despertar minha consciência sobre a importância do tema. Saí do evento com a certeza de que a inclusão começa justamente por reconhecer o que não sabemos e estar aberto a aprender.

Considerações

A experiência na SRM evidenciou o potencial transformador de práticas pedagógicas inclusivas, centradas no diálogo, na colaboração e no respeito às singularidades das crianças. A utilização de jogos adaptados e recursos tecnológicos, mostrou-se eficaz não apenas para o desenvolvimento cognitivo, mas também para a construção de autoconfiança e interações sociais, reforçando a ideia de que a inclusão é um processo coletivo e contínuo.

Como futura professora com autismo, essa vivência foi especialmente significativa, pois permitiu reconhecer que as diferenças podem ser potenciais pedagógicos quando acolhidas com sensibilidade e criatividade. Os desafios estruturais e atitudinais ainda existentes nas escolas, ressaltam a necessidade de políticas públicas mais efetivas para a formação de professores que atendam aos alunos com especificidades nas escolas. Logo, os avanços observados com as crianças atendidas demonstram que é possível construir uma educação verdadeiramente inclusiva, desde que haja compromisso, adaptação e, acima de tudo, escuta ativa às necessidades de cada estudante.

E para não concluir, esta experiência reforça a urgência de repensar as práticas educativas para que todos, independentemente de suas particularidades, tenham oportunidades equitativas de aprendizagem e desenvolvimento e a SRM quando bem estruturada, pode ser um espaço de inovação e acolhimento, inspirando mudanças que ultrapassem seus muros e impactem toda a comunidade escolar.

Referências

Glat, Rosana. **Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

MANAUS. Decreto n. 2.382, de 20 de fevereiro de 2013. Inclui na Estrutura Básica de Educação do Município a unidade educacional que especifica. Diário Oficial do Município de Manaus, Manaus, AM, 20 fev. 2013. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/am/m/manaus/decreto/2013/239/2382/decreto-n-2382-2013-inclui-na-estrutura-basica-de-educacao-do-municipio-a-unidade-educacional-que-especifica>. Acesso em: 9 jun. 2025.

Mantoan, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

Sasaki, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 2005.

Vygotsky, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SALA DE RECURSOS: DESAFIOS E AVANÇOS

Resource Room: Challenges and Advances

Fernanda Graci Negreiros Mussolini¹
Williane Costa de Sousa²
Lucilene Pacheco Santos³
Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

O presente relato traz vivências experienciadas numa Sala de Recursos (SR) em uma escola na Rede Municipal de Ensino, localizada na Zona Sul de Manaus/AM. Trataremos sobre o conceito de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e sua importância na trajetória escolar dos estudantes atípicos, a evolução dos alunos que estão na SR, a subjetividade de cada um e as estratégias trabalhadas com os estudantes, levando em conta suas especificidades.

Palavras-chave: Atendimento Educacional Especializado. Sala de Recursos. Especificidade.

Abstracts

This report presents experiences in a Resource Room (RR) at a school within the Municipal Education Network, located in the South Zone of Manaus, AM. It addresses the concept of Specialized Educational Assistance (SEA) and its importance in the school trajectory of atypical students, the progress of students attending the RR, the individuality of each student, and the strategies implemented with them, taking their specific needs into account.

Keywords: Specialized Educational Support. Resource Room. Student Specific Needs

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: fernandagr2005@gmail.com

2 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: williane.sousa27@gmail.com

3 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM) E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

4 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

Introdução

Buscamos relatar vivências experienciadas em uma SR, com o objetivo de verificar desafios e avanços perceptíveis na vida de duas crianças atípicas, embasadas em teóricos como Mantoan (2003) e Correia (1999), também utilizamos referências que garantem uma educação de qualidade, como a Constituição Federal (1988) e o Ministério da Educação (2009).

O relato está dividido em quatro seções, sendo duas dessas falando sobre nossas experiências e aprendizados no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete); uma seção contextualizando a escola e as subjetividades lá presentes; e a outra seção falando sobre crianças atípicas na SR.

Nós e o Lepete

Somos Fernanda Graci Negreiros Mussolini e Williane Costa de Sousa, graduandas do Curso de Pedagogia e atuamos como Assistentes à Docência (AD) no Lepete da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Consideramos as experiências vividas no Programa Assistência à Docência (PAD) extremamente enriquecedoras e necessárias para a formação dos futuros educadores. Por meio do PAD, vivenciamos e experienciamos o cotidiano nas escolas da rede pública, suas peculiaridades e subjetividades.

Eu, Fernanda Graci, considero a fase pré-vestibular muito delicada na vida de cada estudante. Lembro das noites mal dormidas, dos choros e da ansiedade antes de todas as provas. A priori, eu gostaria de cursar Pedagogia na Universidade Federal do Amazonas, mas logo entendi meu propósito na UEA. Assim que cheguei, fui muito bem recebida por meus colegas, mas principalmente pela minha dupla, Williane. Somos duplas desde o início da Universidade, realizamos quase todos os nossos trabalhos acadêmicos juntas desde o primeiro período. Conheci o Lepete por meio dela, tentei entrar por alguns meses, mas ingressei no final de abril de 2024, e

desde então estou sendo contemplada com a beleza da docência no chão da escola pública.

Eu, Williane Costa, fui aprovada no vestibular da UEA no segundo ano do Ensino Médio, em 2022. No entanto, ingressei na faculdade apenas em 2023. O Curso de Pedagogia sempre foi minha primeira opção, pois, ao pesquisá-lo durante o Ensino Médio, identifiquei-me bastante com a área. Logo na minha primeira semana como caloura, fiz amizade com a Fernanda e, desde então, nos tornamos grandes amigas, sempre nos apoiando e torcendo uma pela outra. Ao final do meu primeiro período, tive a oportunidade de participar do Lepete, o que me proporcionou experiências enriquecedoras desde o início da minha formação, especialmente por meio das vivências no chão da escola.

Escola Municipal José Tavares de Macedo e a sua sala de recursos

A escola fica localizada no bairro Santa Luzia, rua Guanabara, na Zona Sul da cidade de Manaus/AM. Ela passou por uma reforma no ano de 2023 e é estruturalmente agradável para a comunidade escolar. A escola disponibiliza bebedouros para os alunos, banheiros adaptados para Pessoas Com Deficiência (PCD), para as crianças e para os professores. Possui quadros expositivos, biblioteca, sala dos professores e secretaria, classe especial e a SR. A SR presente na escola é rica em materiais e metodologias efetivas para atender às necessidades e subjetividades dos alunos presentes.

A escola se localiza em uma zona periférica da cidade de Manaus/AM e os alunos, por mais que morem nessa região, vão bem apresentados para a escola, com mochilas e acessórios característicos da infância. Entretanto, em frente à escola existe uma praça que se encontra em situação precária, como a falta ou insuficiência de atendimento sanitário devido e pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social e que sobrevivem lá.

Vivenciamos o turno matutino, na SR. O atendimento nesta sala ocorre de forma individual ou em grupo, contemplando as especificidades de cada aluno.

Acontece no contraturno do estudante e tem como objetivo estimulá-lo, sendo atrelada ao AEE, de forma que ele possa evoluir não somente nos aspectos sociais e cognitivos, mas também tenha uma melhor performance na sala regular, englobando as habilidades necessárias e sua interação com os colegas e professores.

Na SR, atendemos individualmente cada aluno, com base no AEE. Ao entrarmos na sala, recebemos orientações da professora regente sobre as especificidades do dia, se algum aluno irá faltar e as atividades que devem ser realizadas com cada aluno nesse dia.

[...] Os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos (BRASIL, 2009, p.1).

Eu, Fernanda Graci, estive presente na SR desde agosto de 2024, sendo que fui designada por meio da Coordenação PAD. No ano de 2025, a Williane passou a atuar comigo, para que pudéssemos redigir o presente relato. A professora da SR tem grande confiança em nosso trabalho, dizendo que as crianças já estão acostumadas com a nossa presença.

Vivências e aprendizagens na sala de aula

Partindo desse contexto, abordaremos neste relato as atividades desenvolvidas com dois alunos específicos: Murilo, que é um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a Isabelle, uma aluna com síndrome de Down. Nosso primeiro encontro com o Murilo foi em uma conversa com a professora regente da SR no dia 23/07/24, onde ela nos explicou a especificidade de cada aluno e como atuar com eles de maneira singular. A Constituição Federal (1988) estabelece que é dever do estado garantir a todos o direito à educação, sendo assim, toda escola deve atender aos

princípios constitucionais, não podendo excluir nenhuma pessoa em razão de sua origem, raça, sexo, cor, idade ou deficiência. Portanto, a educação não deve ser uma ação que exclui, mas sim que inclui, aprimorando seu currículo de acordo com a especificidade de cada aluno.

Nesse dia, Murilo foi o único aluno que compareceu para as atividades, sendo que a presença dos alunos na SR no ano de 2024 era um assunto delicado, muitas famílias não puderam levar as crianças devido às intercorrências do contraturno. A professora desenvolveu uma atividade de martelamento lúdico (bate pinos) de origem Montessoriana, trabalhando o tônus muscular do estudante, o movimento de preensão, as diferentes cores e a criatividade. Primeiro, ele martelou várias vezes para o bloco chegar no plano, depois ela redirecionou a atividade, pedindo que ele martelasse apenas uma vez. Nesse primeiro encontro, o aluno se mostrou tímido e interagiu pouco conosco e quase não falou durante o momento em que estávamos com ele.

Figura 1: Martelamento lúdico (Bate pinos)



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024).

No ano de 2025, retornamos à SR e o aluno citado estava presente. Ao chegarmos na sala, ficamos surpresas com ele, pois estava interagindo e se comunicando muito bem conosco, mesmo com os 8 meses que passamos sem nos ver, devido à sua ausência. Percebemos que ele estava um pouco agitado e que tinha levado seu

ursinho de estimação chamado Ted. Nesse dia, como estávamos em um momento de reencontro, começamos interagindo com o aluno e com seu ursinho, que lhe acompanhou em todos os outros dias.

Para iniciar, desenvolvemos a atividade chamada “ache o intruso”, onde o aluno deveria encontrar o que estava diferente do restante das figuras estimulando seu raciocínio lógico. Ele desenvolveu a atividade com sucesso, mas logo se distraiu e propomos outra tarefa, onde o mesmo precisava realizar alinhavo em peças de madeira. Trabalhamos a coordenação motora fina para desenvolver as habilidades socioemocionais do aluno, pois os botões caíam frequentemente e ele precisava dar prosseguimento ao objetivo da proposta.

Após esse momento, tentamos trabalhar a leitura. Pedimos que ele escolhesse um livro e ele escolheu a obra intitulada “Não confunda” de Eva Furnari, que trata sobre a semelhança das palavras. Quando perguntamos quem leria o livro, o mesmo se prontificou e disse que ele mesmo iria ler, e apesar de não estar alfabetizado, fez a leitura pelas imagens e quando tentávamos realizar a leitura das frases escritas, ele dizia: “–Não, eu leio!” Também tentamos andar pelo ambiente alfabetizador presente dentro da sala que contém um alfabeto colado e um silabário, mas o aluno não estava interessado. Então, fomos analisar o calendário, onde o aluno marcou como estava o clima naquele dia.

Por último, realizamos a atividade de Esfero Block (brinquedo de montar), proposta pelo próprio aluno. Durante essa atividade, ele se mostrou extremamente interessado pelos blocos, montava e falava sobre os planetas do Sistema Solar, foi quando percebemos que era seu hiperfoco. Isso nos fez refletir sobre um ocorrido, quando um pouco antes estávamos analisando o calendário e o aluno encostou no seio da AD Williane, sem malícia alguma. Até pensamos que havia sido sem querer, mas na hora de deixar a criança com o pai, ele falou: “Olhe papai, planetas!”. Foi nesse momento que percebemos que na blusa da AD havia vários planetas do sistema solar. O que é até cômico, pois ela já havia usado essa blusa diversas vezes e nunca tinha se dado conta de que sua estampa era

de planetas, assim como eu também nunca havia notado. Assim, constatamos que o olhar sensível e encantador da criança nos ensina muito.

Figura 2: Esfero blocks



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

No dia 25/03/2025, retornamos à SR, novamente com o aluno Murilo. Antes de ele entrar em sala, já tínhamos trabalhado atividades envolvendo o alfabeto com os alunos anteriores, então os materiais estavam na mesa. Pensamos que ele não iria se interessar, levando em conta a última aula e mais uma vez fomos surpreendidas. Ele desdobrou uma atividade que trabalhava a inicial das letras, formando algumas letras do alfabeto. Isso nos chamou muita atenção, pois não havíamos pensado em desenvolver essa atividade dessa forma em momento algum, mas ele, cheio de criatividade e desejo de algo diferente, nos mostrou outra forma de desenvolver uma atividade. Levando em conta o novo rumo dessa atividade, pedimos para que ele escrevesse as letras, mostrando a referência em um livro maior.

Figura 3: Brincando com as letras



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Nesse sentido, ao finalizarmos esta atividade percebemos que o aluno estava mais interessado no alfabeto, então tentamos ler novamente a obra intitulada "Não Confunda" de Eva Furnari, desta vez realizando a leitura da história de forma contada por palavras e foi um sucesso. O aluno se mostrou focado e interessado na história e nos elementos presentes, mas precisamos ler um pouco mais rápido e de forma objetiva, para que não ficasse entediado.

Percebemos que a evolução do aluno é visível, tanto para a professora regente da SR, quanto para nós ADs e até mesmo para o pai dele que sempre se mostra muito orgulhoso do caminhar do filho. Dessa forma, com o Murilo aprendemos a ter um olhar mais sensível e afetuoso ao mundo em nossa volta, para não deixar escapar as subjetividades, os detalhes e os momentos tão importantes.

No que diz respeito à Isabelle, uma aluna com síndrome de Down que tem 10 anos, antes de termos contato com a SR, tivemos a oportunidade de conhecer seus pais em uma reunião realizada pela escola. Naquele dia, eles relataram que ela havia passado por várias escolas particulares, entretanto, sempre se decepcionavam, pois não havia um atendimento educacional adequado para as necessidades dela, o que comprometeu seu desenvolvimento. Desse modo, após muita procura, encontraram na Escola José Tavares, uma instituição totalmente inclusiva, que acolhe os alunos com empatia e oferece recursos pedagógicos diferenciados, promovendo uma aprendizagem de qualidade.

Nesta perspectiva, para a educação inclusiva acontecer efetivamente é essencial que as instituições de ensino estejam preparadas para atender estudantes com necessidades educacionais especiais (NEE), e segundo Correia (1999, p. 6), a educação inclusiva “relaciona-se com a noção de escola enquanto um espaço educativo aberto, diversificado e individualizado, em que cada criança possa encontrar resposta à sua individualidade e diferença”. Dessa forma, é necessário oferecer um ensino que possibilite a superação de barreiras no processo de aprendizagem, promovendo a autonomia, a participação ativa e o exercício pleno da cidadania.

Assim, no nosso primeiro encontro com a Isabelle, ela chegou bastante tímida e para que se sentisse mais à vontade, conversamos e fizemos algumas perguntas sobre sua rotina, elogiando sua lancheira e os anéis que usava. Após esse momento de acolhimento, propusemos uma atividade de recorte, na qual ela deveria cortar sobre as linhas desenhadas no papel. Desde o início, percebemos que ela apresentava dificuldade para manusear a tesoura comum, então oferecemos uma tesoura adaptada, o que facilitou sua coordenação motora fina. Em alguns trechos, auxiliamos segurando o papel para que ela conseguisse realizar os cortes corretamente.

Em seguida, propusemos uma nova tarefa, também com recorte, mas dessa vez ela precisaria pintar a casa obtida ao final da atividade. Por meio dessas propostas, foi possível estimular a coordenação motora fina, a concentração, a criatividade e a noção de espaço.

Neste encontro, observamos que ela realizava a pintura com o rosto muito próximo ao papel, o que nos levou a suspeitar de alguma dificuldade visual. Comunicamos essa percepção à professora Suellen, a qual nos informou que ela usa óculos, mas naquele dia estava sem, e que avisaria aos pais para evitar prejuízos em seu desempenho. Além disso, notamos que ela fazia muita força ao colorir e sugerimos que fossem propostas atividades de psicomotricidade fina, com foco no desenvolvimento do movimento de pinça e no fortalecimento do tônus muscular das mãos.

Diante dessas observações, refletimos sobre a importância do olhar atento do professor, pois pequenos detalhes podem ter grande impacto no processo de aprendizagem.

Figura 4: Atividade de pintura



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025)

No dia 08/04/2025, atendemos Isabelle novamente na SR. Nesse dia, a professora regente da sala, solicitou que realizássemos uma atividade com massinha de modelar, envolvendo números e cores. Ela nos entregou plaquinhas com desenhos e algarismos para que a aluna os completasse utilizando cobras e bolas feitas com a massinha, sem quebrá-la. No início da atividade, a aluna demonstrou certa dificuldade, pois a cobra que ela modelava para completar o desenho do caracol se partia com facilidade. No entanto, com nossa orientação e demonstração de como proceder, ela conseguiu executar a tarefa com mais autonomia. A proposta estimulou de forma lúdica o exercício da paciência, além de contribuir para o desenvolvimento da coordenação motora fina e da preensão, habilidades que estamos trabalhando com a aluna desde o primeiro atendimento.

Diante do exposto, e por meio das atividades propostas, Isabelle e Murilo foram progredindo e desenvolvendo aspectos essenciais para suas autonomias. No início, observamos que Isabelle apresentava dificuldades na coordenação motora fina, habilidade fundamental para a realização de tarefas como escrever, desenhar,

recortar, encaixar peças, entre outras. E em relação ao Murilo, ele não se interessava pelo mundo letrado e tinha dificuldades de concentração. Diante dessas necessidades, direcionamos nossos encontros para práticas que favorecessem o aprimoramento dessas capacidades. Ao longo dos atendimentos e com o uso de estratégias adequadas e dos recursos disponíveis na sala, foi possível percebermos um avanço significativo no desenvolvimento dos alunos.

Viver a Assistência à Docência

De acordo com Lima et al (2019), o PAD surgiu no ano de 2012, acontecendo juntamente com o projeto de Oficinas de Formação em Serviço (OFS), onde os alunos das diversas Licenciaturas assumem a sala de aula enquanto o professor regente participa do curso de Pós-graduação na sua própria escola. O PAD tem como objetivo possibilitar ao professor em formação a vivência no chão da escola, experienciando a realidade e subjetividades de seus cotidianos.

Sempre às segundas-feira, nós ADs, temos um momento de compartilhamento das experiências vividas nas escolas ao longo da semana, onde acontece a troca de saberes e práticas, e juntos, buscamos soluções para o surgimento de possíveis percalços ocorridos.

Dessa maneira, no ano de 2024, tivemos a oportunidade de participar de encontros formativos que contribuíram significativamente para nossa trajetória acadêmica e pessoal. No dia 09/07, foi realizada uma roda de conversa com os professores das SRs de várias escolas atendidas pelo PAD, os quais compartilharam suas experiências e suas jornadas dentro desse espaço. Foi uma formação bastante enriquecedora e transformadora, pois foi a primeira vez que ouvimos falar com mais profundidade sobre a SR, o que nos levou a refletir sobre sua importância e sua contribuição no atendimento às necessidades dos alunos com especificidades.

Após esse momento, realizamos um encontro nas escolas para compreendermos melhor o funcionamento da SR, o qual foi acompanhado pela escuta com os pais, o que nos fez olhar para as famílias com mais empatia e sensibilidade.

Considerações

O PAD nos proporcionou a oportunidade de atuar na SR da Escola José Tavares, oferecendo o AEE aos estudantes. Durante nossas assistências docentes, enfrentamos desafios e vivenciamos superações, pois foi necessário manter atenção constante e observar cuidadosamente as necessidades de cada criança, propondo atividades adequadas e prestando o devido apoio.

Ao longo desse processo, fomos nos aperfeiçoando e amadurecendo enquanto professoras em formação, uma vez que essas experiências nos proporcionaram vivências pedagógicas significativas. O nosso fazer na SR ainda é muito recente, mas ficamos sempre felizes e satisfeitas ao vermos a evolução das crianças e com os relatos da professora regente Suellen, que sempre nos recebe com muita gratidão. Também ressaltamos a importância da troca de saberes e o trabalho conjunto.

Assim, por meio de práticas apropriadas, estratégias eficazes e recursos diversificados, os alunos Murilo e Isabelle desenvolveram competências essenciais para seus progressos no processo de ensino e aprendizagem.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República,. Disponível em: [\[https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm\]](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acesso em: 28 de maio de 2025.

Correia, L. M. Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares. Porto: Porto Editora, 1999.

Lima, J. F.; SILVA, J. J. da; MENEZES, M. Q. A. Projeto Assistência à Docência. In: Eglê Wanzeler [et al.]. (Org.). Dossiê de pesquisa 2017-2019: a pesquisa- formação



como estratégia de processos trans-formativos em contextos escolares.
1a.ed.Manaus/AM: Editora UEA, 2023, v. , p. 29-44

Mantoan, Maria Maria Teresa Eglér. INCLUSÃO ESCOLAR O que é? Por quê?
Como fazer? 1 ed. São Paulo: Moderna, 2003.

TRANSFORMANDO A APATIA EM AÇÃO: A EXPERIÊNCIA DA ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA FACE AO INTERESSE DOS ALUNOS

Turning Apathy into Action: Teacher Training Experiences in Response to Students' Interests

José Roberto Calheiros de Castro Júnior¹

José Milton Silva Pinto Filho²

Lucilene Pacheco Santos³

Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

Este relato reflete e discorre sobre a experiência de assistência à docência, desenvolvida no Programa Assistência à Docência (PAD), vinculado ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). O estudo foi realizado na Escola Estadual Leonardo da Vinci, em Manaus/AM, com turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, especificamente nas disciplinas de Língua Portuguesa. Diante da apatia inicial dos estudantes em relação às atividades rotineiras, foi implementada uma estratégia pedagógica focada na contextualização de temas de interesse dos alunos. A abordagem visou promover a aprendizagem significativa, utilizando os princípios da educação progressiva de Dewey (1997), a mediação e a interação social da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Vygotsky (2010), e o conceito de andaime de Bruner (1976). Os resultados demonstraram uma notável transformação do desengajamento em proatividade e participação ativa. Conclui-se, que os processos formativos do PAD são essenciais para estimular aos futuros educadores a transformar a apatia em ação, promovendo uma prática docente comprometida e inclusiva.

Palavras-chave: Assistência à Docência. Formação de Professores. Apatia Escolar. Aprendizagem Significativa.

Abstract

1 Professor licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: roberto.castrojr013@gmail.com.

2 Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: jmspf.let23@uea.edu.br

3 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do LEPETE/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM)E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

4 Vice-líder de Pesquisa do LEPETE/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

This report reflects on and discusses a teaching assistance experience developed within the Teaching Assistance Program (PAD), linked to the Laboratory of Teaching, Research, and Transdisciplinary Experiences in Education (Lepete) at the University of the State of Amazonas (UEA). The study was carried out at Leonardo da Vinci School, in Manaus, AM, with 9th-grade classes in the subject of Portuguese Language. Faced with the students' initial apathy toward routine activities, a pedagogical strategy was implemented focusing on contextualizing themes relevant to their interests. The approach aimed to promote meaningful learning, drawing on Dewey's (1997), principles of progressive education, Vygotsky's (2010) concept of mediation and social interaction in the Zone of Proximal Development (ZPD), and Bruner's (1976) scaffolding theory. The results revealed a significant transformation from disengagement to proactivity and active participation. It is concluded that the formative processes developed through PAD are essential for encouraging future educators to turn apathy into action by promoting a committed and inclusive teaching practice entered on students' interests.

Keywords: Teaching Assistance. Teacher Education. School Apathy. Meaningful Learning.

Introdução

O presente relato de experiência tem como objetivo discorrer e refletir sobre a experiência vivenciada no PAD, desenvolvido pelo Lepete da UEA. A partir dessa vivência, buscamos compreender como as ações no âmbito do PAD contribuíram para o desenvolvimento da nossa prática pedagógica, especialmente no enfrentamento dos desafios cotidianos da sala de aula e na construção de uma docência mais autônoma, sensível e contextualizada.

Este relato foi elaborado com base na atuação dos autores como Assistentes de Docência (AD) no Ensino Fundamental Anos Finais, especificamente nas turmas de 9º ano da Escola Municipal Leonardo da Vinci, localizada na cidade de Manaus/AM. Ao longo do percurso, dialogamos com teóricos que subsidiam nossa análise e reflexão, como Vygotsky (2010), Bruner (1976), Ausubel (1980) e Dewey (1997), que sustentam as bases da aprendizagem significativa, da mediação e da construção do conhecimento a partir das experiências dos sujeitos. Além disso, autores como Alves (2001), Gradin (2018), Patto (1999), Pimenta e Lima (2011) e Ferraz e Ferreira (2021) foram fundamentais para compreender os desafios do cotidiano escolar, os processos formativos e a construção da identidade docente.

O relato está organizado em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção, intitulada “Percurso formativo no PAD: entre a vivência e a descoberta”, apresentamos nossas trajetórias como bolsistas no programa, destacando as aprendizagens construídas no âmbito do LEPETE e sua influência no desenvolvimento da nossa prática docente. A segunda seção, “Cenário de atuação e o cotidiano da escola”, descreve o contexto escolar onde desenvolvemos nossas atividades, caracterizando tanto a estrutura física quanto os aspectos socioculturais e organizacionais que impactaram nossas intervenções pedagógicas.

Na terceira seção, “Práticas contextualizadas na construção da aprendizagem significativa”, relatamos uma experiência pedagógica vivenciada em sala de aula, na qual, a partir da observação do desengajamento dos estudantes, elaboramos uma estratégia de ensino que valorizasse os interesses e as experiências dos alunos, promovendo, assim, uma aprendizagem mais efetiva e significativa. Por fim, na quarta seção, “A contribuição do PAD para a construção da autonomia docente”, refletimos sobre como as formações promovidas pelo Programa impactaram diretamente nossa atuação, fortalecendo nossa identidade docente e ampliando nosso repertório inicial de práticas pedagógicas críticas e reflexivas.

Por meio deste trabalho, buscamos não apenas compartilhar nossa trajetória, mas também evidenciar a importância dos programas de formação inicial, como o PAD, na construção de uma prática docente alinhada aos princípios da educação democrática, inclusiva e contextualizada.

Percurso Formativo no PAD: Entre a Vivência e a Descoberta

Meu nome é José Roberto Calheiros de Castro Júnior, sou licenciado em Letras pela UEA e trago na minha trajetória acadêmica uma marca muito significativa: a experiência como AD no PAD, vinculado ao Lepete. Iniciei minha participação no programa em 2022, ainda no segundo período do Curso, e, desde então, essa

vivência se consolidou como um dos pilares da minha formação, contribuindo de forma decisiva para minha construção como educador.

Ao longo dos três anos em que estive no Programa, tive a oportunidade de vivenciar uma experiência formativa intensa e transformadora. Desde os primeiros desafios, que envolveram meu contato inicial com a Educação Infantil e com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, realidade até então distante da minha formação no Curso de Letras, até o desenvolvimento e aprimoramento de práticas pedagógicas, fui construindo um percurso de constante aprendizado.

Nesse processo, pude não apenas desenvolver habilidades que desconhecia, como a contação de histórias, o uso de fantoches e a mediação lúdica, mas também fortalecer uma compreensão mais ampla e sensível sobre a importância de uma educação inclusiva, capaz de acolher as diferenças e promover a aprendizagem de todos os estudantes.

As formações promovidas pelo Programa tiveram papel central nesse percurso, oferecendo subsídios teóricos e práticos para lidar com os desafios vivenciados nas escolas atendidas pelo mesmo. Cada novo contexto trouxe aprendizados únicos e reforçou a importância de uma prática docente flexível, empática e alinhada aos princípios da inclusão.

Somada a essa trajetória, as experiências acumuladas na edição anterior do Programa me possibilitaram, nas etapas finais da minha participação, atuar como um assistente veterano, colaborando diretamente no processo de integração dos novos assistentes. Compartilhar minhas vivências, auxiliar na compreensão das dinâmicas do Programa e apoiar os colegas em seus primeiros desafios foi uma oportunidade valiosa, que reafirmou minha convicção sobre o poder do compartilhamento de saberes e do trabalho colaborativo no ambiente educacional.

Hoje, ao refletir sobre minha trajetória, reconheço que o Lepete foi muito mais do que uma atividade acadêmica extracurricular. Foi um espaço de formação humana e profissional que me preparou não apenas para os desafios da sala de aula, mas também para exercer uma docência comprometida, sensível e transformadora, capaz de acolher e valorizar a diversidade presente em cada contexto educativo.

Chamo-me José Milton Silva Pinto Filho e sou graduando em Letras – Língua Portuguesa pela UEA. Não há como iniciar a narrativa de minha vida acadêmica e profissional sem introduzir ou mencionar o PAD, vinculado ao Lepete, pois foi onde tudo alavancou para mim certamente. Minha participação nele começou em dezembro de 2023, quando eu ainda estava finalizando o meu segundo período da graduação, marcando, desta forma, toda uma trajetória de experiências, de práticas e de vivências repletas de aprendizagem.

Fiquei no PAD por pouco mais de um ano, não obstante foi um tempo extremamente proveitoso e rico de pontos de vista diversificados quanto ao fazer docente e ao ambiente escolar. Através dele, tive meu primeiro contato como professor em formação inicial em sala de aula, o que não só me preparou como profissional como também me humanizou para não perpetuar ações inconcebíveis praticadas por professores ao longo das décadas. Obviamente os conhecimentos aprendidos na Universidade são fundamentais no processo, só que ainda falta aprofundar e melhorar o conceito da teoria-prática.

Pelo Programa, transitei por várias etapas da Educação Básica, indo desde os Anos Iniciais até os Anos Finais. Hoje, sou capaz de atuar em sala de aula com crianças de 5 anos de idade até adolescentes de 15, 16 anos, pois tive bastantes experiências práticas e convívio com esse público ao longo de um ano. Como ainda não havia tido contato, tampouco frequência, em ambiente escolar por intermédio da Universidade, fiquei receoso e apreensivo na primeira vez que assumi o controle de uma turma. Para minha felicidade e alívio, os veteranos e os formadores foram acolhedores e instrutivos para mim. Se isso não houvesse, talvez o resultado inaugural fosse completamente diferente do que aqui estou a relatar.

Para minha felicidade, tive a oportunidade de não apenas atuar numa sala de aula regular como também na sala de recurso e na classe especial. Minha sensibilidade com esse público, até então pouco trabalhada ou experienciada, aumentou, resultando numa maior atenção, empatia e carinho para distinguir exponencialmente como alunos são ainda mais singulares como nos são apresentados. Dessa forma, a

gratidão ao Lepete em mim presente é eterna, uma vez que dificilmente teria acesso às formações que tive com as pessoas super capacitadas e especializadas na área. Certamente, as formações que tive enquanto AD influenciam atualmente no meu fazer pedagógico. Os encontros formativos, de certa forma, romperam com minha única visão de professor atuante numa vertente mais tradicional, além de promoverem distintas abordagens, tais quais as inclusivas, as empáticas, as acolhedoras e as equitativas. Além deles, compartilhar experiências e discutir com os ADs de diferentes Licenciaturas foi excepcionalmente benéfico para mim, visto que isso me ajudou a compreender e a desfrutar de conhecimentos múltiplos advindos de pontos de vista plurais. No fim, a transdisciplinaridade é evidente como resposta a muitos problemas encontrados nas escolas.

Dessa forma, no contexto atual, assinto que participar do PAD como AD no Lepete me transformou não somente como estudante pesquisador, mas também na profissionalização docente. Decerto, pode-se afirmar e contestar que existe um José Milton pré-PAD e um José Milton pós-PAD. Foram habilidades desenvolvidas que me marcaram a fim de promover uma educação mais justa, mais empática, mais acolhedora e, indubitavelmente, mais competente para a atuação na escola.

Cenário de Atuação e o Cotidiano da Escola

As experiências que serão aqui relatadas foram desenvolvidas na Escola Municipal Leonardo da Vinci, no âmbito do PAD, vinculado ao Lepete. A escola está localizada na zona Centro-Oeste de Manaus/AM, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Quanto à estrutura física, a escola apresenta as seguintes características: 01 secretaria, 01 sala de gestão, 01 sala de professores, 01 Sala de Recursos, 01 refeitório a céu aberto, 02 banheiros disponíveis para todos os alunos dos três turnos e 01 banheiro para os funcionários. As salas de aula são de tamanho reduzido, o que interfere, em alguns momentos, no desenvolvimento das atividades.

Além disso, o prédio apresenta marcas da sua adaptação, uma vez que, segundo relatos, foi originalmente um galpão comercial transformado em espaço educacional. A partir das observações realizadas no ambiente escolar, desenvolvemos nossas atividades no turno vespertino, especificamente com as turmas do 9º ano B e 9º ano C do Ensino Fundamental Anos Finais, no componente curricular Língua Portuguesa, ministrada pelo professor regente Vitor, e cada turma contava, em média, com 25 estudantes, aproximadamente.

Durante esse período, foi possível perceber que a maioria dos alunos reside nas proximidades da escola, o que facilita seu deslocamento. Observamos, também, que o espaço de convivência no horário de intervalo era o pátio, situado em área aberta, com acesso restrito às dependências internas durante esse momento. Essa dinâmica, aliada à quantidade limitada de banheiros, gerava certa sobrecarga no uso desses espaços nos intervalos.

Outro aspecto relevante foi a política de uso de celulares, que já era restrita na escola antes mesmo da promulgação da Lei nº 15.100/2025, que estabelece normas sobre o uso desses dispositivos no ambiente escolar. Essa normativa refletia a preocupação da gestão em preservar a atenção dos alunos e manter o foco nas atividades pedagógicas.

Diante desse cenário, nossa atuação foi pautada pela observação atenta do cotidiano escolar e pela escuta ativa dos alunos, a fim de compreender como as condições materiais, as normas institucionais e as dinâmicas de convivência impactavam tanto o processo de ensino quanto o de aprendizagem.

Ao ingressar nesse contexto, nossas expectativas foram adaptadas não apenas pelos desafios estruturais, mas também pela percepção de que, apesar das limitações físicas e operacionais, havia um ambiente favorável à construção de práticas pedagógicas criativas e significativas.

A estrutura organizacional da escola, embora marcada por adaptações, mostrava-se comprometida com a manutenção de um ambiente de ensino que buscava equilibrar disciplina, acolhimento e possibilidades de aprendizagem, desafiando-nos, desde o

início, a pensar em intervenções pedagógicas capazes de dialogar com essa realidade concreta.

Práticas Contextualizadas na Construção da Aprendizagem Significativa

Nossa experiência de assistência à docência na Escola Municipal Leonardo da Vinci, localizada em Manaus/AM, com as turmas de 9º ano A, B e C do turno vespertino, revelou um cenário inicial desafiador. As turmas apresentavam um elevado grau de apatia em relação às atividades propostas, especialmente as que seguiam a rotina do livro didático. Observamos um desengajamento generalizado: alunos quietos, alheios ao que era exposto ou apenas simulando realizar as atividades, sem demonstrar qualquer interesse ou interação.

Tal cenário corrobora as observações de Gradin (2018), que aponta que adolescentes com altos níveis de apatia demonstram menor engajamento escolar e desempenho acadêmico, e Patto (1999), que argumenta que o fracasso escolar pode ser reflexo de uma estrutura educacional defasada e de fatores sociais, familiares e culturais que perpetuam a apatia no ambiente escolar. A rotina repetitiva e a falta de temas relevantes para a vivência dos estudantes contribuem para essa inércia, como se estivessem “acostumados” a uma reprodução passiva do conhecimento, distantes de uma postura ativa diante da vida, conforme descrito por Gradin (2018).

As aulas apresentavam um ritmo mais rotineiro e a participação dos alunos era limitada, marcada por pouca interação e envolvimento com as atividades propostas. Notamos uma certa resistência, especialmente em temas que pareciam distantes da vivência cotidiana dos estudantes, o que dificultava a realização das atividades propostas.

A virada nesse panorama ocorreu quando, em uma das aulas, propusemos a leitura de um texto sobre a valorização do esporte. Rapidamente, percebemos uma transformação no comportamento da turma, muitos alunos se mostraram mais atentos e interessados, pois grande parte deles praticava esportes regularmente.

Havia alunos que eram atletas de jiu-jitsu e outros de futebol, cuja presença e experiência estimularam ainda mais o engajamento da turma.

Os estudantes passaram a trocar olhares de interesse, fazer perguntas espontâneas e compartilhar suas próprias vivências esportivas, criando um ambiente de troca muito mais dinâmico e participativo. Essa conexão direta com a realidade deles despertou um interesse genuíno, nos motivando a expandir a atividade e trabalhar habilidades que dialogassem com temas significativos para os alunos.

A estratégia adotada consistiu em transformar a aula em um espaço de debate e exploração do tema. Partimos da discussão sobre a valorização do esporte no Brasil, conforme proposto no texto, e expandimos para a realidade local, questionando se o esporte era valorizado no Amazonas, realizando um desdobramento da atividade proposta para que se alinhasse ainda mais com a realidade que era vivenciada por eles, dentro de um contexto regional.

Segundo Branco (2014), essa abordagem flexível e contextualizada estava alinhada aos princípios da educação progressiva do Filósofo e pedagogo norte-americano Dewey (1859-1952), que se destaca pela sua visão humanista e pelo compromisso com o aprofundamento da democracia através da escolarização. A educação deve ser centrada na criança e em suas experiências, com um currículo que valorize os conteúdos relacionados à vida cotidiana dos estudantes. Dewey (1997, p. 132) destaca a importância de “envolver a pessoa em atividades específicas que tenham um objetivo ou propósito de momento ou se revistam de interesse para ela”.

O debate despertou um amplo leque de opiniões e questionamentos por parte dos alunos, evidenciando o interesse e o envolvimento da turma com o tema. A participação do aluno atleta foi especialmente marcante, pois ele compartilhou de forma sincera sua experiência pessoal acerca da falta de valorização do esporte, além de relatar as recentes mudanças no apoio governamental à prática esportiva. Seus relatos trouxeram uma perspectiva concreta e atualizada, enriquecendo a discussão e promovendo reflexões mais profundas entre os colegas.

Esse momento evidenciou a relevância do “saber de experiência feito” dos próprios alunos. A interação entre os alunos e conosco, mediada pelo tema de interesse,

funcionou como um “andaime” pedagógico. O conceito de andaime, proposto por Bruner (1976), refere-se ao apoio temporário que um indivíduo mais experiente (neste caso, os ADs) oferece a um aprendiz para que este consiga realizar uma tarefa que ainda não dominaria sozinho.

Essa metáfora destaca o caráter necessário e transitório da ajuda no processo ensino/aprendizagem. Tal abordagem está em sintonia com a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Vygotsky (2010), que descreve a distância entre o que o aluno consegue fazer sozinho e o que ele pode realizar com a ajuda de um mediador. A aprendizagem, segundo Vygotsky, ocorre de forma mais eficaz dentro dessa zona, através da interação social e da mediação.

Os desdobramentos dessa ação foram notáveis: a apatia deu lugar à proatividade e as perguntas e questionamentos evidenciaram uma profunda interação com o conteúdo. A atividade subsequente ao debate foi significativamente mais produtiva, com os alunos engajados na proposta e demonstrando uma maior capacidade de relacionar o que estavam aprendendo com seus conhecimentos prévios e experiências, um processo que o psicólogo norte-americano Ausubel (1918- 2008) denominada de aprendizagem significativa.

Para Ausubel (1980), a aprendizagem significativa ocorre quando o novo conhecimento interage de forma não arbitrária e não literal com a estrutura cognitiva do aprendiz, ressaltando que “O fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que ele sabe e baseie nisso os seus ensinamentos” (Ausubel, Novak e Hanesian,1980).

Essa experiência reafirma a importância de desenvolver estratégias pedagógicas que partam dos interesses e vivências dos alunos, reconhecendo-os como protagonistas do processo de aprendizagem. Ao focar em temas que realmente dialoguem com sua realidade é possível transformar a apatia em ação, estimulando um engajamento genuíno e promovendo uma aprendizagem significativa e duradoura. Dessa forma, o papel do educador se fortalece como mediador de um ambiente inclusivo, motivador e capaz de potencializar o desenvolvimento integral dos estudantes.

A Contribuição do PAD para a Construção da Autonomia Docente

Os encontros formativos do PAD, realizados ao longo de 2024 e 2025 desempenharam papel fundamental no fortalecimento da nossa atuação e na construção de uma postura mais autônoma em sala de aula, nos estimulando para repensar as práticas pedagógicas e a reagir criativamente aos desafios cotidianos do ambiente escolar.

Dentre os temas abordados nesse processo formativo, destaca-se, de maneira significativa, a reflexão sobre os “cotidianos escolares” e a pesquisa nosdocom, apresentada na formação "A Pesquisa Nosdocom os Cotidianos Escolares (Im)Possibilidades Antidisciplinares", mediada pela professora Eglê Wanzeler. Essa formação nos convidou a analisar profundamente o conceito de cotidiano, entendendo-o não apenas como o cenário físico da escola, mas como um complexo entrelaçamento de tempos, espaços, sujeitos e práticas que se constroem e transformam diariamente.

Com base no pensamento de Alves (2001), exploramos os cinco movimentos em torno da pesquisa nosdocom, que oferecem uma abordagem inovadora para investigar e atuar nos cotidianos escolares. Esses movimentos nos direcionam a ir além das aparências e a questionar as rotinas estabelecidas. Buscamos assim as "im/possibilidades antidisciplinares" — maneiras de desafiar as fronteiras rígidas das disciplinas e práticas tradicionais para promover uma reflexão crítica e aberta sobre a construção do conhecimento na escola.

Alves (2001) enfatiza que o modo como se cria conhecimento no cotidiano muitas vezes é desvalorizado pela ciência moderna, mas que é crucial “mergulhar inteiramente em outras lógicas para apreendê-los e compreendê-los”. Ao observar a apatia inicial das turmas de 9º ano, essa lente do “cotidiano” nos alertou para a necessidade de ir além do esperado, buscando compreender as particularidades e as rotinas que geravam o desinteresse. A formação nos incentivou a adotar uma postura de pesquisa-ação no cotidiano da sala de aula, transformando a observação

da apatia em questionamento sobre as “im/possibilidades” de abordagens mais eficazes.

Complementarmente, a formação “Profissionalização Docente: Identidade e Formação do/a Professor/a Aprendiz”, mediada pelas professoras Jediã Lima e Lucilene Pacheco, foi crucial para consolidar nossa identidade e atuação como professores aprendizes. Nela, recebemos orientações práticas sobre a linguagem didática eficaz, que deve ser acessível, adequada ao nível cultural dos alunos, e caracterizada por boa dicção e bom humor. Fomos incentivados a usar termos apropriados à área de ensino e a manter uma postura engajadora. Essa ênfase na clareza e na adequação da linguagem foi aplicada diretamente no debate sobre a valorização do esporte, onde nossa preocupação em usar uma linguagem que ressoasse com os alunos foi fundamental para captar sua atenção e incentivar a participação.

A relevância do PAD na constituição de nossa identidade profissional docente é inegável. Conforme explicam Pimenta e Lima (2011), “a identidade do professor é construída ao longo de sua trajetória como profissional do magistério. [...] Sendo o estágio, por excelência, um lugar de reflexão sobre a construção e o fortalecimento da identidade [...]”.

Ferraz e Ferreira (2021) corroboram essa ideia, afirmando que o contato com a escola é um momento de socialização, aprendizagens e construção de saberes, representativo da prática e, portanto, território de formação da identidade profissional docente. A inter-relação entre o universo de atuação profissional e o campo formativo, vivenciadas, configura-se como fomentadora da construção da identidade profissional, mesmo nas fases iniciais da docência.

Essa perspectiva de formação ativa se alinha diretamente às orientações que recebemos na formação, que destacou a importância de uma postura dinâmica em sala de aula, evitando a concentração em poucos alunos e garantindo supervisão igualitária para todos. Esse princípio nos orientou a estar atentos a todas as turmas, percebendo nuances no comportamento dos alunos que nos levaram à descoberta do interesse pelo esporte.

Crucialmente, fomos orientados sobre a necessidade de ressignificar as atividades, correlacionando-as com a realidade dos alunos e trazendo assuntos da atualidade. Essa orientação, fruto direto das discussões no PAD, foi fundamental para desdobrar a atividade do livro didático em um debate sobre a valorização do esporte no Amazonas, aproximando o conteúdo da realidade dos estudantes e convertendo a apatia em engajamento ativo. O incentivo para elogiar os alunos e fazê-los sentir-se acolhidos e valorizados também se mostrou essencial, criando um ambiente mais propício à participação e à construção coletiva do conhecimento.

Enquanto professores em formação, enfrentamos o desafio inicial de quebrar a barreira da apatia e da rotina estabelecida. A desmotivação era um obstáculo constante, com respostas mínimas dos alunos no começo. No entanto, os saberes construídos nos encontros formativos do PAD nos muniram de ferramentas e perspectivas para não desistir. Aprendemos a observar mais profundamente o cotidiano da sala de aula, a adaptar nossa linguagem e postura e a buscar a ressignificação do conteúdo a partir dos interesses dos alunos.

Essa experiência prática, aliada à fundamentação teórica, nos proporcionou uma autoavaliação positiva, pois conseguimos, por meio de uma abordagem flexível e centrada no aluno, promover uma mudança visível no engajamento e na participação das turmas. Avaliamos o processo como um sucesso, demonstrando que a conversão da apatia em ação é um objetivo alcançável quando a prática docente é alimentada pela reflexão crítica e pelas contribuições de programas formativos como o PAD.

Considerações

A trajetória que vivenciamos revelou-se fundamental para a construção da nossa identidade e autonomia docente, articulando teoria e prática em contextos escolares reais. A atuação na Escola Municipal Leonardo da Vinci nos mostrou que o cotidiano escolar, com suas limitações e possibilidades, é um espaço desafiador e rico para o desenvolvimento de práticas pedagógicas significativas. Pudemos perceber que a

escuta ativa, o reconhecimento das experiências dos alunos e a contextualização dos conteúdos são essenciais para superar a apatia e promover uma aprendizagem engajada e significativa.

As formações oferecidas pelo PAD também desempenharam papel crucial para repensarmos nosso papel enquanto mediadores do processo educativo, estimulando a flexibilidade, a criatividade e o compromisso com uma educação inclusiva, que valoriza a diversidade e o protagonismo dos estudantes. A transformação observada nas turmas, por meio da conexão entre o ensino e a realidade dos alunos, reafirma a importância de abordagens pedagógicas que dialoguem diretamente com seus interesses e saberes.

Para trabalhos futuros, sugerimos aprofundar investigações sobre estratégias que ampliem ainda mais a participação ativa dos estudantes, valorizando temas regionais e culturais que fortaleçam a identidade local e a percepção da escola como espaço de pertencimento.

Assim, reafirmamos que a formação docente é um percurso contínuo, marcado pela reflexão crítica, pela prática colaborativa e pela sensibilidade às singularidades do contexto escolar, elementos essenciais para a construção de uma docência comprometida, autônoma e transformadora.

Referências

Alves, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, v. 2001.

Ausubel, David P.; Novak, Joseph D.; Hanesian, Helen. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

Branco, Maria Luísa Frazão Rodrigues. A educação progressiva na atualidade: o legado de John Dewey. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 783-798, jul./set. 2014.

Bruner, Jerome Seymour. **Beyond the Information Given**: Studies in the Psychology of Knowing. New York: W. W. Norton & Company, 1976.

Dewey, John. **Democracy and education**. New York: Simon & Schuster, 1997.

Ferreira, Lúcia Gracia; Ferraz, Roselane Duarte. Por Trás Das Lentes: O Estágio Como Campo de Formação e Construção da Identidade Profissional Docente. **Revista Hipótese**, Itapetininga, v. 7, n. único, p.301-320, 2021.

Gradin, Adriana M. B.; Totina, Viviane Clemente. Apatia adolescente e educação: entendendo o sofrimento e explorando estratégias de engajamento e aprendizado. In: **Anais da XXXI Semana e XVIII Congresso de Psicologia - Unesp Bauru**.

Patto, Maria H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

Pimenta, Selma Garrido; Lima, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Vygotsky, Lev. S. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

NAS ÁGUAS DAS CANOAS: FÁBULAS E SABERES QUE NAVEGAM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS

In the Waters of Canoes: Fables and Knowledge Navigating the Education of Youths, Adults, and the Elderly

Rita Rafaela dos Santos Guimarães¹

Jediã Ferreira Lima²

Maria Quitéria Afonso³

Resumo

Este relato apresenta uma experiência pedagógica realizada com uma turma do 1o. segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Escola Municipal Senador Fábio Pereira de Lucena Bittencourt, em Manaus-AM. A sequência didática intitulada “Fábulas na EJA: entre canoas e vidas amazônidas”, teve como objetivo principal desenvolver a oralidade, a leitura e a produção escrita, por meio do gênero textual fábula, contextualizado à realidade amazônica. Foi fundamentada nos pressupostos de Freire (1987) e na teoria dos gêneros textuais de Marcuschi (2008). Ao longo da prática, os alunos foram estimulados a resgatarem suas vivências, interpretarem fábulas e produzirem suas próprias histórias autorais, culminando na confecção de livretos ilustrados. A experiência demonstrou o potencial do ensino dialógico e lúdico na promoção da autonomia, da autoestima e do protagonismo dos alunos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Fábula. Oralidade. Escrita.

Abstracts

This report presents a pedagogical experience carried out with a class from the 1st segment of Youth and Adult Education (EJA) at the Municipal School Senador Fábio Pereira de Lucena Bittencourt, in Manaus, AM. The didactic sequence, entitled "Fables in EJA: between canoes and Amazonian lives," aimed to develop students' oral, reading, and writing skills through the textual genre of fables, contextualized within the Amazonian reality. The proposal was grounded in the pedagogical principles of Freire (1987) and in Marcuschi (2008) theory of textual genres. Throughout the practice, students were encouraged to recall their life experiences, students, interpret fables, and produce their own original stories, culminating in the creation of illustrated booklets. The experience revealed the potential of

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: rrdsg@uea.edu.br.

2 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa, e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL)/UFAM/CNPq. E-mail: jedylima@hotmail.com

3 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

dialogical and playful teaching in promoting students' autonomy, self-esteem, and active participation.

Keywords: Youth and Adult Education. Fable. Orality. Writing.

Tecendo saberes e afetos na Educação de Jovens, Adultos e idosos

Ensinar na EJA é mais do que transmitir conteúdos, é acolher histórias, reconhecer trajetórias e dar sentido ao aprendizado no tempo presente. Os estudantes carregam em si não apenas o desejo de aprender a ler e escrever, mas também o peso de silêncios, interrupções e sonhos adiados. Nesse cenário, a sala de aula se torna um espaço de reencontro — com o saber, com o outro e consigo mesmo.

Foi com esse olhar que nasceu a proposta “Fábulas na EJA: entre canoas e vidas amazônicas”, uma sequência didática desenvolvida com uma turma do 1º segmento da EJA em uma escola da Rede Municipal de Manaus-AM. A escolha do gênero textual fábula não foi por acaso: as fábulas, com sua simplicidade narrativa e profundidade moral, são capazes de tocar questões humanas universais, como, respeito, justiça, amizade, solidariedade e superação. Além disso, ao serem ambientadas no contexto amazônico, ganham ainda mais sentido e identidade para os estudantes da região.

Inspirada pelos princípios de Freire (1987), que defende uma educação libertadora, centrada na escuta e na valorização do saber popular, a proposta buscou construir um ambiente de aprendizagem afetiva, dialógica e criativa. Conforme o autor afirma, “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (p. 47). Foi isso que buscamos, criar possibilidades.

Apoiamo-nos também, nos estudos de Marcuschi (2008), que compreende os gêneros textuais como práticas sociais vivas e dinâmicas, profundamente ligadas aos contextos de uso. Assim, ao propor que os alunos lessem e escrevessem fábulas, não se tratava apenas de estudar um gênero textual, mas permitir que cada sujeito pudesse expressar, por meio da linguagem, suas experiências, sentimentos e visões de mundo.

A sequência didática foi organizada em dois encontros com atividades que integraram oralidade, leitura, escuta, escrita e expressão emocional, promovendo não apenas o desenvolvimento de habilidades escolares, mas também o fortalecimento da autoestima, da identidade e do pertencimento.

Mais do que trabalhar com fábulas, esta prática nos ensinou sobre o poder da educação quando é feita com respeito, intencionalidade e afeto. Cada fala, cada gesto, cada produção dos estudantes revelou que é possível e necessário construir uma escola em que todos tenham voz, vez e valor.

Ser e Ensinar: a construção da autonomia na formação docente

Sou Rita Rafaela dos Santos Guimarães, tenho 28 anos, mãe de dois filhos, Sophie e Lucas que são meu norte e minha vida, sou natural de Codajás, uma cidade que carrego no coração e que me inspira diariamente. Sou graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e, atualmente, atuo como bolsista do Programa Assistência à Docência (PAD), vinculado ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete).

Minha atuação no PAD tem sido muito mais do que uma etapa acadêmica, é uma vivência transformadora que tem fundamentado minha formação docente. Por meio desse Programa, tenho tido a oportunidade de planejar e realizar intervenções pedagógicas que valorizam a escuta ativa e o respeito aos ritmos e trajetórias singulares de cada sujeito da EJA. Esse contato diário me ensina que a educação não é um processo unilateral, mas uma troca rica, onde o professor aprende tanto quanto ensina.

Sou profundamente apaixonada pela EJA, porque ela representa para mim um espaço de resistência política, de luta constante por direitos e reconhecimento. É um território de encontros com sujeitos repletos de saberes experienciados de vida, que carregam consigo uma força imensa e um afeto genuíno. É nesses encontros que percebo o verdadeiro valor da educação, não apenas a transmissão de conteúdos,

mas a construção de vínculos, o fortalecimento da autoestima e o despertar da esperança.

Estar na EJA é, para mim, um compromisso com a valorização da história de cada aprendiz, com o reconhecimento das suas batalhas e conquistas e com a criação de um ambiente onde todos se sintam acolhidos e capazes de se reinventar. Essa experiência tem transformado minha forma de ser e de ensinar, tornando minha prática pedagógica mais humana, sensível e comprometida com a transformação social.

Do Bairro à Sala de Aula: contexto escolar e os sujeitos da EJA

A presente experiência foi desenvolvida na Escola Municipal Senador Fábio Pereira de Lucena Bittencourt, localizada na Rua da Independência, nº 122, no bairro Nova Esperança, zona Oeste da cidade de Manaus-AM. A escola pertence à Rede Pública Municipal de Ensino e está vinculada à Secretaria Municipal de Educação (Semed). Sua atuação abrange os turnos matutino, vespertino e noturno, atendendo estudantes do Ensino Fundamental II e da EJA, em seus dois segmentos, além da EJA Especial, voltada ao público com deficiência.

Criada em 27 de setembro de 1988, a escola nasceu do desejo da própria comunidade local por uma instituição que garantisse acesso à educação formal. Seu nome foi escolhido democraticamente pelos moradores do bairro, em homenagem ao Senador Fábio Pereira de Lucena Bittencourt, cuja atuação política foi marcada pela defesa dos direitos sociais e pelo compromisso com as camadas populares.

Ao longo de sua história, a escola tem passado por diversas transformações importantes

Uma delas, com destaque, foi a ampliação de seu compromisso com a inclusão, refletida na criação de turmas de Classe Especial e EJA Especial, a partir de 2018. Essa expansão evidencia o esforço institucional em promover uma educação que valorize a diversidade humana, respeitando as diferentes formas de aprender e viver.

A estrutura física da escola é ampla e funcional, com dez salas de aula climatizadas, auditório, biblioteca, sala de professores, coordenação pedagógica, secretaria, refeitório, quadra poliesportiva coberta, telecentro, banheiros adaptados e escovódromo. Embora o espaço seja adequado para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, culturais e esportivas, ainda existem desafios, especialmente quanto à atualização de equipamentos de informática e à ampliação do acervo bibliográfico acessível a estudantes com deficiência.

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, orienta-se por valores como a solidariedade, o respeito, a empatia, a responsabilidade e a cidadania, assumindo a prática pedagógica como ação transformadora. Inspirado nos quatro pilares da educação propostos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser; o PPP reafirma o compromisso com a gestão democrática, a participação da comunidade escolar, a equidade e a inclusão.

A turma envolvida nesta sequência didática pertence ao 1º segmento da EJA, no turno noturno. Composta por estudantes de diferentes faixas etárias, trajetórias e motivações, sendo marcada por histórias de superação, desejo de recomeçar e vontade de aprender. A escola, nesse contexto, cumpre um papel essencial: o de acolher, reconhecer e respeitar cada sujeito como protagonista de sua própria jornada.

A proposta pedagógica da EJA nessa instituição é fundamentada em uma prática contextualizada, significativa e emancipadora, que considera a experiência de vida como ponto de partida para o conhecimento. Acredita-se no educando como sujeito histórico e social, portador de saberes que merecem ser valorizados e ampliados por meio de uma educação pautada na transdisciplinaridade, no diálogo e na inclusão.

Fábulas na EJA: entre canoas e vidas amazônicas, criações, memórias e recomeços

A sequência didática “Fábulas na EJA: entre canoas e vidas amazônicas”, foi vivenciada ao longo de dois encontros, cada um com duração de três horas. Desde o início, o planejamento teve como foco não apenas o desenvolvimento de habilidades de linguagem, mas também o acolhimento emocional dos estudantes e o resgate de suas memórias, saberes e afetos.

No primeiro dia, ao adentrar a sala, o clima era de expectativa e curiosidade. Iniciamos com a proposta “Linha do Tempo da Vida”, uma atividade simples, mas profundamente significativa. Cada aluno recebeu uma folha de papel e com lápis em mão, foi convidado a desenhar uma linha do tempo com três ou quatro momentos marcantes de sua história de vida: o nascimento de um filho, o primeiro emprego, uma mudança de cidade, ou até mesmo o retorno à escola. À medida que iam desenhando, os rostos revelavam emoções diversas — sorrisos, silêncios, olhos marejados.

Quando chegou o momento da partilha oral, o ambiente se transformou. A sala se encheu de histórias únicas, muitas vezes dolorosas, outras cheias de esperança. Houve escuta atenta, respeito aos tempos de fala e uma empatia que se fazia presente em cada olhar. Foi nesse instante que percebemos o quanto a escola pode, e deve, ser espaço de memória e afeto. Ali, a aprendizagem começou a acontecer, não só com lápis e papel, mas com acolhimento e escuta verdadeira.

Na sequência, introduzi o gênero textual fábula, explicando suas características e a forma como essas narrativas transmitem ensinamentos por meio de personagens animais. A abordagem foi leve e dialogada, com perguntas sobre quais fábulas eles conheciam, o que lembravam delas e se já haviam escutado alguma com animais da floresta amazônica. O ponto alto desse dia foi a leitura da fábula “O Sanhaçu e a Borboleta-Azul”, uma narrativa simples e encantadora, que ganhou vida na sala por meio da contação com entonação e leitura expressiva.

Figuras 1 e 2: Explicação sobre o gênero fábula.



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

No segundo encontro, retomei os principais elementos da fábula, personagens, ambiente, enredo e moral da história, por meio de uma conversa coletiva. A releitura da história permitiu que os alunos identificassem com mais clareza a mensagem ética por trás das ações dos personagens, abrindo espaço para reflexões sobre empatia, tempo e respeito às diferenças.

Logo após, convidei cada estudante a criar sua própria fábula amazônica, utilizando um roteiro simples. Distribuí imagens da fauna e flora amazônica para que os alunos utilizassem na criação dos seus livrinhos, assim como poderiam ilustrar suas próprias imagens. Depois disso, pedi para que começassem a construção de suas fábulas e por fim, definissem uma moral que transmitisse um aprendizado. Foi emocionante observar o envolvimento com a escrita, alguns pediam ajuda com palavras, outros queriam ilustrar primeiro. Houve quem narrasse oralmente antes de escrever e quem se inspirasse em situações reais para compor suas histórias.

Nesse sentido, essas produções foram transformadas em livrinhos feitos com folhas dobradas e decoradas com lápis de cor e recortes. O cuidado com cada detalhe, o traço, a coloração, o capricho nos desenhos, mostravam o carinho e o orgulho que sentiam por suas criações. A escrita, para muitos, deixava de ser um desafio para se tornar motivo de realização.

Por fim, cada aluno foi convidado a apresentar sua fábula à turma. Este momento foi mágico. Em cada leitura, havia nervosismo e emoção, mas também brilho nos olhos e uma autoestima que se revelava em cada palavra dita. Houve aplausos espontâneos, elogios entre colegas e muitos sorrisos largos. Era como se naquele instante, cada um estivesse redescobrando sua voz, seu valor e seu lugar na escola. Ao encerrarmos a sequência, ficou claro que havíamos feito muito mais do que ensinar sobre fábulas. Tínhamos proporcionado um encontro afetivo entre pessoas, palavras e mundos possíveis, onde a linguagem se colocou a serviço da escuta, da criação e da transformação.

Respeito, escuta e aprendizagens

Ser assistente à docência (AD) e vivenciar essa sequência didática foi uma experiência profundamente transformadora. Aprendi que trabalhar com a EJA exige, acima de tudo, respeito, criatividade e muito afeto. Entendi que o aluno da EJA não é alguém “atrasado”, mas sim uma pessoa que carrega consigo uma história de vida rica, cheia de saberes e experiências que devem ser valorizadas e reconhecidas.

Os encontros formativos oferecidos pela coordenação do PAD, ao longo dos anos de 2024 e 2025, foram momentos de aprendizado e reflexão, que fortaleceram minha postura profissional e minha autonomia em sala de aula. Nessas formações, pude mergulhar em discussões que ampliaram minha compreensão sobre o processo educativo da EJA, aprendendo a olhar para meus alunos com mais sensibilidade e a construir práticas que respeitam suas particularidades. Essas trocas e orientações foram fundamentais para que eu me sentisse mais segura e confiante para enfrentar os desafios do cotidiano escolar.

Como professora em formação, enfrentei muitas dificuldades: o medo de errar, a insegurança diante das dúvidas e a necessidade constante de buscar estratégias que pudessem acolher e envolver cada aluno. Está sendo um processo que exige paciência, perseverança e humildade para reconhecer minhas limitações e, ao mesmo tempo, celebrar as pequenas conquistas diárias. Cada avanço, por menor

que seja, representa para mim um passo importante na construção de uma prática pedagógica mais humana e significativa.

Ao olhar para minha trajetória, faço uma autoavaliação sincera e carinhosa. Sinto que cresci não só em conhecimento, mas também na capacidade de escutar e entender meus alunos. Reconheço que ainda há muito a aprender, principalmente em como diversificar as abordagens e gerenciar o tempo de forma mais eficiente, mas estou motivada e comprometida a seguir caminhando, sempre com o desejo de oferecer uma educação que valorize o protagonismo dos estudantes e que se faça com leveza e emoção.

Avaliar esse processo me traz a certeza de que educar na EJA é um movimento constante de construção e reconstrução, um encontro onde ensinar e aprender caminham juntos. A vivência no PAD reforçou para mim que a verdadeira transformação acontece quando o educador se dispõe a escutar, acolher e caminhar lado a lado com seus alunos, respeitando suas histórias e suas vozes.

Encerramentos que são recomeços

A sequência didática “Fábulas na EJA: entre canoas e vidas amazônidas”, revelou, com delicadeza e potência, que a sala de aula pode ser muito mais do que um espaço físico. Pode ser território de escuta, de construção coletiva e de reconexão com a própria história. Ao trabalhar com fábulas amazônicas, tão próximas da cultura local e tão ricas em ensinamentos, vi os olhares se acenderem, as palavras ganharem voz, e os traços escritos se tornarem declarações de existência.

Mais do que ensinar um gênero textual, a proposta possibilitou que os estudantes da EJA se enxergassem como sujeitos capazes de criar, narrar e interpretar. Cada produção foi mais do que um exercício, foi um gesto de afirmação de identidade. E cada leitura compartilhada, uma reafirmação de que o saber mora em todos os corpos, mesmo naqueles que a escola tradicional insistiu em calar.

Concluo este percurso com o coração tocado pelas histórias contadas e inventadas, pelos risos tímidos e pelos olhos que brilharam ao ouvirem: “Muito bem, ficou lindo o seu trabalho.” Porque, para muitos, esse reconhecimento ainda era inédito.

Que essas fábulas sigam navegando, como pequenas canoas, pelas águas do ensino com sentido. E que cada educando da EJA continue escrevendo, não só em cadernos, mas também na vida, novas páginas de dignidade, coragem e pertencimento.

Referências

Barbosa, Creuza; Silva, Adriana Barbosa. **Fábulas e apólogos da Amazônia**. 3 ed. Local: Valer, ano.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Marcuschi, Judite. **Gêneros textuais: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 20038.

POR QUE ESTAMOS AQUI? VIVENCIANDO SENTIDOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS

**Why Are We Here? Experiencing Meaning in the Education of Youths, Adults,
and the Elderly**

Marcelo Sérgio Couteiro Lopes Júnior¹

Julcimar Alves Xavier Júnior²

Jediã Ferreira Lima³

Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

Este relato de experiência reflete uma trajetória formativa vivida por professores em formação no âmbito do Programa Assistência à Docência (PAD), vinculado à Universidade do Estado do Amazonas (UEA). As vivências narradas ocorreram na Escola Municipal Senador Fábio Pereira de Lucena Bittencourt, localizada no bairro Nova Esperança, em Manaus/AM, e envolveram ações pedagógicas junto a turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A partir da escuta ativa, da partilha de histórias e do exercício reflexivo promovido pela pergunta “Por que estamos aqui?”, foi possível promover um espaço de diálogo, acolhimento e construção coletiva de saberes. O texto articula sentidos de pertencimento, trajetórias de vida e o compromisso com uma prática pedagógica. O trabalho está ancorado na pedagogia freireana e nas abordagens de pesquisa com os cotidianos, considerando a complexidade das relações escolares e a potência educativa de suas narrativas.

Palavras-chave: Sentidos. Narrativas. EJA.

Abstracts

This experience report reflects a formative journey undertaken by pre-service teachers within the Teaching Assistance Program (PAD), linked to the State University of Amazonas (UEA). The experiences narrated took place at Municipal School Senador Fábio Pereira de Lucena Bittencourt, located in the Nova Esperança neighborhood of Manaus, AM, and involved

1 Acadêmico do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: Mscj.bio@uea.edu.br.

2 Acadêmico do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: Julcimar.xavier@ufam.edu.br

3 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL)/UFAM/CNPq. E-mail: jedylima@hotmail.com

4 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

pedagogical actions with classes in Youth and Adult Education (EJA) classes. Through active listening, the sharing of stories, and the reflective engagement inspired by the guiding question "Why are we here?", it was possible to create a space for dialogue, inclusion, and the collective construction of knowledge. The text articulates meanings of belonging, life trajectories, and the commitment to pedagogical practice. The work is grounded in Freirean pedagogy and in research approaches focused on everyday school practices, acknowledging the complexity of educational relationships and the transformative potential of their narratives.

Keywords: Meanings. Narratives. Youth and Adult Education (EJA)

Introdução - Entre margens iniciais

A formação docente, especialmente quando atravessada por experiências concretas e enraizadas na realidade das escolas públicas, assume contornos que vão além dos conteúdos disciplinares ou dos planos de aula previamente elaborados. Trata-se de um processo vivo, sensível, coletivo e formativo em sua essência. Neste trabalho, partimos da vivência de dois assistentes docentes (ADs) estudantes de Licenciatura em Ciências Biológicas pela UEA e de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - inseridos no PAD e no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete), para relatar e refletir sobre uma trajetória de formação desenvolvida no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), mais especificamente na Escola Municipal Senador Fábio Pereira de Lucena Bittencourt, localizada na zona oeste da cidade de Manaus/AM.

A experiência formativa foi conduzida a partir de uma proposta pedagógica centrada na escuta ativa, na valorização das narrativas e na construção coletiva de sentidos, tendo como ponto de partida a pergunta "Por que estamos aqui?". Essa provocação, simples à primeira vista, revelou-se profunda e transformadora, ao mobilizar memórias, afetos, motivações e sonhos dos estudantes da EJA. Muitos dos sujeitos com quem dialogamos carregam histórias de interrupção escolar, desafios familiares, trajetórias de trabalho informal, maternidade/paternidade precoce, e, ao

mesmo tempo, uma enorme potência de vida, desejo de aprender e de transformar a própria realidade. Escutá-los foi, para nós, um ato pedagógico de primeira ordem. Assim, este texto propõe-se a narrar e refletir sobre essa experiência formativa, buscando dar visibilidade a uma prática pedagógica situada, sensível e comprometida com a transformação. Por meio da escuta, da partilha e do diálogo, buscamos compreender o que significa estar na EJA — como estudantes, como educadores em formação e, sobretudo, como sujeitos que acreditam no poder da educação pública como ferramenta de emancipação e justiça social.

Corpos d'água - Dois primeiros passos na Educação de Jovens, Adultos e Idosos

A vida surge de um encontro, do nível atômico ao astronômico, temos processos que se põem a ocorrer e decorrer na arte do encontro. Esse relato põe-se como resultado de algumas confluências de narrativas, surgidas a partir de inúmeras trajetórias, a começar, pelas nossas, estas que vos falam, a qual dão origem aos autores do texto. Iniciando com o AD Marcelo Couteiro, estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEA, que participou do programa de iniciação à docência, trabalhando Ciências Naturais e Biologia no Ensino Médio e Fundamental II. Minha chegada ao PAD deu-se pelo interesse na diversidade em relação à prática docente e processos educacionais.

Sou Julcimar Alves Xavier Júnior, formado em Fisioterapia, com especialização em Traumatologia e Ortopedia com ênfase em Terapias Manuais. Atualmente, curso Licenciatura em Educação Física pela UFAM. A vontade de ser professor surgiu ainda em casa, por influência da minha mãe, que também é da área da Educação Física. Cresci vendo de perto o dia a dia da escola e, aos poucos, fui me interessando cada vez mais por esse universo.

Em setembro de 2024, entrei no Lepete, onde tive a oportunidade de viver de forma mais próxima a realidade da sala de aula. O PAD me permitiu participar de atividades práticas com os alunos, refletir sobre os processos pedagógicos e

também para produções de dados, que são organizados e registrados por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Essas informações ajudam a acompanhar o desenvolvimento das aulas e a refletir sobre nossa atuação como ADs. Nos encontros semanais do grupo, compartilhamos o que vivemos nas escolas, tiramos dúvidas, trocamos ideias e aprendemos juntos. Isso fortaleceu ainda mais minha escolha pela docência e me incentivou a dar mais um passo: entrar no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da UFAM, em 2025, ampliando ainda mais minha experiência na área. Para relatar as atividades desenvolvidas nas salas de aulas, os encontros permitiram um planejamento das nossas ações e acompanhamento do que estávamos trabalhando dentro de sala.

Onde o rio faz a curva – Afluentes da Escola

Localizada no bairro Nova Esperança, Zona Oeste de Manaus/AM, a instituição atende tanto o Ensino Regular quanto a EJA, ofertando os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. A modalidade EJA contempla o 1º e 2º segmentos, com funcionamento nos turnos matutino, vespertino e noturno, atendendo um público diverso, incluindo trabalhadores, donas de casa, jovens em busca de concluir os estudos e idosos que retornam à escola após longos períodos.

Além do refeitório, observamos outras dependências da escola, que conta com uma ampla estrutura: quadra coberta, sala de recursos, auditório, diretoria, secretaria, biblioteca, banheiros masculino e feminino, banheiros adaptados para pessoas com deficiência e um total de 8 salas de aula. Contempla ainda, biblioteca, cozinha, laboratório de informática, salas dos professores, garantindo também o fornecimento de alimentação escolar e água filtrada.

Ao observarmos a região onde a escola está inserida, percebemos que ela combina áreas bem urbanizadas com outras marcadas por vulnerabilidades sociais e

econômicas. Foi possível notar também, que muitas famílias enfrentam dificuldades no acesso a serviços básicos, convivem com a informalidade no trabalho e lidam com situações de insegurança. Diante desse cenário, ficou evidente o papel essencial da escola como espaço de pertencimento, acolhimento, sendo um importante ponto de apoio comunitário, de convivência e fortalecimento dos vínculos sociais.

Em uma das nossas assistências nas salas de aula, conversamos com a Pedagoga da escola do turno noturno, que apresentou diversos projetos e ações desenvolvidas na escola. Destacou atividades culturais em parceria com a comunidade, aulas de artes marciais, rodas de leitura mensais e o programa “Vumbora EJA”, voltado à valorização dos estudos. Outros destaques incluem o Programa de Saúde da Comunidade e o Projeto anual “Solta a Voz, Parente”, que promove produções artísticas valorizando a cultura local e o protagonismo estudantil.

Nesse sentido, os alunos atendidos pela escola trazem consigo saberes e experiências ricas e diversas, como culturas tradicionais da região amazônica, práticas comunitárias, trabalhos informais e histórias familiares. Esse mosaico sociocultural influencia diretamente o processo de ensino e aprendizagem, exigindo práticas pedagógicas inclusivas, que respeitem os conhecimentos prévios e as trajetórias singulares de cada estudante. Conhecer a escola evidenciou o comprometimento dela com a qualidade da educação, o bem-estar dos alunos e a integração com a comunidade, através de sua estrutura adequada e de projetos pedagógicos significativos.

Encontro das águas - Trajetória de sentidos ou/e sentidos da trajetória? Porque estamos aqui

No dia 22 de maio de 2025 deu-se vivência à Escola Municipal Senador Fábio Pereira de Lucena Bittencourt. Nossa chegada ocorreu às 18h56. Adentramos a escola e fomos para a sala dos professores. Logo, pensando em conhecer um pouco mais os espaços da escola, fomos ao refeitório, um espaço composto por mesas, cadeiras coletivas com capas coloridas que cobrem as mesas, local que é ventilado e possui um bebedouro e algumas pias para uso, além de uma rampa de acessibilidade. O espaço apresentava boas condições.

O desenvolvimento da experiência relatada teve como eixo central uma atividade orientada pela seguinte pergunta: “Por que estamos aqui?”. Essa indagação, no entanto, não surgiu apenas no momento da proposta em sala. Ela emergiu anteriormente, impulsionada pelo desejo genuíno de conhecer mais profundamente as trajetórias dos estudantes da EJA.

A construção da atividade teve como base o exercício da oralidade e da escrita, buscando articular experiências de vida, sentidos e significados atribuídos pelos próprios sujeitos à sua presença naquele espaço escolar. Essa aproximação entre linguagem, memória e identidade revelou-se um desdobramento ímpar enquanto experiência, proporcionando a nós, professores em formação, uma vivência rica, sensível e profundamente significativa.

Nossa experiência teve início no processo de aproximação e conhecimento da turma, composta por estudantes do 2º segmento, mais especificamente alunos da 6º e 7º etapa. Estas etapas são marcadas por um público com bagagem de conhecimentos diversos e contempla uma oferta ampla de componentes curriculares. O componente que nos foi designado para desenvolver em sala foi Ciências.

Desde a nossa chegada à escola, fomos direcionados a atuar com uma turma específica. No entanto, algo chamou a nossa atenção ainda antes do primeiro contato presencial. Em uma das viagens anteriores até a escola, enquanto seguíamos de Van com a Professora Maria Quitéria, ela nos perguntou se sabíamos qual era a profissão ou o ofício de cada aluno, ou se ao menos já havíamos feito essa pergunta a eles. Essa reflexão antecipada despertou em nós um olhar mais atento para as trajetórias individuais dos estudantes. Essa indagação aparentemente simples permaneceu conosco e despertou reflexões importantes. A pergunta feita pela Professora nos provocou a olhar para além do papel dos estudantes, incentivando-nos a conhecer os sujeitos presentes ali, suas trajetórias e vivências.

Motivados também por essa reflexão, logo mais, iniciamos nossa experiência com a turma citada. Conversamos com a professora regente, que nos orientou quanto à atividade a ser desenvolvida com os estudantes. Ao adentrarmos a sala, iniciamos com uma saudação calorosa e, em seguida, fizemos nossa primeira pergunta: “Como vocês estão?”. A reação foi imediata e diversa:

—“Estamos bem, professor!”

— “Tá legal, professor!”

— “Eita, professor, é uma longa história...”

Foi extremamente enriquecedor ouvi-los a partir de uma pergunta tão simples. As respostas vieram com entusiasmo e, em muitos casos, acompanhadas de surpresa por serem convidados a expressar como se sentiam. Apesar de muitos falarem simultaneamente, conseguimos perceber as reações de cada um. A escuta atenta nos permitiu iniciar um vínculo importante com os estudantes e reforçou o quanto o diálogo é essencial nesse contexto.

Dando continuidade à proposta, desorganizamos a turma, pedimos a eles que colocassem as cadeiras de um modo que todas e todos pudessem estar lado a lado e onde pudéssemos nos olhar. Fizemos uma roda de conversa, momento no qual explicamos o motivo de estarmos ali, explicamos que hoje a atividade seria a partir de uma pergunta: por que estamos aqui?

Ao serem convidados a refletir a partir do porquê estamos aqui, os estudantes apresentaram uma variedade de respostas profundamente significativas, revelando não apenas os seus sonhos individuais, mas também o impacto coletivo da educação em suas vidas e comunidades.

“-Eu, todos os dias que venho pra escola, eu amo ouvir dos meus filhos: - mãe, você já vai estudar? Eu falo: - sim, filhos, eu quero terminar meus estudos para ter um bom trabalho, quero dar para vocês o que nunca tive nessa vida, eu estudo para aprender e ensinar meus filhos no dever de casa, é muito triste quando meus filhos trazem a tarefa e eu não saber e poder ajudar eles.” (relato da aluna do 2º segmento da EJA, 2025, relato 1).

Entre os relatos mais recorrentes, destacam-se desejos como proporcionar um futuro melhor para os filhos, realizar antigos sonhos, seguir uma profissão desejada ou retomar os estudos após um período de interrupção. Muitos expressaram a vontade de alcançar uma qualificação profissional, seja por meio de um curso técnico ou superior, ou com o objetivo de transformar a realidade das suas famílias, conquistar um bom emprego ou até montar o próprio negócio.

“-Para realizar o meu sonho que é ter a profissão que sempre sonhei. Quero ser perita criminal, quero dar esse orgulho para minha mãe ainda”. (relato de aluna da 7ª etapa do 2º segmento da EJA, 2025, relato 3).

“-O porquê estou aqui, é para aprender o máximo possível, poder me formar em biologia e me tornar um biólogo que é o meu sonho” (relato de aluno da 7ª etapa do 2º segmento da EJA, 2025, relato 4).

Outros mencionaram motivos mais íntimos e pessoais: aprender mais, aproveitar melhor a vida, tornar-se uma pessoa melhor ou, simplesmente, concluir uma etapa

que ficou por terminar. Há também aqueles que veem nos seus próprios esforços uma forma de inspirar os filhos, irmãos, netos, colegas e demais familiares a valorizarem os estudos e seguirem o mesmo caminho.

“-Cada dia que estou aqui, fico muito confiante, cada dia vou conseguir. Tenho um neto que me ajuda, eu que deveria ajudar ele nas lições. Teve uma vez que deu vontade de abandonar tudo, cheguei em casa muito mal e chorei, pensei em parar, fiquei com depressão, aquela tristeza. Eu sei que não devemos parar em tudo. Nos sonhos de terminar os meus estudos, eu sei que eu vou chegar no que eu quero!” (relato de aluna da 7ª etapa do 2º segmento da Educação de Jovens e Adultos, 2025, relato 5).

A forma como essas motivações foram expressas também é digna de destaque. Para além dos textos escritos, muitos estudantes complementaram suas produções com desenhos, com respostas em uma frase ou um parágrafo, ou numa folha de papel inteira. Desse modo, os desenhos de flores, coração, desenhos animados, rabiscos, itens relacionados a profissões, lápis, livros e até retratos e representações de si, demonstram não apenas criatividade, mas uma profunda ligação emocional com o momento presente e com os objetivos traçados.

Após a feitura dos relatos, alguns alunos sinalizaram que haviam terminado e manifestaram o desejo de partilhar os seus trabalhos com os colegas. Foi então que se iniciou um momento de socialização profundamente tocante. A primeira a se dispor foi uma aluna que, com muita sensibilidade, leu e narrou o seu relato. Desde as primeiras palavras, percebemos que o contado era, de fato, a própria história de quem o narrava. O seu texto emotivo foi lido com os olhos marejados da leitora e de quem a ouvia. Naquele momento, estávamos numa verdadeira roda de partilha de experiências, numa conversa íntima e inenarrável que nos comoveu profundamente. Foi um instante que reafirmou para nós, professores em formação, a razão pela qual

escolhemos estar na educação. Sentimo-nos chamados, mais do que nunca, ao compromisso com o ensino e com a transformação de vidas.

Outros relatos seguiram-se, cada um com sua carga de emoção, de luta, de sonhos e de esperança. E foi assim, entre palavras e imagens, entre lágrimas e sorrisos, que a sala se transformou num espaço vivo de aprendizagem e humanidade.

“-Então, minha meta é terminar meus estudos e fazer um curso de técnica em enfermagem, pra ajudar a minha mãe nas atividades, e ser uma boa pessoa que era o sonho do meu pai, e foi isso que ele pedia antes dele morrer e isso que ele pediu foi isso.” (relato de aluno do 2º segmento da Educação de Jovens e Adultos, 2025, relato 6).

Freire (2016), em sua obra “Pedagogia da Autonomia” nos diz que: “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total” (p. 26). Essa afirmativa nos fez refletir sobre como essas manifestações revelam a riqueza e a diversidade das trajetórias que convergem na EJA. Desse modo, mais do que respostas a uma simples atividade, os estudantes compartilharam partes de si, reafirmando que a educação em qualquer etapa da vida é um instrumento poderoso de mudança, realização e dignidade.

“-Hoje tenho a oportunidade de estudar, eu não falto aula, pra mim, faltar aula é triste, é menos um dia de apreender” (relato de aluna da 7ª etapa do 2º segmento da Educação de Jovens e Adultos, 2025, relato 7).

O momento se tornou ainda mais profundo quando, ao término da aula, alguns estudantes se aproximaram de nós de forma reservada e pediram que os ouvíssemos, demonstrando o desejo de compartilhar seus motivos pessoais longe da presença dos colegas, o que reforçou o vínculo de confiança criado durante a atividade.

Assim, a escuta sensível das narrativas e imagens do dia a dia é essencial para compreendermos os sentidos que emergem dessas experiências. Como afirmam Andrade, Caldas e Alves (2019):

Estudar e pesquisar com os cotidianos de pessoas comuns, com as histórias comuns que nos são contadas – porque nessas pesquisas as narrativas (todos os sons) e imagens contam – encontrando nestas, sentimentos e ‘conhecimentos-significações’ que seus ‘praticantespensantes’ criam (p. 22).

Suas histórias foram marcadas por desafios, renúncias e esperança. Esse gesto nos emocionou e deixou evidente o quanto aquele espaço escolar representa muito mais do que um local de ensino, se configurando como território de acolhimento, de escuta e de reafirmação da dignidade e dos sonhos.

“-Trabalho como babá e cuidadora, sou casada, não tenho filhos, tenho 3 irmãos, sou de Manaus mesmo, comprei um mato agora, estou super feliz!!!” (relato de aluna do 2º segmento da Educação de Jovens e Adultos, 2025, relato 8).

“-Aprendemos, conquistamos amizade e voltamos a pensar em ser alguém, com os estudos ainda não estou totalmente realizada, mas logo logo estarei.” (relato de aluna do 2º segmento da Educação de Jovens e Adultos, 2025, relato 9).

Também foi perceptível que algumas pessoas preferiram não compartilhar seus motivos durante a atividade, optando por permanecer em silêncio, outros pediram para que apenas os professores lessem. Esse comportamento, embora mais reservado, também nos sinaliza o quanto é importante respeitar os tempos, limites e individualidades de cada estudante. Logo, a atividade nos mostrou que, ao valorizarmos a escuta, o diálogo e as experiências de vida dos estudantes, fortalecemos a construção de um ensino mais significativo, afetivo e respeitoso.

Saímos da sala carregando relatos que não cabem apenas no papel, mas que seguem vivos na memória e no coração.

Figura 1: Realização da atividade: Por que estamos aqui?



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Água Viva - Ser e Tornar-se Professor no Fluxo da Formação

A docência perpassa por um complexo de atividades que incluem presença física e esforço intelectual-físico, sendo que tudo está integrado. Ser professor é ser um tanto de coisas. E nós, como professores em formação, tomamos compreensão disto, também durante os processos formativos, encontros, partilhas e reuniões que acontecem no Lepete, sendo que nossas vivências semanais ocorrem por meio do PAD todas as segundas-feiras.

Tivemos muitos momentos especiais e marcantes. Diríamos, fundamentais, para nosso processo de reconhecimento de nossos “eus” de professores em formação. E ao longo dos encontros formativos promovidos pela coordenação do PAD em 2024 e 2025, podemos construir saberes valiosos que fortaleceram nossa autonomia em sala de aula.

Em 2024, tivemos a oportunidade de participar da formação “A Educação de Jovens e Adultos na Caminhada do Programa Assistência à Docência em 2024: Um Recomeço Necessário na Educação Municipal de Manaus”. Este momento foi não

apenas o início de um novo ciclo, mas também um marco essencial para compreendermos melhor os fundamentos da EJA.

Ao longo desse encontro, aprofundamos o entendimento sobre o que é a EJA, o seu contexto histórico, os princípios que a orientam e o seu funcionamento nas escolas. Exploramos metodologias específicas, práticas pedagógicas adaptadas à realidade dos estudantes dessa modalidade e, ao final, realizamos uma atividade prática com foco na elaboração de dinâmicas ou planos de aula voltados à EJA.

Essa formação revelou-se de extrema importância, pois nos proporcionou um repertório teórico e prático indispensáveis para nossas assistências nas escolas com esta modalidade tão singular e transformadora. É relevante sublinhar que nós, licenciandos em Ciências Biológicas e Educação Física, não temos em nosso currículo um componente específico dedicado à EJA, por isso, participar desta formação foi uma oportunidade única, enriquecedora e essencial para a nossa formação docente. Mais do que um momento de aprendizagem, foi uma vivência que ampliou a nossa visão sobre o papel da EJA no combate às desigualdades educacionais e sociais e reafirmou o compromisso que devemos assumir enquanto professores em formação.

Nessa perspectiva, em 2025 tivemos a “Oficina de Produção Audiovisual”, que foi especialmente marcante, pois possibilitou vivenciar, na prática, o uso da tecnologia como aliada no processo pedagógico. Compreender as etapas da criação audiovisual, desde o planejamento até a execução, ampliou nossas visões sobre metodologias ativas e criativas. Trabalhar em grupo foi um desafio enriquecedor, exigindo organização, escuta e colaboração. Percebemos que se enfrenta um medo inicial diante de ferramentas desconhecidas, mas supera-se essa barreira com curiosidade e abertura ao novo. Pudemos avaliar essa experiência como extremamente positiva, pois nos possibilitou evoluir tanto tecnicamente quanto na postura docente. Sentimos que nossas práticas se tornaram mais dinâmicas, sensíveis e conectadas à realidade dos alunos.

Diante disso, as reuniões realizadas ao longo do Programa, têm-se consolidado como momentos essenciais na nossa caminhada formativa. São segundas de

encontros e semanas de transformação. Mais do que simples encontros organizacionais, essas reuniões pedagógicas assumem um papel estratégico e transformador, pois tudo pode ser discutido, partilhado e (re)pensado constituindo-se, de fato, como espaços de liberdade, escuta e construção coletiva.

São ocasiões em que temos a oportunidade de socializarmos as vivências que trazemos das escolas, relatar experiências concretas e, a partir delas, refletir sobre as práticas pedagógicas. Além disso, esses momentos são fundamentais para a realização de planejamentos conjuntos, debates construtivos, partilhas entre colegas, oficinas, formações, eventos e outras atividades que integram o cotidiano e os desafios da docência. Esses encontros tornam-se, assim, um verdadeiro laboratório do fazer docente, onde teoria e prática se entrelaçam, onde escutamos e somos escutados, onde nos formamos e formamos uns aos outros. São momentos que fortalecem o sentimento de pertencimento e o compromisso coletivo com uma educação pública de qualidade e com a constante construção de saberes.

Assim, ao olharmos para o percurso formativo que estamos trilhando, percebemos-nos como eternos aprendizes, posto que a formação docente é, essencialmente, um processo contínuo, em que a autoavaliação se torna indispensável e o compromisso com o trabalho pedagógico se traduz num compromisso com o estudante, com a comunidade e com a transformação social. A excelência no fazer docente exige muito mais do que domínio de conteúdos: requer afeto, escuta, técnica, reflexão, construção e, muitas vezes, desconstrução. Implica tempo, paciência, luta, coragem para mudar, romper com práticas cristalizadas e tomar decisões éticas, críticas e conscientes. É um caminho exigente, mas profundamente transformador.

A Licenciatura, nesse sentido, é apenas o início. Ela lança as bases sobre as quais se constrói uma carreira dedicada à aprendizagem contínua, à pesquisa da prática e ao crescimento pessoal e profissional. Durante essa etapa, temos o privilégio de entrar em contato com múltiplas realidades escolares, vivenciar o cotidiano das escolas, refletir sobre o papel do professor na sociedade e desenvolver um olhar crítico sobre o sistema educativo como um todo. Ser professor é, acima de tudo, um ato de entrega. E é nesta jornada entre teoria e prática, entre sonho e realidade que

vamos moldando o nosso ser docente, conscientes de que ensinar é também, sempre, aprender.

Considerações - Novos Sentidos entre Múltiplas Correntes

As experiências vividas na EJA reafirmaram a potência da escola como espaço de humanização, acolhimento e escuta ativa. Ao propormos a atividade “Por que estamos aqui?”, fomos surpreendidos pela força das narrativas compartilhadas, que revelaram sonhos, dores, resistências e esperanças. Os desenhos, relatos e silêncios dos estudantes nos ensinaram sobre os múltiplos sentidos da presença na escola e reforçaram a importância de metodologias que valorizem os saberes e as trajetórias dos sujeitos.

Nossa atuação como professores em formação ganhou novos contornos a partir do diálogo com esses estudantes, e nos provocou a pensar a docência como prática ética, crítica e afetiva. O PAD e os momentos formativos vividos ao longo de 2024 e 2025 nos permitiram reconhecer que a formação docente não se limita ao domínio de conteúdos, mas exige sensibilidade, escuta, reflexão e compromisso com a transformação social. Ao final deste percurso, compreendemos que ser professor é um constante exercício de presença e de construção conjunta de sentidos com os estudantes, com os colegas ADs e com a própria trajetória que escolhemos trilhar. Sentidos atribuídos, sentidos sentidos, sentidos significados e a multiface dos sentidos das palavras aqui colocadas, talvez seja uma forma de comunicar os sentidos significados através do que sentimos na experiência.

Referências

Andrade, Nívea; Caldas, Alessandra Nunes; Alves, Nilda. **Movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas “conversas” acerca deles.** In: Alves, Nilda (org.). Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Brasília: Tecnodocência/UFF, 2019. p. 22. Disponível em: https://www.tecnodocencias.com/ava/pluginfile.php/2384/mod_resource/content/1/O



S%20MOVIMENTOS%20NECESS%C3%81RIOS%20%C3%80S%20PESQUISAS%20COM%20OS%20COTIDIANOS%20%28VERS%C3%83O%202019%29.pdf.

Acesso em: 9 jun. 2025.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021, p. 26.

CORPOS QUE FALAM, HISTÓRIAS QUE RESISTEM: UM ENCONTRO NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

Bodies that Speak, Stories that Resist: An Encounter in the Multifunctional Resource Room

Ávila Auzier Moraes¹
Camilly Cristina Rebouças Tamer²
Ana Michelle de Carvalho Martins³
Maria Quitéria Afonso⁴

Resumo

O presente relato de experiência descreve uma prática pedagógica vivenciada na Sala de Recursos Multifuncional (SRM) da Escola Municipal Rui Barbosa Lima, Zona Leste de Manaus/AM, no contexto do Programa Assistência à Docência (PAD) do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Desse modo, o foco deste relato é compartilhar uma experiência com as práticas da sala de recursos, a partir de um olhar sensível, sobre os diferentes modos de participação e expressão dos alunos, cuja presença e gestos revelaram narrativas que atravessam o corpo e os cotidianos da escola, como também os momentos de escuta que dialogam com as memórias afetivas e com processo de ensino-aprendizagem no encontro com a diversidade.

Palavras-chave: Afeto. Sala de Recursos. Corporeidade do Espaço. Escutas e Gestos.

Abstracts

This experience report describes a pedagogical practice carried out in the Multifunctional Resource Room (SRM) at Rui Barbosa Lima Municipal School, located in the eastern zone of Manaus, AM, within the scope of the Teaching Assistance Program (PAD) of the Laboratory for Teaching, Research, and Transdisciplinary Experiences in Education (Lepete) at the Amazonas State University (UEA). The main purpose of this account is to share a lived

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: aam.ped23@uea.edu.br

2 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: ccrt.ped23@uea.edu.br

3 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM). E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

4 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

experience in the resource room practices through a sensitive lens, focusing on the different ways students participate and express themselves. Their presence and gestures revealed narratives that traverse the body and the everyday life of the school, as well as moments of listening that intertwine affective memories with the teaching and learning process in encounters with diversity.

Keywords: Affection. Resource Room. Corporeality of Space. Listening and Gestures.

Introdução

Este relato tem como objetivo compartilhar e refletir sobre as vivências cotidianas na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), espaço muitas vezes pouco visibilizado no contexto escolar, mas que revela relações, afetos e aprendizagens singulares. A partir de uma abordagem qualitativa e narrativa, o texto busca dar voz às histórias que emergem dos gestos, olhares e silêncios, entendendo o cotidiano escolar não apenas como ambiente de transmissão de saberes, mas como espaço de produção de sentidos e relações humanas.

Para fundamentar a reflexão, o relato dialoga com os pensamentos de Freire (2011), que concebe a educação como prática da liberdade e do diálogo, onde o conhecimento se constrói no encontro sensível entre sujeitos. Também se apoia em Larrosa (2002), que enfatiza a singularidade da experiência como algo que nos toca e nos transforma, e em Castro (2021), que aponta para a necessidade de deslocamentos no currículo da Educação Especial, valorizando as múltiplas formas de aprender, sentir e existir.

O texto está organizado em quatro seções, a saber: a primeira apresenta nossa trajetória até a chegada ao PAD, evidenciando os caminhos que nos conduziram à experiência aqui relatada; a segunda contextualiza a escola em que o trabalho foi desenvolvido; a terceira traz o relato da experiência vivida na SRM, com atenção especial às relações estabelecidas com os alunos; e a quarta trata das formações oferecidas pelo PAD, refletindo sobre seus efeitos no nosso olhar pedagógico.

Com essa estrutura, buscamos afirmar a potência de um fazer educativo que escuta e se deixa afetar, reconhecendo a escola como espaço onde os corpos falam, as

histórias resistem e os encontros produzem aprendizagens inclusivas e comprometidas com a dignidade de cada aluno.

Raízes que sustentam nossos passos: memórias, trajetórias e heranças vivas

Sou Ávila Auzier Moraes, tenho 20 anos e sou acadêmica do quinto período de Pedagogia na UEA. Atualmente, sou bolsista do PAD, vinculado ao Lepete. Sou natural de Nova Olinda do Norte, interior do Amazonas e me mudei para Manaus aos oito anos de idade em busca de uma melhor qualidade de ensino. Desde então, estudei apenas em escolas públicas, onde aprendi a valorizar os recursos disponíveis e a reconhecer o potencial dessas instituições.

Entre o sexto e o nono ano, estudei em uma escola de tempo integral e vivi uma experiência que me marcou profundamente. Criei um laço muito afetivo com uma professora de Matemática que tinha uma presença muito forte e firme em sala de aula, mas nunca precisou impor sua autoridade. A gente a respeitava porque a admirava. Parte do seu sucesso como professora vinha da forma como nos ensinava a conviver em sala de aula com respeito, escuta e responsabilidade. Ela nunca nos colocou no lugar de incapazes, pelo contrário, nos incentivava. Falar sobre isso ainda me emociona, porque foi uma experiência muito gratificante. Quando penso nessa professora, percebo que é esse tipo de educadora que desejo ser.

Ao concluir o Ensino Médio, minha primeira escolha foi o curso de Educação Física. Em 2023, ingressei na Faculdade Metropolitana de Manaus por meio do Programa Universidade para Todos (Prouni). Mas, com o tempo, percebi que meu caminho era outro. Com certo receio, iniciei a graduação em Pedagogia, uma área que até então eu não havia considerado. Aos poucos, fui me adaptando e entendendo o valor do Curso e suas diversas possibilidades de atuação.

Durante minha formação, tive a oportunidade de aprender com professores comprometidos, que apresentaram diferentes abordagens pedagógicas e metodologias de ensino. Essas vivências ampliaram minha compreensão sobre o

papel do educador e contribuíram diretamente para a construção da profissional que estou me tornando.

Além de bolsista do PAD, também atuei como apoio escolar pela Secretaria Municipal de Educação (Semed), acompanhando o desenvolvimento acadêmico e social de um aluno de nove anos. Essa experiência foi essencial para que eu compreendesse, na prática, os desafios e as demandas da educação inclusiva. Com ele, compartilhei risos, frustrações, conquistas e aprendizados que deixaram marcas importantes na minha formação humana e profissional.

Hoje no PAD, tenho a oportunidade de atuar em diferentes escolas da rede pública municipal. Isso me permite conhecer diversas realidades e formas de organização pedagógica. Essas experiências têm sido fundamentais para desenvolver minha capacidade de adaptação e meu olhar crítico sobre o processo educativo. A cada nova vivência, entendo melhor o que é ser educadora e sigo buscando contribuir para uma educação colaborativa, sensível e comprometida com o desenvolvimento integral dos alunos.

Sou Camilly Cristina Rebouças Tamer, tenho 19 anos, sou graduanda em Pedagogia pela UEA e atualmente estou no quinto período do Curso. Desde muito nova, sempre tive uma certeza no coração: eu queria trabalhar com pessoas. Crescer sendo a irmã mais velha de três irmãos me ensinou, de forma muito natural, o que é cuidar, acolher e ensinar. Eles são, até hoje, uma das minhas maiores motivações para continuar correndo atrás dos meus sonhos.

Ao terminar o Ensino Médio em 2022, com 17 anos, meu plano inicial era cursar Psicologia na Universidade Federal do Amazonas. Mas a vida me levou por outro caminho e foi na Pedagogia que me encontrei de verdade. O que começou como segunda opção, logo se transformou em escolha, paixão e em um reencontro comigo mesma. Descobri que é com crianças que quero estar, para contribuir unindo escuta, cuidado e conhecimento.

Logo no início da faculdade, ainda no primeiro período, tive a oportunidade de estagiar na Secretaria de Estado das Cidades e Territórios (SECT), na área administrativa. Não era a minha área de formação, mas foi uma experiência

importante, que me ensinou sobre organização, disciplina e responsabilidade no ambiente de trabalho, ficando lá até o fim de 2023.

Em janeiro de 2024, busquei algo mais alinhado ao meu Curso e consegui uma vaga como Auxiliar de Sala no Centro Educacional La Salle. Foi meu primeiro contato direto com a sala de aula e, em apenas seis meses, vivi aprendizados que levarei para sempre. Pedi desligamento por motivos pessoais, mas aquele tempo foi essencial para confirmar que a educação era sim, o meu lugar.

Logo em seguida, fui chamada para estagiar na Semed, como Apoio Escolar, onde permaneci até o final de 2024. Essa experiência consolidou ainda mais minha vontade de seguir trabalhando com crianças e aprofundar meus conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil.

Durante todo esse tempo, sempre tive grande interesse em fazer parte do Lepete. Já havia tentado outras vezes, sem sucesso, mas nunca deixei de sonhar. Quando uma nova vaga foi divulgada, me inscrevi novamente, fiz a entrevista e fui selecionada. Hoje, como bolsista do PAD, posso dizer com segurança: o Lepete me transforma todos os dias, visto que é uma experiência que fortalece meu compromisso com a educação e me permite crescer como acadêmica, como profissional e como ser humano.

Além disso, sou voluntária no Núcleo Interdisciplinar de Relações Étnico-Raciais, Gênero e Sexualidade (Nirgs) e atuo como suplente no diretório de comunicação do Centro Acadêmico de Pedagogia (Caped), porque acredito que a formação docente vai além da sala de aula, ela passa também pelo compromisso com a diversidade, com a escuta e com a construção de uma educação mais justa e afetiva.

O chão que nos forma: escola como território de luta e corporeidade do espaço

A experiência foi desenvolvida na Escola Municipal Rui Barbosa Lima, localizada na Rua Rio Xanxerê, no bairro Armando Mendes, Zona Leste de Manaus/AM. A unidade atende alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais nos

turnos matutino e vespertino, além de oferecer a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno, contemplando uma diversidade de perfis estudantis e necessidades educacionais.

De acordo com o Censo Escolar de 2024, a escola conta com aproximadamente 509 alunos matriculados e 14 professores. A estrutura física é composta por 10 salas de aula climatizadas, laboratório de informática, biblioteca, quadra de esportes coberta, sala de professores, sala da direção, secretaria, além de uma área de alimentação com cozinha, despensa e refeitório, que assegura a oferta regular e adequada da merenda escolar.

Para atender à diversidade do corpo discente, a escola dispõe de uma Sala de Recursos Multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), destinada aos 14 alunos com necessidades especiais matriculados. As instalações são parcialmente acessíveis, com banheiros adaptados e portas com vãos livres superiores a 80 cm. No entanto, ainda carecem de rampas, pisos táteis e sinalização sonora ou visual, o que impõe desafios à efetivação dos processos inclusivos. Em termos de recursos tecnológicos, a escola conta com 8 computadores de mesa, 2 notebooks e 32 tablets, além de internet banda larga, instrumentos que apoiam a prática pedagógica e o acesso à informação.

O bairro Armando Mendes, onde está inserida a escola, é uma área de expansão urbana marcada por forte presença de famílias de baixa renda. A comunidade é composta por cerca de 36.886 moradores, com uma média de 4,18 pessoas por domicílio. A maioria das residências é composta por casas simples e aproximadamente 30% dos responsáveis familiares possuem rendimento de até um salário mínimo, evidenciando um quadro de vulnerabilidade social.

Embora haja uma alta taxa de alfabetização entre os jovens, o número de adultos e idosos não alfabetizados ainda é significativo, o que justifica atender por meio de demandas como a EJA. Além disso, questões estruturais como a falta de arborização em grande parte dos domicílios e a presença de esgoto a céu aberto em cerca de 8% das casas, contribuem para um ambiente urbano precário, impactando diretamente no cotidiano escolar dos alunos. O cenário social e econômico da

comunidade influencia profundamente no perfil dos alunos, que frequentemente enfrentam desafios ligados à insegurança alimentar, ausência de apoio familiar em casa, trabalho infantil ou juvenil e dificuldades no acesso a direitos básicos. Tais fatores exigem da escola um papel que vai muito além do ensino formal, ela se torna um espaço de acolhimento, cuidado e formação cidadã.

Apesar das limitações e das adversidades, a escola representa um ponto de resistência e transformação social para a comunidade. Com recursos pedagógicos e tecnológicos, a instituição se empenha em garantir o direito à educação de qualidade, promovendo inclusão, respeito às diferenças e valorização da identidade cultural local.

Corpos em presença: escutas, gestos e potências na sala de recursos

Era uma tarde aparentemente comum como as outras, quente e agitada. Fomos de Van do Lepete até a Escola Municipal Rui Barbosa, num trajeto de aproximadamente 25 minutos. Ao chegar, fomos designadas pela coordenação do PAD para ficar na SRM, sob a regência da professora Érica Alves. Fomos recebidas com um abraço caloroso da aluna Priscila, que, apesar de nunca ter nos vistos antes, foi muito afetuosa. Os outros alunos nos observavam com olhares curiosos.

Na sala, nos deparamos com doze mesas ao centro, dispostas em formato de ilha, com uma cadeira para cada mesa. Havia seis alunos, sendo dois meninos e quatro meninas, mas percebemos que eles estavam distantes entre si. Notamos também uma porta em um dos cantos da sala, que depois descobrimos ser o banheiro e no canto oposto estava a mesa da professora.

Os alunos já estavam realizando a atividade quando chegamos, era aparentemente simples: pintar desenhos. Alguns dedicados ao Dia das Mães, outros ao Dia dos Povos Indígenas e também imagens de instrumentos musicais. Porém, nos levou a pensar sobre o quanto uma atividade artística pode ir além do que parece à primeira vista. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), a atividade artística é uma forma de expressão que reativa a imaginação, a ação, a

sensibilidade, a percepção, o pensamento e a cognição, sendo, portanto, essencial para o desenvolvimento integral das crianças.

Ao mesmo tempo, ficamos refletindo se essa atividade na SRM estava sendo pensada como um recurso que dialogasse com o processo de ensino e aprendizagem da sala regular e não apenas como uma ocupação isolada. E como aponta Castro:

A sala de recursos multifuncionais deve ser um recurso adicional à sala de aula e não somente mais uma classe de meras atividades que se propagam, muitas vezes, ao léu, com objetivos que não coadunam com o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula regular (2021, p. 76).

Por isso, apesar de reconhecermos o valor de atividades artísticas para o desenvolvimento dos alunos, ficamos com o questionamento sobre a integração dessas atividades com o currículo e os objetivos educacionais da escola.

Durante a realização, percebemos diferentes formas de envolvimento: a aluna Priscila não queria muito pintar, mas fez mesmo assim; a Sarah ficou bem quieta, pintando seus desenhos e olhando para os enfeites na parede; já a Dienifer também estava calada, não falava nem levantava a cabeça e não queria pintar, apenas desenhava aleatoriamente em seu caderno. O José pintava tudo com muita atenção e cuidado, enquanto o Vinícius não queria pintar e fazia rápido para terminar logo e explorar a sala. A Esthefany, por sua vez, pintava com calma, sem pressa.

Ficamos acompanhando a atividade, circulando pela sala para verificar se os alunos estavam realizando a atividade de pintura dos desenhos. Foi quando decidimos nos sentar mais perto deles. Uma de nós se aproximou da Esthefany, uma jovem de 17 anos com paralisia cerebral e usuária de cadeira de rodas. A figura 1 demonstra a aproximação dialógica e a oportunidade de desenvolver a escuta ativa com as/os estudantes.

Figura 1: AD Camilly Tamer e aluna Stephanie



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Passamos a tarde inteira conversando com ela, e foi uma experiência muito transformadora e emocionante. Esthefany compartilhou sua trajetória de vida, sua rotina, dificuldades, sonhos e a falta de acessibilidade nas escolas. Contou que é criada pelos avós e que veio de outra escola porque lá não havia banheiro com acessibilidade e nem SRM. Compartilhou todos esses desafios, inclusive que sua mãe havia ido embora quando ela era pequena, algo que nos marcou especialmente naquele dia, porque ela estava justamente pintando um desenho sobre o Dia das Mães.

Apesar de já termos atuado em outras escolas e com alunos com especificidades antes de fazermos parte do PAD/Lepete, essa foi a primeira vez que vivenciamos de perto uma experiência na Sala de Recursos. Ouvir a história de Esthefany abriu nossos olhos e nossas mentes para questões que nunca havíamos enxergado com tamanha intensidade.

Mais do que a proposta de pintar, cada um dos seis alunos, à sua maneira, nos contou uma história. Nem sempre com palavras, mas com olhares, silêncios, gestos e formas de ocupar aquele espaço. Aquele encontro, aparentemente simples e cotidiano, nos ensinou muito. Percebemos que não se tratava apenas de uma atividade, mas de estar com o outro e reconhecer que cada pequeno gesto carrega uma história. E é nesse gesto que a educação acontece, não como algo pronto ou imposto, mas como um processo que se constrói na relação entre quem educa e quem aprende, em diálogo contínuo, como propõe Freire (2011), quando afirma que

o conhecimento nasce do encontro entre sujeitos que ensinam e aprendem mutuamente.

No decorrer da tarde, todos os alunos finalizaram a pintura dos desenhos, cada um no seu tempo e do seu jeito. Alguns coloriram toda a folha, outros apenas uma parte. O mais importante era que todos tiveram liberdade para escolher o que pintar, como pintar, com quais cores e por quanto tempo se dedicariam.

Na despedida, abraçamos cada aluno com carinho. Dissemos o quanto estávamos empolgadas para retornar e vê-los novamente em breve. Enquanto saíamos da sala, Vinícius ficou nos observando pela porta, e José, ao sair para tomar água, nos deu tchau mais uma vez. Fomos embora felizes, depois de uma despedida afetuosa e uma tarde repleta de aprendizados importantes, tanto para nós quanto para eles. A figura 2 representa esse momento de interação e de acompanhamento das atividades entre Assistentes Docentes (ADs) e as/os estudantes da sala de recursos.

Figura 2: ADs e a turma da sala de recursos



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Caminhos tecidos no coletivo: saberes que se encontram

O PAD, tem se mostrado um território fértil de aprendizagens, onde se entrelaçam teoria e prática, escuta e ação, presença e reflexão. Mais do que uma vivência técnica, estar no PAD é habitar com sensibilidade o cotidiano escolar, é sentir, registrar e transformar as experiências vividas em conhecimento compartilhado.

Além das assistências às escolas, também participamos de formações desenvolvidas pela coordenação do PAD.

Estivemos presentes em dois desses encontros formativos que aconteceram no Lepete, um espaço aconchegante e divertido, onde nos reunimos enquanto os formadores compartilharam suas ideias, experiências e pressupostos teóricos.

Destacamos os momentos formativos sobre a escrita do relato de experiência e a brinquedoteca itinerante, que nos trouxeram conhecimentos e reflexões essenciais para nossa prática político-pedagógica.

Na formação sobre a “Escrita dos Relatos de Experiências”, acompanhamos atentamente as orientações da professora Jediã Lima, que utilizava slides para socializar as etapas e estratégias do processo do registro da escrita. Essa experiência formativa, nos ajudou a perceber a importância de refletirmos criticamente sobre nossas vivências em sala de aula, valorizando o registro como ferramenta de construção pedagógica.

Por outro lado, a partir das “Narrativas Etnopoéticas”, apresentadas pela professora Adriana Barbosa, aprendemos a dar forma escrita às nossas vivências e atravessamentos, em que a escrita é poesia, é memória, é a transformação da vivência em palavra concreta. Não se trata de reduzir a experiência, mas de traduzi-la com sensibilidade e cuidado, com palavras que revelem seu significado profundo. Assumimos, assim, o papel de professoras/es em formação inicial e pesquisadoras/es no cotidiano escolar, tecendo saberes a partir da vida que pulsa na escola.

Participamos também, do momento formativo sobre a “Brinquedoteca Itinerante do Lepete”, desenvolvida pelos brinquedistas Ygo Lima e Rita Rafaela Guimarães, com uma experiência bem dinâmica e interativa. Após uma breve contextualização teórica, fomos convidados a soltar a imaginação e a criatividade ao encenarmos uma história com fantoches. Divididos em grupos, escolhemos temas diversos e nos desafiamos a apresentar as encenações, enfrentando a timidez com apoio mútuo dos colegas ADs e muita leveza. Foi uma vivência incrível, que não apenas nos

ensinou sobre ludicidade na educação, mas também fortaleceu nossos vínculos enquanto professoras/es em formação inicial.

Conseqüentemente, após um plano de ação organizado previamente, levamos a Brinquedoteca Itinerante para as escolas, apresentamos aos alunos recursos que estimulam a imaginação, a criatividade e a expressão. Por meio dos fantoches, elas inventam histórias, criam personagens e constroem cenários, explorando temas que fazem sentido para suas realidades. O brincar, muitas vezes visto apenas como bagunça ou barulho, vai muito além disso. Trata-se de um momento singular de extravasar emoções, de descansar a mente e de experimentar o mundo de forma sensível e autêntica.

Diante disso, tais experiências formativas nos ensinaram que escrever sobre o vivido não é apenas relatar acontecimentos, mas elaborar sentidos. Conforme sugere Larrosa (2002, pág. 20-28), “a experiência não é aquilo que simplesmente acontece, mas aquilo que nos atravessa e nos transforma, e só se torna experiência de fato quando conseguimos dar-lhe forma, refletindo e narrando-a com profundidade”. Nesse sentido, as formações não apenas nos forneceram ferramentas práticas, mas também nos provocaram a refletir criticamente sobre nossa presença em sala de aula, nosso olhar sobre o aluno e a importância de registrar aquilo que sentimos e observamos.

A escolha da experiência relatada partiu de um olhar afetivo e cuidadoso, pois sabíamos que reviver aquele momento seria prazeroso e, de certa forma, reconfortante. Escrever sobre essa experiência, é mais do que um exercício técnico, é um gesto de memória e de valorização do momento sentido-vivido.

Considerações

A experiência relatada, mostrou como o cotidiano escolar pode ser rico e cheio de significado quando é vivido com atenção, escuta e sensibilidade. Participar do PAD nos permitiu entender a educação não apenas como trabalhar habilidades e competências, mas sentir o vivido na sala de aula, construído por afetos, histórias,

gestos e olhares. Estar na SRM foi um convite para observar com mais calma e reconhecer que existem muitas formas de ensinar e aprender, inclusive aquelas que não se expressam com palavras.

O contato com os alunos, especialmente com a jovem Esthefany, nos levou a refletir profundamente, pois ao escutar suas vivências e perceber seus desafios como usuária de cadeira de rodas, nos deparamos com as limitações da escola, mas também com a força do vínculo e do acolhimento. Essa convivência nos mostrou que a escola precisa ser um espaço que receba todos os corpos, respeite cada sujeito e ajude a construir sentidos de forma coletiva. Cada aluno tem sua própria maneira de estar no mundo e cabe ao educador respeitar e valorizar essas singularidades.

Referindo-se às formações oferecidas pelo PAD, os momentos de compartilhamento de saberes com colegas ADs foram essenciais para transformar o que vivemos em aprendizado. A junção entre teoria e prática nos ajudou a olhar com mais cuidado para o nosso papel como professoras/es em formação. Aprendemos que ensinar é também um processo de escuta e de transformação pessoal e profissional.

Registrar essa vivência é mais do que contar o que aconteceu. É reconhecer a importância do que foi vivido, dar sentido a esses momentos e permitir que outras pessoas também se envolvam com essa história. A escrita se torna uma forma de dar voz àquilo que, muitas vezes, passa despercebido no cotidiano escolar.

Reafirmamos a importância de programas como o PAD, que aproximam os alunos da realidade das escolas públicas e contribuem para uma formação mais humana e comprometida. Acreditamos que a escuta, o respeito à diversidade e os vínculos afetivos são fundamentais na construção do trabalho docente.

E para não concluir, temos a certeza de que cada experiência vivida neste percurso formativo nos ajudou a crescer, tanto na profissionalização docente, quanto como pessoas. Que possamos continuar transformando a escola em um espaço de acolhimento, de afeto e de escuta, onde cada história tenha seu lugar e a educação possa, de fato, florescer.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v.

Castro, Cleussi de Fátima Schneider de. **Currículo e didática na educação especial**. [S.l.]: InterSaberes, 2021

Freire, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

INEP. **Censo Escolar da Educação Básica – 2024**. Disponível em: <http://censobasico.inep.gov.br>. Acesso em: 22 maio 2025.

Larrosa, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.

Lima, Jediã Ferreira; Justiniano, Jeiviane; Afonso, Maria Quitéria. **Projeto Assistência à Docência**. Manaus: LEPETE/UEA, 2019. Relatório de atividades do projeto desenvolvido entre 2017 e 2019.

QEDU. **Indicadores educacionais da EM Rui Barbosa Lima**. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/13067907-em-rui-barbosa-lima>. Acesso em: 22 maio 2025.

BRINQUEDOTECA ITINERANTE COMO TERRITÓRIO DA LUDICIDADE: ENTRE EXPERIÊNCIAS NARRATIVAS E PARAQUEDAS DE ENCANTO

The Itinerant Toy Library as a Territory of Playfulness: Between Narrative Experiences and a Parachute of Enchantment

Rita Rafaela dos Santos Guimarães¹

Ana Michelle de Carvalho Martins²

Maria Quitéria Afonso³

Resumo

O presente relato descreve a experiência vivenciada como brinquedista do Projeto Brinquedoteca Itinerante, que foi realizada no turno matutino em escolas da Rede Municipal de Manaus/AM durante os meses de abril e maio de 2024. As atividades foram desenvolvidas na Escola Municipal Almeron Caminha, Escola Municipal José Tavares de Macedo, Escola Municipal Izabel Angarita e no Centro Municipal de Educação Infantil Profa. Renata Holanda de Souza Gonçalves, atendendo turmas de Educação Infantil e do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental. Com o tema “Narrar, refletir, transformar: da história à ação”, a proposta teve como objetivo promover o desenvolvimento integral das crianças por meio da contação de histórias, rodas de conversa e criação de narrativas. As ações foram organizadas de forma lúdica e participativa, incentivando a imaginação, a expressão oral, a escuta sensível e o trabalho em grupo. A experiência reafirmou o valor do brincar como linguagem da infância e caminho potente para aprendizagens significativas, fortalecimento de vínculos e valorização da cultura infantil. Este relato busca compartilhar os encontros, afetos e descobertas que marcaram este percurso educativo e humano.

Palavras-chave: Brinquedoteca Itinerante. Ludicidade. Brinquedista. Crianças.

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: rrdsg@uea.edu.br.

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do LEPETE/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM). E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

3 Vice-líder de Pesquisa do LEPETE/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

Abstracts

This experience report describes the work carried out as a *brinquedista* (play facilitator) in the Itinerant Toy Library Project, conducted during the morning shifts in public schools of the Municipal Education Network (AM) throughout April and May 2024. The activities took place at José Tavares de Macedo Municipal School, Izabel Angarita Municipal School, and the Prof^a Renata Holanda de Souza Gonçalves, serving early childhood education and 1st to 4th-grade elementary classes. Under the theme “*Narrate, Reflect, Transform: From Stoy to Action*”, the proposal aimed to promote children’s holistic development through storytelling, group discussions, and the creation of narratives. The actions were organized in a playful and participatory manner, encouraging imagination, oral expression, active listening, and teamwork. The experience reaffirmed the value of play as the language of childhood and as a powerful path toward meaningful learning, the strengthening of bonds, and the appreciation of children’s culture. This report seeks to share the encounters, affections, and discoveries that shaped this educational and human journey.

Keywords: Itinerant Toy Library. Playfulness. Play Facilitator. Children.

Introduzindo o Encantar, Escutar e Brincar: Uma Travessia Lúdica

A Brinquedoteca Itinerante nasce do desejo de transformar espaços escolares em territórios de encantamento, onde a infância possa se expressar com liberdade, alegria e imaginação. Cada parada é um novo recomeço, uma travessia lúdica e um convite ao brincar, ao narrar e ao partilhar vivências que ressoam muito além das paredes da sala de aula.

É nesse espírito que este relato apresenta as atividades realizadas no turno matutino, em diferentes escolas da Rede Municipal de Manaus/AM, nos meses de abril e maio de 2024. Com o tema “Narrar, refletir, transformar: da história à ação”, a proposta percorreu escolas municipais como a Almeron Caminha, a José Tavares de Macedo, a Izabel Angarita e o Centro Municipal de Educação Infantil Profa. Renata Holanda de Souza Gonçalves, encontrando em cada uma delas turmas singulares, olhares atentos e corações dispostos a viver a experiência do brincar com intensidade.

As atividades foram pensadas para integrar o lúdico com a escuta sensível, promovendo a valorização das histórias, das emoções e das múltiplas formas de expressão da criança. Assim, as práticas vivenciadas buscaram não apenas

entreter, mas também reconhecer a criança como sujeito de direitos, capaz de comunicar desejos, sentimentos e pensamentos por meio do brincar.

Entre círculos formados sobre o paraquedas, rodas de conversa sinceras e histórias inventadas com fantoches e desenhos, as crianças se tornaram autoras de seus próprios mundos. Cada gesto, cada palavra, cada criação compartilhada foi um sopro de autenticidade e potência. O brincar, nesse contexto, revelou-se como linguagem legítima de aprendizagem e expressão, transbordando os limites das habilidades escolares e adentrando o terreno da imaginação e da sensibilidade.

Esta apresentação abre caminho para o relato de uma vivência que, mais do que pedagógica, foi profundamente humana. Um tempo de conexão entre brinquedista e crianças, entre escuta e ação, entre imaginação e transformação. Um tempo em que brincar foi também aprender, cuidar e sonhar.

O relato está organizado de forma descritiva, lúdica e afetiva, trazendo na primeira seção sobre a “Minha Formação e os Primeiros Passos no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação”, onde a narrativa pessoal entre a imaginação e a atuação como brinquedista apresentam as experiências da ludicidade, possibilidades na aprendizagem e de transformação social. Na segunda seção, “Portas Abertas para o Brincar: Um Encontro com a Escola Pública”, aborda a experiência do plano de ação intitulado “Narrar, refletir, transformar: da história à ação”, descreve como aconteceu essa prática no cotidiano da escola, considerando a cultura e vivência lúdica das infâncias. Já a terceira seção, trata do olhar “Entre Desafios e Encantos: A Escola como Território de Afetos e Aprendizagens”, na qual aborda o contexto da escola e o protagonismo infantil ocupando um lugar legítimo de fala e criação. A quarta seção, contempla “Na Travessia do Brincar, Encontrei Minha Voz: Aprender com os Outros, Crescer em Mim”, trazendo a memória dos encontros formativos como espaços de escuta, construção coletiva, reflexão e crescimento para a profissionalização docente.

Minha Formação e os Primeiros Passos no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação

Sou Rita Rafaela dos Santos Guimarães e estou atualmente no 9º período do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Desde muito cedo, sempre fui apaixonada pela ludicidade, pelo brincar e por tudo que envolve o universo infantil. Viajar nas histórias dos livros sempre foi uma forma de me encantar com o mundo, de sonhar e de imaginar novas possibilidades e esse amor só cresceu ao longo da minha formação.

Conheci o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) por meio de colegas que participavam do Programa Assistência à Docência (PAD). Desde as primeiras conversas, algo dentro de mim se encantava. Eu já ouvia falar das atividades, dos projetos, da brinquedoteca, da seriedade e da leveza com que o laboratório conduzia suas ações. Encantei-me antes mesmo de entrar. Foi então que, em setembro de 2023, tive a oportunidade de fazer parte desse espaço tão especial. Comecei como Secretária no turno matutino e logo percebi o quanto o Lepete seria importante para minha formação. Um ano depois, assumi a função de brinquedista, cargo que ocupo até hoje com muito carinho e dedicação.

Estar no PAD tem sido uma experiência transformadora. O laboratório não apenas fortaleceu meu olhar sensível sobre a educação, como também potencializou aquilo que sempre esteve vivo em mim: o prazer em brincar, em contar histórias, em criar vínculos por meio do lúdico. Como afirma Kishimoto (2011), “a criança não brinca para aprender, mas aprende porque brinca”. Além disso, ele me proporcionou experiências externas marcantes por meio de práticas lúdicas com a infância, pois as ações da Brinquedoteca Itinerante me permitiram conhecer diferentes realidades e onde pude vivenciar de perto a força do lúdico como ferramenta de aprendizagem e transformação social.

Sou muito grata por fazer parte de um espaço que valoriza o lúdico, a escuta, a colaboração e o compromisso com uma educação mais humana, sensível e

significativa. Assim posso dizer que minha caminhada como futura pedagoga é iluminada por essas vivências que me ajudam a manter vivo o sonho de uma educação mais sensível, mais significativa e mais humana.

Portas Abertas para o Brincar: Um Encontro com a Escola Pública

A ação pedagógica da Brinquedoteca Itinerante aconteceu entre os dias 15 de abril e 14 de maio de 2025, atendendo turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental em diferentes escolas da rede pública municipal de Manaus/AM. Essa experiência foi parte do plano de ação intitulado "Narrar, refletir, transformar: da história à ação", elaborado de forma colaborativa pelos brinquedistas e pela Coordenação do PAD.

A proposta teve como objetivo estimular o desenvolvimento integral das crianças, utilizando a contação de histórias, atividades de criação e dramatizações como ferramentas pedagógicas. Acreditamos que essas vivências fortalecem não apenas as habilidades cognitivas e criativas, mas também promovem a empatia, o pensamento crítico, a imaginação e o senso coletivo entre os alunos.

As escolas atendidas durante o período da ação estão localizadas em diferentes zonas urbanas periféricas de Manaus, muitas delas em áreas com significativos desafios sociais. Os contextos escolares variam entre si, mas de maneira geral, compartilham limitações estruturais, como a falta de espaços apropriados para atividades lúdicas e recursos pedagógicos escassos. Ainda assim, são espaços vivos, que resistem e persistem com o esforço diário de professores, gestores e toda a comunidade escolar.

Em cada escola, fui recebida com entusiasmo e curiosidade, especialmente pelas crianças. A ação foi realizada com duas turmas nos turnos da manhã, conforme a organização das escolas participantes. Percebi que, apesar das adversidades, há um forte comprometimento por parte das equipes escolares em garantir experiências educativas significativas. E foi nesse cenário que a brinquedoteca itinerante encontrou terreno fértil para semear encantamentos, escutas sensíveis e aprendizagens potentes. Essa potência do brincar, que impulsiona a criança a se

lançar para além do que já domina é o cerne da proposta itinerante, que busca semear, em cada escola, experiências de crescimento e descoberta. Segundo Vygotsky (1991), “no brinquedo, a criança sempre se comporta além do seu comportamento habitual, como se fosse maior do que realmente é”.

Participar dessa ação foi mais do que levar brinquedos, brincadeiras e histórias, foi também vivenciar as realidades distintas de nossas escolas públicas e, principalmente, reafirmar o poder do brincar como direito e como prática transformadora. Cada história contada, cada roda formada e cada riso partilhado nos mostrou que, mesmo em meio a tantas dificuldades, a escola continua sendo um lugar de sonhos possíveis e o terreno fértil para a ludicidade.

Entre Desafios e Encantos: A Escola como Território de Afetos e Aprendizagens

A proposta pedagógica da Brinquedoteca Itinerante teve como tema central “Narrar, refletir, transformar: da história à ação”, visando estimular, por meio do brincar, o desenvolvimento da imaginação, da empatia, do pensamento crítico e da expressão oral e criativa das crianças.

No dia 15 de abril, ao adentrar os espaços da Escola Municipal Almeron Caminha, encontrei, nas turmas do 1º ano A, da professora Andrea, e do 4º ano A, do professor Sérgio, olhares curiosos e corações abertos. Fui recebida por mãos pequenas e inquietas, ávidas por tocar o mundo com afeto. Ali, as histórias começaram a florescer.

No dia 6 de maio, os corredores da Escola Municipal José Tavares de Macedo nos levaram ao universo do 1º ano B, com a professora Maria Elena, e do 2º ano A, da professora Jorgelina. As crianças se reconheciam nas histórias e reinventaram o mundo com suas vozes miúdas, porém poderosas.

Já no dia 7 de maio, na Escola Municipal Izabel Angarita, os encontros se deram com as turmas dos 4º anos A e B, guiadas pelas professoras Geysa e Suzy. Os pequenos ali pareciam carregar uma urgência de narrar e recriar. Com fantoches, desenhos e risos, contaram histórias de bichos falantes, de escolas mágicas, de

amizades improváveis. Era a infância ocupando seu lugar legítimo de fala, da escuta, da criação e do protagonismo. Como defende Tonucci (1997), “a escuta é o ponto de partida para qualquer ação pedagógica voltada à infância. A criança precisa ser ouvida com seriedade”.

No dia 8 de maio, fechando esse ciclo com beleza, estive no Centro Municipal de Educação Infantil Profa. Renata Holanda de Souza Gonçalves, junto às turmas do 2º ano A, da professora Alessandra, e do 2º ano D, da professora Nathalia. Em meio aos círculos formados sobre o paraquedas colorido, ali dançavam não só crianças, mas também a imaginação, o afeto e a esperança. As fábulas acenderam os olhos atentos, e as rodas de conversa ecoaram vozes que desejam ser ouvidas, respeitadas e valorizadas.

Toda a proposta girou em torno do tema “Narrar, refletir, transformar: da história à ação”, e foi exatamente isso que vivenciamos. As histórias narradas, ora vistas, ora criadas, tornaram-se pontes entre mundos, entre o real e o fantástico, entre o eu e o outro. As interações foram organizadas de maneira sensível, com momentos que favoreciam a escuta, a partilha, a expressão de sentimentos e a criação coletiva. E o mais bonito: tudo acontecia sem pressa, no tempo da infância.

Ao longo desse percurso, apoiei-me nos ensinamentos de Kishimoto (2011), que enxerga no brincar um modo legítimo de aprender e existir. Segui a trilha de Vygotsky (1988), para quem a imaginação e a interação são forças transformadoras do desenvolvimento humano. Essas vivências também ecoaram os direitos de aprendizagem como conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, reafirmando o brincar como direito sagrado e insubstituível da criança.

Ser brinquedista nesses dias foi ser semente. Foi confiar que, ao narrar com amor, ao escutar com presença e ao brincar com verdade, plantamos sonhos em terrenos férteis. As escolas se tornaram jardins e as crianças, jardineiras de um mundo que pode, e deve, ser mais leve, mais justo e mais bonito. Foi perceptível o quanto se identificaram com as histórias, reconhecendo elementos do seu cotidiano, da sua cultura e até de suas próprias vivências. As imagens a seguir apresentam o

desenvolvimento das atividades e a participação das crianças com a brinquedoteca itinerante.

Figura 1: Narrar, refletir, transformar: da história à ação



Fonte: Arquivo Lepete/UEA 2025.

Essas experiências reafirmaram em mim a convicção de que o brincar é um direito inalienável da criança e uma estratégia pedagógica de imenso valor. Como brinquedista, pude testemunhar o quanto o lúdico, quando intencionalmente estruturado, é capaz de gerar aprendizagens profundas, fortalecer vínculos e ampliar o processo de socialização e interação entre as crianças.

Na Travessia do Brincar, Encontrei Minha Voz: Aprender com os Outros, Crescer em Mim

Ao longo dos anos de 2024 e 2025, participei de diversos encontros formativos promovidos pela coordenação PAD. Esses momentos foram verdadeiros espaços de escuta, construção coletiva, reflexão a profissionalização docente. Em cada encontro, pude aprofundar meus conhecimentos sobre a prática docente, a importância da mediação pedagógica, o papel do lúdico na aprendizagem, além de compreender com mais clareza a função da brinquedista e sua atuação na escola.

Esses encontros me ajudaram a desenvolver uma postura mais autônoma e segura dentro da sala de aula. Senti que, pouco a pouco, fui me apropriando das responsabilidades e dos saberes que a prática exige, não apenas do ponto de vista teórico, mas, principalmente, na vivência cotidiana com as crianças. A formação proposta pelo PAD foi fundamental para que eu compreendesse que a autonomia profissional não se constrói de forma isolada, mas em diálogo com os pares, com os desafios enfrentados e com as experiências compartilhadas.

Durante a realização da ação da Brinquedoteca Itinerante, enfrentei desafios importantes: adaptar as atividades a diferentes realidades escolares, lidar com a falta de estrutura

em algumas unidades, gerir o tempo das propostas com grupos diversos e, principalmente, manter a escuta atenta e sensível às necessidades das crianças. Não foram poucos os momentos de dúvidas ou cansaço, mas, em todos eles, busquei me apoiar nas vivências formativas do PAD, orientações com a coordenação, com leituras debatidas e com as experiências partilhadas entre colegas.

Minha autoavaliação neste processo é de crescimento contínuo. Reconheço o quanto evoluí em termos de postura profissional, organização, planejamento e sensibilidade. Aprendi a confiar mais em mim, a me posicionar com mais segurança e a reconhecer a importância de cada detalhe no cuidado pedagógico com as crianças. A prática me ensinou que educar não é repetir fórmulas prontas, mas sim criar, adaptar, sentir e aprender junto.

Avalio este processo como profundamente transformador. Sinto que saio dele não apenas com mais conhecimento, mas com mais humanidade, responsabilidade e compromisso com a educação que acredito, uma educação que escuta, acolhe, brinca, narra, sonha e transforma.

Gratidão, Aprendizagens e Futuro

Ao revisitar cada etapa dessa trajetória vivida no Lepete e na atuação como brinquedista por meio do PAD, reconheço a potência transformadora da prática docente quando aliada à ludicidade, à escuta sensível e à formação inicial. O contato com diferentes realidades escolares, o planejamento de ações, os desafios enfrentados e os vínculos criados com as crianças reafirmaram em mim o compromisso com uma educação que acolhe, encanta e transforma.

Saio desta experiência com novos olhares, mais segura de minha atuação e consciente de que a formação docente é um processo que nunca se encerra. Cada história contada, cada atividade lúdica realizada, cada troca com colegas e formadores deixou marcas que seguirão comigo em toda a minha caminhada profissional. Como sugestão para futuras ações, penso ser valioso ampliar a presença da Brinquedoteca Itinerante em mais escolas, garantindo que mais crianças tenham acesso a essa experiência significativa.

Encerro este relato com o coração grato e esperançoso, convicta de que a educação que sonhamos começa com pequenos gestos, com escutas verdadeiras e com a coragem de acreditar no poder do brincar como um ato revolucionário.

Referências

Kishimoto, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. 6. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

Tonucci, Francesco. **A cidade das crianças**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

Vygotsky, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

DOCÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DE AFETOS ENTRE ASSISTENTE À DOCÊNCIA E ESTUDANTES

Teaching Practices in the Construction of Affection Between Teaching Assistants and Students

Ana Rita Fraga de Arruda França¹
Lucilene Pacheco Santos²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

O texto relata a experiência de uma acadêmica do Programa Assistência à Docência (PAD), vinculado ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). A Assistente Docente (AD) destaca que a vivência no PAD promoveu uma profunda reflexão sobre o papel do professor, valorizando o afeto e a subjetividade na relação com os alunos. A experiência ocorreu na Escola Municipal José Tavares de Macêdo, situada em Manaus/AM, caracterizada por se localizar numa comunidade vulnerável socialmente. Durante o relato, foram destacadas atividades que ajudaram a fortalecer a vivência da AD. Essas atividades puderam promover a reflexão sobre a importância do afeto nas relações escolares. Além disso, a acadêmica relata sobre a importância que as formações promovidas pelo PAD, causaram nela.

Palavras-chave: Lepete. Afeto. Alunos. Escola.

Abstracts

This paper reports on the experience of an undergraduate student participant in the Teaching Assistance Program (PAD), linked to the Laboratory for Teaching, Research, and Transdisciplinary Experiences in Education (LEPETE) at the Amazonas State University (UEA). The Teaching Assistant (TA) highlights that participation in the PAD promoted a deep reflection on the teacher's role, emphasizing affection and subjectivity in relationships with students. The experience took place at José Tavares de Macêdo Municipal School, located in Manaus, AM, within a socially vulnerable community. Throughout the report, activities that helped strengthen the TA's learning experience were highlighted, fostering reflection on the

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas. Email: arfdaf.let23@uea.edu.br

2 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do LEPETE/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM)E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

3 Vice-líder de Pesquisa do LEPETE/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

importance of affection in school relationships. Furthermore, the author emphasizes the impact of the training sessions promoted by the PAD on her personal and professional development.

Keywords: Lepete. Affection. Students. School.

Introdução

Durante a experiência inicial e formativa dentro das escolas, pude vivenciar o quão bonito, trabalhoso e difícil é estar numa sala de aula. Foi um processo que me fez refletir acerca da Licenciatura e da profissão em si, sobre as dificuldades encontradas no ensino e nas próprias escolas. Dessa forma, mediante as problemáticas encontradas – como questões relacionadas à exaustão do professor, as dificuldades encontradas na sala de aula e entre outros –, também foi possível observar as maravilhas presentes na relação entre professor e aluno.

Ao vivenciar o PAD, que faz parte do Lepete da UEA, vivi esse encontro com a criança, onde diversos sentimentos surgiram. Estar na sala de aula, faz com que seja possível observar muito além do conceito tradicional construído do que é ser aluno e do que é ser professor – aquele que obedece e aquele que manda –, observam-se pessoas com suas subjetividades, com suas vivências e sonhos. Ao entrar na sala de aula, é preciso enxergar e compreender que antes de mais nada, professores e alunos possuem suas histórias. Enquanto AD, há a raiva e a tristeza, pois, a educação segue não sendo tratada como um dos pilares da formação e da construção de um ser humano crítico e liberto; assim como sentimentos de amor, carinho, afeto e esperança ao acreditar e lutar pela mudança.

No diálogo e na vivência com as crianças, me deparei com diversas existências, e apesar da realidade, prefiro acreditar numa aprendizagem de despropósito e afetos. Venho me encontrando a cada assistência, a cada conversa e a cada aprendizagem. A construção de uma rede de apoio entre AD e aluno, foi o que fortaleceu este trabalho e esta experiência dentro da sala de aula. Sendo assim, Freire (1996) nos diz que não se pode falar em educação sem que haja amor.

Ana Rita Fraga de Arruda França

Havia pensado numa forma mais calorosa de me apresentar, porém não pude pensar em nada distinto do clássico “Olá, eu me chamo Ana Rita”. Sendo assim, meu nome é Ana Rita Fraga de Arruda França e sou estudante do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa, ou como falo de forma carinhosa e simples, Letras. Estou em Manaus/AM há cinco anos, algo que costumo falar ao me apresentar, é que sou pernambucana.

Vim para Manaus em 2020, ano de pandemia, e foi uma mudança muito difícil, visto que minha vida inteira e afetos estavam em Pernambuco. Precisei sair da escola que estava desde os meus seis anos de idade e entrar numa escola diferente e desconhecida. A pandemia afetou bastante a minha formação, porém reconheço o meu privilégio de ter estudado numa escola particular. Meus pais sempre batalharam muito para que tivesse uma boa formação e graças à luta deles e ao meu desempenho, pude passar numa faculdade pública.

Formei-me no ano de 2021, tinha um sonho de cursar jornalismo ou direito. Não consegui passar para nenhum dos dois, o que me fez passar um ano estudando, já que não tínhamos condições financeiras de pagar uma faculdade. No ano de 2023, soube que havia passado em Letras pelo vestibular tradicional Macro da UEA. Entrei na Universidade sem ter grande ambição de me tornar uma professora, por medo de não me sentir “boa” o bastante. Logo no primeiro período, por conta do componente curricular Sociologia da Educação, percebi o quão apaixonante é a docência e passei a me encontrar dentro do curso.

O Lepete tem sido um dos lugares mais afetuosos e importantes desde que entrei na Universidade. Em agosto de 2023, quando estava terminando o primeiro período, consegui entrar no PAD, onde permaneci – como bolsista – até agosto de 2024. O afeto e o carinho que foram criados e alimentados pela equipe do Lepete e pelos ADs seguem sendo tão fortes, que permaneço no programa como voluntária.

A minha primeira experiência em sala de aula, foi o Lepete que me proporcionou. Isso significou muito, pois mesmo com a energia vibrante e agitada das salas de aula, encontrei razão e vontade de estar presente nas escolas, exercendo a minha formação inicial como discente de Licenciatura. Durante as formações realizadas pela Coordenação, aprendi bastante da teoria e das vivências de outros ADs; sou grata por tudo o que vivi e pude desenvolver em sala de aula. Além disso, no Lepete, vivenciei a experiência de cantar nos “Diálogos pertinentes” do Projeto Oficinas de Formação em Serviço (OFS) da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM) e viver uma imersão na reserva Adolpho Ducke “Arte e Escola na Floresta”. Portanto, sou imensamente grata e feliz pelas vivências e oportunidades que este lugar de acolhimento e afeto me proporcionou e segue proporcionando, tanto para a minha formação pedagógica quanto para minha formação como pessoa.

Escola Municipal José Tavares de Macêdo

A Escola Municipal José Tavares de Macêdo está localizada na Rua Guanabara, no bairro Santa Luzia, em Manaus-AM, e se encontra levemente escondida em frente a uma praça. A escola trabalha com o Ensino Fundamental Anos Iniciais, atendendo também alunos com especificidades na sala de Recursos e no Acelera (Correção de Fluxo). Na sua estrutura física, possui rampas, corrimões e banheiros adequados para alunos com deficiência, sendo um local acessível. Percebemos que a comunidade onde a escola está localizada é caracterizada por vivenciar diversos problemas sociais como: drogas, desemprego, violência e entre outros. De acordo com a página 16 do Projeto Político Pedagógico da escola, a comunidade local é constituída – em sua maioria – por habitantes de classes baixa e média, sendo assim, boa parte dos alunos possui uma condição financeira mais humilde, estando à margem da sociedade.

Levando em consideração a realidade vivida pela comunidade, a escola lida com essas questões sociais acentuadas acima, desenvolvendo ações que incluem tanto

os alunos, quanto os funcionários e as famílias. Dentre os projetos e as ações realizadas pela escola, podemos destacar as seguintes: Projeto Livro Animado; Projeto A informática educativa como instrumento de aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Projeto Teatro na Escola; Projeto de Alfabetização.

Figura 1: Refeitório da Escola José Tavares



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024)

Figura 2: Crianças no refeitório da Escola José Tavares



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024)

A comunidade escolar é bastante receptiva e unida. Tanto os funcionários, quanto os alunos foram muito calorosos conosco. O ambiente da escola é muito receptivo e repleto de afeto. Os alunos são diversos e cada um possui características próprias. Um outro fator importante a se destacar é o afinho e cuidado que a escola possui ao tratar da Educação Especial e Inclusiva, visto que há muitos alunos que possuem especificidades.

O afeto entre assistente à docência e alunos

No dia 28 de maio de 2024, na ida à Escola Municipal José Tavares de Macedo, desenvolvi junto a outro AD, o Tiago, que estava comigo neste dia, a atividade lúdica de dobraduras organizada pelos ADs e pela Coordenação do PAD, desde o início com a pesquisa-formação que ocorre antes do início das aulas da pós-graduações nas escolas da OFS. Assim, com o PAD, estive na sala do terceiro ano dos anos iniciais, da Professora Tatiane de Oliveira. Antes de desenvolver a atividade citada acima, houve um encontro formativo no Lepete sobre como poderíamos realizá-la com os alunos. Dessa forma, recordei-me da experiência coletiva dos ADs fazendo os últimos ajustes nas suas dobraduras antes de embarcar na Van.

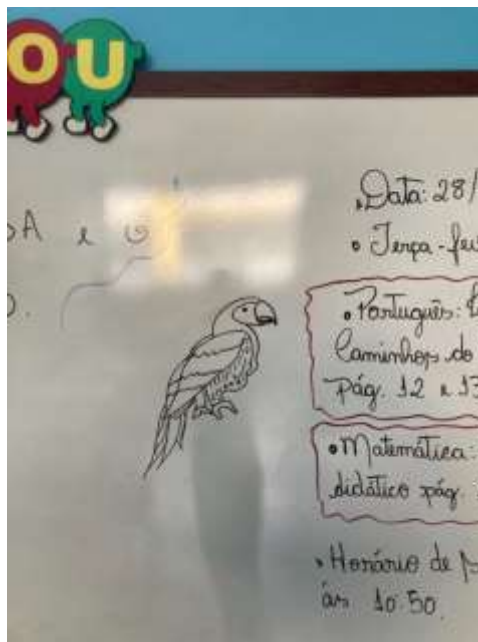


Figura 3: Eu desenhando os animais no quadro.

Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024)

Ao chegar na escola, nos reunimos professores e ADs, para organizar e delimitar as salas de cada assistente à docência. Na sala de terceiro ano, há três alunos que possuem dificuldade com algumas atividades; dentre eles, apenas uma a professora regente indicou que possui laudo de deficiência intelectual e física, portanto, por isso dois tipos de atividade adaptadas para eles. São atividades que envolvem sílabas e a construção de palavras a partir delas, assim como a presença de figuras e desenhos que possam ajudar no momento em que forem reconhecer as letras e as palavras. Além disso, a professora deixou algumas atividades do livro didático de Língua Portuguesa “Caminhos do Aprender”, páginas 12 e 13.

Figura 4: Um dos desenhos que fiz.



Fonte: Arquivo Lepette/UEA (2024)

Figura 5: Roda de contação de histórias.



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024)

Visto que nas primeiras idas às escolas, o PAD junto aos ADs, havia organizado atividades para observar diversos fatores com os alunos – como eles chegavam à escola, quantas pessoas há na sua família e entre outros, no dia 28, foi o dia de desenvolver a atividade de dobraduras da onça e do tucano. Foi uma das atividades que mais me marcou, pois pude utilizar tanto a criatividade dos alunos quanto a minha. No primeiro momento, expliquei como as dobraduras seriam feitas, dei-lhes papéis e auxílio quando foram fazer as suas. Alguns demonstraram bastante autonomia na hora de realizar a atividade, enquanto outros necessitaram do nosso auxílio. No segundo momento, conversamos com eles sobre quais animais típicos da região norte eles conheciam; resolvemos pegar esse gancho para comentar acerca da importância dos animais e do cuidado tanto com a natureza quanto com os bichos da Amazônia.

Figura 6: Dobradura de onça.



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024)

Dando continuidade à atividade de dobraduras, resolvemos, eu e o AD Tiago, sentarmos com os alunos no chão em uma roda, visto que levamos fantoches que fazem parte da brinquedoteca do Lepete, para que assim fosse possível criar uma história com as dobraduras feitas pelos alunos. Explicando a dinâmica, cada aluno passava um dos fantoches para o que estava ao seu lado, enquanto iam inventando alguma história com os animais que haviam feito com as dobraduras – uma onça e um tucano. Foi uma experiência interessante e rica para a minha formação; a participação dos alunos e o carinho mútuo que eles possuem por mim foi o que tornou a atividade mais fluida e prazerosa.

Figura 8: Jordana com um dos fantoches que levamos.



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024)

Além disso, observei como estes alunos depositam sua confiança e carinho em nós, ADs, sendo um fator de extrema importância para o fazer do professor e do aluno como um todo. Nisso, percebe-se a importância do afeto na sala de aula, da necessidade de se ter uma relação entre AD e aluno, visto que isso tem sido o principal alicerce para o “fazer” na sala de aula, o “professorar”. E ao pensar neste assunto, recorro, mais uma vez, à Freire (1998) quando citou numa entrevista para a Rádio Nederland, sobre a importância de ser uma pessoa amorosa; comparo isso ao fato de ser amorosa, também, com o meu trabalho e com os alunos.

Portanto, faço uso das palavras de Bell Hooks (2021) no seu livro “Tudo sobre o amor”, ao dizer que o amor é o que o amor faz, é percebido o quão importante é o fazer amoroso dentro da sala de aula. Logo, ao estar com os alunos, aprendendo e interagindo com eles, torna-se importante e necessário não só desenvolver atividades e conteúdos, mas também demonstrar afeto e cuidado ao lidar com as

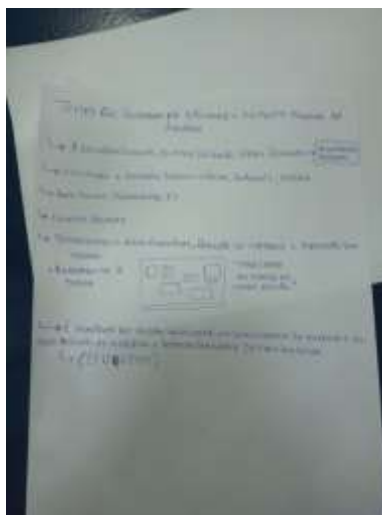
minhas subjetividades e com as dos alunos com quem convivo. Sendo assim, em decorrência das vivências que tive na escola José Tavares e com a sala de terceiro ano, aprendi a desenvolver uma educação afetuosa.

Saberes e aprendizagens

Durante as formações que vivenciei no Lepete, pude explorar bastante sobre diversas áreas de conhecimento, como da Biologia, da Geografia, entre outras. Os encontros formativos que a coordenação do PAD realizou conosco foram essenciais para fortalecer e auxiliar minha ação dentro das salas de aula.

Nesse sentido, no dia 26 de agosto de 2024, aconteceu uma formação que foi ministrada pelo Professor Jonathan Gomes; ele nos apresentou sua dissertação de Mestrado intitulada “Integração de saberes ancestrais e conhecimentos científicos no ensino de ciências da Amazônia”, a qual foi realizada na Escola Indígena Kanata T-Ykua. Dentre os temas que tivemos mais interesse é possível destacar os seguintes: o corpo como artefato cultural; como o rio comanda a vida; a vivência direciona a escrita, dentre outros. Como atividade proposta pelo professor, em grupos, elaboramos um plano de aula.

Figura 9: Mapa mental que fizemos durante a formação.



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024).

Diante do exposto, as formações foram essenciais para o meu desenvolvimento enquanto AD, pois nos encontros formativos propostos pelo PAD, venho progredindo ao desenvolver na prática, a teoria que observei e estudei durante as formações. Sendo assim, a aprendizagem e experiências adquiridas foram e são importantes para a minha formação inicial como aluna de Licenciatura.

Considerações

Mediante as minhas vivências com o PAD, aprendi bastante ao estar dentro da sala de aula, nesse caso, na sala do terceiro ano da Escola Municipal José Tavares. Experimentar, perceber os meus erros e acertos durante meu trabalho como AD, me auxiliou a analisar o meu fazer dentro da Licenciatura como um ser humano amoroso.

Por fim, não posso deixar de enfatizar outros impactos causados por essa vivência. Reitero a importância de tornar significativo o afeto nas relações entre AD e aluno, visto que foi um ponto positivo dentro da minha experiência em sala de aula. Ao ser amorosa comigo, com os meus colegas ADs e com os alunos, sou capaz de fazer um trabalho melhor e mais humanizado.

Dessa forma, enfatizo que esse relato trouxe fatos e experiências sobre a minha vivência ao me entender como um ser amoroso, e principalmente, como uma professora em formação que propaga o afeto nas suas relações em sala de aula.

Referências

E.M. José Tavares de Macedo, 2025. Disponível em: [\[https://gedu.org.br/escola/13058487-em-jose-tavares-de-macedo\]](https://gedu.org.br/escola/13058487-em-jose-tavares-de-macedo). Acesso em: 28 de maio de 2025.

Escola Municipal José Tavares de Macedo. **Projeto Político Pedagógico**. Manaus-AM, 2021.



Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Hooks, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

Rádio Nederland. **Paulo Freire**: o andarilho da utopia [Série de programas radiofônicos]. Holanda, 1998.

A ONÇA E O TUCANO: UMA EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO TEXTUAL COLETIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL

The Jaguar and the Toucan: An Experience Of Collective Text Production Text Production In The Elementary Education

Ângela Gomes de Brito¹

Ana Michelle de Carvalho Martins²

Maria Quitéria Afonso³

Resumo

Este relato aborda experiências vividas pelo Programa Assistência à Docência (PAD), do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o qual não somente possibilita a experiência em sala de aula para os acadêmicos, como também operacionaliza práticas e estratégias pedagógicas na formação docente desses professores em formação inicial. O objetivo deste relato é descrever uma dessas experiências de assistência, realizada na Escola Municipal Isabel Vitória do Carmo Ribeiro. No decorrer desta narrativa sobre a ação pedagógica, utilizamos a produção textual coletiva como ferramenta de interação e aprendizado, dispoendo do gênero textual fábula como objeto de ensino, além de evidenciarmos aspectos da regionalidade por meio do conhecimento e valorização da fauna amazônica. Assim, a produção coletiva do texto justifica-se pela importância de se estabelecer o incentivo à leitura e escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como a interação conjunta entre alunos e assistentes docentes (ADs) ao mesmo tempo em que se exercita a criatividade.

Palavras-chave: Produção textual. Regionalidade. Anos iniciais.

Abstracts

The Teaching Assistance Program not only provides classroom experience for students, but also provides training for these future teachers. During the pedagogical activity, we use

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: agdb.let21@uea.edu.br

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do LEPETE/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM). E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

3 Vice-líder de Pesquisa do LEPETE/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

collective text production as a tool for interaction and learning, using the fable as a teaching object, in addition to highlighting aspects of regionality through knowledge and appreciation of the Amazon fauna. The collective production of the text is justified by the importance of encouraging reading and writing in the early years, as well as joint interaction between students and teachers, while also exercising creativity.

Keywords: Textual production. Regionality. Early years.

Introdução

O PAD propõe o desenvolvimento da prática docente aliada à formação inicial na Universidade. Por meio dele, acadêmicos de diversas Licenciaturas têm a oportunidade de experienciar o chão da escola pública, entrando em contato com a realidade em sala de aula já no início da sua formação. O presente trabalho tem como objetivo descrever uma dessas experiências de assistência, realizada na Escola Municipal Isabel Vitória do Carmo Ribeiro, no município de Manaus. Para isso, é necessário primeiramente destacar como o PAD atua no aprimoramento da prática docente não somente ao propiciar aos acadêmicos a experiência nas escolas, mas também na medida em que oferece encontros formativos que, por sua vez, abordam ações pedagógicas aproximando-os da profissionalização docente para fundamentar essa prática.

A atividade da assistência à docência foi realizada em uma turma de 4º ano, com a proposta de desenvolver uma produção textual coletiva partindo do conhecimento e valorização da fauna regional. Através da metodologia utilizada, pudemos estimular o desenvolvimento da leitura e escrita, a construção colaborativa do saber e a valorização do contexto amazônico, tudo isso através de uma prática pedagógica significativa, libertadora e alinhada aos saberes e aprendizagens proporcionados pelo PAD.

Entre letras e vírgulas: minha caminhada no Programa Assistência à Docência

Natural do município de Eirunepé no interior do Amazonas, sempre nutri muito amor pela linguagem, pela escrita e pela Literatura, iniciando em agosto de 2021 o curso de Licenciatura em Letras na UEA. No ano seguinte, passei a integrar o Lepete, onde, através do PAD, tive o primeiro contato com o cotidiano da sala de aula em escolas da Rede Pública Municipal de Ensino, dentre elas, a Escola Municipal Isabel Victória do Carmo Ribeiro.

Nos meus primeiros anos de Lepete, em razão da distância dos meus familiares e pela falta de suporte psicológico, enfrentei dificuldades de comunicação e interação social que comprometeram, de certa forma, o estabelecimento de uma maior sincronia com as Coordenadoras e demais integrantes do Programa, o que também refletiu na minha atuação em sala de aula. Contudo, as vivências no cotidiano do PAD, bem como as formações inclusivas realizadas no âmbito do Lepete foram fundamentais para que eu pudesse me enxergar como professora em formação, desenvolvendo, assim, as habilidades necessárias para exercer a docência. O caráter inclusivo do PAD foi crucial para a minha continuidade, não somente no Programa, mas também na Universidade, uma vez que o acolhimento e o afeto proporcionados pela Coordenação transpuseram as barreiras do Programa e se tornaram uma referência de prática docente.

Em fevereiro de 2025, minha jornada no PAD completou 3 anos. A experiência de testemunhar o Programa se expandir e alcançar novos objetivos, assim como a vivência em sala de aula aliada à transdisciplinaridade inerente ao PAD, contribuíram de maneira singular, na minha formação inicial como professora e como ser humano, capaz de enxergar a importância de uma educação inclusiva e libertadora para a formação dos indivíduos.

Conhecendo o âmbito escolar e suas características

A prática apresentada neste relato foi realizada na Escola Municipal Isabel Victória do Carmo Ribeiro, situada na rua Andirá-Açu, nº 456, bairro Colônia Terra Nova, Zona Norte da cidade de Manaus-AM. A escola atende os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com turmas do 1º ao 5º ano nos turnos matutino e vespertino, contando com uma área bastante ampla, banheiros adaptados, laboratório de informática, pátio coberto e um refeitório ao ar livre. Os alunos possuem uma rotina bem definida e respeitam os horários preestabelecidos para a hora do lanche e o lugar de cada turma no refeitório, assim como o momento de ida ao banheiro no final do intervalo.

O ambiente escolar oferece um espaço inclusivo e acessível aos alunos. As salas de aula são climatizadas e repletas de materiais pedagógicos expostos de forma lúdica, o que promove um interesse maior das crianças pelo aprendizado. Em algumas turmas há a presença de mediadores com a função de prestar suporte pedagógico para alunos com alguma deficiência e também auxiliar as crianças no desenvolvimento de atividades específicas. A escola também conta com uma sala de recursos multifuncionais, atendendo alunos com diferentes especificidades através de atividades direcionadas também ao desenvolvimento sensorial e motor.

Por meio de nossas vivências proporcionadas pelo PAD, pudemos ter acesso ao cotidiano escolar daquela comunidade e observar o compromisso dos profissionais atuantes com uma educação inclusiva de qualidade, fundamentada no respeito e no acolhimento de cada criança, bem como na valorização da diversidade que existe no contexto escolar.

Regionalidade e criatividade: a produção de histórias no coletivo da sala de aula

Na tarde de 5 de junho de 2024, chegamos à escola para mais um dia de assistência à docência, com grandes planos e expectativas, munidos do material

didático pensado e elaborado no Leepete junto aos ADs e Coordenação. A ação foi desenvolvida na turma do 4º ano C pelas ADs Ângela, Suely e Liliane. Encontramos a Professora titular da turma, Andrea, que nos orientou sobre a situação da classe no referido dia, qual o horário do intervalo, o quantitativo de alunos, as atividades que estavam concluindo no momento e se havia algum aluno que necessitava da presença do mediador. Após a troca de informações pertinentes, demos início à assistência.

No decorrer da ação pedagógica utilizamos a produção textual coletiva como ferramenta de interação e aprendizado, dispondo do gênero textual fábula como objeto de ensino, além de evidenciarmos aspectos da regionalidade por meio do conhecimento e valorização da fauna amazônica. A proposta da atividade envolve a confecção de animais regionais (onça-pintada e tucano) a partir de dobraduras em folhas de papel A4, seguida pela construção coletiva de uma história utilizando os animais como personagens.

A escolha do gênero textual fábula, teve como base a definição de gêneros preferenciais para a leitura no ciclo de alfabetização e letramento, identificados por Soares (2020) como:

Textos literários que correspondem de perto aos interesses das crianças, possibilitam momentos de lazer e prazer, incentivam a fantasia e o imaginário, colaboram no processo de amadurecimento emocional, ampliam a visão do mundo e a compreensão do ser humano (p. 212).

Nesse sentido, é necessário ressaltar que no contexto dos Anos Iniciais, mesmo a fábula sendo identificada pela autora como gênero indicado para a leitura, não propriamente para o desenvolvimento da *escrita*, realizamos a atividade em uma turma de 4º ano que já estava familiarizada com o gênero, além da produção textual ser desenvolvida por meio da oralidade, tendo o professor como escriba no primeiro momento.

A produção coletiva do texto, por sua vez, justifica-se pela importância de se estabelecer o incentivo à leitura e escrita nos Anos Iniciais, bem como a interação

conjunta entre alunos e professores, ao mesmo tempo em que se exercita a criatividade. Além disso, conforme aponta Ferreiro (2018):

A partir da estratégia de produção coletiva de textos podem ser desenvolvidos conhecimentos a serem utilizados em situações de produção de escrita individual, assim como na geração de ideias e aquisição de conteúdos, estimulando habilidades de escritas diversas por meio da interação. Para tanto, o papel do professor como mediador deste processo é de fundamental importância (p. 188).

Para dar início à atividade, tecemos um diálogo introdutório sobre o tema “Regionalidade” para sondar o conhecimento prévio das crianças sobre a região em que vivem, quais animais regionais elas conheciam e quais características eram capazes de reunir sobre cada um. Após a discussão, apresentamos mais aspectos e curiosidades específicos sobre a onça-pintada e o tucano.

No primeiro momento da atividade, distribuimos 2 folhas de papel do tipo A4 para cada um dos alunos. Em seguida, fizemos a demonstração de como confeccionar os animais através de dobraduras no papel, de forma cuidadosa e didática para facilitar o entendimento, sempre prestando auxílio para aqueles que encontrassem dificuldades. A figura abaixo apresenta as dobraduras com os animais de papel prontos; incentivamos os alunos a colorir e desenhar suas características, conforme os conhecimentos que adquiriram sobre eles, adicionando elementos como pintas, focinho e penas, exercitando também a imaginação e a criatividade.

Figuras 1: Dobraduras de animais regionais



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024).

No segundo momento, contamos com a ajuda dos alunos para organizar as carteiras em um semicírculo para facilitar a comunicação e a visualização entre eles. Em seguida, explicamos o que seria realizado nessa parte da atividade, onde iríamos produzir um texto coletivo com a participação de todos. Pedimos para que cada um escolhesse um dos animais que confeccionaram (a onça-pintada ou o tucano) para serem personagens na história que iriam construir juntos. A figura a seguir, apresenta o desenvolvimento da atividade com o uso do fantoche para o direcionamento da escolha dos animais e a produção textual. Uma das ADs então iniciou a história com a frase “Era uma linda floresta...”, ao que o aluno da esquerda complementava e inseria o personagem do animal escolhido, pertencente ao contexto amazônico.

Figuras 2: Atividade coletiva de produção textual



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024).

Ao final da história, sugerimos que os alunos escrevessem no caderno o texto que foi produzido por eles, escrito no quadro pelos Assistentes. No decorrer da atividade, a turma demonstrou bastante interesse em contribuir para a construção da história e, embora alguns alunos fossem mais tímidos, todos foram incluídos e tiveram seu momento de serem ouvidos. Além disso, utilizar as dobraduras trouxe um toque de ludicidade e autonomia para a atividade proposta, tornando a produção textual algo mais dinâmico e proveitoso no contexto dos Anos Iniciais.

Encontro formativo ajuri literário: a valorização do elemento regional na estratégia de ensino

O PAD não somente possibilita a experiência em sala de aula para os acadêmicos, mas também opera na formação docente desses futuros professores. Por meio da constante atuação das Professoras Coordenadoras, o PAD proporciona encontros formativos que ocorrem semanalmente, sempre trazendo temas de grande

relevância para a formação de professores comprometidos com uma educação significativa, incluindo temáticas que, muitas vezes, são abordadas muito superficialmente nas Licenciaturas. Dentre esses encontros, destaco a formação realizada em 17 de fevereiro de 2025, com o tema Ajuri Literário e a proposta de lançar luz às obras literárias que abordam o contexto amazônico.

A palavra “Ajuri” tem origem indígena e se refere a um agrupamento de pessoas, como em uma reunião, sendo o termo escolhido para corroborar a importância de um trabalho colaborativo na construção do conhecimento. Durante a formação, fomos introduzidos de forma mais aprofundada no vasto território da literatura amazônica, com a disposição de inúmeras obras literárias cuja abordagem trazia a valorização da fauna, flora e de toda a regionalidade amazonense. Insetos nesta temática, fomos orientados a formar grupos que, por sua vez ficariam encarregados de pensar e construir, coletivamente, uma sequência didática baseada em alguma daquelas produções literárias, com o objetivo de promover o enriquecimento de nossa prática pedagógica através das obras regionais voltadas para a valorização do contexto amazônico.

Considerações

Ao pensar a produção textual no contexto dos Anos Iniciais, é necessário observar cada aspecto inerente a essa etapa do aprendizado. Através de uma metodologia que traga ludicidade e uma proposta mais dinâmica e interativa, é possível estimular o interesse e a participação ativa das crianças no exercício de leitura e escrita, bem como tornar esse processo mais significativo para elas.

É importante considerar que além disso, a construção coletiva de um texto promove a interação colaborativa entre os alunos, exercitando, além da criatividade, a capacidade de planejar um texto através da concepção de ideias subsequentes, habilidades essenciais para o desenvolvimento da escrita e para a formação de futuros leitores literários.

Este relato oportunizou experiências na Assistência à Docência com a produção textual coletiva no diálogo com o gênero textual fábula, relacionando a importância do conhecimento e valorização da fauna amazônica com uma experiência lúdica com a produção das dobraduras e no sentido coletivo com a produção textual. Assim, este relato traz a comunidade acadêmica no contexto da formação inicial em Licenciatura, a estabelecer no exercício da docência, o incentivo à leitura e a produção textual, aproximando a regionalidade nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

Soares, Magda. **Alfabetar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

Ferreira, Vinícius Varella. **Produção coletiva de textos na escola: estratégia didática de ensino-aprendizagem da produção escrita nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2018.

PEDAGOGIA DO AFETO: VIVÊNCIAS NO PROFESSORAR DA ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA

The Pedagogy of Affect: Experiences in the Professorial Role of Teaching Assistance

Edvane Carneiro Pinheiro¹
Lucilene Pacheco Santos²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

O relato apresenta experiências vividas no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete), oportunizadas pelo Programa Assistência à Docência (PAD), da Universidade Estadual do Amazonas (UEA). A intenção deste trabalho é apresentar como os fatores afetivos na relação professor-aluno, influência no processo de aprendizagem, experienciadas pela Assistente à Docência (AD), na Escola Municipal José Tavares de Macedo, em uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Nessas vivências é possível perceber que no exercício da docência, foi sendo construída aprendizagens que contribuem no processo da formação inicial enquanto acadêmica de Pedagogia, pelas quais dialogam efetivamente nas relações socioafetivas no cotidiano da escola. Neste sentido, o relato descreve sobre as afetividades constituídas em cada assistência à docência na conexão subjetiva entre o sentir e o saber, marcados pela pedagogia do afeto em uma relação positiva ao compartilhar conhecimentos e experiências, além disso, destacamos também as contribuições das formações realizadas pelo Programa Assistência à Docência (PAD), as quais permitiram aos Assistentes Docentes a desenvoltura para o exercício da docência.

Palavras-chave: Educação. Pedagogia. Afeto. Escola. Vivências.

Abstracts

This report presents experiences gained in the Laboratory for Teaching, Research, and Transdisciplinary Experiences in Education (Lepete), made possible by the Teaching Assistance Program (PAD) at the Amazonas State University (UEA). The intention of this

¹Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. Email: ecp.ped22@uea.edu.br

² Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do LEPETE/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM)E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

³Vice-líder de Pesquisa do LEPETE/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

work is to present how affective factors in the teacher-student relationship influence the learning process, as experienced by the Teaching Assistant (AD) in a third-grade class of Early Elementary School at the José Tavares de Macedo Municipal School. In these experiences, it is possible to perceive that in the exercise of teaching, learning was constructed that contributes to the initial training process of the student teacher, where the socio-affective relations in the school's daily life effectively dialogue. In this sense, the report describes the affectivities established in each teaching assistance role in the subjective connection between feeling and knowing, marked by the pedagogy of affect in a positive relationship when sharing knowledge and experiences. Furthermore, we also highlight the contributions of the training sessions offered by the Teaching Assistance Program (PAD), which allowed the Teaching Assistants the confidence and ability for the exercise of teaching.

Keywords: Education. Pedagogy. Affect. Scholl. Experiences.

Introdução

Ao vivenciar o PAD, que faz parte do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) da UEA, me permiti viver encontros com aprendizagens e docências com as crianças, onde diversos sentimentos surgiram. Estar na sala de aula faz com que seja possível observar muito além do conceito tradicional construído do que é ser aluno e do que é ser professor – aquele que obedece e aquele que manda; observam-se pessoas com suas subjetividades, com suas vivências e sonhos.

A intenção deste relato é apresentar como os fatores afetivos na relação professor-aluno, influência no processo de aprendizagem. Neste sentido chamamos a atenção que ao adentrar a sala de aula é preciso enxergar o invisível aos olhos e compreender que antes de mais nada, professores e alunos possuem suas histórias. No diálogo e na vivência com as crianças me deparei com diversas existências de aprendizagens através, da escuta, do sorriso, das alegrias e incertezas. Certamente, fui percebendo que a cada assistência havia um encontro de aprendizagem e afeto com os estudantes e a escola. Além disso, a construção de uma rede de apoio e de afetos entre ADs também fortalece as experiências dentro da sala de aula narradas neste relato.

Para fins de explanação, este relato está esquematizado em quatro seções. A primeira seção intitulada “De Bragança no Pará às terras das Cachoeiras”, apresenta a trajetória acadêmica a partir das experiências e transformações vividas nesta caminhada pessoal rumo a construção de uma identidade profissional. Na segunda seção, aborda “Escola José Tavares de Macedo - um mundo de emoções”, na qual descreve sobre estrutura da escola na dimensão física, administrativa e pedagógica, além de apresentar as práticas do cotidiano desenvolvida na comunidade escolar. A terceira seção, “Dialogando com as infâncias mediante afetos”, trata da vivência das atividades desenvolvidas na assistência à docência em uma relação de aprendizagem e afetos.

De Bragança no Pará às terras das Cachoeiras - Edvane Carneiro Pinheiro

Meu nome é Edvane Carneiro Pinheiro, tenho 22 anos, sou natural de Bragança-PA. Mudei para o Amazonas em 2019, quando o meu pai precisou vir em busca de emprego. Ao chegar no Amazonas, eu e minha família fomos morar no município de Presidente Figueiredo/AM e foi lá que iniciei o Ensino Médio. Estudei na Escola Estadual de Tempo Integral Maria Eva dos Santos, onde conheci sobre os processos de vestibulares e com o apoio de professores e familiares comecei a fazer o Sistema de Ingresso Seriado (SIS), pela UEA.

Tenho mais dois irmãos e uma irmã, ambos mais novos que eu. Meus pais não tinham muita condição, então sempre estudamos em escolas públicas e por isso, sempre tive a consciência de que precisava passar em uma Universidade pública. Fiz o SIS durante os três anos do Ensino Médio e no último também fiz o vestibular da UEA que ocorre anualmente (Macro) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Os cursos de Licenciatura nunca foram minhas primeiras opções, mas foi no terceiro ano do Ensino Médio que isso mudou.

Na última etapa do SIS é necessário selecionar o curso que você quer fazer, nunca tinha pesquisado sobre quais cursos a UEA oferece e acabei descobrindo na hora da inscrição para última prova que o curso de Psicologia não era oferecido pela

UEA. Lembro-me que fiquei triste, mas havia duas Pedagogas da escola que estavam me ajudando na inscrição. Foi então que me contaram mais sobre suas áreas e me disseram que depois eu poderia complementar fazendo Psicologia, pois o Curso de Pedagogia dialoga com o Curso de Psicologia. Ao final da conversa, selecionei o Curso de Pedagogia.

Passei na UEA em 2022, na primeira chamada e me lembro que quando vi o resultado não fiquei tão contente, pois tinha receio de não gostar do Curso, mas isso mudou já no primeiro período, o qual me cativou. Comecei a fazer o Curso em Manaus-AM, ainda morando em Figueiredo-AM e fazia o traslado Figueiredo x Manaus, Manaus x Figueiredo, de segunda a sexta. Segui assim até o final do quinto período. No sexto período, começaram os estágios supervisionados e precisei morar em Manaus. Essa foi uma época de intensas transformações na minha vida, pois tive que ficar longe da minha família e foi a época também que corri atrás de uma renda para me manter em Manaus.

Sempre quis participar de projetos na Universidade e também procurava uma bolsa, foi então que uma amiga me falou sobre o Lepete. Fiz a entrevista no Programa e iniciei no mês de setembro de 2024. Desde então, se tornou um espaço extensivo de meus conhecimentos. Foi a partir dele que tive minha primeira experiência em sala e durante todas as assistências fui aprimorando ainda mais o meu professorar. Mediante os diálogos e vivências com outros ADs e a Coordenação do PAD, consegui refletir sobre diversos percalços existentes na educação e cabe a cada docente formado ou em formação ressignificar a sala de aula.

Escola José Tavares de Macedo - um mundo de emoções

A escola está localizada no bairro Santa Luzia, zona Sul da Capital Metropolitana de Manaus-AM, na Rua Guanabara na área urbana, próxima a uma pracinha. A escola trabalha com o Ensino Fundamental Anos Iniciais sob a direção de Edenilza Serrão de Sousa. Na sua estrutura física possui rampas, corrimões e banheiros adequados para crianças com deficiência, tornando-se assim um espaço acessível.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola é possível afirmar que o bairro em que está situada, possui alguns problemas como: drogas, desempregos, violência e atendimento à saúde. A comunidade de modo geral, é composta por pessoas de classe baixa e média, com variações de atuações no campo de trabalho, entre serviços no Polo Industrial de Manaus, comércios, empregos domésticos, entre outros (Manaus, 2021).

Tais condições acabam na maioria das vezes, influenciando na participação ativa dos responsáveis no contexto da escola, que por sua vez reflete no acompanhamento e no desenvolvimento dos estudantes. Por essa razão, o PPP relata buscar um ensino de qualidade desenvolvendo estratégias para aproximar a comunidade e a escola mediante reuniões coletivas com funcionários e responsáveis.

A escola também desenvolve alguns projetos junto à comunidade, dentre eles podemos citar: o projeto “A informática educativa como instrumento de aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, no qual tem o objetivo trabalhar novas estratégias de aprendizagem; O projeto “Teatro na Escola”, o qual tem como objetivo trabalhar de forma lúdica a expressão e oralidade na escola e o projeto de “Alfabetização”, que trabalha com textos poéticos no processo de leitura e escrita. Neste sentido, acredita-se que esses projetos articulam com as necessidades e as possibilidades de aproximação com os processos de desenvolvimento no contexto do ensino e aprendizagem.

Dialogando com as infâncias mediante a pedagogia do afeto

Em uma manhã do dia 17 de setembro de 2024, em uma terça-feira, na Escola Municipal José Tavares de Macedo, na turma do 3º ano A, da professora Tatiane Menezes dos Santos de Oliveira. Esse foi meu primeiro dia como AD, não posso deixar de falar que estava com medo e ansiosa, pois ainda não tinha tido a oportunidade de estar em uma sala de aula; mesmo cursando o sexto período, sempre tive muito medo de fazer algo errado em sala, de seguir uma linha de

pensamento que havia criticado tanto durante as aulas do curso, mas consegui vencer um pouco desse medo já nesse primeiro dia.

Quando cheguei na sala observei que se tratava de uma turma muito acolhedora. As crianças eram atenciosas e bem entrosadas entre si e seguiam a rotina da sala. A professora antes de ir para a sua formação, repassou o que deveria ser trabalhado no dia: horário do lanche, a aula na biblioteca e horário de saída. Além disso, também mostrou as páginas do livro e atividades impressas que seriam trabalhadas. Iniciamos então com a atividade no livro; se tratava da disciplina de Língua Portuguesa, que tinha como assunto “Adjetivos e Substantivos”. Começamos então a explicação sobre a habilidade proposta e relacionamos com o cotidiano da sala com coisas que eles veem constantemente (por exemplo: A mesa é grande), explicamos que adjetivo era aquilo que caracterizava algo. Depois disso, a turma realizou uma atividade referente ao assunto trabalhado, fiquei a caminhar pela sala de aula e com algumas crianças ficava bem de perto para ensinar na realização das atividades.

E foi diante desse apoio que conheci um pouco mais de cada estudante e suas subjetividades. Meus encantamentos se deram em frases como “Tia, a senhora é muito legal” e “Tia, a senhora deveria vir todos os dias”. Durante aquela manhã andei pela sala toda, sempre indo e voltando para conseguir atender a todos/as.

O diálogo com as infâncias mediante a pedagogia do afeto manifestou-se no momento em que pisei no chão da escola, cada sorriso que ganhei nos corredores, os que ganhei adentrando a sala e até mesmo os do portão na hora da saída; esses eram diálogos de afetos que não precisavam necessariamente de uma conversa verbal. Mas tiveram também algumas narrativas que me encantam, frases como “tia, a senhora é tão legal” e “tia, eu gosto quando a senhora tá aqui”, esses me atravessam de forma que não consigo explicar, mas poderia dizer que seria a mais profunda alegria que se dá mediante ao afeto.

Deste modo os afetos contribuem significativamente nos processos pedagógicos docentes que dão sentido à afetividade e às experiências em sala de aula. Quando nós, ADs, chegamos nas escolas que realizamos a assistência à docência,

reconhecemos que um grito de alegria dos estudantes representa o sentimento de interesse. Neste sentido, no ato de ensinar quando adentramos nas escolas, são práticas constituídas para a aprendizagem através da escuta e do fazer sensível “O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam” (Vygotsky, 1994, p. 115).

Outro momento que marcou foi acompanhar uma atividade realizada na biblioteca. Na EM José Tavares, todas as terças-feiras, no último tempo, a aula da turma é na biblioteca e a professora bibliotecária buscou as crianças na sala e na medida em que estive com a turma, era perceptível os quão felizes costumavam ficar com esse momento. Segui com eles até a biblioteca.

No primeiro momento da atividade na biblioteca, a professora os dividiu em quatro grupos, um em cada mesa, de cinco a seis crianças e distribuiu várias letras em uma outra mesa que ficava de frente para todos; o objetivo de cada grupo era formar o maior número de palavras com letra a inicial descrita pela professora em três minutos. Nesta experiência ao final de cada rodada eram contadas as quantidades de palavras formadas por cada grupo. A cada rodada as crianças pediram minha ajuda para formar algumas palavras e até me perguntavam se estava correta a palavra formada.

No segundo momento, depois das orientações repassadas, sob o comando da professora ao falar “já”, que indicava a hora em que as crianças podiam se aproximar da mesa e procurar as letras, naquele instante percebemos a maneira pela qual as equipes se ajudavam entre si, e ao recolherem as letras retornavam à mesa e começavam a formar as palavras com a letra inicial indicada. Assim ocorreu sucessivamente, e foi notável que a cada rodada, as crianças iam ficando cada vez mais rápidas a formar uma maior quantidade de palavras, sempre solicitando minha ajuda para realizar a atividade junto a eles; esses gestos me encantaram, pois percebi que as crianças apesar de terem me conhecido naquele dia, sentiam confiança com a minha presença e a cada pedido de ajuda me sentia ainda mais pertencente àquela turma.

Após as atividades, algumas crianças fizeram empréstimos e devoluções de livros, algo que me traz esperança ao ver como se interessam pela leitura. E ao final, refleti que a turma em si é bastante empenhada em cada atividade que lhe é proposta, e como costumam auxiliar uns aos outros, pois não hesitam em pedir ajuda.

Mediante as minhas observações, um dos pontos que notei diz respeito ao fato de serem bastante competitivos e como o seu empenho reflete nessas atividades. Por isso, passei a reconhecer que deveria haver algum trabalho dentro da sala de aula que envolvesse aspectos relacionados à paciência e à competição. Essa observação ocorreu visto que em diversos momentos, durante a dinâmica, os estudantes não respeitavam o tempo de fala do/da colega, acabavam se sentindo frustrados com a impaciência do outro. Finalizei o dia na escola com vontade de retornar o mais rápido possível, pois a turma me cativou com suas subjetividades e participação marcante.

A partir de então, entendi que meu lugar definitivamente seria a sala de aula, pois aquele sentimento de pertencimento, me fez entender que apesar dos medos e ansiedades, há sempre um acolhimento e um afeto para esquecer um pouco o medo e entender que aquele espaço de sala de aula é e sempre será um espaço de diversos aprendizados. Como afirma Wallon (1968), a dimensão afetiva é um espaço privilegiado para a construção da aprendizagem.

Posteriormente, no dia 05 de novembro de 2024, em mais uma terça-feira, quando chegamos, a professora já havia escrito as orientações no quadro e reforçou outras recomendações (horário do intervalo, horário da biblioteca e as atividades). Como de costume foram deixados papéis impressos com atividades que teriam que ser realizadas e frisou que havia atividades específicas para algumas crianças, que apresentavam algumas dificuldades de aprendizagem.

O assunto era sobre adição e multiplicação e ao longo da realização das atividades, fiquei auxiliando a turma para qualquer dúvida que surgisse. A atividade proposta consistia em observar a quantidade de objetos desenhados que representavam os numerais e a partir disso resolver o problema; após isso, realizamos a correção junto a eles e perguntei também para a turma alguns exemplos relacionados o assunto

estudado. Tivemos um tempinho e decidimos escrever no quadro alguns outros exemplos relacionados à atividade realizada para que respondessem.

Foi um momento muito divertido, pois ficaram muito entusiasmados para responder e até diziam qual deveria ser o próximo problema matemático. Essa experiência foi interessante porque oportunizou diversos diálogos com a turma, a cada resposta correta que respondiam, fazíamos sempre uma comemoração; lembro-me que fiquei com um pouco de receio de alguém vir reclamar do barulho, pois as crianças estavam tão empolgadas com a atividade que já não se importavam com as gargalhadas altas.

É importante considerar que na turma, havia seis alunos/as que apresentavam mais dificuldades, inclusive na realização das atividades que são específicas para eles/as, todavia sempre ajudavam um ao outro para responder como também me pediam ajuda. Na assistência à docência na Escola “José Tavares” a turma sempre me recebia com acolhida, respeito e afeto.

Ao chegar em sala de aula sempre havia uma comemoração, isso fez-me refletir o quão era importante minha participação ali naquele espaço. Teve um dia que não tenho como não relatar, porque me marcou bastante, pois com apenas um comentário “Tia, seu cabelo é muito lindo”; quem ler este relato pensa que isso não passou de um simples elogio, mas, tem um motivo pelo qual esse momento me marcou bastante.

Nos Anos Iniciais sempre sofri bullying por conta de meus cabelos cacheados, sempre ouvia comentários maldosos e isso dificultou muita minha interação com outras crianças, e ao ouvir um elogio assim, me alegro o coração por saber que uma coisa que em meu tempo de escola era algo vergonhoso, se tornou alvo de apreciação aos olhos de outra criança. Afetos como esses me atravessaram a alma e me faz sentir ainda mais pertencente àquele lugar, àquela turma, àquelas crianças. Segundo Pereira (2014), os afetos são únicos em cada ser, mas ao permitirmos ser afetados acabamos também afetando os outros, e assim os afetos vão atravessando e se construindo. Diante disso, posso dizer que me deixei ser afetada pela turma do 3º ano, a me permitir profundos sentimentos que me aproximavam ainda mais da

docência, que parecia tão distante de meus anseios antes de cursar a graduação em Pedagogia.

Porém, com o passar do tempo a mesma sala de aula que me transformava em professora era a mesma que estabelecia uma construção coletiva, onde o afeto é base nos processos de ensinar e de aprender. Um abraço, um desenho com minha caricatura, sorrisos, tudo isso representa a confiança mútua que no dia a dia é essencial para acolher os nossos medos, inseguranças e as diferentes formas de expressão que fortaleceram o laço de confiança como AD.

Tudo isso significa a minha autonomia docente guiada pelo afeto destas crianças do 3º ano matutino. Consegui olhar para o meu eu criança, refleti a importância do carinho e do querer bem; acabei estabelecendo um elo com a turma. É legítimo considerar que a pedagogia do afeto deve existir e permanecer de forma humanizada, que olha para o outro e enxerga muito além de palavras, mas os gestos espontâneos, de um sorriso ou um abraço quando você chega em sala de aula, não com propriedade, mas com o propósito de que, em cada assistência à docência torna-se a “minha sala de aula”.

Aprendências nas formações realizadas pelo Programa Assistência à Docência

As formações me proporcionaram grandes aprendizados enquanto AD, pois mediante a essas formações, aos poucos construo o meu professorar. Por meio dessas formações consegui dialogar com outros ADs, com a coordenação pedagógica e os/as Professores/as da Rede Municipal de Ensino, onde realizo assistência à docência. É pelos diálogos que acontecem toda segunda-feira sobre nossas vivências em sala de aula que comecei a entender que sempre vamos apresentar algum medo ou ficar nervosos em sala de aula, pois, no ambiente escolar não existe uma receita que deve ser seguida, a aprendizagem nesse espaço se dá ao longo do processo das experimentações e afetividades.

Recordo-me de uma formação no dia 07 de fevereiro de 2025 com a Professora Dr^a Eglê Wanzeler, na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM).

Era o início do ano letivo, ainda estávamos dialogamos sobre o que fizemos, sentimos e o que construímos nas nossas vivências nos/dos/com os cotidianos das escolas no ano de 2024. Foi um momento proporcionado em um Seminário de avaliação, onde tanto os ADs como os formadores/as das Oficinas de Formação em Serviço (OFS) estavam juntos/as em um processo afetivo e reflexivo construídos pela pesquisa-formação desenvolvida no chão da escola. Dessa maneira, a proposta lançada por atos e episódios foi marcada por um momento tanto avaliativo quanto formativo, registados pela atuação da formação inicial e continuada de professores/as traçado por alguns pontos: “Ensaio sobre o necessário: entre desafios e perspectivas - Nós no mundo; Nós no Lepete; Nós na Escola; Nós no Coletivo”.

Estávamos divididos em 4 equipes e o mais interessante é que em todas equipes havia formadores/as das escolas, da equipe de gestão e assistentes à docência. Nas equipes, conversamos, refletimos e registávamos nossos desafios e perspectivas. Minha equipe dialogou sobre o “Eu no Lepete”; na conversa, me perguntaram quais os meus desafios enquanto AD, nas reflexões percebi que era o medo de errar em sala de aula, medo esse que foi alimentado na academia por frases “Aqui na Universidade você pode errar, lá na Escola não”.

A vivência nos/dos/com os cotidianos da escola oportunizado pelo PAD, ao realizar a assistência à docência, indagava ao pensamento constituído na universidade de não poder errar na escola. Estes foram sendo dissipados ao ouvir professoras com mais 25 anos de experiência na docência, dizer que apesar do tempo no exercício do magistério, muitas vezes o medo e a insegurança ainda aparecem.

Ora, é nesse ambiente que se dá o encontro, entre a teoria e a prática e que errar não nos define como profissionais, mas o processo pelo qual organizamos esse movimento para o exercício prático da docência. Essa foi a formação que mais me marcou, pois, as falas e experiências dos/as professores/as formadores/as ainda ressoam em minha cabeça a cada sala que adentro.

Assim, consegui perceber diversas perspectivas acerca de todo o movimento que envolve os projetos que o Lepete abarca. Das reflexões e conversas refleti

significativamente sobre o meu lugar no PAD, certamente que ainda em formação inicial consegui ampliar possíveis respostas para questões pertinentes na relação Universidade e Escola pública.

Entre os desafios e perspectivas que foram dialogados, compreendi a minha importância como AD nesse território de existência que é a escola, bem como a minha relação intrínseca com o outro, enquanto sujeito de aprendizagem, mesmo com os desafios do cotidiano e da construção da identidade profissional, torna fundamental dar importância às diversas perspectivas existentes nessa relação de aprendizagem entre a universidade- escola.

Considerações

Esses afetos e experiências contribuíram para minha formação enquanto acadêmica de Pedagogia, dessas vivências comecei a me ver em docência e acreditar que a minha participação em sala de aula faz a diferença no processo de aprendizagem dos estudantes. Das observações, registros e vivências nestes caminhos e caminhadas pelas escolas vou seguindo em minha “incompletude” nesse meu professorar mesmo com medo de errar.

Este relato oportunizou refletir que os fatores afetivos na relação professor-aluno, influência no processo de aprendizagem como um encontro entre a experiência docente e a construção da aprendizagem, evidenciada na seção dialogando com as infâncias mediante a pedagogia do afeto, na qual apresentou o sentido da afetividade e das experiências na sala de aula.

Tendo em vista o conhecimento construído entre a universidade e o cotidiano da escola, a partir das experiências docentes, comecei a entender que nesta relação professor/a estudantes a educação envolve respeito diante das diferenças, pois o afeto é um sentimento enraizado na prática da docência que fortalece nossos vínculos de aprendentes (professores/as e alunos/as), onde o errar e acertar são bússolas para nos indicar que “aprendemos ao ensinar” e que as experiências e

transformações vividas nos processos formativos nos direcionam a pedagogia do afeto na construção de processos autônomos no exercício da docência ao lidarmos com múltiplas realidades no encontro com a cultura escolar.

Referências

E.M. José Tavares de Macedo, 2025. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/13058487-em-jose-tavares-de-macedo>. Acesso em: 28 de maio de 2025.

Escola Municipal José Tavares de Macedo. **Projeto Político Pedagógico**. Manaus-AM, 2021.

Pereira, Juliana. **Cartografias Afetivas**: Proposições do Professor-Artista-Cartógrafo-Etc. Rasga: O espaço geográfico em análise, Curitiba, v.30, p. 115, Abr. 2014.

Wallon, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

Vygotski, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

O (DES)APRENDER: (RE)CRIANDO UM BRINCAR ITINERANTE NO CHÃO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE MANAUS

(Un)Learning: (Re)Creating Itinerant Play On The Grounds Of Manaus' Municipal Schools

Ygo de Jesus Lima¹
Angela Maria Afonso²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

Este relato propõe uma reflexão sobre os movimentos de (des)aprendizagem vivenciados por um brinquedista no contexto do Programa Assistência à Docência (PAD), por meio da ação da Brinquedoteca Itinerante do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete), na realidade do turno vespertino, que percorreu quatro escolas da Rede Municipal de Manaus/AM. Através do brincar, da contação e (re)criação de histórias com crianças do Fundamental I, e da construção de pequenas cenas teatrais com adolescentes do Fundamental II, foram experimentadas outras formas de estar no mundo e de olhar o cotidiano escolar. A escrita parte do chão das escolas como lugar de escuta, presença e (re)criação da prática docente, tensionando os modos convencionais de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Brincar Itinerante. (Des)aprendizagem. (Re)criação. Brinquedoteca.

Abstract

This account proposes a reflection on the processes of (un)learning experienced by a play facilitator within the context of the Teaching Assistance Program (TAP), through the actions of the Itinerant Toy Library of Lepete/UEA, during afternoon shifts across four municipal schools in Manaus. Through play, storytelling, and the (re)creation of narratives with children in Elementary School I, as well as the development of short theatrical scenes with adolescents in Elementary School II, alternative ways of being in the world and perceiving everyday school life were explored. The writing emerges from the school

1Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: ydjl.ped21@uea.edu.br

2 Mestre em Educação. Coordenadora do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do LEPETE/UEA. E-mail: aaafonso@uea.edu.br

3 Vice-líder de Pesquisa do LEPETE/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

grounds as a space of listening, presence, and (re)creation of teaching practice, challenging conventional modes of teaching and learning.

Keywords: Itinerant Play. (Un)learning. (Re)creation. Toy Library.

Introdução

Há caminhos que não se ensinam — caminham-se. E no chão das escolas públicas municipais de Manaus, em meio ao barulho dos corredores, ao brilho inquieto dos olhos infantis e aos silêncios densos dos adolescentes, fui (des)aprendendo a ser brinquedista. Quando falo em desaprender, não estou falando simplesmente de apagar o que já foi aprendido. É mais profundo do que isso. É olhar para aquilo que nos ensinaram, questionar de onde veio, como aprendemos e por que acreditamos nisso até hoje. Desaprender, nesse sentido, é um movimento necessário — especialmente agora — para que possamos abrir espaço para outras formas de saber, de sentir e de estar no mundo. Como afirma, Fresquet:

Desaprender, para alguns, poderia querer dizer aprender novas coisas ou — roubando da física — aprender na mesma direção, mas com sentido contrário. Aprender coisas contrárias às aprendidas pode significar contradições, ajustes. No entanto, quando o tempo já passou, significa algo mais. Desaprender é algo mais que aprender coisas opostas sobre um mesmo tema, assunto, valor, questão da vida. Desaprender pode até indicar erradamente, a ideia de esquecer o aprendido. Porém, o seu significado e intenção é exatamente o contrário. Tal é a força da irreversibilidade “lembrar” as coisas aprendidas que querem ser desaprendidas. Desaprender é aprender a não querê-las mais para si; a não outorgar-lhes mais o estatuto de verdade, de sentido ou de interesse. Verdade aprendida com outros, desde sempre, adquire valor de inquestionável. Desaprender é animar-se a questionar tais verdades. Desaprender é também, fazer o esforço de conscientizar todo o vivido na contramão, evocando o impacto histórico e emocional que teve aquela aprendizagem que hoje deseja ser modificada (Fresquet, 2007, p. 49).

A Brinquedoteca Itinerante do Lepete, em sua potência formativa e existencial, desloca não apenas brinquedos e jogos, mas desloca também modos de ver, de escutar e de habitar a escola. Nossa travessia por nove escolas da Rede Municipal, no âmbito do PAD, ofereceu um território de encontros entre o brincar e a docência,

entre o riso e a denúncia, entre o lúdico e o político. O brincar é um direito que deve ser garantido como afirmam Franco e Batista:

O brincar é essencialmente um direito de liberdade da criança que é reconhecida como pessoa com interesses, desejos e vontades muito singulares. Por isso, deve ser garantido já que é sua realidade bem como um elemento indispensável para que ela se desenvolva de forma plena e saudável. O brincar é a manifestação da liberdade da criança e é reconhecido como um direito porque somente ela pode exercê-lo por si contando com o apoio, o respeito e o estímulo do adulto (Franco; Batista, 2007, p. 1450).

Portanto, neste relato, partilho experiências vividas nas atividades com fantoches e jogos teatrais, nas quais a infância e a adolescência emergem como territórios epistemológicos e afetivos. A ludicidade foi meio e fim: enquanto criávamos brincadeiras, éramos também (re)criados por eles.

O objetivo deste texto é narrar, fazer um relato do vivido — e ao mesmo tempo refletir — os atravessamentos provocados por essas ações nas escolas, não como um diário de bordo, mas como um gesto político-pedagógico de resistência à lógica tecnicista. É na prática que se reinventa a teoria, e é nas vozes das crianças e adolescentes que nos damos conta de que educar é, antes de tudo, (des)aprender e reaprender a escutar.

O eu-brinquedista em travessia formativa: entre ser e tornar-se

Meu nome é Ygo de Jesus Lima, graduando do Curso de Pedagogia da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), vinculado ao nono período e ao turno noturno. Sou brinquedista do Lepete desde fevereiro de 2024, função que abracei com o desejo de (re)significar minha formação para além das fronteiras curriculares.

No PAD, não apenas atuo em escolas, mas sou atravessado por uma formação que se constrói na prática, em meio a contradições, encantamentos e espantos. Como brinquedista do Lepete, organizo materiais, penso estratégias pedagógicas, acompanho empréstimos de recursos lúdicos e, sobretudo, me faço presença sensível em colaboração com o PAD no espaço escolar, através da brinquedoteca itinerante, que vai até o chão da escola.

A cada itinerância no chão da escola, a cada brincadeira, a cada contação de história, a cada cena teatral improvisada, sou convidado a desinstalar certezas. A Brinquedoteca Itinerante tem sido, para mim, um laboratório de humanidades. Como nos lembra Freire (1996), “ensinar exige alegria e esperança”, e é neste entremeio da alegria brincante e da esperança que pulsa nos corpos escolares que minha docência em formação vai se tecendo. Entre as teorias que estudo na ENS e os cotidianos escolares que vivencio, o PAD tem me dado a mão para que eu aprenda a caminhar com as crianças — e não sobre elas.

As escolas como território de travessias: territórios do brincar e do (des)aprender

As escolas que visitei com a Brinquedoteca Itinerante não são apenas unidades de ensino; são corpos-vivos, cheios de marcas, silêncios e potências. Ao todo, foram espaços que acolheram — ou resistiram — ao lúdico, ao inesperado, ao brincar como gesto pedagógico. Cada uma, a seu modo, foi também professora do brinquedista que aqui escreve.

Na Escola Municipal São Luís, situada na Colônia Antônio Aleixo, o brincar chegou depois de um longo caminho. Mas quem está realmente distante — nós ou a escola? Essa pergunta atravessou minha escuta ao longo de toda a visita. Apesar das vulnerabilidades, da ausência de muitos recursos e da aparente periferia, o que encontramos ali foi presença — e presença é o que mais falta nos centros. O brincar foi acolhido como visita esperada. Os adolescentes nos mostraram que o “longe” é apenas uma construção de quem se recusa a chegar.

Na Escola Municipal Pintor Leonardo da Vinci, o contraste era gritante. Um modelo escolar marcado pelo tecnicismo, por uma estrutura quase empresarial de funcionamento, onde a lógica da punição e da disciplina ainda molda o cotidiano. Os corredores largos não significavam liberdade, e o brincar precisou abrir frestas em muros simbólicos altos. Ainda assim, entre um olhar desconfiado e outro

curioso, fomos inserindo a ludicidade como provocação. Ali, o brincar foi resistência.

A Escola Municipal Isabel Victoria nos recebeu com calor. No turno vespertino, entre o cansaço do dia e o sol que ainda ardia, havia uma disposição afetuosa de toda a equipe. As crianças e adolescentes nos acolheram como se fôssemos parte da rotina — e talvez ali o brincar já estivesse em gestos simples, como o sorriso de uma professora ou o cuidado ao preparar a sala. Foi uma das experiências em que o afeto antecedeu a técnica. E, nesse espaço, o brincar se sentiu em casa.

Na EM Rui Barbosa Lima, enfrentamos um dos maiores desafios estruturais: o espaço. Salas pequenas, mobiliário limitado, pouco lugar para circular. Mas ali, também, estava o inesperado. A acolhida foi de uma delicadeza que ultrapassava qualquer medida de metro quadrado. O afeto expandia o espaço. O brincar se ajustou, se reinventou, ocupou os vãos. O pouco virou muito. E a ludicidade mostrou que não depende da infraestrutura, mas da abertura humana ao encontro. Essas escolas, espalhadas por diferentes zonas de Manaus, estão atravessadas por realidades duras: vulnerabilidades sociais, escassez de recursos, pressões pedagógicas engessadas e práticas que, muitas vezes, repetem fórmulas sem escuta. Nesse cenário, a Brinquedoteca Itinerante não chega como salvação, mas como desvio. Ela propõe outra rota: a da escuta, do cuidado, da brincadeira que acolhe e reconfigura.

Ressalto, brincar, aqui, é um gesto político. Um modo de dizer que a escola também pode ser espaço de invenção e de humanidade. E mesmo onde faltam cadeiras, quadros ou livros, sobra desejo de aprender — e (des)aprender — de forma significativa.

A Ação Itinerante: Entre histórias, cenas e experiências com o brincar nas infâncias e adolescências

Parte I – Círculos de histórias: o brincar com as crianças do Fundamental I

Antes que a história fosse contada, ela foi sonhada. O planejamento da atividade com as crianças do Fundamental I foi, por si só, uma coreografia coletiva entre brinquedistas, Professoras Coordenadoras do PAD e os saberes partilhados no Lepete. Não partimos do improviso — partimos do cuidado. Pensamos juntos o que seria necessário para transformar a sala de aula num território de encantamento, onde o chão fosse mais do que superfície: fosse cenário, fosse abrigo, fosse palco de imaginações.

Escolhemos, com intencionalidade e afeto, os fantoches amazônicos — arara azul, tartarugas, jacarés, tucanos e tantos outros seres encantados da floresta — como fios condutores da atividade. As histórias, também amazônicas, foram selecionadas entre fábulas, contos e narrativas orais que falam de encantarias, de bichos falantes, de curumins sabidos e velhas sábias. Junto aos fantoches, separamos o paraquedas colorido para ambientar o chão da sala como uma grande oca de brincar, além do castelinho de contação de histórias, lápis de cor e folhas de papel para o momento final da criação gráfica.

A preparação-ritual: o cuidado com os materiais, o alinhamento da proposta, o respeito à cultura local e à escuta das infâncias. Tudo isso foi pensado previamente, não apenas como organização técnica, mas como gesto de respeito aos sujeitos que nos receberiam.

No dia da atividade, ao chegarmos em cada escola, dispusemos o paraquedas no chão, formando um grande círculo. Ali, sentamos todos — crianças, brinquedistas, assistentes à docência. Estávamos lado a lado, sem púlpito nem direção única. O círculo era um convite ao pertencimento. Começamos com a leitura de uma história amazônica, cuidadosamente escolhida por sua potência simbólica e cultural. A contação era feita com o castelinho, os fantoches ganhavam voz, corpo e gesto. Era o mundo encantado que se abria diante dos olhos atentos das crianças.

No segundo momento, abríamos o espaço para conversar sobre a história. O que ela dizia? De onde vinha? Quem eram seus personagens? As crianças, com sua lógica própria, ampliavam o texto com novas interpretações, conectando o conto ao

cotidiano da floresta e da cidade. Era o momento da escuta ativa — não a escuta que espera sua vez de falar, mas a que realmente deseja ouvir.

Depois, no terceiro momento, dividíamos a turma em pequenos grupos. Cada grupo escolhia seus fantoches e, com o apoio dos brinquedistas e assistentes à docência, começavam a (re)criar histórias a partir do que ouviram e imaginaram. Surgiam narrativas incríveis: jacarés amigos do meio ambiente, um tucano que cuidava das árvores, uma tartaruga que lutava contra o lixo nos rios. O encantado se misturava ao político, e o brincar revelava potências.

No quarto momento, cada grupo apresentava sua história para a turma. As crianças se colocavam como autoras, narradoras, artistas e protagonistas. O riso era comum, mas o espanto também: havia ali uma dramaturgia própria das infâncias, cheia de força, invenção e crítica. No quarto momento, cada grupo apresentava sua história para a turma. As crianças se colocavam como autoras, narradoras, artistas e protagonistas. O riso era comum, mas o espanto também: havia ali uma dramaturgia própria das infâncias, cheia de força, invenção e crítica.

Encerrávamos com a quinta etapa: os desenhos. Cada criança desenhava o que viveu — personagens, cenas, elementos simbólicos. Os lápis coloridos eram extensão das mãos que haviam acabado de manipular os fantoches. Era o corpo passando por três linguagens: oralidade, corporeidade e expressão gráfica. Um ciclo completo de aprendizagem e criação.

Assim, o que começou como planejamento se fez vida. A sala de aula deixou de ser apenas espaço de transmissão de conteúdos e se converteu em território poético-pedagógico. E ali, entre crianças e histórias, eu — brinquedista — aprendi que planejar não é controlar, mas cuidar. E que brincar, quando feito com intencionalidade, é também uma forma de amar o mundo e desejar que ele seja outro.

Figura 1: Contação de história



Fonte: Acervo lepete (2025)

Figura 2: Livro utilizado para contação de histórias



Fonte: Acervo lepete (2025)

Figura 3: (re)criação de histórias com os fantoches em grupos



Fonte: Acervo lepete (2025)

Figura 4: Apresentação das histórias por grupo



Fonte: Acervo lepete (2025)

Figura 5: Apresentação das histórias por grupo



Fonte: Acervo lepete (2025)

Figura 6: Apresentação das histórias por grupo



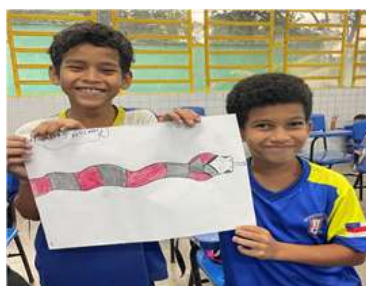
Fonte: Acervo lepete (2025)

Figura 7: Contação de história



Fonte: Acervo lepete (2025)

Figura 8: Contação de história



Fonte: Acervo lepete (2025)

Parte II – Temas urgentes, vozes e cenas potentes: o brincar crítico com os adolescentes do Fundamental II

Antes da cena, houve o cuidado. Antes do improviso, houve o estudo. A atividade desenvolvida com os adolescentes dos 8º e 9º anos também foi fruto de um

planejamento coletivo entre o eu-brinquedista, os assistentes à docência e as Professoras Coordenadoras do PAD. As temáticas não vieram do acaso: foram escolhidas a partir de uma análise crítica do contexto contemporâneo e das urgências que atravessam o cotidiano escolar — muitas delas silenciadas, outras tantas invisibilizadas.

Foram selecionadas, previamente, treze histórias curtas que tratavam de temáticas emergentes, com base em vivências reais e ficcionalizações construídas a partir de escutas em projetos de extensão, pesquisas e relatos diversos: homofobia, racismo, feminicídio, bullying, violência doméstica, intolerância religiosa, cyberbullying, preservação ambiental, autismo, ansiedade, assédio, respeito aos imigrantes. Essas narrativas buscavam provocar os adolescentes, não apenas como espectadores, mas como sujeitos críticos de suas próprias histórias.

Com as temáticas e materiais definidos — incluindo as fichas de apoio, os textos impressos, instrumentos para criação de cena e recursos de improvisação — partimos para as escolas levando não apenas papel e caneta, mas o desejo de promover espaços de escuta, expressão e elaboração.

No primeiro momento da atividade, explicávamos aos adolescentes sobre a importância daquele encontro. Não era apenas uma atividade teatral, era uma oportunidade de conversar com o corpo, de dramatizar o que tantas vezes não se diz. Falamos sobre o sentido das temáticas emergentes e sobre como, muitas vezes, elas atravessam suas vidas sem que a escola ofereça espaço de reflexão. No segundo momento, os estudantes eram divididos em grupos e escolhiam uma das histórias. A leitura era feita com calma, e junto dela vinha a ficha de apoio: um instrumento que guiava o pensamento e aprofundava o olhar sobre a narrativa. Quem são os personagens? Qual o conflito? Como essa realidade impacta a vida das pessoas envolvidas? Que solução, mesmo utópica, pode ser pensada? As perguntas não buscavam respostas definitivas, mas caminhos possíveis.

A partir daí, no terceiro momento, os grupos criavam suas cenas teatrais. Era nesse espaço que o brincar se tornava linguagem crítica. Cada adolescente assumia um papel: narrador, personagem, diretor, roteirista. As cenas eram

construídas com gestos, corpos, objetos improvisados — e muita escuta entre eles. O brincar era sério, como só os adolescentes sabem fazer quando são respeitados como pensantes.

O quarto momento era a apresentação das cenas. As salas se transformavam em arenas de expressão. As cenas emocionavam, provocavam, incomodavam. Após cada apresentação, os grupos abriam um diálogo com a turma sobre a temática abordada, refletindo sobre a realidade retratada e as possíveis transformações sociais. Era o teatro como ensaio para a vida — e para a mudança.

Encerrávamos com o quinto momento: uma roda de conversa mediada por mim e pelos assistentes à docência. Nela, os adolescentes falavam — e nós ouvíamos. E ali, entre lágrimas, risos e silêncios significativos, surgiam outras histórias: as reais, as pessoais, as urgentes. Algumas dessas falas jamais tinham sido ouvidas em sala de aula.

Foi nesse contexto que compreendemos, na prática, que brincar com adolescentes é brincar com verdades. Que o lúdico, quando tecido com consciência, pode ser instrumento de libertação. Como afirma Paulo Freire (1996), “não há docência sem discência”, e aqui os adolescentes também foram professores.

Esse brincar crítico com os jovens nos lembrou que as escolas precisam ser mais que transmissoras de conteúdo. Precisam ser territórios de escuta e de elaboração das dores e dos sonhos que habitam a juventude. A atividade proposta não buscava respostas, mas deslocamentos. E, nesse movimento, acredito que todos — adolescentes, brinquedistas, docentes — saímos modificados.

O brincar, aqui, foi verbo político. Um gesto de reexistência. E, sobretudo, um convite ao (des)aprender o mundo — a partir da perspectiva de quem o vive intensamente: os jovens.

Figura 9: Grupos e mediação



Fonte: Acervo lepete (2025)

Figura 10: Grupos e mediação



Fonte: Acervo lepete (2025)

Figura 11: Grupos e mediação



Fonte: Acervo lepete (2025)

Figura 12: Apresentação das cenas



Fonte: Acervo lepete (2025)

Figura 13: Apresentação das cenas



Fonte: Acervo lepete (2025)

Entre saberes e aprendizagens: o brinquedista que se (re)faz nos encontros

Ser brinquedista é habitar o entre — entre a brincadeira e a pedagogia, entre o planejamento e o improviso, entre o lúdico e o político. É nesse entre que pulsa o PAD, espaço que não apenas me formou, mas me transformou. Os encontros formativos propostos pela coordenação do PAD nos anos de 2024 e 2025 foram mais que momentos de capacitação técnica; foram campos de cultivo de autonomia, escuta, presença e sensibilidade.

Apreendi que autonomia não se dá por decreto. Ela se constrói no risco do fazer, na coragem de intervir e na disponibilidade para errar — e aprender com isso. Nas formações, não nos deram fórmulas prontas, mas perguntas urgentes: que professor eu quero ser? Que escola eu habito? Que escola eu posso ajudar a construir? Como ouvir o que as crianças não dizem com palavras?

Essas inquietações ecoaram em cada ida às escolas, em cada roda de histórias, em cada cena teatral improvisada. Ser brinquedista é, antes de tudo, estar

implicado. E no PAD, aprendi a implicar-me com o que ensino, com quem ensino, com o como ensino. As escolas que visitamos não foram apenas espaços de aplicação de atividades, mas territórios de escuta e reinvenção.

Desafios não faltaram. O cansaço do corpo frente às longas viagens até escolas como a EM São Luís; a frustração diante de espaços físicos exíguos que comprometiam a movimentação lúdica, como na EM Rui Lima; ou mesmo o enfrentamento silencioso com modelos pedagógicos engessados, que vi na EM Leonardo da Vinci. Em todos esses cenários, precisei encontrar caminhos — e às vezes apenas brechas — para que o brincar pudesse florescer.

Também houve desafios internos. Aprender a confiar na potência do improviso, acolher o silêncio de uma criança, respeitar o tempo dos adolescentes, lidar com a insegurança frente a uma turma inquieta. Cada uma dessas situações foi uma aula. E nessas aulas da vida, fui me tornando professor — não por saber mais, mas por me permitir aprender sempre.

Minha autoavaliação, nesse processo, é marcada pelo movimento. Saio dessa experiência menos certo, mas, mais sensível. Menos preso a métodos, mais atento às possibilidades. Aprendi que uma docência verdadeiramente comprometida não teme o novo — acolhe. Não domestica o brincar — dança com ele. E não se encerra em si — se expande com o outro. Como afirma Andrade et al. (2019), “a pesquisa com os cotidianos exige disposição para ser afetado”. Ser brinquedista, no PAD, foi isso: disposição para ser afetado. Pelo olhar das crianças, pelas falas dos adolescentes, pelo cheiro da sala pequena, pelo som da gargalhada coletiva. E, principalmente, pela possibilidade de ver o mundo por outras óticas — mais lúdicas, mais humanas, mais éticas.

Para não concluir: o (des)aprender como travessia de docência e de vida

Não se conclui o que ainda pulsa. Este relato é uma tentativa de organizar em palavras o que só o corpo viveu — e talvez por isso ele escape, vaze, se recuse ao ponto final. Falar da minha experiência como brinquedista no PAD é falar de um percurso que, mais do que me formar, me (des)formou. Porque foi preciso

desaprender certezas para abrir espaço ao inesperado. E foi nesse vácuo que nasceram outras formas de escuta, de ensino, de ser professor.

Com a Brinquedoteca Itinerante, vi a escola se mover — às vezes lentamente, às vezes com resistência, mas sempre com alguma brecha por onde entrava a poesia do brincar. O lúdico não como distração, mas como estratégia de formação. Não como intervalo entre conteúdos, mas como linguagem legítima da vida. As crianças e adolescentes me ensinaram mais do que qualquer livro poderia: ensinaram a ver o mundo com olhos outros. Olhos que desenham, que interpretam, que se espantam. O (des)aprender, para mim, se tornou verbo da docência. Desaprender a hierarquizar o saber. Desaprender a controlar o tempo da aula. Desaprender a ver a escola como lugar de contenção, para reaprendê-la como espaço de criação. E isso, o PAD me proporcionou — não apenas como formação acadêmica, mas como formação sensível, política e ética. Sigo sendo brinquedista — não por função, mas por escolha.

Escolho ser aquele que brinca com o mundo para reinventá-lo. Que escuta os silêncios das escolas e se deixa atravessar por eles. Que entende a prática docente como uma dança entre saberes, afetos e presenças. Escolho ser professor com a coragem de errar, de rir, de criar, de recomeçar outras formas de escuta, de ensino e de ser professor.

Com a Brinquedoteca Itinerante, vi a escola se mover — às vezes lentamente, às vezes com resistência, mas sempre com alguma brecha por onde entrava a poesia do brincar. O lúdico não como distração, mas como estratégia de formação. Não como intervalo entre conteúdos, mas como linguagem legítima da vida. As crianças e adolescentes me ensinaram mais do que qualquer livro poderia: ensinaram a ver o mundo com olhos outros. Olhos que desenham, que interpretam, que se espantam. O (des)aprender, para mim, se tornou verbo da docência. Desaprender a hierarquizar o saber. Desaprender a controlar o tempo da aula. Desaprender a ver a escola como lugar de contenção, para reaprendê-la como espaço de criação. E isso, o PAD me proporcionou — não apenas como formação acadêmica, mas como formação sensível, política e ética. Sigo sendo brinquedista — não por

função, mas por escolha. Escolho ser aquele que brinca com o mundo para reinventá-lo. Que escuta os silêncios das escolas e se deixa atravessar por eles. Que entende a prática docente como uma dança entre saberes, afetos e presenças. Escolho ser professor com a coragem de errar, de rir, de criar, de recomeçar.

E assim, para não concluir, deixo este relato como um convite: que possamos todos (des)aprender juntos. Com as crianças, com os adolescentes, com os corredores estreitos das escolas e com os sonhos largos que elas ainda abrigam. Porque educar, como bem sabemos, é sempre um ato de esperança — e de ludicidade.

Referências

Andrade, Nívea; Caldas, Alessandra Nunes; Alves, Nilda. **Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos** – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: Oliveira, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SUSSEKIND, Maria Luiza (org.). Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

Franco, R.R.; Batista, C.V.M. **A criança e o brincar como um direito de liberdade**. In Anais eletrônicos VII Congresso nacional de educação – EDUCERE e V Encontro Nacional sobre ATENDIMENTO Escolar Hospitalar. Curitiba: Champagnat, 2007, p. 1446-1458.

Fresquet, Adriana Mabel. **Imagens do desaprender** – uma experiência de aprender com o cinema: Rio de Janeiro, Booklink, 2007.

Freire, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ENCONTROS DE VOZES DA AMAZÔNIA: RECONHECIMENTO DE RAÍZES CULTURAIS COM A LITERATURA INFANTOJUVENIL AMAZONENSE

Encounters with the Voices of the Amazon: Recognizing Cultural Roots through Amazonian Children's and Juvenile Literature

Isabela Lira Saburá¹
Lucilene Pacheco Santos²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo reconhecer e valorizar a identidade cultural amazônica por meio da literatura infantojuvenil amazonense. Os encontros literários foram realizados com as turmas do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental (Anos Iniciais) da Escola Municipal Izabel Angarita. As atividades foram fundamentadas nas obras “Fábulas e Apólogos da Amazônia”, de Adriana Barbosa Silva e Creuza Barbosa, e “Histórias de Bichos da Amazônia”, de Ana Peixoto, ambas marcadas por elementos simbólicos, referências à fauna local, oralidade e saberes tradicionais. A proposta integrou leitura literária, interpretação textual, produção artística e reflexão cultural. A metodologia adotada incluiu rodas de leitura e conversas, atividades de expressão artística e reflexões sobre o patrimônio cultural amazônico, incentivando o protagonismo estudantil e o senso de pertencimento ao território. Os resultados evidenciaram o engajamento dos alunos, a ampliação de suas habilidades de leitura e interpretação, além do fortalecimento da consciência identitária e do reconhecimento da importância de preservar as raízes culturais da região.

Palavras-chave: Educação Básica. Literatura infantojuvenil amazonense. Habilidades de leitura. Raízes culturais.

Abstract

This study aimed to recognize and promote the Amazonian cultural identity through Amazonian children's and young adult literature. Literary sessions were conducted with 4th and 5th-grade classes of the early years of elementary education at Izabel Angarita

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: ilsb.let17@uea.edu.br

2 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM)E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

3 Vice-líder de Pesquisa do LEPETE/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

Municipal School. The activities were based on the works “Fábulas e Apólogos da Amazônia” by Adriana Barbosa Silva and Creuza Barbosa, and “Histórias de Bichos da Amazônia” by Ana Peixoto, both characterized by symbolic elements, references to local fauna, oral tradition, and traditional knowledge. The proposal integrated literary reading, textual interpretation, artistic production, and cultural reflection. The methodology adopted included reading and conversation circles, artistic expression activities, and reflections on the Amazonian cultural heritage, encouraging student protagonism and a sense of belonging to the territory. The results demonstrated student engagement, the development of their reading and interpretation skills, and the strengthening of identity awareness and recognition of the importance of preserving the region’s cultural roots.

Keywords: Basic Education. Amazonian children's literature. Reading skills. Cultural roots.

Considerações iniciais

A escola pública tem um papel fundamental na construção da identidade dos estudantes e no fortalecimento de suas relações com o território em que vivem (que papel). Nesse sentido, a valorização das expressões culturais locais deve ser compreendida como um eixo importante para a construção de sujeitos, promovendo o reconhecimento de suas raízes e o respeito à diversidade. Ao considerar essa perspectiva, a prática aqui relatada teve como objetivo central promover o reconhecimento e a valorização da identidade cultural amazônica por meio da literatura infantojuvenil amazonense durante as ações pedagógicas construídas no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) na Escola Municipal Izabel Angarita.

Em “O direito à literatura” (2023), Antônio Candido disserta sobre o papel social e a necessidade da inserção dos sujeitos ao universo dos textos literários:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (p. 188).

A proposta parte da premissa de que a literatura nortista é uma ponte que interliga saberes ancestrais, experiências locais e narrativas simbólicas que refletem o cotidiano das populações amazônicas. Ao trazer para o ambiente escolar textos literários que dialogam com a cultura local, busca-se estabelecer conexões entre o

conteúdo curricular e a realidade vivida pelos estudantes e assim tornar o processo de ensino e aprendizagem mais significativo e contextualizado. A articulação entre os elementos culturais, sociais e ambientais presentes nas narrativas e os conteúdos escolares permite uma abordagem mais ampla e crítica da literatura, estimulando o protagonismo dos estudantes.

Além disso, trabalhar com obras produzidas no Amazonas, como as de Adriana Barbosa Silva, Creuza Barbosa e Ana Peixoto possibilitou aos alunos o contato com autoras que retratam suas vivências e territórios em suas narrativas. Assim, valoriza-se a produção literária local e simultaneamente o interesse pela leitura, contribuindo para a formação de leitores sensíveis às questões socioculturais e ambientais da região. Rildo Cosson (2006), a respeito do contato com a literatura descreve:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. E mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção (p. 17).

O intuito das rodas de leitura realizadas na instituição foi proporcionar uma conexão significativa entre os estudantes e a identidade cultural amazônica, aliando esse processo ao letramento literário. A proposta buscou também analisar as narrativas selecionadas, identificando elementos fundamentais como tema, personagens, ambiente e enredo, contribuindo para o desenvolvimento da compreensão leitora e da capacidade interpretativa. Além disso, a iniciativa visou despertar o interesse pela literatura regional, com ênfase nas obras produzidas no estado do Amazonas, reconhecendo e valorizando suas particularidades culturais.

Por meio dessas experiências, fortaleceu-se o sentimento de pertencimento dos alunos à identidade amazônica, promovendo o reconhecimento de suas raízes e das diversas formas de expressão cultural presentes no território em que vivem. E podem ser percebidos no descrito pelos tópicos: Minha trajetória no Programa

Assistência à Docência (PAD), Izabel Angarita: homenagem e propósito, Letramento literário: teoria é prática, Vozes da Amazônia: primeiro encontro, Vozes da Amazônia: segundo encontro, Formação e inspiração: Ajuri Literário.

Minha trajetória no Programa Assistência à Docência

A vivência na Assistência à Docência tem sido marcada por um profundo envolvimento com o conhecimento e pela constante vontade de aprimorar minha atuação como educadora em formação. Ingressar nesse projeto significou um passo importante na minha trajetória, pois me desafiou a ampliar meu olhar sobre o processo de ensinar e aprender, tornando-me mais investigativa, sensível e comprometida com a realidade das escolas públicas. À luz de Maria da Graça Mizukami (2005), a qual destaca a importância da construção de “comunidades de aprendizagem” que redefinem as práticas de ensino individuais e grupais, pude entender o quanto o ensino requer flexibilidade e constante adaptação às necessidades dos alunos.

Durante minha participação no projeto, entre 2022 e 2025, compreendi que o professorar é um exercício constante de atenção, reflexão e adaptação. As experiências vividas em escolas públicas situadas nas zonas periféricas e área ribeirinha da cidade de Manaus permitiram reconhecer inúmeros desafios enfrentados no cotidiano escolar, mas também mostraram o quanto esses ambientes são férteis para a aprendizagem, a criatividade e o afeto.

Essa convivência direta com alunos/as, professores/as e demais profissionais da educação ensinou a importância de estar presente com empatia e abertura ao diálogo. No PAD, aprende-se que o compromisso com a educação é desenvolver vínculos com a comunidade escolar e atuar com responsabilidade, mas nunca abrir mão da sensibilidade.

Recentemente, uma nova etapa da minha trajetória no projeto tem me aproximado das discussões e práticas voltadas à educação inclusiva, com foco no atendimento de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas

habilidades. Essa vivência tem sido fundamental para ampliar minha compreensão sobre a urgência de construir uma escola verdadeiramente inclusiva, que reconheça e respeite as singularidades de cada estudante.

Deste modo, a partir do contato com esses estudantes e com os profissionais que os acompanham, compreendi que a inclusão não é apenas uma diretriz legal, mas um compromisso ético e humano. É preciso repensar práticas, adaptar estratégias e, sobretudo, garantir que todos tenham oportunidades reais de aprendizagem, participação e pertencimento. A educação inclusiva me convida diariamente a ser uma professora mais criativa e disposta a experimentar, e isso tem transformado profundamente minha maneira de compreender o meu eu docente.

Izabel Angarita: homenagem e propósito

A Escola Municipal Izabel Angarita é uma instituição pública localizada no bairro Japiim II, em Manaus (AM), foi fundada em 27 de abril de 1984 durante a gestão da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), que o então superintendente Joaquim Igreja Lopes prestou homenagem à inesquecível Professora dele no primário, Izabel Angarita, que lecionava no Rio de Janeiro. A escola foi criada oficialmente por meio da Lei nº 1983, de 1º de dezembro de 1988, conforme o Parecer nº 024/89 do Conselho Estadual de Educação do Amazonas (CEE/AM).

Destinada a atender à população do Conjunto Atílio Andreazza e arredores, a escola oferece exclusivamente o Ensino Fundamental (Anos Iniciais). Desde sua criação, vem desempenhando um papel importante na formação educacional da comunidade local, buscando não apenas o ensino de conteúdos escolares, mas também, o desenvolvimento integral dos estudantes. Atualmente (2025), a unidade é administrada por José Cláudio Nery de Brito e Coordenação Pedagógica da Professora Luciene Maria Sá Menezes.

A escola tem como missão formar cidadãos conscientes, críticos e preparados para atuar de forma transformadora na sociedade. Sua visão é tornar-se uma referência

educacional na comunidade, fundamentada em uma educação integral e no compromisso ético dos profissionais de ensino. Entre seus valores institucionais destacam-se o respeito, a solidariedade, a ética, o compromisso, a criatividade, a participação e o trabalho colaborativos, princípios que orientam tanto a prática pedagógica quanto a convivência no ambiente escolar.

Letramento literário: teoria e prática

Os encontros da assistência à docência desde fevereiro de 2025, nas turmas de 4º e 5º do turno matutino ano dos Anos Iniciais da Escola Municipal Izabel Angarita contemplaram múltiplas vivências docentes com a interpretação de textos literários, produções artísticas a partir de elementos da cultura amazônica em narrativas, o linguajar regional, questões relacionadas à sustentabilidade e à preservação ambiental, integrando assim temas interdisciplinares que enriquecem os primeiros contatos das crianças com a Literatura.

A escolha por obras literárias infantojuvenis amazonenses, com foco na identidade amazônica, justifica-se pela necessidade de ampliação das possibilidades de leitura e de reconhecimento cultural dos estudantes. As narrativas, por sua natureza simbólica e pedagógica, oferecem um campo frutífero para o desenvolvimento de competências leitoras e de interpretação, enquanto promovem a reflexão sobre valores, comportamentos e dilemas sociais. Segundo Loyolla e Vasconcelos (2021):

O processo de letramento literário nas escolas deve ser sempre tratado como algo fundamental, seja através de propostas direcionadas pelas secretarias de educação, seja através de propostas desenvolvidas por nós, professores, as quais devem ser mais minuciosas ainda, no sentido de especificar o tipo de ensino que queremos para nossos alunos, pois estamos diretamente em contato com eles e, por isso, sabemos melhor do que ninguém quais as suas necessidades (p. 228).

A Literatura regional, muitas vezes ausente dos currículos escolares, é aqui resgatada como uma fonte essencial para o fortalecimento do pertencimento cultural e da formação cidadã. O contato com obras de autores nortistas permite não apenas o acesso a textos literários que dialogam com a realidade das crianças, mas também

a representação simbólica das experiências familiares (ancestrais) delas. Marisa Lajolo (1993), diz que:

[...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela (p. 8).

Dessa forma, a proposta dos encontros literários se configura como um instrumento para desenvolvimento de leitores críticos, sensíveis à diversidade cultural e conscientes da importância da preservação de sua história e meio ambiente. Atividades práticas como produção textual, produção artística, dramatização e rodas de conversa são pensadas para estimular o protagonismo estudantil, respeitando os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. Para Robson Barbosa e Geovane Belo (2024):

[...] em uma perspectiva transcultural, um letramento amazônico como dispositivo teórico-metodológico de leitura literária não vê a cultura local como pura ou isolada, mas em conflito e convergência com suas próprias interfaces e com as de outras culturas. Além disso, uma abordagem amazônica canaliza muito mais as representações que a arte literária traduz dos imaginários, das memórias e das identidades locais, uma delas é o aspecto mítico (p. 9).

Vozes da Amazônia: primeiro encontro

Em 09 de abril de 2025, organizei, em parceria com a escritora Adriana Barbosa Silva, um encontro literário com a turma do 5º B, da Escola Municipal Izabel Angarita; a atividade aconteceu na Biblioteca Pólo Luiz Bacelar, situada nas dependências da instituição, e coordenada pelo bibliotecário Moisés Cebete, à luz da ideia de aproximar as crianças da literatura amazônica, proporcionando um momento de encantamento, reconhecimento e pertencimento através da leitura da obra “Fábulas e Apólogos da Amazônia”, uma parceria entre Adriana e sua mãe, a escritora Creuza Barbosa (in memoriam), como forma de preservar saberes, valores e memórias.

Figura 1: leitura do apólogo “A mãe natureza e o curumim”.



Fonte: Acervo Lepete(2025)

No primeiro momento do encontro, organizamos a turma em equipes, em seguida, apresentei a obra “Fábulas e Apólogos da Amazônia” e suas autoras à turma, contextualizando a proposta do encontro. Logo depois, a escritora Adriana Barbosa realizou a leitura da narrativa “A Mãe Natureza e o Curumim”. Logo após, solicitamos a cada um que escolhesse uma narrativa da obra selecionada, especialmente, para iniciar o momento de escuta coletiva.

Após a leitura introdutória os estudantes se organizaram em 4 equipes para realização das leituras apólogos e contos: “Os Guardiões da Amazônia”; “Os Três Filhotes da Onça-Pintada”; “O Rio Negro e o Rio Solimões”; “O Beija-Flor e a Rosa”. Ao término de cada leitura, dialogamos a respeito das narrativas, a fim de refletirmos juntos sobre os ensinamentos transmitidos pelas histórias, relacionando os valores abordados com as experiências cotidianas das crianças, tanto no ambiente escolar quanto em seus lares.

Figura 2: Leitura da fábula “Os três filhotes da onça”.



Fonte: Acervo Lepete (2025)

No segundo momento, propusemos uma produção artística com o intuito de ampliar a compreensão leitora por meio da expressão visual. Cada criança foi convidada a ilustrar a narrativa que mais despertou seu interesse durante as leituras. O tempo foi dedicado à criação das ilustrações, permitindo que externalizassem, pela arte visual, sua interpretação das histórias e percepções sobre os personagens, lugares e ensinamentos.

Enquanto as crianças se dedicavam à atividade, paralelamente eu e a autora Adriana Barbosa, tivemos a oportunidade de dialogar com o bibliotecário Moisés, que demonstrou entusiasmo em fortalecer o acervo de literatura nortista da escola. Destacou a relevância da valorização de autores regionais como estratégia para promover representatividade e fortalecer o senso de pertencimento entre os/as estudantes. Também mencionou a obra “Reflexões sobre as águas” do escritor Joel Cabral de Abreu, ex-professor da instituição, e referência significativa para a comunidade escolar da Escola Municipal Izabel Angarita.

Figura 3: Registro da turma do 5º ano B com suas respectivas obras.



Fonte: Acervo Lepete (2025)

Encerramos o encontro com uma exposição das produções visuais, que evidenciaram o envolvimento, a criatividade e o comprometimento da turma. As ilustrações revelaram o encantamento com as narrativas lidas e demonstraram o quanto a leitura literária pode mobilizar o imaginário, a sensibilidade e a criticidade das crianças. O encontro foi uma partilha de afetos e memórias, um convite à

escuta das vozes da floresta presentes nas palavras, nos animais e nas lições que cada história carrega.

Vozes da Amazônia: segundo encontro

No dia 9 de maio de 2025, a convite da Assistente Docente Rita Rafaela Guimarães, da Biblioteca Itinerante do Lepete, participei de uma ação com a turma do 4º Ano A. Ao chegarmos à sala, realizamos as apresentações iniciais, explicamos como se daria o encontro e começamos a ambientar o espaço para a contação de histórias. As crianças, muito entusiasmadas, prontamente se organizaram na biblioteca. Estendemos um imenso tapete colorido em formato redondo no centro da sala, distribuímos fantoches representando diversos animais e, por fim, apresentamos o acervo de livros disponíveis para leitura.

Figura 4: Interação da turma com os fantoches



Fonte: Acervo pessoal (2025)

A escolha da obra por meio de uma votação, resultou na seleção do livro "Histórias de Bichos da Amazônia", da escritora amazonense Ana Peixoto. A narrativa escolhida se destaca por ser uma história ancestral do Povo Sateré-Mawé, carregada de simbolismo, oralidade e saberes tradicionais. A trama aborda, de forma sensível e poética, a dualidade entre o alto e o baixo - um tema universal presente em diversas culturas e ressignificado a partir da cosmovisão amazônica.

Ao longo da narrativa, o leitor é conduzido por um caminho encantador que apresenta a diversidade da fauna regional, com personagens marcantes como o papagaio, a cobra, o jabuti, a coruja e o sapo.

As crianças sentadas ao redor do tapete, iniciamos à leitura, cada página lida, realizava pausas estratégicas para interagir com os estudantes, incentivando-os a refletir sobre as falas e comportamentos dos personagens. Durante as intervenções geraram diálogos espontâneos e significativos, possibilitando conexões entre os ensinamentos da história e o cotidiano das crianças. As falas dos animais, carregadas de metáforas e ensinamentos, despertaram questionamentos sobre a importância do respeito à natureza, à diversidade e às tradições dos povos originários.

Figura 5: impressões e sentimentos



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Ao final da leitura, abrimos um espaço para o compartilhamento das impressões e sentimentos. Muitos relataram que nunca haviam ouvido uma história indígena contada daquela forma, destacando o encantamento pelos animais e os cenários descritos. Essa experiência não apenas promoveu o contato com a literatura regional amazônica, mas também contribuiu para o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao território e para a valorização dos saberes tradicionais. A ação foi, portanto, um momento de troca, escuta e formação leitora, reafirmando que o PAD

na escola proporciona espaços fundamentais para a promoção de uma educação culturalmente sensível e transformadora.

Formação e inspiração: Ajuri Literário

Os encontros literários realizados nas turmas do 4º e 5º ano da escola Izabel Angarita são frutos de um processo formativo vivenciado no contexto do projeto Ajuri Literário, realizado entre os meses de fevereiro e março de 2025, sob a coordenação do Lepete, ministrado pela escritora Adriana Barbosa Silva e pela professora Lucilene Pacheco Santos. Essa formação teve início com reflexões sobre a toada “Saga de um Canoeiro” do Boi Caprichoso e rapidamente avançou para discussões centradas na construção de sequências didáticas que articulassem a literatura infantojuvenil amazônica à perspectiva decolonial e à educação inclusiva. Nesse sentido, a ideia de “ajuri” - palavra indígena de origem Tupi, Aiurí, que significa mobilização, ajuntamento ou mutirão – orientou simbolicamente o trabalho em equipes no compromisso ético com a valorização da cultura local.

Com foco na realidade educacional amazônica, as atividades foram pautadas por obras de autores/as regionais: Adriana Barbosa Silva, Creuza Barbosa, Ana Peixoto, Jean Batista da Cunha e Pedro Lucas Lindoso e o Referencial Curricular Amazonense (RCA). Durante a formação, compreendemos a importância de construir materiais didáticos que representem a vivência dos estudantes nortistas, contrapondo-se à hegemonia dos livros didáticos produzidos no eixo Sul-Sudeste do Brasil. As discussões envolveram também a elaboração de objetivos pedagógicos com a interdisciplinaridade e o uso de músicas regionais para fortalecer a identidade das propostas, promovendo um ensino mais afetivo, enraizado às realidades locais. A cada encontro para elaboração das Sequências Didáticas, as partilhas teóricas e afetivas de Ads reafirmaram o compromisso coletivo com uma educação mais justa, crítica e representativa que se confirma no dizer de Adriana Barbosa: “nossas construções são como ventania no meio de um banzeiro forte”, um movimento

intenso, desafiador, mas necessário para transformar as práticas educativas na Amazônia que podem começar por salas de aulas.

Considerações

As experiências vividas ao longo deste relato evidenciaram que o contato com obras literárias infantojuvenis, através de leituras compartilhadas, atividades interpretativas e das produções artísticas realizadas com as turmas dos Anos Iniciais baseadas nelas, possibilitaram observar o engajamento dos alunos diante de narrativas que espelham suas realidades culturais, sociais e ambientais. O contato com autoras amazonenses como Adriana Barbosa Silva, Creuza Barbosa e Ana Peixoto proporcionou momentos de identificação e valorização de aspectos fundamentais da identidade das crianças do 4º e 5º ano da escola.

Além disso, as ações mostraram que o trabalho com a Literatura infantil vai muito além da compreensão textual. As rodas de leitura e os diálogos estabelecidos a partir das histórias permitiram reflexões sobre pertencimento, diversidade, ancestralidade e sustentabilidade. O ambiente escolar se consolidou como espaço de escuta, de trocas significativas e de fortalecimento da expressão oral e escrita, promovendo um aprendizado mais sensível, participativo e crítico.

Dessa forma, é possível afirmar que iniciativas de práticas de leitura literária em fábulas e apólogos, contribuem diretamente para a construção de sujeitos conscientes de suas raízes e comprometidos com a valorização da cultura local. Apostar em práticas que integram literatura e identidade regional é apostar em uma educação que respeita a pluralidade, reconhece saberes ancestrais e fortalece os vínculos entre escola, território e comunidade.

Referências

Barbosa, Creuza; Silva, Adriana Barbosa. **Fábulas e Apólogos da Amazônia**. Manaus, AM: Editora Valer, 2022.

Barbosa, R. P., & Belo, G. S. (2024). **Letramento literário amazônico**: Análise de prática literária a partir da poética de Antônio Juraci Siqueira. *Missões: Revista De Ciências Humanas E Sociais*, 10(3), 01–13. <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.399>.

Candido, Antonio. **O direito à literatura**. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Todavia, 2023.

Cosson, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

Escola Izabel Angarita. **Sobre nós**. [S.l.]: Webnode, [s.d.]. Disponível em: <https://escola-izabelangarita.webnode.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 01 jun. 2025.

Lajolo, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, SP: Editora Ática, 1993.

Loyolla, Dirlenvalder do Nascimento; Vasconcelos, Júlio Luís Assunção. Letramento literário: a formação do leitor literário a partir da quebra de velhas práticas. In: MENDONÇA, S. C. P. et al (Org.). **Letramento literário de (re)existência**: práticas e debates. Tutóia, MA: Diálogos, 2021.

Mizukami, Maria da Graça Nicoletti. **Aprendizagem da docência**: professores formadores. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1–17, dez. 2005–jul. 2006.

Peixoto, Ana. **História de Bichos da Amazônia**. Manaus, AM: Editora Valer, 2013;

COMO UMA PIPA NO CÉU AMAZÔNICO: SEQUÊNCIA DIDÁTICA NOS ANOS INICIAIS

Like a Kite in the Amazonian Sky: A Didactic Sequence for the Early Elementary Years

José Roberto Calheiros de Castro Júnior¹
Jediã Ferreira Lima²
Maria Quitéria Afonso³

Resumo

Este relato discorre sobre o desenvolvimento da sequência didática "Como uma Pipa no Céu Amazônico" na turma de 4º ano do Ensino Fundamental, no âmbito do Programa Assistência à Docência (PAD) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). O trabalho fundamenta-se nos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Antunes (2003), Cosson (2006), Neder et al. (2009), Nóvoa (2009) e Vygotsky (1987), e na obra da autora Elaine Andreatta (2022). A Sequência Didática, elaborada coletivamente, utilizou a Literatura infantil e a contação de histórias para abordar sonhos e projetos de vida, valorizando o contexto cultural de Manaus. Atividades como a elaboração individual de "Pipas dos Sonhos" promoveram significativa expressão criativa dos alunos/as. O escrito também reflete as trajetórias formativas no PAD, vividas pelo autor, licenciado em Letras, além disso, os saberes tecidos em formações do PAD, essenciais para o planejamento e realização da SD. E assim, na reflexão sobre desafios em sala de aula, nós, da Assistência à Docência, alçamos voos em pipas de sonhos com estudantes da Escola Municipal Prof.^a Isabel Victória do Carmo Ribeiro.

Palavras-chave: Sequência Didática. Literatura Amazônica. Formação Docente.

Abstracts

This report discusses the development of the didactic sequence "Like a Kite in the Amazonian Sky" in a 4th-grade Elementary School class, within the scope of the Teaching Assistance Program (PAD) at the Amazonas State University (UEA). The work is based on

1 Professor licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: roberto.castrojr013@gmail.com.

2 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL)/UFAM/CNPq. E-mail: jedylima@hotmail.com

3 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola

Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

the authors Dolz, Noverraz, and Schneuwly (2004), Antunes (2003), Cosson (2006), Neder et al. (2009), Nóvoa (2009), and Vygotsky (1987), and on the work of the author Elaine Andreatta (2022). The Didactic Sequence, developed collectively, utilized children's literature and storytelling to address dreams and life projects, valuing the cultural context of Manaus. Activities such as the individual creation of "Dream Kites" promoted significant creative expression among the students. The text also reflects on the formative trajectories in the PAD, experienced by the author, a Literature undergraduate student, and highlights the knowledge woven in PAD training sessions, which were essential for the planning and implementation of the DS (Didactic Sequence). And so, in reflecting on classroom challenges, we, from the Teaching Assistance Program, soared with the dream kites alongside the students of the Prof.^a Isabel Victória do Carmo Ribeiro Municipal School.

Keywords: Didactic Sequence; Basic Education; Teacher Training; Children's Literature.

Introdução

Este relato tem como objetivo apresentar e analisar a experiência de aplicação de uma sequência desenvolvida e implementada por Assistentes Docentes do PAD, vinculados ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete) da UEA. O trabalho descreve uma vivência pedagógica com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, na qual a Literatura infantil foi empregada como ferramenta para explorar a temática dos sonhos, projetos de vida e a valorização do contexto amazônico.

Este relato tem como objetivo evidenciar a relação entre a formação do professor e uma prática pedagógica com potencial transformador. O percurso descrito revela como a vivência no PAD contribuiu para o fortalecimento da identidade docente e para o aprimoramento das práticas em sala de aula. A elaboração coletiva da sequência didática reforça a importância do trabalho em equipe e da interdisciplinaridade na construção de propostas pedagógicas mais significativas.

A metodologia da sequência didática é embasada no modelo proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) a partir de concepções sobre a natureza da narrativa segundo (Antunes, 2003; Cosson, 2006) e a relevância da contação de histórias no cotidiano escolar (Neder et al., 2009; França; Azevedo, 2022). A obra literária central, "Como uma Pipa no Céu", de Elaine Andreatta, é analisada por sua pertinência ao contexto amazônico e sua abordagem de temas universais. Além disso, a reflexão sobre o desenvolvimento infantil e o fazer artístico encontra suporte nas

perspectivas de Vygotsky (1987) e Coelho e Shediak (2019). A construção da prática docente e a formação contínua são discutidas à luz de autores como Nóvoa (2009). Este relato está estruturado em seções que guiam o leitor pela experiência. Inicialmente, a seção “A Contribuição do PAD em Minha Construção Profissional” detalha a trajetória do autor no Programa e seu impacto na formação docente. Em seguida, “Contextualizando o Ambiente” apresentará as particularidades da escola onde a sequência foi desenvolvida. A seção “Sonhos ao vento com a Sequência Didática”, descreve detalhadamente a elaboração coletiva da sequência didática e sua aplicação em dois dias de aula, com a participação dos alunos. Posteriormente, “Saberes, Desafios e Reflexões sobre a Prática Docente no PAD” aborda os aprendizados obtidos nas formações do Programa, os desafios enfrentados e uma autoavaliação do processo. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados e oferecem recomendações para futuras práticas pedagógicas e formações.

A contribuição do Programa Assistência à Docência na minha construção profissional

Eu me chamo José Roberto Calheiros de Castro Júnior, sou professor licenciado em Letras pela UEA, lugar onde encontrei um ponto de consolidação acadêmica por meio da minha participação no PAD, vinculado ao Lepete. Iniciei minha trajetória no programa em 2022, no segundo período de minha graduação, em um momento crucial de redefinição profissional, em que o ingresso na Universidade em 2021, em meio à pandemia, e a modalidade remota das aulas haviam gerado uma significativa desmotivação e dúvidas quanto à minha identificação com a área educacional, especialmente por já ter tido uma experiência insatisfatória em uma graduação anterior. Porém, o encontro com o Lepete e a seleção para o PAD surgiram como uma esperança de estabelecer uma conexão mais profunda e significativa com a docência.

Ainda que houvesse um receio inicial, devido à minha limitada experiência prévia em sala de aula, o acolhimento e a orientação constante da Coordenação do PAD foram fundamentais para eliminar essa insegurança e promover um ambiente de desenvolvimento. Ao longo de três anos de participação, vivenciei um processo formativo contínuo e altamente relevante. Os desafios iniciais, como o contato com a realidade da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, um universo que se distanciava da minha formação específica em Letras, desencadearam um percurso de constante aprimoramento.

Durante esse período, aprofundei minha compreensão sobre a importância de uma educação inclusiva, capaz de acolher as diversas realidades e promover a aprendizagem igualitária para todos os estudantes. Ao proporcionar a oportunidade de vivenciar a sala de aula em diferentes etapas de ensino, o PAD ampliou significativamente minha visão sobre as variadas dinâmicas das turmas e as diferentes abordagens pedagógicas necessárias para cada faixa etária. Essa diversidade de experiências é um preparativo valioso para a atuação nas diversas modalidades que poderei encontrar ao longo da minha jornada profissional.

Minha atuação no Programa foi enriquecida, ainda mais, pela experiência como assistente veterano nas edições mais recentes. Essa oportunidade de colaborar diretamente na integração dos novos assistentes e de compartilhar minhas vivências e aprendizados foi particularmente valiosa. Não só reafirmou minha convicção sobre o potencial transformador da troca de saberes e do trabalho colaborativo no ambiente educacional, mas também aprimorou minha capacidade de perceber e dialogar com as diferentes Licenciaturas.

Analisando minha trajetória, a atuação como Assistente Docente deixou de ser uma mera atividade acadêmica extracurricular e se estabeleceu como um espaço privilegiado de formação humana e profissional, me capacitando não apenas para os desafios cotidianos no chão da escola, mas para o exercício de uma docência comprometida, sensível e transformadora, que busca reconhecer e potencializar a singularidade inerente a cada contexto educativo.

Contextualizando o ambiente escolar

A experiência de aplicação dessa sequência didática ocorreu na Escola Municipal Prof.^a Isabel Victória do Carmo Ribeiro, localizada na Rua Andirá Açú, número 456, no bairro Colônia Terra Nova, na Zona Norte de Manaus/ AM, instituição de ensino que atende os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino.

A escola se destaca como uma referência em educação pública em sua localidade, com forte influência na comunidade, principalmente em seu objetivo de promover uma educação mais inclusiva. Sua estrutura organizacional e física reflete esse compromisso: além de secretaria, refeitório amplo, sala de professores e sala multiuso, a escola dispõe de uma sala de Leitura e uma Sala de Recursos Multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE). As instalações contam com pisos táteis, banheiros adequados para estudantes com deficiência ou mobilidade reduzida, reforçando um claro compromisso com a inclusão e a acessibilidade.

Para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, a escola oferece dez salas de aula climatizadas, uma biblioteca bem equipada, um laboratório de informática e um telecentro, com acesso à internet para alunos e membros da comunidade. O espaço inclui ainda um pátio coberto e um refeitório que proporciona alimentação escolar nutritiva. Com uma equipe dedicada de profissionais, a escola prioriza a educação e celebra a inclusão em seu cotidiano.

Foi nesse ambiente, e especificamente na turma do 4^o ano D da Professora Royane Magna Ribeiro da Silva, composta por aproximadamente 25 alunos no turno vespertino, que a sequência didática foi desenvolvida, encontrando um ambiente propício para a interação e o desenvolvimento das atividades propostas.

Sonhos ao vento com a Sequência Didática

A elaboração da sequência didática "Sonhos ao Vento: Como uma Pipa no Céu Amazônico" foi um processo colaborativo, realizado em conjunto com outros Assistentes Docentes durante um encontro de diálogos e troca de experiências propostas pela coordenação do PAD, a fim de que por meio dessa interação, pudessemos elaborar uma proposta adequada para as escolas atendidas pelo programa.

A equipe de estudos e elaboração da sequência didática (SD) foi composta por Marcos Vinicius Simões, Joyce Cristina Gonçalves de Souza, Fernanda Freitas da Silva, Cintia Dias da Silva, Luana Beatriz Maia Viana e por mim, José Roberto Castro. Ficamos responsáveis por desenvolver duas Sequências Didáticas: uma voltada para os Anos Finais e outra para os Anos Iniciais. Por serem propostas distintas, inicialmente geraram certo receio, especialmente a SD dos Anos Iniciais, pois, grande parte dos integrantes da equipe era de áreas específicas e com pouca vivência em turmas de crianças menores.

Diante ao desafio iniciamos um diálogo reflexivo, resgatando experiências vividas em contextos escolares e semelhantes, a fim de reunir ideias que contribuíssem de forma significativa para elaboração das propostas. As vivências pedagógicas compartilhadas no Lepete tiveram papel fundamental nesse processo, influenciando diretamente a qualidade do trabalho desenvolvido e permitindo que cada membro contribuísse com saberes específicos. O resultado foi uma proposta mais abrangente, sensível e adaptada à realidade escolar para o Ensino Fundamental I e Fundamental II.

Freire (1996) destaca, "Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão". Essa premissa freiriana dialoga diretamente com a nossa experiência, evidenciando uma elaboração coletiva com saberes interdisciplinares das áreas de conhecimento: Letras, Geografia, Matemática, Ciências Biológicas e Pedagogia. Nesse sentido, a SD teve por base a obra literária "Como uma Pipa no Céu", de Elaine Andreatta. Conforme a sinopse, aborda a

temática dos sonhos e da descoberta do "ser" individual, convidando meninas a reconhecerem seus desejos e a imaginarem suas profissões. A narrativa destaca os personagens a abraçar seus sonhos com afeto, utilizando a metáfora da pipa para simbolizar a liberdade de voar alto em um mundo desafiador e cheio de possibilidades.

A ideia central surgiu a partir do meu conhecimento prévio da obra, na qual reconheci de imediato a importância de trabalhar, pois se trata de uma narrativa que explora a cidade de Manaus, o que não é comum nos livros infantis e oferece uma oportunidade única de conexão com a vivência local dos estudantes. A escolha pelo gênero narrativo, por sua vez, justifica-se por ser um gênero que se faz presente de forma quase diária na vida das crianças, facilitando a identificação com a proposta.

Um diferencial notável da obra é a sua ambientação que explora a cidade de Manaus, oferecendo uma rara e valiosa oportunidade de conexão com o contexto geográfico e cultural amazônico dos estudantes. Além de não ser um tema comum na Literatura infantil, essa característica enriqueceu a proposta, promovendo uma maior identificação e senso de pertencimento entre os alunos.

Figura 1: obra – Como uma pipa no céu



Fonte: Amazon (2022)

A autora Elaine Andreatta, nascida em Joia (RS) e residente em Manaus (AM), é professora na UEA. Sua trajetória pessoal revela uma profunda relação com os livros e a leitura desde a infância, estimulada pela família, o que a levou a ver o

mundo dos livros como “aconchego e esconderijo”. Essa vivência com a leitura e a escrita, que passou a ser compartilhada quando começou a escrever com a “ânsia de reinventar o mundo” reflete-se em sua obra, que busca inspirar crianças e adultos a abraçarem seus sonhos e a se reconhecerem em suas próprias histórias. Adicionalmente, participa ativamente e contribui com as formações para os Assistentes Docentes (ADs), proporcionando uma base teórica e prática.

Desta maneira, a sequência didática elaborada e o material organizado com o apoio da Coordenação do PAD, iniciamos a realização da SD, na Escola Municipal Isabel Victória, na turma 4º ano D vespertino, da Professora Royane, composta por aproximadamente 25 alunos. Desde o primeiro contato, percebemos o quanto a turma demonstrava envolvimento e carisma, isso, foi determinante para escolha da sala para as atividades propostas pela ‘pipa dos sonhos’.

No primeiro dia, optamos pela organização dos/as alunos/as numa roda de conversa, facilitando a interação e o engajamento de todos. Após breve contextualização do gênero textual narrativo explicamos a estrutura básica da narrativa, que conforme Antunes (2003) “organiza-se a partir de elementos essenciais como o enredo, os personagens, o tempo, o espaço e o narrador, os quais se articulam para construir o sentido da história”. Para ilustrar a presença constante desse gênero, apresentamos e fizemos circular diversos exemplares de livros infantis que continham narrativas, como gibis, fábulas e contos. Essa abordagem visava evidenciar que “a narrativa pode assumir formas variadas como o conto, a fábula, a lenda, a crônica, entre outras, e é justamente essa diversidade que permite ao professor explorar diferentes modos de contar e interpretar o mundo” (Cosson, 2006).

Após essa introdução, a leitura do livro "Como uma Pipa no Céu" foi realizada na contação de histórias. Cada página foi narrada de maneira detalhada, contextualizando as vivências de cada personagem. A contação de histórias no contexto escolar vai além do entretenimento, pois “Ouvir histórias estimula a imaginação, educa, instrui e desenvolve as habilidades cognitivas, além de fornecer o ponto de partida para se introduzir o conteúdo programático” (Neder et al., 2009).

Diante disso, foi particularmente interessante observar como o livro apresentava sonhos distintos em contextos variados, desde uma menina cujo pai projetava para ela um sonho diferente, passando por uma menina ribeirinha, uma órfã e outra que desejava ser motorista após se inspirar ao ver uma mulher dirigindo um ônibus. Tais temas mostraram-se cruciais para iniciar um diálogo franco com as crianças, despertando seu interesse pela história e estimulando-as a refletir sobre suas próprias vivências. Percebemos um interesse gradual e crescente dos alunos pela narrativa. Isso vai de acordo ao que afirma França e Azevedo (2022), ao afirmarem que:

As crianças adoram ouvir histórias, pois são esses momentos que as levam a viajar pelo mundo da fantasia, onde podem vivenciar no seu imaginário várias situações que envolvem os personagens das histórias [...] Os temas devem instigar a imaginação e mexer com as emoções dos educandos, favorecendo seu desenvolvimento integral (p.72).

Ao final da leitura, solicitamos que fizessem um desenho sobre a profissão que gostariam de ter no futuro. A animação foi geral e cada aluno demonstrou aptidão para as mais variadas profissões, como escritor, veterinário, soldado, caminhoneiro, jogador de futebol, detetive, entre outros. Este momento de expressão culminou com cada aluno apresentando seu sonho para toda a turma, revelando a riqueza de suas aspirações.

Figura 2: Momento de Leitura do Livro



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

Figura 3: Conversa sobre os Desenhos



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2025).

O segundo dia da sequência didática foi dedicado à materialização dos sonhos, adotando a metáfora central do livro com a pipa funcionando como um símbolo dos sonhos e aspirações das crianças. Ao subir aos céus, a pipa representa a liberdade de imaginar e desejar um futuro, enquanto o fio que a mantém ligada à terra simboliza o equilíbrio, o esforço e o apoio necessários para que esses sonhos se sustentem. Assim como uma pipa precisa de leveza para ascensão e persistência, os sonhos também exigem dedicação, coragem e resiliência. Essa metáfora reforça a ideia de que, mesmo quando enfrentam quedas, as crianças podem retomar seus caminhos e seguir acreditando no que desejam alcançar.

Segundo Coelho e Shediak (2019), o fazer artístico para a criança representa momentos essenciais para extravasar emoções, expressar sentimentos e ideias, e exteriorizar suas percepções do mundo, não podendo ser reduzido apenas às técnicas ou a criações sem direcionamento. Com base nessa compreensão simbólica, optamos por envolver os alunos na produção das próprias pipas como forma concreta de “jogar seus sonhos ao vento”. Dedicamos a aula exclusivamente para a confecção individual, na qual cada aluno foi responsável por elaborar e decorar sua pipa, registrando nela a profissão dos seus sonhos por meio de desenhos e palavras.

Dessa forma, a atividade artística proporcionou uma oportunidade significativa para que as crianças expressassem seus desejos e expectativas, evidenciando o papel fundamental do fazer artístico no desenvolvimento infantil. Foi um momento de intensa alegria e grande proveito, no qual todos se mostraram animados e ansiosos pelo resultado final de suas pipas. Percebemos uma felicidade contagiante e o desejo evidente de ver as criações prontas. Apesar de ser uma atividade simples e de caráter simbólico, a produção das pipas despertou um interesse profundo nos alunos por diversas razões.

Em primeiro lugar, o caráter lúdico e manual da tarefa promoveu a participação que estimulou a criatividade e a coordenação motora fina, elementos essenciais para o desenvolvimento nos Anos Iniciais. Em segundo lugar, a pipa, como objeto que desafia a gravidade e “voa”, serviu como um poderoso catalisador para a

imaginação, permitindo que as crianças visualizassem seus próprios sonhos ganhando forma e alcançando voo.

Finalmente, a atividade permitiu a materialização de algo abstrato, o sonho em um objeto concreto, gerando um senso de pertencimento e realização. Essa concretização do imaginário, como aponta Vygotsky (1987), é fundamental para o desenvolvimento do pensamento abstrato e para a capacidade de planejamento e organização do futuro, ao passo que a atividade lúdica se torna um meio de exploração e assimilação do mundo.

A aplicação da sequência didática demonstrou a eficácia das estratégias planejadas e a excelente receptividade dos alunos. As atividades, centradas na contação de histórias, na exploração do gênero narrativo e na produção das "Pipas dos Sonhos", permitiram um engajamento significativo e um estímulo à reflexão sobre aspirações pessoais e futuras profissões. A observação do entusiasmo e da criatividade das crianças ao expressarem seus sonhos por meio de desenhos e palavras confirmou o potencial da proposta em conectar o universo lúdico com a construção de sentidos sobre o futuro.

Deste modo, a SD cumpriu seu papel de ferramenta pedagógica para a exploração da temática dos sonhos e do autoconhecimento, a partir de um contexto regional e amazônico; elaborar com as crianças uma pipa dos sonhos em céu amazônico evocou a sensação de liberdade e leveza e ludicidade. A pipa em nosso contexto manauara é chamada de papagaio que voa ao céu levado pelo vento e pode ser uma metáfora para a liberdade e alegria, conforme apresentado nas figuras 4, 5 e 6.

Figura 4: Aluna apresenta sua pipa dos sonhos



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Figura 5: Aluno apresenta sua pipa dos sonhos



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Figura 6: Aluno apresenta sua pipa dos sonhos



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Saberes, Desafios e Reflexões sobre a Prática Docente no Programa Assistência à Docência

O percurso formativo proporcionado pelo PAD é constantemente enriquecido por encontros promovidos pela Coordenação, os quais visam solidificar os saberes pedagógicos e aprimorar a atuação dos Assistentes Docentes. Esses momentos de formação são cruciais para o desenvolvimento da autonomia e da postura profissional em sala de aula, oferecendo subsídios teóricos e práticos que transcendem o aprendizado acadêmico formal.

Dentre as formações, destaca-se a conduzida pela Professora Elaine Andreatta, autora da obra "Como uma Pipa no Céu", que serviu de base para a sequência didática relatada. A formação, intitulada "Estratégias de Leitura e de Escrita: Sequências Didáticas em Efetivas Práticas na Sala de Aula", trouxe esclarecimentos essenciais sobre a elaboração de Sequências Didáticas (SDs) a partir de um gênero textual específico.

A Professora Andreatta iniciou o encontro abordando o conceito de gênero e a metodologia para trabalhá-lo de forma eficaz nas atividades de ensino, ressaltando a

importância de compreender as particularidades de cada gênero para uma abordagem didática mais significativa.

Apresentou um roteiro para construção da SD baseado em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), detalhando seus quatro momentos principais: a situação inicial, que visa introduzir o tema e o gênero, despertando o interesse dos alunos e proporcionando um contexto para o trabalho; a produção inicial, fase de levantamento de conhecimentos prévios, onde os alunos começam a se familiarizar com o gênero e a realizar atividades iniciais relacionadas a ele; os módulos intermediários, parte do processo em que os alunos aprofundam o conhecimento do gênero, analisando suas características, estrutura e elementos, além de desenvolverem habilidades mais específicas; e, por fim, a produção final, que culmina na sequência, onde os alunos aplicam o que aprenderam para produzir textos ou outras atividades finais relacionadas ao gênero trabalhado. A professora detalhou a interconexão entre essas etapas, enfatizando como esse modelo permite um desenvolvimento progressivo das habilidades dos alunos, promovendo uma aprendizagem mais profunda e estruturada.

Enquanto Assistentes, essa formação foi essencial, pois nos ajudou a entender não apenas o que fazer em cada etapa, mas o porquê de cada uma delas, contribuindo para a construção do conhecimento de forma contínua e gradual. Essa abordagem mais reflexiva sobre nossas produções prévias nos permitiu identificar pontos de melhoria, tanto na estrutura quanto nas estratégias pedagógicas. Como afirma Nóvoa (2009):

Não há desenvolvimento profissional sem um investimento pessoal forte e sem o envolvimento na construção da sua profissão. Não há desenvolvimento profissional sem que o professor participe em projetos coletivos e em espaços de formação que o ajudem a refletir sobre a sua prática (p.47).

Essa perspectiva reforça a relevância inegável da formação da Professora Elaine Andreatta para a construção e aplicação da SD “Como uma Pipa no Céu

Amazônico”. Ter a autora da obra literária base da nossa SD como formadora proporcionou uma compreensão aprofundada da intencionalidade da obra e o quanto as temáticas poderiam ser exploradas pedagogicamente. Isso nos forneceu possibilidades valiosas para o desenvolvimento de outras sequências didáticas.

Considerações

A vivência dessa sequência didática com a turma do 4^o ano D configurou-se como uma experiência pedagógica leve, afetiva e de grande significado. A intencionalidade das atividades, desde a contextualização do gênero narrativo e a contação de histórias com a obra de Elaine Andreatta, até a produção das pipas dos sonhos, demonstrou o potencial da Literatura e das estratégias lúdicas em despertar o interesse e o engajamento dos alunos.

A diversidade e a espontaneidade dos sonhos expressos pelas crianças, que iam de caminhoneiro a jogadora de futebol, revelaram a riqueza de suas percepções de mundo e seus referenciais sociais. Mesmo diante do desafio da organização do tempo para atividades manuais, o envolvimento e a alegria dos alunos foram contagiantes, reafirmando a importância de espaços escolares que acolham as aspirações infantis e valorizem a escuta, o afeto e a imaginação como componentes essenciais do processo de aprendizagem e construção de projetos de vida. Essa experiência reafirmou a convicção de que a educação é o caminho para as crianças alçarem voos para realização de seus sonhos.

Sob uma perspectiva mais ampla, este relato permitiu traçar o percurso formativo que, de um acadêmico em busca de identificação, consolidou-se em um docente licenciado, com o PAD atuando como pilar fundamental nessa construção profissional. A experiência prática na escola, embora repleta de particularidades contextuais, evidenciou a complexidade e a riqueza do cotidiano educacional.

O desenvolvimento desta sequência didática na turma do 4^o ano D, em particular, foi um campo fértil para “voos” dos saberes construídos nas formações do Lepete, sustentados por reflexão contínua sobre a prática docente que nos permite criar,

recriar, acertos e erros na superação de desafios em sala de aula. A autoavaliação desse processo revela não apenas o crescimento profissional, mas também uma convicção fortalecida sobre o prazer de ensinar e a responsabilidade de promover uma educação sensível e transformadora.

Em analogia ao bailar de uma pipa no ar, que o vento sopra a outras SD, que integrem a literatura amazônica com a realidade dos estudantes manauaras e que a obra "Como uma Pipa no Céu", desperte imaginação, curiosidade em pontes culturais e afetivas. Sugere-se, ainda, que as formações de ADs continuem a valorizar a troca de experiências e a conexão entre a teoria e a prática, aprimorando cada vez mais a autonomia dos/as ADs aos diversos desafios apresentados no chão da escola.

Referências

Andreatta, Elaine Pereira. **Como uma Pipa no Céu**. Editora Casa, 2022.

Antunes, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Coelho, Edinaldo Gonçalves; Chediak, Sorhaya. **Um olhar sobre o fazer artístico e os desafios do professor de arte nos anos iniciais**. EDUCA-Revista Multidisciplinar em Educação, v. 6, n. 15, p. 155-170, 2019.

Cosson, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

Dolz, Joaquim; Noverraz, Bernard; Schneuwly, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de uma metodologia**. Tradução e adaptação de Roxane Rojo. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



Neder, Divina Lúcia de Souza Medeiros et al. Importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. **Pedagogia em Ação**, v. 1, n. 1, p. 61-64, jan./jun. 2009.

Nóvoa, António. Para uma formação de professores que faça sentido. **Revista da Rede de Investigadores sobre Representações Sociais**, v. 3, n. 3, p. 1-13, 2009.

Vygotsky, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

QUANDO O BRINCAR VIRA SABER: A PEDAGOGIA DO SORRISO NA BRINQUEDOTECA ITINERANTE

When Play Becomes Knowledge: The Pedagogy of the Smile in the Itinerant Toy Library

Rita Rafaela dos Santos Guimarães¹

Lucilene Pacheco Santos²

Maria Quitéria Afonso³

Resumo

Este relato de experiência descreve minha atuação como brinquedista durante a realização da Brinquedoteca Itinerante do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), nos dias 22 e 29 de agosto de 2024, em duas escolas da Secretaria Municipal de Educação de Manaus (Semed). A primeira foi no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Renata Holanda e a segunda no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Sofia Soeiro. A atividade atendeu turmas da Educação Infantil nos turnos matutino e vespertino, promovendo vivências lúdicas com intencionalidade pedagógica. As ações foram fundamentadas em autores como Kishimoto e Vygotsky e estruturadas em estações temáticas que valorizam o brincar como linguagem essencial da infância e caminho para o desenvolvimento integral. A proposta dialoga com os direitos de aprendizagem, favorecendo a socialização, a criatividade e a construção de conhecimentos de forma prazerosa e significativa. Ao longo da experiência, destaca-se o papel do brinquedista como sujeito mediador sensível e comprometido com práticas educativas inclusivas, críticas e humanizadoras.

Palavras-chave: Brinquedoteca Itinerante. Experiência. Brincadeira. Crianças.

Abstracts

This experience report describes my role as a toy library facilitator (*brinquedista*) during the implementation of the Itinerant Toy Library of the Laboratory for Teaching, Research, and Transdisciplinary Experiences in Education (Lepete), at the Amazonas State University (UEA), on August 22 and 29, 2024, in two schools of the Municipal Department of Education

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: rrdsg@uea.edu.br.

2 Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência/Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete)/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus/AM. Pesquisadora do Lepete/UEA e do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (LEPAL/UFAM) E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

3 Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq. Coordenadora Pedagógica do Programa Assistência à Docência. Professora Assistente da Escola

Normal Superior/UEA. Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal Brinquedoteca Itinerante; Experiência; Brincar; Crianças. de Educação de Manaus/AM. E-mail: mqafonso@uea.edu.br

of Manaus (Semed). The first was at the Renata Holanda Municipal Center for Early Childhood Education (CMEI) and the second at the Sofia Soeiro Municipal Center for Early Childhood Education (CMEI). The activity served Early Childhood Education classes in the morning and afternoon shifts, promoting playful experiences with pedagogical intentionality. The actions were based on authors such as Kishimoto and Vygotsky and structured into thematic stations that value play as the essential language of childhood and a path to integral development. The proposal dialogues with learning rights, favoring socialization, creativity, and the construction of knowledge in a pleasurable and meaningful way. Throughout the experience, the role of the toy library facilitator is highlighted as a sensitive mediator committed to inclusive, critical, and humanizing educational practices.

Keywords: Itinerant Toy Library. Experience. Play. Children

Brinquedoteca Itinerante: O Lúdico como Travessia Pedagógica

Nos dias 22 e 29 de agosto de 2024, tive a oportunidade de vivenciar momentos profundamente significativos como brinquedista na execução da programação da Brinquedoteca Itinerante, realizada, respectivamente, no CMEI Renata Holanda e no CMEI Sofia Soeiro. Em cada uma dessas instituições, foram contempladas três turmas da Educação Infantil no turno matutino e outras três no turno vespertino, totalizando um público diverso e encantador de crianças pequenas, ávidas por brincar, descobrir e interagir.

A experiência foi marcada por um planejamento intencional, pautado na articulação entre ludicidade e objetivos pedagógicos. As atividades foram cuidadosamente pensadas para proporcionar não apenas momentos de prazer e diversão, mas também experiências educativas significativas, que respeitam o tempo, os interesses e as singularidades de cada criança.

Inspirada nos princípios de uma educação inclusiva, crítica e emancipadora, a proposta adotou o brincar como eixo estruturante das ações, em consonância com o que defende Kishimoto (2011), ao destacar que a brincadeira, além de ser uma atividade essencial da infância, é também um espaço de aprendizagem, socialização e construção de significados. Nesse sentido, o lúdico foi entendido como linguagem própria da criança e meio privilegiado de acesso ao conhecimento.

A organização das atividades em estações temáticas revelou-se uma estratégia potente, alinhada à perspectiva de Vygotsky (1988), que enfatiza a importância das interações sociais para o desenvolvimento cognitivo. As estações proporcionaram momentos de exploração, criação e cooperação, permitindo às crianças circular por diferentes propostas, como jogos de regras, brincadeiras simbólicas, materiais sensoriais e construções livres, ampliando, assim, suas possibilidades expressivas e cognitivas.

Além disso, a proposta foi permeada pelo entendimento de que a Educação Infantil deve promover experiências que dialoguem com os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, como o direito de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se. Nesse contexto, a Brinquedoteca Itinerante configurou-se como um espaço de vivência plena desses direitos.

Como brinquedista, saio dessa experiência com o coração renovado e a certeza de que o brincar é, antes de tudo, um direito da infância e um caminho potente para a construção do conhecimento. Estar com as crianças nesses espaços de encantamento foi reafirmar, mais uma vez, o valor de um olhar sensível, respeitoso e comprometido com o desenvolvimento integral infantil.

Este trabalho busca, portanto, não apenas narrar uma prática educativa, mas também oferecer subsídios teóricos que demonstram a relevância do brincar como espaço de construção colaborativa de saberes na Educação Infantil. A organização deste relato constitui na primeira seção, sobre a Formação Inicial na inserção do Programa Assistência à Docência (PAD) e os Primeiros Passos no Lepete narrando o processo de atuação e de experiências na brinquedoteca itinerante. Na segunda seção, apresenta os Cenários do Brincar: Vivências nos CMEIs Renata Holanda e Sofia Soeiro, no qual aborda as ações da brinquedoteca desenvolvidas no cotidiano escolar. Na terceira seção, trata das Estações vivas: o brincar como caminho de encontro e aprendizagem, com as narrativas da organização das estações lúdicas para promover a aprendizagem com as interações e brincadeiras.

Minha Formação e os Primeiros Passos no Lepete

Sou Rita Rafaela dos Santos Guimarães e estou atualmente no 9º período do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Desde muito cedo, sempre fui apaixonada pela ludicidade, pelo brincar e por tudo que envolve o universo infantil. Viajar nas histórias dos livros sempre foi uma forma de me encantar com o mundo, de sonhar e de imaginar novas possibilidades e esse amor só cresceu ao longo da minha formação.

Conheci o Lepete da UEA, por meio de colegas que participavam do PAD. Desde as primeiras conversas, algo dentro de mim se encantava. Eu já ouvia falar das atividades, dos projetos, da brinquedoteca itinerante, da seriedade e da leveza com que o laboratório conduzia suas ações. Me encantei antes mesmo de entrar. Foi então que, em setembro de 2023, tive a oportunidade de fazer parte desse espaço tão especial. Comecei nas atividades administrativas da Secretaria no turno matutino, e logo percebi o quanto o Lepete seria importante para minha formação. Um ano depois, dei início à experiência como brinquedista, atuação que desenvolvo até hoje com muito carinho e dedicação.

Estar no PAD tem sido uma experiência transformadora. O laboratório não apenas fortaleceu meu olhar sensível sobre a educação, como também potencializou aquilo que sempre esteve vivo em mim: o prazer em brincar, em contar histórias, em criar vínculos por meio do lúdico. Além disso, ele me proporcionou experiências externas marcantes por meio das práticas e ações da Brinquedoteca Itinerante, que me permitiram conhecer diferentes realidades e onde pude vivenciar de perto a força do lúdico como ferramenta de aprendizagem e transformação social.

Sou muito grata por fazer parte de um espaço que valoriza o lúdico, a escuta, a colaboração e o compromisso com uma educação mais humana, sensível e significativa. Assim, posso dizer que minha caminhada como futura pedagoga é iluminada por essas vivências, que me ajudam a manter vivo o sonho de uma educação mais sensível, mais significativa e mais humana.

Cenários do Brincar: Vivências nos CMEIs Renata Holanda e Sofia Soeiro

Nos dias 22 e 29 de agosto de 2024, tive a grata oportunidade de atuar como brinquedista na execução da Brinquedoteca Itinerante em duas instituições da Rede Municipal de Ensino de Manaus, o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Renata Holanda e o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Sofia Soeiro. Ambas as unidades estão localizadas em zonas urbanas da cidade e atendem crianças da Educação Infantil em contextos marcados por múltiplas realidades sociais, culturais e familiares.

Durante as ações, foram contempladas seis turmas em cada instituição, três no turno matutino e três no vespertino, totalizando um público diverso e encantador de crianças pequenas, ávidas por brincar, descobrir e interagir. Em cada CMEI, o espaço físico foi cuidadosamente preparado para acolher as estações lúdico-pedagógicas, que se integraram ao cotidiano escolar de forma fluida e respeitosa.

O CMEI Renata Holanda, situado em um bairro periférico, apresenta uma estrutura simples, mas bem cuidada. A organização pedagógica é clara e coerente com os princípios da Educação Infantil e a equipe demonstra comprometimento com o bem-estar e o desenvolvimento das crianças. Os espaços externos, como o pátio e o gramado, foram essenciais para a realização das atividades, especialmente o circuito psicomotor, que exigia liberdade de movimento e segurança.

Já o CMEI Sofia Soeiro, localizado em uma área de maior fluxo urbano, apresenta uma estrutura compacta e organizada em blocos distintos, o que dificultou a mobilidade das crianças entre as estações. O ambiente escolar é afetivo e acolhedor e a rotina da unidade contempla momentos de leitura, brincadeiras dirigidas e alimentação, possibilitando uma experiência educativa integral. A participação das professoras e cuidadoras nas atividades itinerantes foi ativa, fortalecendo o vínculo entre brincar e ensinar.

Do ponto de vista social, ambas as unidades acolhem famílias que enfrentam desafios cotidianos relacionados ao trabalho, ao acesso a serviços e à educação formal. A escola, portanto, surge como um espaço de cuidado, pertencimento e

proteção, onde a criança pode ser ouvida, respeitada e estimulada. Inserir a Brinquedoteca Itinerante nesse cenário foi não apenas levar atividades lúdicas, mas reafirmar o direito de brincar como um gesto político e pedagógico.

Essas experiências revelaram o quanto a escola, mesmo diante de suas limitações estruturais, pode ser um território fértil de afetos, aprendizagens e invenções. Ao acompanhar de perto a rotina das turmas, compreendi melhor a importância da escuta sensível e da presença ativa do educador no contexto da assistência à docência. Cada sorriso, cada gesto e cada curiosidade infantil reafirmaram o sentido de uma prática pedagógica comprometida com a infância em sua plenitude.

Estações vivas: o brincar como caminho de encontro e aprendizagem

A brinquedoteca itinerante nasceu do desejo de levar à escola um espaço de ludicidade, afeto e descoberta, onde cada criança pudesse brincar, aprender e se expressar com liberdade e encantamento. Em cada estação, o brincar foi tratado como linguagem potente, capaz de mobilizar saberes, provocar sentimentos e fortalecer vínculos.

Inspirada por uma pedagogia que reconhece a infância como tempo de criação e escuta sensível, a ação foi pensada de forma intencional, integrando experiências corporais, cognitivas e emocionais. O lúdico, aqui, não foi apenas um recurso, mas uma forma de respeitar a maneira como as crianças acessam o mundo: com o corpo inteiro, com os olhos curiosos, com o coração aberto.

As estações foram organizadas com cuidado para promover aprendizagens significativas e integradas: o movimento, a arte, a narrativa e a sensibilidade ambiental foram fios condutores de uma manhã em que a escola se fez território de imaginação e pertencimento. Cada estação, com suas particularidades, ofereceu às crianças a chance de se aventurar por diferentes formas de expressão, contribuindo para o desenvolvimento integral a partir do eixo norteador das interações e brincadeiras.

O relato das três dessas estações, foi de momentos de puro encontro entre o brincar e o aprender, entre o cuidar e o ensinar, entre a infância e seus múltiplos sentidos:

1. Estação: Circuito Psicomotor – Movimento que Encanta, Corpo que Aprende
Nesta estação, o brincar se transformou em travessia. O circuito psicomotor foi cuidadosamente pensado como uma jornada de desafios lúdicos, onde cada criança era convidada a explorar seu corpo, seus limites e suas possibilidades em um espaço acolhedor e estimulante. A sequência de movimentos, entre tábuas de equilíbrio, bambolês e arremessos de argolas, propunha mais do que apenas esforço físico: instigava o foco, a persistência, o raciocínio e a alegria de superar-se. Cada passo dado sobre a tábua, cada argola lançada com intenção, cada volta entre os bambolês revelava a beleza da infância em ação, aquela que aprende com o corpo, com o outro e com o mundo ao redor. O ambiente externo, com seu céu aberto e chão firme, ofereceu às crianças a possibilidade de se reconectarem com o espaço da escola como território de liberdade, de movimento e de pertencimento. Essa estação nos lembrou que brincar é coisa séria, é caminho, é linguagem e é cuidado. Quando a educação se move com sensibilidade, o corpo aprende com mais sentido, e o coração, com mais alegria. A figura a seguir demonstra como foi realizado o circuito psicomotor com as crianças.

Figura 1 e 2: Desenvolvimento do circuito psicomotor no Cmei Renata Holanda



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024).



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024).

2. Estação: Sessão de Cinema Sauim – Olhares que Sentem, Mãos que Falam

Nesta estação, a tela iluminada deu lugar ao encantamento. A exibição de curtas-metragens sobre a fauna amazônica abriu as janelas da imaginação e da consciência, permitindo que as crianças mergulhassem em histórias que falam do nosso chão, das nossas matas e dos seres que habitam esse território tão vivo e tão ameaçado. Entre sons da floresta e vozes narrativas, os olhos atentos absorveram mais do que imagens, acolheram valores, reflexões e afetos.

O cinema aqui foi semente: despertou o cuidado, a empatia e a sensibilidade ecológica. Cada criança pôde se reconhecer parte do todo, conectando-se ao bioma que pulsa ao redor da cidade, mas que muitas vezes permanece invisível no cotidiano escolar.

Após esse momento de contemplação e diálogo, as crianças foram convidadas a expressar suas emoções e pensamentos por meio do desenho livre. Ali, no traço espontâneo e colorido, emergiram bichos, florestas, rios e sentimentos. Foi a linguagem simbólica do desenho que deu forma ao que se passou no coração de cada um. A figura abaixo apresenta como foi desenvolvida a sessão de cinema com a participação das crianças no contexto escolar.

Figura 3 e 4: Estação de Sessão de Cinema Sauim nos CMEIs Renata Holanda e Sofia Soeiro, respectivamente:



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024).



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024).

Essa estação nos lembrou que a educação ambiental não precisa ser apenas informativa, ela pode ser vivida com beleza, com arte e com emoção. Quando a

escuta e o olhar se unem ao desenho, o aprender se torna memória afetiva. E a infância, mais uma vez, nos ensina que cuidar da natureza é também cuidar de nós mesmos.

3. Estação: Contação de Histórias – Onde Mora a Imaginação e Nasce a Palavra

Nesta estação, as palavras ganharam asas e as histórias encontraram morada nos olhos brilhantes e atentos das crianças. A contação de histórias foi mais do que uma simples leitura, foi um convite ao encantamento, ao encontro com mundos possíveis e impossíveis, com personagens que habitam florestas, rios, castelos ou mesmo o quintal de casa.

Com o auxílio de fantoches e livro sensorial, a experiência se transformou em um território de sentidos. Os materiais escolhidos, pensados com carinho e intencionalidade, proporcionaram acessibilidade e inclusão, permitindo que cada criança, à sua maneira, pudesse tocar, ouvir, imaginar e viver a história contada. O lúdico, aqui, foi ponte: entre o concreto e o simbólico, entre a escuta e a criação, entre o real e o fantástico.

Figura 5 e 6: Estação contação de histórias nos CMEIs Renata Holanda e Sofia Soeiro, respectivamente:



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024).



Fonte: Arquivo Lepete/UEA (2024).

Ao final da narrativa, surgiu o convite para que as próprias crianças criassem e compartilhassem suas histórias. E assim, com coragem e alegria, elas se tornaram

contadoras também, autoras de enredos cheios de bichos falantes, heróis gentis, luas coloridas e árvores mágicas. Foi nesse gesto de inventar e contar que emergiu o trabalho em equipe, o respeito à fala do outro e a valorização da imaginação como forma legítima de expressão.

Entre estações e encontros: aprender, brincar e ensinar com autonomia

Os encontros formativos do PAD, ao longo dos anos de 2024 e 2025, foram fundamentais para a construção da minha postura autônoma e sensível como profissional e pessoa. Ao participar ativamente das ações da Brinquedoteca Itinerante, pude vivenciar na prática os princípios discutidos em nossas formações: o respeito à infância, a intencionalidade pedagógica do brincar e o valor das experiências colaborativas.

Cada estação da brinquedoteca, o circuito psicomotor, a sessão de cinema e desenho livre, a contação de histórias, foram concebidas e aprimoradas a partir dos saberes compartilhados nas formações. Nessas vivências, compreendi que planejar com responsabilidade é também escutar os sujeitos, prever possibilidades, respeitar os tempos da criança e sustentar o lúdico como caminho legítimo de aprendizagem. Aprendi que o brincar é repleto de sentidos e que a docência, quando exercida com afeto e escuta, transforma o cotidiano escolar em um lugar de encantamento e descoberta.

Contudo, nem tudo foi simples. Enfrentei desafios como a gestão do tempo durante as estações, a adaptação de materiais para diferentes perfis de aprendizagem e a necessidade de manter o vínculo com as crianças em meio à diversidade de estímulos. Houve momentos de dúvida e de silêncio, mas também de superação. A cada novo encontro com as crianças e com a equipe, fui fortalecendo minha capacidade de escutar, de me adaptar e de agir com mais segurança e intencionalidade.

Ao me autoavaliar neste processo, reconheço o quanto evoluí como educadora em formação. Sinto que hoje sou mais atenta ao coletivo e mais sensível às

individualidades. Desenvolvi a habilidade de articular teoria e prática, e, principalmente, compreendi o valor da formação docente inicial e contínua — que por sua vez inicia os processos de reflexão na Universidade, mas não termina em sala de aula, a formação deve ser renovada a cada encontro, a cada estação, a cada olhar infantil.

A avaliação do processo como um todo é extremamente positiva. A Brinquedoteca Itinerante não foi apenas uma ação pedagógica; foi um espaço de escuta, criação, reflexão e crescimento. Foi, sobretudo, um campo fértil onde os saberes formativos do PAD puderam florescer em prática viva, afetiva e transformadora.

Entre sorrisos e descobertas: o encanto pedagógico das estações

A experiência com a brinquedoteca itinerante revelou, com doçura e profundidade, que o brincar é um ato sério, necessário e transformador. Em cada estação, foi possível perceber como as crianças se entregam de corpo e alma ao processo de aprender quando esse aprendizado vem acompanhado de afeto, de liberdade e de sentido.

O circuito psicomotor mostrou que o movimento é linguagem da infância. Saltar, equilibrar, lançar, correr, tudo isso são formas de experimentar o mundo, de se relacionar com o outro, de se conhecer. Já o cinema e o desenho livre nos ensinaram que as imagens também educam, e que, quando acolhidas com escuta, as percepções infantis se tornam caminhos para diálogos sensíveis e críticas construtivas sobre o mundo em que vivemos. Por fim, a contação de histórias reacendeu em todos nós a certeza de que narrar e ouvir são gestos antigos de amor e pertencimento e que toda criança merece ser personagem da sua própria história.

As estações da brinquedoteca não foram apenas atividades pontuais, mas sim experiências vivas de uma prática pedagógica comprometida com o desenvolvimento integral das crianças. Foram momentos em que o conhecimento se teceu com afeto, o corpo se uniu à linguagem, e a criatividade encontrou espaço para florescer.

Essa vivência reafirma a importância de ambientes educativos que respeitam o tempo da infância, que promovem o brincar como direito e que reconhecem no lúdico um potente aliado do aprender. Fica evidente neste percurso, reconhecer a necessidade de que mais ações como esta aconteçam, que mais escolas se abram à ludicidade e que nunca nos esqueçamos de que, na simplicidade do brincar, mora a complexidade mais bonita da educação: aquela que transforma, encanta e permanece.

Referências

kishimoto, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. 6. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

Vygotsky, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.